

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

NORA ROBERTS

A close-up, soft-focus photograph of a woman's face in profile, smiling gently. Her hand is visible in the foreground, holding a brown butterfly. She is wearing a ring on her finger. The background is blurred, showing what appears to be a window with a view of greenery.

Um Sonho
de Vida



best-seller

Wook



Um Sonho de Vida

Nora Roberts Trilogia do Sonho

Volume 2

Título original: Holding the Dream.

CAROS LEITORES Uma das vantagens de ser uma escritora é tornar-me - pelo menos durante o tempo necessário para escrever o livro - outra pessoa. Para escrever bem, é preciso entrar na pele e personalidade da personagem. Em *Um Sonho de Amor*, consegui tornar-me a fascinante, encantadora e corajosa Margo Sullivan. Foi uma experiência agradável.

Em *Um Sonho de Vida*, o segundo livro da minha Trilogia do Sonho, tornei-me Kate Powell. Órfã aos oito anos, Kate foi criada pelos Templeton, e jurou que nunca os desapontaria. Ela é inteligente, perceptiva, irrequieta e ousada, com uma boa cabeça para cálculos. Como eu era péssima a Matemática na escola secundária, foi bastante emocionante para mim.

Gostei de focalizar a Kate nesta história, explorando o seu coração e a sua mente, ao mesmo tempo que continuava a desenvolver o relacionamento íntimo e afectuoso entre ela, Margo e Laura. Gostei de observá-la tendo uma participação mais activa na direcção da Pretenses, a loja incomparável que as três irmãs de coração criaram. E, como não podia deixar de ser, gostei dos passos e estádios do seu romance com o belo hoteleiro Byron De Witt. Aí está um homem, na minha opinião, que pode fazer com que até a pragmática Kate esqueça que dois e dois são quatro.

Espero que gostem, tal como eu gostei, de acompanhar a vida da Kate, à medida que as suas necessidades se vão alterando e transformando, enquanto ela se debate com a perda de um sonho e o início de outro.

NORA ROBERTS

À família

CAPÍTULO 1

A SUA infância fora uma mentira.
O pai fora um ladrão.

E a sua mente empenhava-se em absorver esses dois factos... absorver, analisar e aceitar. Kate Powell condicionara-se a ser uma mulher prática, que trabalhava com afinco para alcançar objectivos, conquistando-os passo a passo, com o maior cuidado. Não eram permitidas hesitações, nem seguir por atalhos. As recompensas eram obtidas com suor, planeamento e esforço.

Assim era Kate, e ela acreditava que teria de ser sempre desse modo; um produto da sua hereditariedade e criação, dos padrões rigorosos que ela impusera ao seu comportamento.

Quando uma criança ficava órfã muito cedo, quando convivia com a perda, quase testemunhava a morte dos pais, parecia haver pouco mais que pudesse ser tão angustiante.

Só que havia, compreendeu Kate, sentada à sua secretária pequena e arrumada na Bittle & Associates, ainda em choque.

Uma enorme bênção decorrera daquela tragédia inicial. Perdera os pais, é verdade, mas ganhara outros. O parentesco distante não fizera a menor diferença para Thomas e Susan Templeton. Aceitaram-na em sua casa, criaram-na, deram-lhe um lar e amor. Deram-lhe tudo, sem questionar.

E deviam saber, reflectiu ela. Deviam ter sabido desde o início.

Sabiam quando a tiraram do hospital, depois do acidente. Sabiam de tudo quando a confortaram e lhe deram a dádiva da sua companhia.

Levaram-na através do continente até à Califórnia. Para os penhascos imponentes e a beleza de Big Sur. Para a Casa Templeton. Ali, naquela vasta casa, tão graciosa e acolhedora quanto qualquer dos hotéis Templeton, fizeram-na parte da sua família.

Deram-lhe Laura e Josh, seus filhos, como irmãos. Deram-lhe Margo Sullivan, a filha da governanta, que já fora aceite como parte da família antes mesmo de Kate.

Deram-lhe roupas e comida, educação e vantagens. Deram-lhe regras e disciplina, o estímulo para partir em busca dos seus sonhos.

E, acima de tudo, deram-lhe amor, uma família e orgulho.

Mas sabiam desde o início o que Kate, vinte anos depois, acabara de descobrir.

O seu pai fora um ladrão, um homem processado por peculato. Surpreendido a desviar dinheiro das contas dos clientes, ele morrera enfrentando a vergonha, a ruína e a prisão.

Talvez ela jamais o descobrisse, se um capricho do destino não levasse um velho amigo de Lincoln Powell ao seu gabinete naquela manhã.

Ele demonstrou a maior satisfação ao vê-la, pois lembrava-se dela quando criança. Kate gostou de se sentir recordada, de saber que ele trouxera o seu negócio por causa do vínculo antigo com os seus pais. Não se apressou na reunião, conversou bastante com o visitante, embora tivesse pouco tempo de folga durante aquelas últimas semanas que antecedia o limite para a entrega das declarações de rendimento, a 15 de Abril.

Sentado na cadeira do outro lado da secretária, ele entrou em reminiscências. Andara com Kate ao colo quando era pequena. Trabalhara na mesma firma do seu pai. Por isso, ao mudar-se para a Califórnia e abrir a sua própria firma, queria tê-la como contabilista. Ela agradeceu e misturou perguntas sobre a sua empresa e necessidades financeiras com indagações sobre os seus pais.

Então, quando ele falou sobre as acusações, o processo, o pesar que sentira porque o pai de Kate morrera antes de poder fazer a restituição do dinheiro, ela não disse nada, não podia dizer nada.

- Ele nunca teve a intenção de roubar, era apenas como se de um empréstimo se tratasse. Foi errado, é claro. Sempre me senti parcialmente responsável porque fui eu quem lhe falou sobre o negócio imobiliário, encorajei-o a investir. Não sabia que ele já tinha perdido a maior parte do seu capital em duas transacções que correram mal. O Linc teria devolvido o dinheiro. Encontraria uma forma de o fazer, como sempre. É verdade que nutria algum ressentimento por o primo ter tanto sucesso, enquanto ele mal conseguia sobreviver.

E aquele homem - oh, Deus!, ela não conseguia lembrar-se do seu nome, não recordava nada para além das palavras - sorria para ela.

Durante todo o tempo em que ele esteve a falar, arranjando desculpas, acrescentando as suas próprias explicações para os factos, Kate limitou-se a acenar com a cabeça. Aquele estranho que conhecera o seu pai estava a destruir os alicerces da sua vida.

- O seu pai tinha um certo ressentimento do Tommy Templeton. O que é irónico, pois afinal de contas foi o Templeton quem criou você. Mas o Linc

nunca teve a intenção de causar prejuízo a quem quer que fosse, Katie. Apenas foi imprudente. Nunca teve a oportunidade de provar isso, o que foi o verdadeiro crime, se quer saber a minha opinião.

O verdadeiro crime", pensou Kate, enquanto o seu estômago fervia, embrulhado. O pai roubara, porque estava desesperado em busca de dinheiro, e optara pelo caminho mais fácil. "Porque era um ladrão", pensou ela agora. "Um aldrabão." E defraudara o sistema judiciário ao derrapar num troço gelado de uma estrada, embatendo com o carro numa árvore. Ele e a mulher tinham morrido, deixando a filha órfã.

Assim, o destino dera-lhe como pai o homem que o seu próprio pai tanto invejava. E, por causa da sua morte, ela tornara-se, na essência, uma Templeton.

"Teria sido propositado?", especulou Kate. O pai sentira-se tão desesperado e furioso, que optara pela morte? Kate mal se lembrava dele, um homem magro, pálido e nervoso, de temperamento explosivo.

"Um homem de grandes planos", reflectiu ela agora. Um homem que desenvolvera esses planos em fantasias maravilhosas para a filha. Visões de enormes casas, carros espectaculares, viagens divertidas à Disney World.

E durante todo o tempo eles moraram numa casa pequena, como todas as outras casas pequenas do quarteirão, com uma velha carrinha barulhenta, sem viajarem para onde quer que fosse.

Por isso ele roubara. Fora apanhado. E morrerá.

Kate pensou no que teria a sua mãe feito. O que sentira? Era por isso que Kate se lembrava dela como uma mulher com a preocupação nos olhos e um sorriso tenso?

O pai teria roubado antes? A simples ideia deixou-a gelada por dentro. Teria roubado e conseguira de alguma forma escapar impune? Um pouco aqui, um pouco ali, até que se tornara descuidado?

Ela lembrava-se das discussões em casa, muitas vezes por causa de dinheiro. E, pior ainda, dos silêncios que se seguiam. O silêncio naquela noite. Aquele silêncio opressivo e magoado entre os pais, antes da derrapagem terrível, os gritos e a dor.

Kate estremeceu, fechou os olhos, cerrou os punhos, tentou reagir à dor que fazia a sua cabeça latejar.

Ah, como ela os amara! E amava também a memória dos pais. Não podia permitir que fosse manchada. Compreendeu, com uma profunda

vergonha, que não suportaria ser encarada como a filha de um homem desonesto.

Não podia acreditar. Ainda não. Kate respirou devagar, várias vezes, antes de se virar para o seu computador. com uma eficiência mecânica, acedeu à biblioteca na cidade de New Hampshire, em que nascera e vivera os primeiros oito anos da sua vida.

Era um trabalho enfadonho, mas ela encomendou cópias de jornais do ano anterior ao acidente, e solicitou faxes de qualquer artigo ou reportagem que mencionasse Lincoln Powell. Enquanto esperava, entrou em contacto com o advogado do Leste que cuidara do espólio dos pais.

Kate era uma mulher que se movimentava à vontade com as novas tecnologias. Em uma hora, já tinha tudo de que precisava. Pôde ler os pormenores em preto e branco, pormenores que confirmaram os factos transmitidos pelo advogado.

As acusações, o processo criminal, o escândalo. Um escândalo que ganhara projecção na imprensa por causa das ligações da família de Lincoln Powell com os Templeton. E o dinheiro desaparecido fora restituído integralmente depois do enterro dos pais... restituído, Kate tinha a certeza, pelas pessoas que a tinham criado como uma pessoa da família.

Os Templeton, reflectiu ela, tinham sido arrastados para o escândalo, assumiram a responsabilidade e a criança. E sempre protegeram a criança.

Ali, no silêncio do seu gabinete, sozinha, ela encostou a cabeça na secretária e chorou. E, quando acabou de chorar, tomou um comprimido para as dores de cabeça, e outro para a azia no estômago. Quando pegou na pasta para ir embora, disse a si mesma que enterraria o assunto. Enterrá-lo-ia, simplesmente. Como enterrara os pais.

Nada podia ser mudado, nada podia ser reparado. E ela continuava igual, a mesma mulher que fora naquela manhã. Mas descobriu que não era capaz de abrir a porta do gabinete, de correr o risco de se lhe deparar um colega no corredor. Em vez disso, tornou a sentar-se, fechou os olhos e procurou conforto em antigas lembranças. Um retrato, pensou ela, de família e tradição. De quem ela era, o que recebera, o que fora criada para ser.

Aos dezasseis anos, ela assumira uma carga extra de disciplinas, a fim de poder formar-se um ano antes da sua turma. Como não chegava a ser um desafio excessivo, estava determinada também a formar-se com distinção, sendo a melhor aluna da turma. Aliás, até já esboçara mentalmente o seu

discurso de consagração.

As actividades extracurriculares incluíam outro mandato como tesoureira da turma, a presidência do Clube de Matemática e um lugar na formação titular da equipa de basebol. Tinha esperança de ser reconhecida como a jogadora mais valiosa novamente na próxima temporada. No momento, porém, a sua atenção centrava-se nos cálculos.

Os números eram o seu ponto forte. Fascinada pela lógica, Kate já decidira que usaria esses conhecimentos numa carreira. Depois de se formar - era mais do que provável que seguisse as pegadas do Josh, indo para Harvard tirar o diploma -, iria dedicar-se à Contabilidade.

Pouco importava que Margo dissesse que as suas aspirações eram aborrecidas. Para Kate, elas eram realistas. Demonstraria a si mesma, bem como a todos que considerava importantes, que aproveitara ao máximo a oportunidade que lhe fora concedida.

Como os olhos lhe estavam a arder, ela tirou os óculos e recostou-se na cadeira.

Era importante, Kate sabia, descansar o cérebro periodicamente, a fim de mantê-lo no seu nível mais alerta. Foi o que fez agora, deixando os olhos percorrerem o gabinete.

Os móveis novos que os Templeton tinham insistido que ela escolhesse para o seu décimo sexto aniversário eram mesmo a seu gosto. As prateleiras simples de pinho por cima da secretária continham os livros e material de estudo. A secretária era uma beleza, uma Chippendale, com gavetas fundas e madeira entalhada, que fazia com que Kate se sentisse uma rapariga de sucesso só por trabalhar nela.

Não quisera papel de parede requintado nem cortinas extravagantes. O papel de parede listrado e as persianas verticais condiziam com o seu estilo. Como compreendia a necessidade da sua tia de a mimar, escolhera um sofá bonito, verde-escuro, com arabescos nos lados. Em ocasiões raras, até se deitava ali, para ler por prazer.

Fora isso, o quarto era funcional, como ela preferia.

Alguém bateu à porta, interrompendo-a no momento em que voltava a concentrar-se no livro. A sua resposta foi um grunhido distraído.

- Kate... - Susan Templeton, elegante num conjunto de caxemira, entrou no quarto, pondo as mãos nas ancas. - O que é que vou fazer contigo?

- Estou quase a acabar. - Kate aspirou a fragrância do perfume da tia,

enquanto Susan atravessava o quarto. - Exame semestral. Matemática. Amanhã.

- Como se tu não estivesses já preparada...

Susan sentou-se na beira da cama meticulosamente feita e observou Kate. Aqueles enormes e exóticos olhos castanhos focavam-na por detrás dos óculos de leitura de armação grossa. Os cabelos, lisos e escuros, estavam presos atrás num volumoso rabo-de-cavalo. Kate cortava-os mais curtos a cada ano que passava, pensou Susan, com um suspiro. Um fato de treino cinzento cobria o corpo magro até aos pés descalços. Enquanto Susan a observava, Kate contraiu a boca larga numa expressão que combinava aborrecimento e preocupação e que lhe cavou um vinco entre as sobrancelhas.

- Caso ainda não tenhas reparado - começou Susan -, faltam dez dias para o Natal.

- Hum... Última semana do semestre. Quase a acabar.

- E já são seis horas.

- Não atrase o jantar por minha causa. Quero terminar isto.

- Kate... - Susan levantou-se e tirou-lhe os óculos. - O Josh voltou da universidade. A família está à tua espera para enfeitar a árvore de Natal.

- Ah... - Pestanejando, Kate fez um esforço para afastar a mente das fórmulas. A tia observava-a, com o cabelo louro-escuro a emoldurar-lhe o rosto bonito. - Desculpe. Esqueci-me completamente. Mas se não tiver Muito bom no exame...

- O mundo como o conhecemos vai acabar. Já sei. Kate sorriu e sacudiu os ombros para relaxá-los.

- Acho que posso dispensar umas duas horas... mas só desta vez.

- Será uma honra para nós. - Susan deixou os óculos sobre a secretária. - Não te esqueças de te calçar, Kate.

- Certo. Já vou descer.

- Não posso crer que esteja a dizer isto a uma de vocês, mas... Susan encaminhou-se para a porta. - Se abrires outra vez um desses livros, vais ficar de castigo.

- Está bem.

Kate foi até a cómoda e escolheu um par de meias de uma pilha impecável. Por debaixo das meias ficava o seu stock secreto de Weight-On, que não tivera muito êxito no esforço para acrescentar mais quilos em torno

dos seus ossos. Depois de calçar as meias, ela tomou duas aspirinas para conter a dor de cabeça que começava a manifestar-se.

- Já não era sem tempo. - Margo encontrou-a no cimo da escada. - O Josh e o sr. T. já começaram a pendurar as luzes.

- Isso é uma coisa que lhes pode levar horas. Sabes como eles adoram discutir se devem estender os fios no sentido dos ponteiros do relógio ou ao contrário. - com a cabeça inclinada, ela estudou Margo. - Porque estás toda embonecada?

- Estou apenas a ser festiva. - Margo alisou a saia do vestido vermelho, satisfeita porque o decote insinuava o vale entre os seios. Calçara sapatos de salto alto, pois queria que Josh reparasse nas suas pernas e se lembrasse de que ela já era uma mulher. - Ao contrário de ti, não escolho trapos para andar a enfeitar a árvore de Natal.

- Pelo menos fico mais confortável. - Kate fungou. - Roubaste o perfume da tia Susie.

- Não roubei nada. - Erguendo o queixo, Margo afofou os cabelos.

- Ela ofereceu-me um esguicho.

- Ei - gritou Laura lá de baixo -, vocês as duas vão ficar paradas aí em cima a discutir?

- Não estamos a discutir, só estamos a elogiar os nossos respectivos trajes.

Kate soltou uma risada, enquanto começava a descer.

- O pai e o Josh estão quase a terminar a discussão sobre as luzes.

- Laura lançou um olhar para a sala de estar da família, através do átrio espaçoso. - E começaram a fumar charutos.

- O Josh a fumar um charuto?

Kate não pôde conter uma gargalhada ao imaginar a cena.

- Ele é um homem de Harvard agora. - Laura falou com um exagerado sotaque da Nova Inglaterra. - Tu estás com olheiras.

- E tu pareces que tens estrelas nos olhos. E também te enfeitaste toda. - Contrariada, Kate deu um puxão na camisola. - O que se passa?

- O Peter vai aparecer mais tarde. - Laura virou-se para o espelho no átrio, a fim de inspeccionar o vestido de lã cor de marfim. Ocupada em sonhar, não reparou nos olhares sobressaltados que Kate e Margo trocaram. - Só devemos sair durante mais ou menos uma hora. Mal consigo esperar pelas férias de Inverno. Mais um semestre, e depois é a liberdade.

Corada por antecipação, ela olhou radiante para as amigas.

- Serão as melhores férias de Inverno da minha vida. Tenho o pressentimento de que o Peter vai pedir-me em casamento.

- O quê? - gritou Kate, antes que Laura pudesse silenciá-la.

- Fala baixo! - Laura atravessou depressa o átrio de mosaicos azuis e brancos, em direcção a Margo e Kate. - Não quero que a mãe e o pai saibam... ainda não.

- Laura, não podes estar a pensar a sério em casar com o Peter Ridgeway. Mal o conheces... e só tens dezassete anos.

Margo pensou automaticamente num milhão de motivos contra aquele casamento.

- Faço dezoito anos dentro de algumas semanas. E, de qualquer forma, é apenas um pressentimento. Prometam que não dizem nada.

- Claro que não. - Kate chegou ao fundo da escada curva. - Mas não vais fazer nenhuma asneira, pois não?

- Quando é que já fiz alguma asneira? - Um sorriso pensativo contraiu os lábios de Laura, enquanto afagava a mão de Kate. - Vamos entrar.

Assim que Laura se afastou, Kate murmurou para Margo:

- O que vê ela no Peter? Ele é velho de mais.

- Tem vinte e sete anos - corrigiu Margo, preocupada. - O Peter é muito bonito e trata-a como uma princesa. Ele tem...

Margo fez uma pausa, procurando a palavra certa.

- Requite.

- Pode ser, mas...

- Chiu! - Margo avistou a mãe a aproximar-se pelo corredor, empurrando um carrinho com chocolate quente. - Não queremos estragar esta noite. Falamos sobre isso mais tarde.

Ann Sullivan franziu a testa, enquanto estudava a filha.

- Margo, pensei que esse vestido era para o Dia de Natal.

- Estou num clima de festa - respondeu Margo, jovial. - Deixe-me levá-lo, mãe.

Longe de se mostrar satisfeita, Ann observou a filha a empurrar o carrinho para a sala, antes de se virar para Kate.

- Tem forçado de mais a vista outra vez, menina Kate. Está com os olhos muito vermelhos. Quero que descanse mais tarde com fatias de pepino nos olhos. E onde estão os seus chinelos?

- No meu roupeiro. - Como compreendia a necessidade de repreender da governanta, Kate passou o braço pelo de Ann. - Ora, Annie, não se aflija com essas coisas. Está na hora de enfeitar a árvore. Lembra-se daqueles anjos que nos ajudou a fazer quando tínhamos dez anos?

- Como podia esquecer a confusão que vocês as três fizeram? E o menino Josh a zombar de todas e a comer as cabeças dos bonecos de pão de mel que a sr.a Williamson fez. - Ela ergueu a mão para tocar no rosto de Kate. - Como vocês cresceram desde então. Em ocasiões como esta, sinto saudades das minhas meninas.

- Seremos sempre as suas meninas, Annie.

Elas pararam na porta da sala para contemplar a cena. Kate não pôde deixar de sorrir, só de olhar. A árvore, já com as luzes a faiscarem, erguia-se por uns três metros de altura. Ficava junto das janelas altas que davam para a frente da casa. As caixas de enfeites, trazidas da arrecadação, esperavam para serem abertas.

Na lareira de lápis-lazúli, ornamentada com velas e ramos verdes, ardia um fogo suave. As fragrâncias de lenha, macieira e pinheiro impregnavam o ar.

"Como eu adoro esta casa!" pensou Kate. Quando tudo estivesse ornamentado, cada sala teria o toque certo para irradiar o clima de alegria característico das festas. Uma tigela de prata georgiana, cheia de pinhas, estaria ladeada por velas. Haveria flores vermelhas em vasos com frisos dourados nos bancos das janelas. Delicados anjos de porcelana enfeitariam as mesas de mogno envernizadas do vestíbulo. O velho Pai Natal vitoriano ocuparia o lugar de honra sobre o piano de cauda.

Kate ainda se lembrava do seu primeiro Natal na Casa Templeton. Como o esplendor deslumbrara os seus olhos e o afecto constante atenuara a dor no seu coração.

Agora, metade da sua vida fora vivida aqui, e as tradições eram suas também.

Ela quis congelar aquele momento na sua mente, torná-lo eterno e inalterável. A maneira como a luz das chamas na lareira parecia dançar no rosto da tia Susie, enquanto ela ria para o tio Tommy... e o modo como ele lhe pegava na mão e a apertava. Kate pensou que ambos pareciam perfeitos: a mulher de estrutura delicada e o homem alto e distinto.

Havia cânticos de Natal a tocar baixinho. Laura ajoelhara-se entre as

caixas e agarrara numa bola vermelha, que reflectia a luz. Margo servia chocolate quente de um bule de prata, ao mesmo tempo que praticava a arte da corte com Josh.

Ele estava empoleirado numa escada, com as luzes da árvore cintilando nos cabelos cor de bronze e dançando no seu rosto, enquanto sorria para Margo.

Naquela sala, repleta de pratas reluzentes, cristais brilhantes, madeira antiga e tecidos em cores suaves, eles pareciam perfeitos. E eram a sua família.

- Eles não são lindos, Annie?

- São, sim. E a menina também.

"Mas não como eles", pensou Kate, enquanto entrava na sala. - Ah, a minha Katie chegou! - Thomas fitou-a com uma expressão radiante. - Deixaste os livros de lado por algum tempo, ha?

- Se pode deixar de atender o telefone durante uma noite, também posso parar de estudar.

- Nada de tratar de negócios na noite em que enfeitamos a árvore de Natal. - Ele piscou o olho para Kate. - Acho que os hotéis podem funcionar sem a minha ajuda por uma noite.

- Mas não tão bem quanto funcionam consigo e a tia Susie. Margo ergueu uma sobrancelha ao entregar uma chávena de chocolate quente a Kate.

- Acho que alguém está a querer ganhar outro presente. Espero que estejas a pensar noutra coisa que não naquele computador sem gracinha nenhuma que te faz babar toda.

- Os computadores tornaram-se instrumentos necessários em qualquer empresa, não é verdade, tio Tommy?

- Não se pode viver sem eles. Mas fico contente que a tua geração esteja prestes a assumir o comando. Detesto essas coisas desgraçadas.

- Vai ter de adaptar todo o sistema de reservas - comentou Josh, enquanto descia a escada. - Não há motivo para fazer todo o trabalho manualmente, quando uma máquina pode realizá-lo.

- Falas como um verdadeiro hedonista. - Margo sorriu para ele. Toma cuidado, Josh, pois talvez tenhas de aprender dactilografia. Imaginem só, Joshua Conway Templeton, herdeiro dos hotéis Templeton, com uma habilidade útil e corriqueira.

- Escuta, duquesa...

- Alto lá! - Susan interrompeu a resposta irritada do filho com a mão levantada. - Nada de conversa sobre trabalho esta noite. Margo, porta-te como uma boa rapariga e vai passando os enfeites ao Josh. Kate, trata daquele lado da árvore com a Annie, está bem? Laura, tu e eu começamos por aqui.

- E eu? - indagou Thomas.

- Tu fazes aquilo em que és melhor, querido. Serás o supervisor. Porém, não bastava pendurar os enfeites na árvore, havia que apreciá-los e relatar histórias sobre cada um deles: havia o duende de madeira que Margo atirara a Josh num ano e que tinha agora a cabeça presa ao corpo por cola; a estrela de vidro que Laura acreditara ter sido arrancada do céu pelo pai para lhe oferecer de presente; os flocos de neve que Annie fizera em croché para cada elemento da família; a grinalda de feltro com frisos prateados que fora o primeiro e último projecto de costura de Kate. Em suma, o simples e familiar pendia dos galhos juntamente com os ornamentos antigos, de valor inestimável, que Susan comprara em todos os cantos do mundo.

Quando acabaram, todos sustiveram a respiração, enquanto Thomas apagava as luzes. A sala ficou iluminada pela claridade das chamas e pela magia da árvore.

- Está linda... sempre linda... - murmurou Kate, pegando na mão de Laura.

Bastante mais tarde, sem sono, Kate tornou a descer. Entrou na sala, deitou-se no tapete, por debaixo da árvore, e ficou a contemplar a dança das luzes.

Gostava de escutar a casa, o tiquetaque suave dos velhos relógios, os suspiros e murmúrios da madeira a acomodar-se, o crepitar da lenha na lareira. A chuva caía como pontadas de agulha contra as janelas. O vento era uma canção sussurrante.

Os momentos que ali passou deitada ajudaram-na muito. O nervosismo por causa do exame no dia seguinte foi-se desvanecendo pouco a pouco. Ela sabia que todos se encontravam nas suas camas, seguros, dormindo profundamente. Ouvira Laura voltar do seu passeio com Peter. Algum tempo depois, Josh também regressara de um encontro.

O seu mundo estava em ordem.

- Se vais ficar à espera do Pai Natal, devo avisar-te que a espera será longa. - Margo entrou na sala, descalça, e foi acomodar-se ao lado de Kate. -

Não estás obcecada por alguma estúpida prova de Matemática, pois não?

- É um exame semestral. E se desses mais atenção aos teus exames, não passarias à justa com tantos Suficientes.

- A escola é apenas uma coisa que temos de suportar. - Margo tirou um maço de cigarros do bolso do robe. com todos os outros deitados, era seguro fumar. - Dá para acreditar que o Josh anda a sair com a vesga da Leah McNee?

- Ela não é vesga, Margo. E tem um corpo atraente.

Margo exalou, irritada. Qualquer pessoa que não fosse cega poderia perceber que Leah mal podia ser considerada uma mulher em comparação com Margo Sullivan.

- O Josh só anda com a Leah porque ela se oferece toda.

- E porque é que te importas com isso?

- Não me importo. - Margo fungou, demonstrou toda a sua irritação. - Só acho que ela é... ordinária. É uma coisa que nunca serei.

Kate virou-se para a amiga, sorrindo. Num robe de lã azul, com os cabelos louros soltos, Margo estava fascinante, irresistível.

- Ninguém te poderá acusar de seres ordinária, amiga. Execrável, vaidosa, mal-educada sim, mas nunca ordinária.

Margo ergueu as sobrancelhas e sorriu também.

- Posso contar sempre contigo. E, por falar nisso, será que a Laura está mesmo apaixonada pelo Peter Ridgeway?

- Não sei. - Kate mordeu o lábio. - Mas ela anda com uma expressão sonhadora desde que o tio Tommy o transferiu para cá. Eu preferia que ele ainda estivesse à frente do Templeton Chicago. Kate fez uma pausa, encolheu de ombros, e depois acrescentou: - O Peter deve ser bom no trabalho, caso contrário, o tio Tommy e a tia Susie não o teriam promovido.

- Saber como gerir um hotel não tem nada a ver com isso. O sr. e a sr.a T. têm dezenas de gerentes no mundo inteiro. Este é o único por quem a Laura se apaixonou. Kate, se ela se casar...

- A decisão é dela. - Kate soltou um suspiro. - E a vida também. Só não consigo imaginar porque alguém haveria de querer amarrar-se dessa forma.

- Nem eu. - Margo apagou o cigarro e deitou-se de costas no tapete. - Não farei isso. Quero deixar a minha marca neste mundo.

- Eu também.

Margo lançou um olhar enviesado para Kate.

- A fazer contas? É mais provável que deixes apenas números no papel.
- Tu deixas a tua marca e eu a minha. Nesta altura, no próximo ano, já estarei na universidade.

Margo estremeceu.

- Que perspectiva horrível!
- Tu também vais - lembrou Kate. - Se não quiseses desperdiçar o teu exame de aptidão.

- Veremos. - A universidade não figurava nos planos de Margo. Seria melhor encontrarmos o dote da Seraphina e fazer aquela viagem ao redor do mundo de que tanto falávamos. Há lugares que desejo conhecer enquanto ainda sou jovem. Roma e Grécia, Paris, Milão, Londres.

- São muito bonitos. - Kate já conhecia esses lugares. Os Templeton tinham-na levado... e teriam levado Margo também, se Ann tivesse permitido.
- Eu vejo-te casada com um tipo rico, a gastares rios de dinheiro, indo a festas no mundo inteiro.

- Não é uma fantasia das piores. - Divertida, Margo esticou os braços. - Mas prefiro ser rica por mim mesma, ter um bando de apaixonados.

A um barulho no corredor, ela empurrou o cinzeiro para debaixo das dobras do robe.

- Laura! - com um grunhido, Margo sentou-se. - Pregaste-me um grande susto.

- Desculpa. Não conseguia dormir.

- Junta-te à festa - convidou Kate. - Estávamos a planear o nosso futuro.

- Ah... - com um sorriso suave, Laura ajoelhou-se no tapete. Isso é ótimo.

- Espera um instante. - com os olhos contraídos, Margo virou-se e segurou no queixo de Laura. Depois de um momento, soltou um suspiro. - Não foste até ao fim com ele.

Corando, Laura afastou a mão de Margo.

- Claro que não. O Peter nunca me pressionaria.

- Como é que sabes que ela não fez nada? - indagou Kate.

- Dá para perceber. Acho que não deves fazer sexo com ele, Laura. Mas se estás mesmo a pensar em casamento, então é melhor experimentá-lo primeiro.

- O sexo não é como um par de sapatos - murmurou Laura.

- Mas é sempre muito melhor quando nos ajustamos.

- Quando eu fizer amor pela primeira vez, será com o meu marido, na noite de núpcias. É assim que eu quero.

- Ah, ela tem a impaciência Templeton na voz. - com outro sorriso, Kate afastou uma mecha que caíra sobre o rosto de Laura. Inflexível. Não dê atenção à Margo, Laura. Na cabeça dela, o sexo é o equivalente da salvação.

Margo acendeu outro cigarro.

- Gostava que me dissessem o que há de melhor.

- Amor - declarou Laura.

- Sucesso - disse Kate ao mesmo tempo. - Ora, isso resume tudo.

Kate abraçou os joelhos, antes de continuar:

- A Margo será uma tarada sexual, a Laura vai andar à procura do amor. Já eu vou matar-me a trabalhar para alcançar o sucesso.

- Que três!

- Já estou apaixonada - murmurou Laura. - Quero alguém que me ame também... e quero filhos. Quero acordar todas as manhãs e saber que serei capaz de oferecer um lar à minha família, proporcionar a todos uma vida feliz. E quero adormecer todas as noites ao lado de alguém em quem possa confiar.

- Prefiro adormecer ao lado de alguém que me deixe excitada. Margo riu-se quando Kate lhe bateu com o cotovelo. - Estou a brincar... mais ou menos. Mas quero ir a lugares, fazer coisas. Ser alguém. Quero saber, ao acordar pela manhã, que alguma coisa de excitante me aguarda logo ao virar da esquina. E seja lá que coisa for, hei-de conseguir que seja minha.

Kate encostou o queixo aos joelhos.

- Pois eu quero sentir-me realizada. Fazer as coisas funcionarem da maneira como acho que devem funcionar. Quero acordar pela manhã sabendo exactamente o que farei em seguida, e como vou fazer. Quero ser a melhor no que fizer, saber que não desperdicei coisa alguma. Porque, se eu desperdiçasse algo, seria como... fracassar. - A voz tremeu, embaraçando-a. - Devo estar demasiado cansada... - Como os olhos ardiam, ela esfregou-os com vigor. Tenho de ir deitar-me. O exame vai ser à primeira hora.

- Vais passar com a maior facilidade. - Laura levantou-se também. - Não precisas de te preocupar tanto.

- Uma estudante marrona como tu está sempre preocupada. Mas Margo também se ergueu, apertando o braço de Kate. - Vamos dormir.

Kate parou na porta e olhou para a árvore de Natal. Por um momento,

ficara chocada ao descobrir que uma parte de si gostaria de poder permanecer ali para sempre, daquela forma. Sem ter de se preocupar com o amanhã ou com o dia seguinte. Sem ter de se preocupar com o sucesso ou o fracasso. Ou com a mudança.

A mudança era inevitável, ela sabia. Aproximava-se na expressão romântica nos olhos de Laura, no nervosismo de Margo. Ela apagou as luzes. Não havia como evitar os acontecimentos. Por isso, era melhor preparar-se.

CAPÍTULO 2

ELA enfrentou os dias e as noites, aguentou todo o trabalho. Não havia outra opção senão seguir em frente. E, pela primeira vez na vida, Kate sentiu que não tinha ninguém com quem pudesse desabafar. Cada vez que se sentia a submergir, com vontade de telefonar ou correr de volta para a Casa Templeton, fazia um esforço e recuperava o controlo.

Não podia - e jamais o faria - despejar a sua angústia, revelar os seus medos às pessoas que tanto a amavam. Claro que a apoiariam, não havia a menor dúvida quanto a isso. Mas era um fardo que tinha de carregar sozinha e esperava conseguir esconder em algum recesso escuro da mente. Um dia poderia deixar o assunto em paz, conseguiria parar de se sentir compelida a projectá-lo, como volta e meia acontecia, e examiná-lo até à angústia profunda.

Considerava-se pragmática, inteligente e forte. Na verdade, não podia compreender como alguém era capaz de ser a última coisa sem ser também as duas primeiras.

Até àquele momento, a sua vida fora exactamente como queria. A carreira seguia um caminho seguro... e a uma velocidade inteligente. Na Bittle & Associates era considerada uma contabilista competente e trabalhadora, capaz de tratar das contas mais complexas sem se queixar. Esperava que um dia a promovessem a sócia. Quando esse momento chegasse, seria mais outro degrau escalado na sua escada pessoal do sucesso.

Tinha uma família que amava e que a amava a ela. E amigos... ora, os maiores amigos eram da família. E o que poderia ser mais conveniente do que isso?

Kate adorava-os, sentia-se afortunada por ter sido criada na Casa Templeton, por cima dos penhascos escarpados de Big Sur. Não havia nada que ela não fizesse pela tia Susie e pelo tio Tommy. O que incluía guardar para si o que descobrira semanas antes no escritório.

Não os interrogaria, embora as perguntas fervilhassem na sua cabeça. Não partilharia o problema e a sua angústia com Laura ou Margo, apesar de partilhar sempre tudo com elas.

Iria suprimir, ignorar e esquecer. Assim era melhor para todos, ou, pelo menos, era nisso que ela tinha de acreditar.

Durante toda a sua vida empenhara-se em fazer o melhor que era capaz,

ser a melhor, a fim de deixar a sua família orgulhosa. Agora sentia que tinha mais a provar, mais a ser. Cada sucesso conquistado tinha a sua origem no momento em que eles lhe abriram a sua casa e os seus corações. Por isso, ela prometera a si mesma que olharia para a frente, não para trás. Continuaría com a rotina em que se tornara a sua vida.

Em circunstâncias normais, a caça ao tesouro não seria considerada uma rotina. Mas quando envolvia o dote de Seraphina, quando incluía Laura, Margo e as duas filhas de Laura, era um evento e tanto. Mais do que isso, era uma missão.

A lenda de Seraphina, a jovem trágica que se atirara do alto dos penhascos em vez de enfrentar a vida sem o seu verdadeiro amor, fascinara as três amigas durante toda a vida. A bela espanhola amava Felipe, com quem se encontrava em segredo, passeando pelos penhascos, à mercê do vento e da chuva. Ele fora combater os Americanos, para provar que era digno de tanto amor. Prometera que voltaria para casar e construiria uma vida com ela. Mas não voltara. Ao saber que ele morrera em combate, Seraphina tornara a caminhar por aqueles penhascos. Parara à beira do mundo e, dominada pela dor, atirara-se lá de cima.

O romance, o mistério e o encanto da lenda eram irresistíveis para as três. E é claro que a possibilidade de encontrar o dote, escondido por Seraphina antes de se lançar ao mar, aumentava o desafio.

Kate passava a maior parte dos domingos nos penhascos, manejando um detector de metais ou usando uma pá. Durante muitos meses, desde a manhã em que Margo, numa encruzilhada da sua vida, encontrara um único dobrão de ouro, as três encontravam-se naquele local para procurar o tesouro.

Ou talvez o encontro não fosse tanto na expectativa de descobrir uma arca cheia de ouro, mas apenas para desfrutar a companhia umas das outras.

Era quase Maio. Depois do nervosismo intenso por que passara até ao dia 15 de Abril, a data limite para a entrega das declarações de rendimentos, Kate sentia-se emocionada por estar ali, ao sol. Tinha a certeza de que era aquilo que lhe estava a fazer falta. Ajudava muito, como o trabalho também ajudava, a manter os seus pensamentos afastados da pasta de arquivo que escondera no seu apartamento. A pasta sobre o pai que organizara com o maior cuidado.

Ajudava a bloquear as preocupações, o aperto no coração, o stresse de se perguntar se fizera o que era certo ao contratar um detective para investigar

um caso passado há vinte anos.

Os seus músculos protestaram um pouco quando passou o detector de metais por um trecho de mato rasteiro. O suor brotava debaixo da T-shirt.

Não pensaria no assunto, prometeu Kate. Não hoje, não aqui. Não pensaria mais nisso até que o investigador apresentasse o seu relatório. Prometera dedicar o dia a si e à sua família, e nada podia estragá-lo.

A brisa amena agitava os seus cabelos pretos, cortados bem curtos. A pele era morena, uma herança do ramo italiano da família da mãe, embora houvesse por baixo o que Margo chamava de "palidez de contabilista". Alguns dias ao sol, decidiu ela, tratariam disso.

Emagrecera um pouco nas últimas semanas do período crítico - e também, não podia negar, por causa do choque de descobrir o que o pai fizera -, mas tencionava recuperar tudo. Continuava a manter a esperança inabalável de acrescentar alguma carne ao corpo obstinadamente franzino.

Não tinha a altura nem o corpo espectacular de Margo, ou a adorável fragilidade de Laura. Era normal. Kate sempre pensara que era normal e magricela, com um rosto anguloso para combinar com o corpo anguloso.

Houvera um tempo em que acalentara a esperança de ter covinhas no rosto, ou um punhado de sardas encantadoras, ou olhos verdes profundos, em vez de castanhos corriqueiros. Mas era pragmática de mais para se deter nesses pormenores por muito tempo.

Tinha um cérebro eficiente e uma extrema habilidade com números. E era disso que precisava para ter êxito.

Kate pegou no jarro com limonada que Ann Sullivan mandara. Depois de beber, bem devagar, lançou um olhar irritado a Margo.

- Vais passar a tarde inteira sentada aí, enquanto as outras pessoas trabalham?

Margo esticou-se na pedra em que estava sentada, indolente. O corpo sensual estava coberto por umas calças vermelhas justas e uma blusa a condizer, ou seja, aquilo que Margo Sullivan Templeton considerava um traje informal.

- Estamos um pouco cansados hoje - alegou ela, apalpando com a mão a barriga lisa.

Kate soltou uma gargalhada desdenhosa.

- Desde que descobriste que estavas grávida, só arranjas desculpas para não fazer nada.

Margo ofereceu-lhe um sorriso, enquanto sacudia os cabelos louros compridos por trás dos ombros.

- O Josh não quer que eu exagere.

- E tu tiras o máximo proveito disso - resmungou Kate.

- Tens toda a razão. - Satisfeita com a vida em geral, Margo cruzou as pernas compridas e bem torneadas. - Ele é terno e atencioso... e está emocionado. Bolas, Kate, nós fizemos um bebé!

Talvez a ideia de duas das suas pessoas preferidas estarem perdidamente apaixonadas, iniciando a sua própria família, deixasse Kate exultante e feliz. Mas ela era obrigada por hábito a implicar com Margo sempre que pudesse.

- Pelo menos, podias parecer encovada, vomitar todas as manhãs, desmaiar de vez em quando.

- Nunca me senti tão bem em toda a minha vida. - Como era verdade, Margo levantou-se e agarrou no detector de metais. - Até mesmo deixar de fumar não foi tão difícil quanto eu pensava. Nunca imaginei que queria ser mãe. E agora não consigo pensar noutra coisa.

- Vais ser uma mãe fabulosa - murmurou Kate. - Simplesmente fabulosa.

- Espero que sim. - Margo observou Laura, que ria e escavava um pedaço de terra, com as duas filhas pequenas. - Tenho o melhor modelo de maternidade para me basear. Este último ano foi um inferno para ela, mas a Laura nunca fraquejou.

- Negligência, adultério, divórcio - murmurou Kate, baixinho, porque não queria que a brisa levasse as suas palavras a outros ouvidos. - Nem um pouco de diversão. As meninas têm-na ajudado a manter o equilíbrio... e a loja também.

- É verdade. E por falar na loja... - Margo desligou o detector, apoiando-se nele. - Se as duas últimas semanas servem de qualquer indicação, talvez precisemos contratar alguém para nos ajudar. Não vou poder dar à Pretenses dez ou doze horas por dia depois de o bebé nascer.

Sempre pensando nos números, Kate franziu o rosto. A loja de artigos de segunda mão para pessoas da classe alta que tinham aberto em Cannery Row era basicamente um domínio de Margo e Laura. Mas, como terceira sócia do negócio, Kate cuidava das contas, sempre que podia arranjar algum tempo.

- Ainda tens seis meses. Ou seja, até às férias de Verão. Poderemos pensar em contratar ajudantes temporárias nessa altura.

Margo suspirou e devolveu o detector de metais a Kate.

- A loja está a ir muito melhor do que qualquer de nós previa. Não achas que é tempo de relaxarmos um pouco?

- Não. - Kate tornou a ligar o aparelho. - Ainda não completámos um ano de funcionamento. Começamos a contratar pessoas e temos de pagar a segurança social, os seguros e por aí fora.

- Eu sei, mas...

- Posso começar a ajudar aos sábados, se for necessário. Também vou tirar férias em breve. - "Trabalha" pensou Kate. "Trabalha e não penses." - Posso dar duas semanas a tempo inteiro à Pretenses.

- Kate, as férias foram feitas para se ficar em praias de areia branca, Europa, um tórrido caso de amor... não para vender coisas numa loja.

Kate limitou-se a erguer uma sobrancelha.

- Esqueci-me com quem estava a falar - acrescentou Margo.

- A rapariga original do movimento "só trabalho e nenhuma diversão".

- Sempre fui assim para te contrabalançar, já que tu só pensas em diversão. De qualquer forma, tenho um terço da Pretenses. E acredito em proteger os meus investimentos. - Ela olhou para o chão, carrancuda. Deu um pontapé na terra. - Bolas! Não há sequer uma tampinha de refrigerante para nos dar um pouco de emoção.

- Estás a sentir-te bem? Pareces um pouco exausta. - "E frágil", pensou Margo, enquanto observava a amiga com os olhos contraídos. Frágil e nervosa. - Se não te conhecesse bem, diria que tu é que estás grávida.

- Seria um milagre e tanto, já que não faço sexo há pelo menos um milénio.

- Pode ser por isso que andas tão nervosa e tensa. - Mas Kate não sorriu.

- Diz-me lá, Kate, o que está a acontecer?

- Nada. - Kate obrigou-se a fitar Margo com uma expressão desdenhosa.

- É só que eu faço o trabalho todo e estou com a sensação de que o braço vai cair a qualquer momento, enquanto tu ficas aí sentada como se estivesses a posar para uma sessão de fotos da Mais Encantadora Futura Mãe do Ano.

Ela respirou fundo, e mexeu os ombros, antes de concluir:

- Preciso de uma pausa.

Margo estudou a amiga por mais um momento, batendo com os dedos no joelho.

- Boa ideia. Estou mesmo faminta. Vamos ver o que a minha mãe

preparou. - Ela abriu o cesto que tinha ao lado e soltou um gemido prolongado e sincero. - Oh, meu Deus, frango frito!

Kate deu uma espreitadela ao cesto. Decidiu que trabalharia por mais cinco minutos, mas findo esse tempo, atirou-se à comida. O frango da sr.a Williamson iria acabar com toda e qualquer pontada de fome que estivesse a sentir.

- O Josh já voltou de Londres?

- Hum... - Margo engoliu um pedaço de frango, decidida. Amanhã. O Templeton Londres passou por uma pequena remodelação, e por isso ele vai trazer algum stock para a loja. Também lhe pedi que procurasse alguns dos meus contactos por lá. Assim, conseguiremos ter muitas novidades na loja, sem ser preciso eu viajar para fazer compras.

- Lembro-me de uma época em que mal podias esperar para entrar num avião.

- Isso pertence ao passado. Agora é diferente. - Margo deu outra dentada na coxa de frango. Lembrou-se de uma coisa e acenou com a mão. - Hum... esqueci-me de te avisar. Festa no próximo sábado. Coquetéis, depois bufé. Não podes faltar.

Kate estremeceu.

- Traje formal?

- Isso mesmo. Muitas das nossas clientes. - Ela tornou a engolir. E alguns dos principais executivos dos hotéis. Como o Byron De Witt.

com uma expressão contrariada, Kate desligou o aparelho e tirou uma coxa de frango do cesto.

- Não gosto dele.

- Claro que não - comentou Margo, sarcástica. - Ele é bonito, simpático, inteligente, viajado. Absolutamente detestável.

- Ele sabe que é bonito.

- O que exige muito equilíbrio. Não me importo se gostas dele ou não. O facto é que o Byron assumiu muitas das responsabilidades do Josh nos hotéis da Califórnia e recuperou muito do terreno perdido pelo Peter Ridgeway.

Margo conteve-se e lançou um olhar a Laura. Peter era o ex-marido de Laura, o pai das meninas. Independentemente do que pensava a seu respeito, não o criticaria na presença de Ali e Kayla.

- Só precisas de ser bem-educada.

- Sou sempre bem-educada. Então, meninas?! - Kate observou as lindas

cabeças louras de Ali e Kayla a virarem-se. - Temos aqui frango frito da sr.a Williamson, e a Margo está a comer tudo!

com gritos e correria, as miúdas subiram para se juntar ao piquenique. Laura veio atrás e sentou-se junto de Margo, cruzando as pernas. Observou as filhas disputarem um determinado pedaço de frango. A Ali ganhou, é claro. Era a mais velha e, nos últimos meses, tornara-se a mais exigente.

O divórcio, lembrou Laura, enquanto Ali, presunçosa, mastigava a galinha, era muito difícil para uma menina de dez anos, muito difícil mesmo.

- Ali, serve um copo de limonada também para a Kayla.

Ali hesitou, considerando uma recusa. Parecia, reflectiu Laura, com os olhos frios e calmos fixados nos olhos rebeldes da filha, que Ali estava ultimamente a enveredar por um caminho de recusa completa. Por fim, Ali encolheu os ombros e serviu um segundo copo para a irmã.

- Não encontrámos nada de nada - queixou-se Ali, optando por esquecer a diversão de escavar a terra, que tanto a fizera rir.

- É muito chato.

- Achas mesmo? - Margo retirou um cubo de queijo de um recipiente de plástico. - Para mim, o simples facto de estar aqui à procura já é metade da diversão.

- bom... - Tudo o que Margo dizia era como um evangelho para Ali. Margo era encantadora e diferente; Margo fora para Hollywood aos dezoito anos, vivera na Europa e envolvera-se em escândalos maravilhosos e emocionantes. Não havia na sua vida nada de comum e horrível como casamento e divórcio. - Acho que é meio divertido. Mas eu gostaria mais se encontrássemos outras moedas.

- Persistência. - Kate subiu com um dedo do queixo para o nariz de Ali. - Sempre compensa. O que teria acontecido se o Alexander Graham Bell tivesse desistido antes de fazer aquele primeiro telefonema? Se o Indiana Jones não partisse na última cruzada?

- Se o Armani não tivesse feito aquele primeiro fato? - interveio Margo, soltando um risinho jovial.

- Se o Caminho das Estrelas não fosse onde ninguém jamais estivera antes - concluiu Laura, tendo o prazer de testemunhar a filha reagir com um sorriso.

- Talvez. Podemos ver outra vez a moeda, tia Margo?

Margo enfiou a mão no bolso. Adquirira o hábito de carregar a velha

moeda espanhola de ouro para toda a parte. Ali pegou-lhe, com toda a cautela. Reverente, como sempre, levantou-a para que Kayla pudesse admirá-la também.

- É tão brilhante... - Kayla também tocou na moeda, com a maior reverência. - Posso arranjar algumas flores para a Seraphina?

- Claro. - Laura inclinou-se, deu um beijo no topo da cabeça da filha. - Mas não te chegues perto da beira para atirá-las ao mar sem me chamar.

- Está bem, mamã. Fazemos isso sempre juntas.

- Acho que vou ajudar. - Ali devolveu a moeda a Margo. Mas os seus lábios contraíram-se quando se levantou. - A Seraphina fez uma asneira ao saltar. Só porque não podia casar com o Felipe. O casamento é uma coisa que não presta.

Ela lembrou-se de Margo e corou.

- Às vezes o casamento é maravilhoso e sólido - murmurou Laura.

- E outras vezes não é tão maravilhoso e sólido. Mas tens razão, Ali, ao dizer que a Seraphina não devia ter saltado. Quando ela o fez, acabou com tudo o que poderia vir a ser, desperdiçou todas as possibilidades. O que me faz sentir muita pena dela.

Laura ficou a observar a filha a afastar-se, de cabeça baixa e ombros vergados.

- Ela está muito magoada. E furiosa.

- A Ali vai superar isso. - Kate apertou a mão de Laura. - Estás a fazer tudo certo.

- Já se passaram três meses desde que elas viram o Peter pela última vez. Ele nem sequer se dá ao trabalho de telefonar.

- Tu estás a fazer tudo da forma mais correcta - repetiu Kate. Não és responsável por aquilo que esse idiota faz. A Ali sabe que não te pode culpar... lá no fundo, ela sabe disso.

- Espero que sim. - Laura encolheu os ombros e pegou num pedaço de frango. - A Kayla ignora o que aconteceu, enquanto a Ali não pára de remoer nisso. Acho que somos um exemplo de que as crianças podem crescer na mesma casa, criadas pelas mesmas pessoas, e ainda assim serem muito diferentes.

Kate sentiu um frio no estômago.

- É verdade. - Margo sentiu uma pequena vontade de fumar, mas reprimiu-a. - Mas somos todas fabulosas. Isto é... - Ela sorriu docemente para

Kate, antes de acrescentar: - A maioria de nós.

- Só por causa disso, vou comer o último pedaço de frango.

Kate enfiou antes dois antiácidos na boca. O medicamento ajudava-a a comer quando não tinha desejo de comida. Uma azia nervosa, era o que ela pensava do ardor logo abaixo do esterno. Fazia questão de pensar assim.

- Eu disse à Margo que posso trabalhar na loja aos sábados.

- Bem que precisamos de ajuda. - Laura mudou de posição, a fim de poder continuar a conversa e vigiar as filhas. - No sábado passado foi uma loucura, e só pude dar quatro horas à Margo.

- Posso trabalhar durante o dia inteiro.

- Maravilhoso. - Margo tirou algumas uvas lustrosas do cacho. Vais passar o tempo todo debruçada sobre o computador, à procura de erros.

- Se vocês não os cometessem, eu não teria de procurá-los. Mas...

- Kate ergueu a mão, não tanto para evitar uma discussão, mas sim para poder dizer o que queria. - Fico no balcão... e aposto vinte dólares em como farei mais vendas do que tu até à hora de fechar.

- Nem a sonhar, Powell.

Na manhã de segunda-feira, Kate não estava a pensar em sonhos ou caçadas ao tesouro. Às nove horas em ponto, com a terceira chávena de café ao lado, o computador ligado, estava sentada à sua secretária na Bittle & Associates. Seguindo a rotina diária, já tirara o casaco azul-marinho listrado e pendurara-o no encosto da cadeira, enrolando as mangas da camisa branca engomada.

Baixaria as mangas e tornaria a vestir o casaco para a reunião às onze horas com um cliente, mas por enquanto era apenas Kate e os números.

E era assim que ela mais gostava.

O desafio de movimentar os números, misturá-los e fazer com que caíssem nos seus lugares sempre a fascinara. Havia uma certa beleza no fluxo e refluxo de taxas de juros, títulos do Tesouro, fundos mútuos. E uma certa força, ela podia admitir em particular, na compreensão e até admiração pelos caprichos das finanças, com a possibilidade de aconselhar os clientes, na mais absoluta confiança, sobre as melhores maneiras de proteger o dinheiro ganho com tanto esforço.

"Bem, nem sempre o dinheiro é ganho com muito esforço", reflectiu ela, com uma gargalhada, enquanto estudava as contas no ecrã. Muitos dos seus clientes tinham ganho o dinheiro à maneira antiga.

Ou seja: tinham-no herdado.

No mesmo momento em que o pensamento lhe aflorou, ela ficou arrepiada. Seria o pai a manifestar-se nela, mostrando desprezo pelos herdeiros de riqueza? Respirando fundo, Kate esfregou o ponto tenso na nuca. Tinha de parar com isto, não podia continuar a ver fantasmas em torno de cada pensamento que lhe aflorava à cabeça.

Era sua função aconselhar, proteger e garantir que todas as contas ao seu cuidado, através da Bittle, fossem bem geridas. Não só não sentia qualquer inveja das carteiras de investimentos dos seus clientes, como também trabalhava em cooperação com advogados, corretores, agentes e planeadores imobiliários para proporcionar a cada um e a todos as melhores indicações financeiras a curto e longo prazos.

"É assim que eu sou", lembrou-se a si própria.

Os números é que a fascinavam e encantavam, a sua consistência estóica e fiável. Para Kate, dois e dois davam sempre quatro.

A fim de recuperar o equilíbrio, ela verificou o balancete da Ever Spring Nursery and Gardens. Nos dezoito meses desde que assumira a conta, observara a empresa a expandir-se de uma maneira lenta e cautelosa. Kate acreditava firmemente no lento e cauteloso, e aquele cliente também preferia essa opção. É verdade que a folha de pagamentos aumentara, mas o movimento justificava a medida. O desembolso com planos de saúde e benefícios adicionais para os empregados era elevado e reduzia a margem de lucro, mas Kate também acreditava em partilhar o sucesso com as pessoas que ajudavam a alcançá-lo.

- Está a ser um bom ano para as buganvílias - murmurou ela. Fez uma anotação para sugerir ao seu cliente que aplicasse uma parte dos lucros do último trimestre em títulos isentos de impostos. A César o que era de César, sem dúvida, mas nem um centavo a mais do que o necessário.

- Ficas linda quando estás a conspirar.

Kate levantou os olhos, continuando os dedos a bater automaticamente nas teclas para arquivar os dados e apagar o ecrã.

- Olá, Roger.

Roger encostou-se à ombreira, ou melhor, colocou-se em pose, ou assim pareceu à mente crítica de Kate. Roger Thornhill era alto, moreno e bonito, possuindo feições clássicas que faziam lembrar o Cary Crant no auge da carreira. Os ombros largos ajustavam-se com perfeição no casaco do fato

cinzento feito por medida. Ele tinha um sorriso fácil e jovial, olhos azul-escuros que se fixavam de uma maneira insinuante no rosto de uma mulher, e uma voz suave de barítono que fluía como mel.

Talvez fosse por todos esses motivos que Kate não conseguia suportá-lo. Era apenas uma questão de coincidência o facto de se encontrarem ambos a caminho de se tornarem sócios, o que, segundo Kate, não tinha nada a ver com o motivo pelo qual ele a irritava.

Ou a relação era mínima.

- A tua porta estava aberta - ressaltou Roger, entrando na sala sem ser convidado.

- Gosto de ter a minha porta aberta.

Ele exibiu um sorriso largo, de muitos dentes à mostra, e empoleirou-se de lado no canto da secretária.

- Acabo de voltar de Nevis. Duas semanas nas Caraíbas purificam o organismo, depois de toda a pressão. Devias ter ido comigo, Kate.

- Se nem sequer aceitaria jantar contigo, Roger, porque achas que passaria duas semanas a divertir-me na tua companhia na areia e nas ondas?

- A esperança é a última coisa a morrer!

Ele tirou da caixa de Ludte um dos lápis, afiados como espadas, e passou-o entre os dedos, distraído. Os lápis de Kate estavam sempre bem afiados e guardados no mesmo lugar. Não havia nada no seu gabinete que não tivesse um lugar certo. Ele conhecia todos. Ambicioso, Roger aproveitava sempre o que sabia.

Também usava o seu charme, e agora manteve os olhos nos de Kate, sorrindo.

- Eu só gostava que nos conhecêssemos melhor... fora do escritório. Afinal, Kate, já se passaram quase dois anos.

Num gesto deliberado, ela ergueu uma sobrancelha.

- Desde quando?

- Desde que estraguei tudo. - Roger largou o lápis. - Sinto muito. Não sei mais o que dizer.

- Sentes muito? - perguntou ela com uma voz suave, levantando-se para se servir de mais café, embora a terceira chávena não lhe tivesse caído bem. Tornou a sentar-se, fitando-o enquanto tomava o café. - Sentes muito por andares a dormir comigo e com uma das minhas clientes ao mesmo tempo? Ou por andares a dormir comigo para conquistares a minha cliente? Ou por

teres persuadido a referida cliente a transferir a conta para os teus cuidados? Por qual dessas coisas estás a pedir desculpas, Roger?

- Por todas. - Ele tentou sorrir de novo, porque isso invariavelmente funcionava com as mulheres. - Já pedi desculpas vezes sem conta, mas estou disposto a fazê-lo de novo. Eu não podia ter saído com a Bess... com a sr.a Turner... muito menos dormido com ela, enquanto continuava envolvido contigo. Não há desculpa para isso.

- Concordamos nesse ponto. Adeus.

- Kate... - Roger continuava a fitá-la nos olhos, a voz era suave, como ela se lembrava dos momentos em que se contorcia debaixo dele, aproximando-se do orgasmo. - Quero reparar tudo contigo. Ou pelo menos fazer as pazes.

Ela inclinou a cabeça, pensou um pouco. Havia o certo e havia o errado. Havia a ética e havia a ausência de ética.

-Não.

com o primeiro sinal de irritação, Roger levantou-se da secretária, num movimento brusco.

- Fui mesmo um canalha. Deixei o sexo e a ambição prevalecerem sobre o que era um relacionamento bom e satisfatório.

- Tens toda a razão, Roger. E não me conhecestes muito bem da primeira vez, se acalentaste qualquer esperança de que eu te permitiria repetir a proeza.

- Parei de me encontrar com a Bess, num nível pessoal, há muitos meses.

- Ah... - Kate recostou-se na cadeira e soltou uma longa gargalhada. - És mesmo incrível, Roger. Pensaste que eu aceitaria entrar de novo no teu jogo só porque limpaste a casa? Somos colegas de trabalho, mas isso é tudo. Nunca mais vou cometer o erro de me envolver com alguém no trabalho. E nunca mais... repito, nunca mais... te darei outra oportunidade.

Ele contraiu a boca.

- Tens medo de te encontrares comigo fora do escritório... e tens medo porque te lembras de como éramos bons.

Kate não pôde deixar de suspirar.

- Não éramos assim tão bons, Roger. A minha avaliação situar-nos-ia mais como adequados. E temos de fechar o livro sobre o episódio. - No interesse da sanidade, ela levantou-se e estendeu a mão. - Se queres relegar

tudo para o passado, vamos fazê-lo. Sem ressentimentos.

Intrigado, ele estudou a mão de Kate, depois o rosto.

- Sem ressentimentos?

"E também sem sentimentos", pensou Kate, mas achou melhor não dizer mais nada.

- Um livro novo, Roger. Somos colegas, podemos manter uma amizade superficial. E tu paras de me assediar com convites para jantar e acompanhar-te em viagens às Caraíbas.

Roger apertou a mão estendida.

- Tenho sentido saudades tuas, Kate. Saudades de acariciar-te. Mas está bem... - acrescentou ele à pressa, quando percebeu que os olhos de Kate se contraíam. - Se é o melhor que posso fazer, eu aceito. E agradeço por aceitares o meu pedido de desculpas.

- Não foi nada. - com um esforço para se manter paciente, ela recolheu a mão. - E agora tenho de trabalhar.

- Fico contente por termos resolvido o problema. Roger sorria outra vez ao encaminhar-se para a porta.

- Claro, claro...

Kate não bateu com a porta depois de ele ter saído pois essa atitude demonstraria demasiada emoção. Não queria que Roger, o canalha Thornhill, ficasse com a ideia de que havia qualquer emoção da sua parte em relação a ele.

Portanto, fechou a porta, sem fazer barulho e determinadamente, antes de voltar a sentar-se. Pegou num frasco de xarope antiácido, soltou um suspiro e bebeu um gole.

Roger magoara-a. Era terrível recordar o quanto a magoara. Não estivera apaixonada por ele, mas, com um pouco mais de tempo, um pouco mais de esforço, poderia até ter-se apaixonado. Tinham o trabalho em comum, o que, na opinião de Kate, poderia ter servido como uma base forte para sustentar algo mais.

Ela gostara dele, confiara nele e desfrutara da sua companhia.

E ele usara-a, sem piedade, para lhe roubar uma das maiores clientes, o que era quase pior do que descobrir que Roger saltava entre a cama de uma e de outra.

Kate tomou outro gole de xarope antiácido antes de fechar o frasco. Naquela altura, pensara em procurar Larry Bittle e apresentar uma queixa

formal. Mas o orgulho prevalecera sobre qualquer satisfação que pudesse extrair da iniciativa.

A cliente estava satisfeita, e isso era tudo o que importava na Bittle. Roger perderia algum prestígio, sem dúvida, se ela apresentasse uma queixa. Outros no escritório desconfiariam dele e procurariam manter-se à distância.

E ela apareceria como a mulher traída e chorosa, lamuriando-se porque misturara sexo com negócios... e saíra a perder.

Kate concluiu que fora mesmo melhor guardar isso só para si, pondo o frasco de antiácido na gaveta. Melhor ainda fora ter sido capaz de dizer, na cara de Roger, que relegara todo o incidente para o passado.

Mesmo que fosse uma mentira, mesmo que ela o odiasse até ao fim dos seus dias.

com um encolher de ombros, Kate recordou os acontecimentos da sua vida. Era melhor evitar os homens atraentes, insinuantes e espertos, com mais ambição do que coração. Era melhor, muito melhor, permanecer na corrida pela carreira, evitar toda e qualquer distração. A posição de sócia aguardava-a, com todo o sucesso que isso acarretava.

E quando se tornasse sócia, escalando mais um degrau, seria por pleno merecimento. E talvez, pensou ela, apenas talvez, quando alcançasse esse nível de sucesso, pudesse provar a si própria que não era a filha do seu pai.

Kate sorriu um pouco, enquanto começava a projectar os números no ecrã do computador. "Presta atenção aos números, amiga", exortou-se ela. "Eles nunca mentem."

CAPÍTULO 5

MARGO franziu o rosto no instante em que Kate entrou na Pretenses.

- Parece que viste um fantasma.

- É possível. Quero um café. - E um momento a sós. Ela subiu a escada em caracol para o segundo andar, e encontrou a cafeteira já cheia de café.

Sabia que não dormira mais de três horas, não depois de estudar cada pormenor do relatório do investigador enviado do Leste. E todos os pormenores confirmavam que era filha de um ladrão.

Estava tudo ali: as provas, as acusações, os depoimentos. A leitura do relatório liquidara a ténue esperança, oculta até de si mesma, de que tudo não passara de algum equívoco.

Em vez disso, descobrira que o pai se encontrava em liberdade sob fiança na ocasião do acidente. Fora instruído pelo advogado a aceitar o acordo pelo qual se declarava culpado. Se não morresse naquela noite, num troço gelado da estrada, iria para a prisão em menos de uma semana.

Kate bebeu um gole de café, puro e quente, dizendo a si mesma que tinha de aceitar isso de uma vez por todas e continuar a sua vida. Tinha de descer e começar a trabalhar, já que iria enfrentar uma amiga que a conhecia muito bem para deixar de perceber os sinais de stresse.

Ora, ela tinha outras desculpas para uma noite de insónias. E não havia nada a ganhar com a obsessão por factos que não podiam ser alterados. Daquele momento em diante, prometeu Kate, deixaria de pensar naquele assunto.

- O que está a acontecer? - perguntou Margo, quando Kate desceu. - Quero uma resposta desta vez. Andas nervosa e esquisita há semanas. E sou capaz de jurar que emagreces de cada vez que respiras. Não podes continuar assim, Kate.

- Estou bem. Apenas cansada. - Ela encolheu os ombros. - Duas ou três contas que me estão a criar alguns problemas. Ainda por cima, tem sido uma semana esquisita.

Kate abriu a caixa registadora, começou a contar as notas e as moedas para se certificar de que haveria trocos para dar naquela manhã, e acrescentou:

- Na segunda-feira, aquele canalha do Thornhill apareceu no meu gabinete.

Margo acabou de arrumar o bule de chá.

- Espero que lhe tenhas dado outra vez um pontapé.

- Deixei-o pensar que fizemos as pazes. - Antes que Margo pudesse protestar, ela acrescentou: - Era mais fácil assim. E agora é provável que ele não me chateie mais.

- Não estás a dizer-me o que te mantém acordada de noite.

- Aquela situação deixou-me angustiada, percebes?

- Claro que sim. - Margo sorriu. - Os homens são uns porcos... e o Thornhill é o maior dos porcos. Não desperdices o teu sono de beleza com ele, querida.

- Obrigada pelo conselho. Mas esse foi apenas o primeiro dos factos estranhos.

- A vida agitada de uma contabilista.

- Na quarta-feira recebi uma nova conta. Freeland. Um jardim zoológico de animais de estimação, parque de filhotes, museu. Muito esquisito. Estou a aprender quanto custa alimentar um filhote de lama.

Margo hesitou.

- Tens uma vida fascinante.

- És tu quem o está a dizer. E ontem todos os sócios reuniram-se durante quase toda a tarde. Até as secretárias foram proibidas de entrar na sala. Ninguém tem qualquer pista, mas corre o rumor de que alguém será despedido ou promovido. - Kate encolheu os ombros e fechou a caixa registadora. - Nunca os vi reunirem-se assim. Eles até fizeram o próprio café.

- Parem as máquinas à espera da grande notícia!

- O meu pequeno mundo tem tanta intriga e drama quanto o de qualquer outra pessoa. - Ela deu um passo para trás, enquanto Margo se adiantava. - O que é?

- Fica quieta. - Margo pegou na lapela de Kate, colocou-lhe um broche em formato de crescente, com gotas de âmbar. - Tens de exhibir a mercadoria.

- Tem insectos mortos lá dentro.

Margo nem se deu ao trabalho de suspirar.

- Põe um pouco de batom, pelo amor de Deus. Vamos abrir daqui a dez minutos.

- Não trouxe nenhum. E digo-te desde já que não vou trabalhar contigo o dia inteiro, se me ficares a chatear o tempo todo. Posso vender, registar as transacções e embrulhar as coisas, sem pintar o rosto.

- Como queiras. - Antes que Kate pudesse esquivar-se, Margo pegou num vaporizador e disparou um jacto de perfume. - Anuncia a mercadoria, Kate. Se alguém perguntar qual é o teu perfume, responde que é o Savage da Bella Donna.

Kate já ia soltar um rugido quando Laura entrou na sala.

- Pensei que ia atrasar-me. A Ali teve uma emergência capilar. Tive medo que nos matássemos uma à outra.

- De dia para dia ela está cada vez mais parecida com a Margo. Desejando que fosse café, Kate foi servir-se de chá e usou-o para ajudar a engolir uma porção de comprimidos, que não queria que as amigas vissem. - E no pior sentido possível.

- Uma jovem tornar-se interessada pela aparência e elegância é natural - protestou Margo. - Tu foste a imutável na família. Ainda és, como demonstras constantemente, andando como um espantalho vestido de brim azul-marinho.

Sem se sentir ofendida, Kate tomou outro gole de chá.

- Brim azul-marinho é clássico por ser durável e prático. Há apenas uma percentagem mínima da população que se sente obrigada pela honra a dar traques através da seda.

- Arre, que és grosseira! - exclamou Margo, conseguindo conter a gargalhada. - Já não quero discutir.

- O que é um alívio. - Na esperança de manter o clima assim, Laura foi virar o dístico com o aviso de Aberto". - Ainda estou atordoada por causa da discussão com a Allison. Se a Annie não tivesse interferido, teríamos um duelo com escovas de cabelos a dez passos de distância.

- A minha mãe sempre foi capaz de pôr fim a uma boa discussão - comentou Margo. - Muito bem, meninas, lembrem-se de que temos de vender para o Dia da Mãe. E, caso não tenha passado pelas vossas cabeças, não se esqueçam de que as grávidas também merecem presentes.

Kate respirou fundo, preparando-se para a investida. Fez um esforço para ignorar a pressão nas têmporas, que costumava ser o primeiro aviso de uma enxaqueca iminente.

Uma hora mais tarde, a Pretenses já estava suficientemente movimentada para manter as três ocupadas. Kate pôs numa caixa uma bolsa Hermes de couro verde-escuro, especulando porque alguém precisava de uma bolsa de couro verde. Mas a apresentação do cartão de crédito manteve-a

jovial. Pelos seus cálculos, ia a par de Margo nas vendas.

"É uma sensação agradável", pensou ela, enquanto embrulhava a caixa dourada e prateada com o elegante papel às flores. A combinação dos comprimidos com a competição acabara com a dor de cabeça que ameaçara dominá-la.

Tinha de conceder o crédito à Margo por isso. A Pretenses fora um sonho que surgira, como fumaça, das cinzas da vida de Margo.

Pouco mais de um ano antes, a carreira de Margo como modelo popular na Europa, com muita exposição e compensações financeiras como a Mulher Bella Donna, fora bruscamente interrompida. Enquanto entregava o embrulho à cliente, Kate pensou, sorrindo, que Margo não estava totalmente ausente de culpa. No fim de contas, Margo mostrara-se imprudente, insensata e teimosa. Mas não merecia perder tudo.

Ela voltara de Milão abalada e quase falida. Mas em poucos meses, com a maior determinação, Margo transformara a sua vida.

Abrir uma loja e vender os seus pertences fora originalmente uma ideia de Josh Templeton. Uma proposta para impedir que Margo se afundasse, já que Josh estava apaixonado por ela. Mas Margo ampliara a ideia, aprofundara-a e refinara-a.

Laura, abalada com a traição e a ganância do marido, pegara na maior parte do seu dinheiro a que ele não conseguira deitar a mão e ajudara Margo a comprar o prédio onde se situava a Pretenses.

Quando Kate insistira em adquirir um terço do negócio, tornando-se sócia, fora porque acreditava no investimento, acreditava em Margo. E porque não queria ficar fora da diversão.

Das três, era a que compreendia melhor os riscos. Quase quarenta por cento dos novos negócios fracassavam no espaço de um ano, e quase oitenta por cento em cinco anos.

E Kate preocupava-se com isso, reflectia à noite, quando não conseguia dormir. Mas a Pretenses, a concepção de Margo para uma loja de artigos de segunda mão, elegante, exclusiva e diferente, oferecendo de tudo, desde vestidos de estilistas a colheres de chá, mantinha-se firme.

A participação de Kate podia ser pequena, e as suas razões para se envolver na loja eram práticas e emocionais, mas o facto é que se divertia. Quando não se deixava dominar pela obsessão.

Ali estava a prova de que a vida podia ser o que quisermos que ela seja.

E ela precisava demasiado de se apegar a essa noção.

- Gostaria que eu lhe mostrasse alguma coisa?

O homem para quem ela sorria estava na casa dos trinta anos e era atraente, de uma maneira um tanto rude. Ela gostou das calças de ganga usadas, da camisa desbotada, do vistoso bigode avermelhado.

- Ah... este colar aqui.

Kate baixou os olhos para a vitrina, fixando-se na escolha do homem.

- Muito bonito, não é? As pérolas são sempre clássicas.

"Não são pérolas comuns", pensou ela, enquanto pegava no colar. "Qual é mesmo o nome delas?" Ela continuou a vasculhar a mente, enquanto ajeitava o colar sobre uma almofada de veludo.

- Pérolas cultivadas - lembrou-se Kate, com um sorriso radiante para o homem, que era sem dúvida muito atraente. - Três fieiras e o fecho, corrediço, com...

Ela hesitou, mas recordou-se no instante seguinte:

- uma pérola engastada em ouro. Tradição com classe.

- Eu gostaria de saber quanto... - Apreensivo, ele virou a etiqueta de preço, pequena e discreta. Estremeceu só um pouco. Ofereceu um sorriso. - Passa do meu limite de preço.

- Mas é uma coisa que ela usará por muitos anos. Um presente para o Dia da Mãe?

- Isso mesmo. - O homem mudou de posição e passou um dedo calejado pelas pérolas. - Ela ia adorar.

Kate enterneceu-se. Qualquer homem que dispensava tanto tempo e empenho na compra de um presente para a mãe merecia todo respeito e admiração de Kate Powell. Ainda mais quando se parecia um pouco com o Kevin Costner.

- Temos várias outras peças que também são muito bonitas, e não são tão caras.

- Não... talvez... Poderia pôr o colar, para que eu possa ver o efeito?

- Claro. - Feliz em atender o pedido, Kate prendeu o colar em torno do pescoço. - O que acha? Não é maravilhoso?

Ela ajeitou o espelho em cima do balcão para poder contemplar-se, depois acrescentou, rindo:

- Se não o comprar, acho que eu mesma ficarei com o colar.

- Fica maravilhoso em si - murmurou o homem, com um sorriso discreto

e tímido, que deixou Kate com vontade de pegá-lo ao colo e carregá-lo para a sala dos fundos. - Ela tem os cabelos escuros como a menina. Usa-os mais compridos, mas as pérolas ficam bem com cabelos escuros. Acho que terei de comprar o colar. E também aquela caixa ali, a de prata, com todos aqueles arabescos.

Ainda com o colar posto, Kate saiu de trás do balcão para ir buscar a caixa de jóias que ele apontara.

- Dois presentes. - Ela ergueu as mãos para tirar o colar. - A sua mãe deve ser muito especial.

- Ela é mesmo sensacional. Vai adorar esta caixa. Faz colecção. Mas o colar é para a minha mulher. Faço todas as compras para o Dia da Mãe ao mesmo tempo.

- A sua mulher... - Kate forçou-se a manter a expressão jovial nos lábios. - Garanto que ela vai adorar. Mas, se ela ou a sua mãe preferirem outra coisa, temos uma política de troca e devolução num prazo de trinta dias.

com o que considerou um admirável comedimento, Kate largou o colar e perguntou:

- Vai pagar em dinheiro ou com cartão?

Dez minutos depois, observando o homem a sair da loja, ela murmurou para Laura:

- Os atraentes, os simpáticos, aqueles que amam as mães, são todos casados.

- Calma, calma... - Laura afagou o braço de Kate, antes de se inclinar para tirar uma caixa de debaixo do balcão. - Pareceu uma ótima venda.

- Que me deixa pelo menos duzentos dólares à frente da Margo. E o dia ainda está a começar.

- Esse é o espírito. Mas devo avisar-te que ela tem uma cliente na outra sala que está prestes a comprar um Versace.

- Bolas! - Kate virou-se para esquadrihar a loja, à procura de uma presa. - Aquela mulher de cabelos azulados e carteira de mão Gucci é minha!

- Podes atacar!

Kate não fez uma pausa para almoçar. Disse a si própria que era porque queria manter o impulso, e não porque o estômago lhe estava a doer outra vez. Teve um tremendo sucesso na sala para mulheres no segundo andar, vendendo dois robes, um abajur de vidro colorido e um banco para os pés, com borlas.

Talvez se tivesse esgueirado até à sala dos fundos duas ou três vezes, a fim de ligar o computador e conferir as vendas de Margo. Mas só quando a sua vantagem era tranquila. Ela corrigira os erros esperados, revirara os olhos pelos poucos inesperados, e organizara os registos.

No final, foi forçada a admitir que a recaída no ofício de contabilista custou-lhe a vitória. Quando voltou, presunçosa, já a preparar o sermão para Margo, sobre o custo da contabilidade negligenciada, encontrou a sua rival a completar uma venda.

E bem grande.

Kate conhecia antiguidades. Era impossível crescer-se na Casa Templeton sem aprender a reconhecê-las e a apreciá-las. O seu coração contraiu-se ainda mais quando percebeu qual era a peça que Margo elogiava.

Luís XVI, recitou Kate, mentalmente. Uma secretária de abas, provavelmente de cerca de 1775. Os painéis de marchetaria, típicos daquela época, incluíam vasos e grinaldas de flores, instrumentos musicais e colgaduras.

Kate pensou que era sem dúvida espectacular, uma das poucas peças remanescentes do stock original de Margo.

- Lamento perdê-la - disse Margo ao elegante cavalheiro de cabeça branca que se apoiava numa bengala de castão de ouro e estudava com igual admiração a secretária e a mulher que a descrevia. - comprei-a em Paris, há muitos anos.

- Tem um olho maravilhoso... para ser mais preciso, tem dois olhos maravilhosos.

- Oh, sr. Stiener, quanta gentileza! - No seu estilo ousado, Margo passou um dedo pelo braço do homem. - Espero que pense em mim, de vez em quando, ao usar esta secretária.

- Posso garantir-lhe que pensarei. Como vai enviá-la?

- Vamos até ao balcão para eu anotar todas as informações necessárias.

Margo atravessou a sala, bamboleando as ancas e lançando um olhar triunfante para Kate.

- Acho que foi o golpe de misericórdia por hoje - comentou ela, assim que o cliente saiu.

- O dia ainda não acabou - insistiu Kate. - Temos mais duas horas até fecharmos. Portanto, não contes com os ovos...

- Que má perdedora...

Margo estalou a língua. Estava pronta para investir quando a porta se abriu e, apesar de não ser um cliente, investiu assim mesmo. -Josh! Ele abraçou-a, beijou-a e depois puxou-a para uma cadeira.

- Devias estar a descansar. - com a mão no ombro de Margo, ele virou-se e lançou um olhar furioso a Kate. - Devias ficar de olho nela, com atenção para que não exagerasse.

- Não me atires as culpas de nada. Além do mais, a Margo não fica de pé quando se pode sentar, e não se senta quando se pode deitar. E obriguei-a a beber um copo de leite há cerca de uma hora.

Josh contraiu os olhos.

- Um copo inteiro?

- Tirando o que ela cuspiu em cima de mim. - Como era engraçado e a comovia ver o irmão mais velho tão preocupado, Kate decidiu perdoá-lo. Aproximou-se e beijou-o. - Fico feliz por estares de volta.

- Obrigado. - Ele passou a mão pelos cabelos de Kate. - Onde está a Laura?

- Lá em cima, com duas clientes.

- E há outra na sala do guarda-roupa - informou Margo. - vou...

- Fica sentada - ordenou Josh. - A Kate pode tratar disso. Tu estás pálida.

Margo fez uma cara de amuo.

- Não estou, não!

- Vais para casa, agora, dormir um pouco. Não podes trabalhar durante o dia inteiro, e de noite presidir a uma festa. A Kate e a Laura podem segurar as pontas por aqui.

- Claro que podemos. - Kate ofereceu um olhar insinuante a Margo. - Só temos mais duas horas.

- Continua a sonhar, Powell. Eu já venci.

- Venceste? - Sempre interessado numa aposta, Josh olhou de uma para a outra. - Venceste o quê?

- Apenas uma pequena aposta amigável... como eu seria capaz de vender mais do que ela.

- Uma aposta que ela já perdeu. E, como me sinto generosa, podes ficar com a vantagem de duas horas, Kate. - Margo pegou na mão de Josh, e esfregou-a contra o seu rosto. - E quando reconheceres a derrota, oficialmente, terás de usar o Ungaro vermelho na festa hoje à noite.

- Aquele vestido que parece uma camisa de dormir? É como se estivesse nua.

- A sério? -Josh sorriu. - Sem ofensa, Kate, vou torcer para que percas. Vamos embora, duquesa.

- Não vou usar nenhum vestido vermelho em nenhuma festa! protestou Kate.

- Então não percas a aposta - disse Margo, encolhendo os ombros, indiferente, enquanto se encaminhava com Josh para a porta. Mas, se perderes, pede à Laura para escolher os acessórios.

Trazia um colar de ouro batido e brincos triangulares iguais, balançando por baixo dos lóbulos. A sua queixa de que parecia uma escrava capturada pelos Klingon caiu em ouvidos moucos. Até mesmo os sapatos tinham sido impostos. Eram autênticas torres de cetim vermelho, fazendo-a oscilar por uns sete ou oito centímetros acima do seu metro e setenta normal.

Kate bebeu um gole de champanhe e sentiu-se uma idiota.

Não ajudava em nada o facto de alguns dos seus clientes terem comparecido. O círculo de amizade de Margo e Josh incluía os ricos, famosos e privilegiados. E ela perguntou-se como seria capaz de preservar a sua imagem de contabilista objectiva, meticulosa e dedicada quando se vestia que nem uma vagabunda.

Mas uma aposta era uma aposta.

- Pára de te afligires - ordenou Laura, quando se encontrou com ela no terraço. - Estás deslumbrante.

- Um comentário de uma mulher que está vestida com muito bom gosto, num conjunto elegante que cobre as suas extremidades.

- Kate bebeu outro gole de champanhe. - A minha aparência é a de uma desesperada. Podia muito bem ter um cartaz pendurado: "Solteira, HIV negativo, candidate- se pessoalmente."

Laura riu-se.

- Enquanto permaneceres escondida aqui, não creio que tenhas de te preocupar com isso. - com um suspiro, Laura encostou-se à grade. - Ah, que linda noite... Meia-lua, as estrelas cintilando, o murmúrio do mar. com um céu assim, parece que nada de mal pode acontecer. É uma boa casa. Consegues sentir isso, Kate? A casa da Margo e do Josh. É boa.

- Um excelente investimento, localização excepcional, vista espectacular. - Ela sorriu ao olhar doce de Laura. - E é claro que consigo

sentir também. É de facto uma boa casa. Tem coração e carácter. Gosto de pensar nos dois aqui, juntos, a criarem uma família.

Relaxada agora, ela recostou-se na grade, ao lado de Laura. A música fluía pelas portas e janelas abertas, misturada com o som de conversas cordiais e o retinido de risos. Kate podia sentir a fragrância das flores, a maresia, uma mistura de perfumes femininos, os aromas exóticos das iguarias oferecidas em bandejas de prata. E conseguia também, apenas por estar parada ali, sentir a permanência e a promessa.

"Como a Casa Templeton", pensou Kate, onde passara boa parte da sua vida. Talvez fosse por isso que ela nunca se sentira compelida a ter a sua própria casa, o motivo por que um apartamento funcional, perto do trabalho, era tudo o que desejara. "Porque", reflectiu ela, com um ténue sorriso, "posso sempre voltar para a Casa Templeton e pensar nela como o meu lar." E agora podia sempre vir também para esta casa.

- Olá, Byron. Não sabia que estavas cá.

Ao cumprimento descontraído de Laura, o ânimo alegre de Kate dissipou-se. Ela abriu os olhos, afastou-se da grade, empinou os ombros. Havia alguma coisa em Byron De Witt que a fazia preparar-se sempre para um confronto.

- Acabei de chegar. Tive de resolver alguns negócios que se prolongaram além do previsto. Estás linda, como sempre.

Ele apertou ao de leve a mão estendida de Laura, antes de desviar o olhar para Kate. Estava demasiado escuro para ela reparar que os olhos verdes de Byron se arregalaram um pouco. Mas percebeu o sorriso divertido.

- É um prazer tornar a ver-te. Posso trazer-vos outra bebida?

- Não, obrigada. Tenho de entrar agora. - Laura deu um passo em direcção às portas do terraço. - Prometi ao Josh que conversaria com o sr. e a sr.a Ito. Estamos a concorrer para o negócio de banquetes que eles têm em Tóquio.

Ela afastou-se depressa de mais para que Kate pudesse lançar-lhe um olhar furioso.

- Aceitas outra taça de champanhe?

Kate lançou um olhar irritado para a sua taça. Ainda estava pelo meio.

- Não, obrigada.

Byron contentou-se em acender um charuto fino. Sabia que o orgulho de Kate não lhe permitiria escapar. Em circunstâncias normais, não ficaria com

ela por mais tempo do que as boas maneiras determinassem. Naquele momento, porém, sentia-se um pouco cansado das pessoas e compreendia que dez minutos com Kate seriam mais interessantes do que uma hora inteira com o pessoal da festa. Ainda mais se conseguisse irritá-la, uma habilidade que parecia ter adquirido.

- É um vestido e tanto, Katherine.

Ela mostrou-se contrariada, como Byron esperava, pelo uso do seu nome. Sorrindo em torno do charuto, Byron recostou-se na grade e preparou-se para a diversão.

- Perdi uma aposta - resmungou Kate.

- A sério? - Ele estendeu a mão para puxar a alça fina que escorregara do ombro de Kate. - Uma aposta e tanto.

- Tira a mão! - ordenou ela, ríspida.

- Está bem.

Num gesto deliberado, Byron largou a alça descaída, obrigando Kate a subi-la.

- Tens um bom olho para imóveis - comentou ele, acenando com a cabeça para a propriedade ao redor. - Indicaste esta casa ao Josh e à Margo, não é verdade?

- É, sim.

Kate observou-o e esperou, mas ele parecia satisfeito em fumar o charuto e admirar a vista. Byron era do tipo que ela decidira detestar. A beleza de anúncio, como dizia, desdenhosa. Cabelos castanhos abundantes, com muitos fios dourados, ondulados, emoldurando com uma atracção descuidada um rosto capaz de parar o coração de qualquer mulher. O que deviam ter sido covinhas encantadoras na juventude tinham-se aprofundado para vincos nas faces, projectadas para estimularem as fantasias eróticas de uma mulher. O queixo firme de herói, o nariz recto de aristocrata, os olhos de um verde muito escuro, que podiam ao seu critério deslizar por uma pessoa como se fosse invisível ou imobilizá-la a estremecer contra um muro imaginário.

Quase um metro e noventa, calculou Kate, as pernas compridas, os ombros largos de um corredor de longa distância. E aquela voz, é claro, com o seu ligeiro sotaque arrastado, insinuando noites quentes de Verão e a tranquilidade sulista.

Homens assim, decidira Kate, não podiam merecer qualquer confiança.

- Isso é novo - murmurou Byron.

Surpreendida a observar e a avaliar, quando os olhos verdes se deslocaram para a fitar, Kate apressou-se a desviar o rosto.

- O quê?

- O perfume que estás a usar. Fica melhor que o cheiro de sabonete e talco que pareces apreciar tanto. Um perfume sensual. - Ele sorriu quando Kate arregalou os olhos. - Sem jogos, sem ilusões.

Há meses que Kate o conhecia, desde que ele fora transferido de Atlanta para Monterey, a fim de assumir a vaga deixada por Peter Ridgeway na organização. Por todos os critérios, era um hoteleiro refinado, experiente e criativo, que subira na hierarquia da Templeton ao longo de catorze anos.

Ela sabia que Byron vinha de uma família de dinheiro, da riqueza polida do Sul, enraizada na tradição e cavalheirismo.

Detestara-o à primeira vista e tinha a certeza, apesar das maneiras impecáveis de Byron, de que o sentimento era recíproco.

- Estás a fazer-te a mim?

Os olhos verdes, ainda fixados em Kate, sorriram.

- Estava apenas a comentar o teu perfume, Katherine. Se estivesse a fazer-me a ti, irias compreender sem precisares de fazer qualquer pergunta.

Ela bebeu o resto do champanhe. Um erro, sabia-o, estando uma enxaqueca à espreita.

- Não me chames Katherine.

- Estou sempre a esquecer-me.

- Achas que acredito nisso?

- Devias acreditar. E, se eu te dissesse que estás muito atraente esta noite, seria um comentário, não uma proposta. Seja como for... Kate. Estávamos a conversar sobre imóveis.

Ela continuou de rosto franzido. Nem mesmo o champanhe Cristal preferido de Margo caía bem num estômago nervoso. - Ai, é?

- Ou íamos começar. Estou a pensar em comprar uma casa na região. Como o meu período de experiência de seis meses está quase a terminar...

- Tiveste um período de experiência?

Kate sentiu-se bastante reanimada ao imaginá-lo à experiência no comando da Templeton na Califórnia.

- Tive seis meses para decidir se queria ficar aqui em carácter permanente ou voltar para Atlanta. - Lendo os pensamentos de Kate com a

maior facilidade, ele sorriu. - Gosto disto aqui... o mar, os penhascos, as florestas. Gosto das pessoas com quem trabalho. Mas não tenciono continuar a viver num hotel, por muito bem gerido e agradável que seja.

Ela encolheu os ombros, irritada com a maneira como o champanhe parecia pesar como chumbo no seu estômago.

- O problema é teu, De Witt, não meu.

Byron disse a si mesmo, paciente, que não permitiria que a natureza belicosa de Kate o desviasse do seu objectivo.

- Tu conheces a região, tens contactos e uma boa noção de qualidade e valor. Pensei que talvez pudesses informar-me se soubesses de algum imóvel interessante, em particular na área da Seventeen Mile Drive.

- Não sou agente imobiliária.

- Melhor ainda. Isso significa que não tenho de me preocupar com a tua comissão.

Como apreciava essa atitude, Kate cedeu.

- Há uma propriedade... talvez seja um pouco grande para as tuas necessidades.

- Prefiro assim.

- Era de se imaginar. Fica perto de Pebble Beach. Quatro ou cinco quartos, não me lembro bem. Afastada da estrada, com muitos ciprestes e um jardim bem tratado. Varandas... - Kate contraiu os olhos, no esforço de se lembrar. - Na frente e atrás... de cedro, se não me engano. Muito vidro. Está à venda há cerca de seis meses. Deve haver uma razão para não ter sido vendida ainda.

- Talvez esteja à espera do comprador certo. Sabes qual é a imobiliária?

- Claro. É uma cliente nossa. Monterey Bay Real Estate. Procura a Arlene. Ela é honesta.

- Agradeço a informação. Se der certo, terei de te pagar um jantar.

- Não, obrigada. Considera apenas um...

Kate parou de falar ao sentir uma pontada de dor no estômago. No instante seguinte, a dor explodiu na sua cabeça. A taça escapou-se-lhe da mão e espatifou-se no chão enquanto Byron a amparava.

- Aguenta firme.

Ele levantou-a, teve um momento para notar que Kate era pouco mais que ossos e nervos, antes de acomodá-la nas almofadas de uma cadeira.

- Estás demasiado pálida, Kate. vou chamar alguém.

- Não. - Fazendo um esforço para controlar a dor, ela segurou-o pelo braço. - Não é nada. Apenas uma pontada. Às vezes o álcool... champanhe num estômago vazio. Isso acontece.

De sobrelhas franzidas, Byron perguntou com uma certa impaciência:

- Quando foi que comeste pela última vez?

- Estive muito ocupada hoje.

- Mas que absurdo! - Byron empertigou-se. - Há aqui comida suficiente para trezentos marinheiros famintos. vou buscar-te um prato.

- Não, eu... - Em circunstâncias normais, aquele olhar ameaçador não a teria subjugado, mas naquele momento sentia-se fraca. Está bem, mas não digas nada a ninguém.

Só iria preocupá-los, com todas essas pessoas aqui. Não digas nada a ninguém.

Kate observou-o a afastar-se, em passos largos, depois de um último olhar furioso.

A sua mão tremia um pouco quando abriu a bolsa e pegou num pequeno frasco de remédio. "Muito bem", decidiu ela, "tenho de tratar melhor de mim mesma." Começaria por experimentar aqueles exercícios de ioga que Margo lhe ensinara. E pararia de tomar beber café.

Pararia de pensar.

Quando Byron voltou, ela já se sentia mais firme. Um olhar para o prato provocou-lhe uma risada.

- Quantos daqueles marinheiros famintos tencionas alimentar?

- Come!

Ele mesmo pôs um camarão pequeno e suculento na boca de Kate.

Depois de um momento de indecisão, ela acomodou-se nas almofadas. Uma distração, até mesmo sob a forma de Byron De Witt, era aquilo de que precisava.

- Suponho que tenha de te convidar a sentar e partilhar.

- Sempre foste muito generosa.

Kate escolheu uma pequena tarte de espinafre.

- Só não gosto de ti, De Witt.

- Nada mais justo. - Ele pegou num pouco do suflê de caranguejo. - Também não gosto de ti, mas fui ensinado a ser educado com uma dama.

No entanto, ele ficou a pensar em Kate. Mais estranho ainda, sonhou

com ela, um sonho erótico, envolto em nevoeiro, do qual não conseguiu lembrar-se com nitidez pela manhã. Alguma coisa sobre os penhascos e o estrondo das ondas, a sensação de pele suave e um corpo esguio sob as suas mãos, aqueles olhos italianos, enormes e escuros, fixos nos seus.

Achou graça de si mesmo, um tanto contrafeito.

Byron De Witt tinha a certeza de muitas coisas. A dívida nacional nunca seria paga, as mulheres em finos vestidos de algodão eram a melhor razão para o Verão, o rock 'n' mil viera para ficar, e Katherine Powell não era do seu tipo.

Mulheres magricelas e agressivas, com mais atitude do que charme, não o atraíam. Preferia as que eram suaves, inteligentes e sensuais. Admirava-as pelo mero facto de serem mulheres, adorava as gratificações adicionais da conversa tranquila, discussões acaloradas, riso escandaloso e sexo ardente e insensato.

Byron considerava-se tão especialista na mística feminina quanto qualquer homem podia ser. Afinal, crescera cercado por mulheres, sendo o único filho varão numa casa com três filhas. Byron conhecia as mulheres... e conhecia-as muito bem. E sabia do que gostava.

Não, ele não se sentia nem remotamente atraído por Kate.

Ainda assim, o sonho importunou-o, enquanto se preparava para o dia. Seguiu-o até ao ginásio, pressionando-o no fundo da sua mente enquanto fazia os exercícios. Perdurou enquanto concluía a rotina, com vinte minutos na passeadeira rolante, lendo o Wall Street Journal.

Empenhou-se em pensar noutra coisa. A casa que tencionava comprar. Deveria ser próxima da praia, para que pudesse correr na areia, ao sol, em vez de usar um circuito mecânico. Aposentos seus, pensou Byron, decorados ao seu gosto. Um lugar em que pudesse aparar a relva, ouvir música num volume ensurdecador, receber quem quisesse, ou ter uma noite tranquila e privada.

Tivera poucas noites tranquilas e privadas na infância. Não que lamentasse o barulho, a multidão em que crescera. Adorava as irmãs, tolerava as suas crescentes hordas de amigas. Amava os pais e sempre considerara normal a sua movimentada vida social e familiar.

Na verdade, fora a incerteza de poder suportar a distância do lar da sua infância e da família que o levava a incluir a cláusula de seis meses de experiência no acordo com Josh.

Embora sentisse saudades de todos, descobrira que podia ser feliz na Califórnia. Tinha quase trinta e cinco anos, queria ter a sua própria casa. Era o primeiro De Witt a deixar a Geórgia em duas gerações. E estava determinado a fazer com que fosse um movimento certo.

Se não houvesse mais motivos, susteria a pressão não muito subtil da família para ele assentar, casar, constituir família. A distância, sem dúvida, tornaria difícil para as suas irmãs apresentá-lo a mulheres que julgavam perfeitas para ele.

Byron ainda não conhecera uma mulher que fosse perfeita para si.

Ao entrar no chuveiro, de regresso à suíte no hotel, tornou a pensar em Kate. Ela era definitivamente errada.

Se sonhara com Kate, fora apenas porque ela estivera na sua mente. Aborrecido com a persistência, Byron ligou o rádio embutido nos ladrilhos, até que Bonnie Raitt apregoeou o desafio de lhe proporcionar alguma coisa sobre a qual conversar.

Apenas ficara preocupado, concluiu Byron. Kate empalidecera de mais, tornara-se vulnerável, de uma forma rápida e inesperada. E ele sempre fora um fraco perante donzelas em apuros.

Claro, ela era uma idiota por não cuidar de si própria. Saúde e boa forma física não eram uma opção na mente de Byron, mas um dever. A mulher precisava de aprender a comer como deve ser, reduzir a cafeína, fazer exercício, encorpar, livrar-se do nervosismo.

Kate não era uma pessoa tão ruim quando esquecia a pose, reflectiu Byron, ao sair do chuveiro, com Bonnie ainda a berrar. Oferecera uma boa indicação sobre o tipo de imóvel em que ele estava interessado, até tinham mantido uma conversa razoável sobre um prato de comida partilhado.

E ela parecia... interessante, naquele arremedo de vestido que usava. Não que ele estivesse interessado, Byron assegurou-se, enquanto começava a fazer a barba. Mas Kate tinha um certo atractivo de menina quando não estava carrancuda. Quase ao estilo da Audrey Hepburn.

Ele soltou um palavrão ao cortar o queixo com a lâmina, lançando a culpa da sua desatenção em Kate. Não tinha tempo para analisar uma trituradora de números magricela e agressiva, com uma disposição hostil. Tinha hotéis para dirigir.

CAPÍTULO 4

KATE sabia que era um erro quando marcou o encontro. Era como arrancar a crosta de uma ferida e ter a certeza de que nunca ficaria curada como deve ser. O amigo do seu pai, Steven Tydings, mostrara-se encantado por encontrar-se com ela para o almoço. Afinal, ela era a sua nova contabilista, e Tydings dissera que gostava de manter o controlo sobre as suas finanças.

Tinha a certeza de que podia trabalhar com ele e fazer o que era preciso. Mas, cada vez que Kate abria a pasta de arquivo, tinha de lutar contra uma sensação de náusea no estômago que as lembranças do pai lhe provocavam. Queixas amargas sobre contas, sobre a perda da grande oportunidade.

Ela esquecera tudo isso, forjara recordações dos pais, compreendia agora, mais por necessidade do que pela realidade. Não fora um lar feliz o que tivera no início da infância. Nem estável. Embora ela o projectasse assim nos seus sonhos.

Agora que era impossível fingir de outra forma, descobrira que era também impossível não sondar, não investigar. Não saber.

Quase desistira quando Tydings insistira num encontro no Templeton Monterey. O restaurante era o melhor da área, graças à vista espectacular da baía. Nenhuma das desculpas alegadas por Kate o fizera mudar de ideias. Assim, ao meio-dia e meia em ponto, ela estava sentada diante de Tydings, numa mesa ao lado da janela, com uma salada do chef à sua frente.

Enquanto remexia na salada, Kate convenceu-se que não fazia mal ali estar. Laura estava a trabalhar na Pretenses. Se alguém a reconhecesse e mencionasse o assunto, diria a Laura que almoçara com um cliente. O que era verdade.

Durante a primeira meia hora, Kate orientou a conversa para os negócios. Apenas isso. Independentemente das circunstâncias, o seu cliente tinha o direito de receber o melhor que ela era capaz de oferecer. E Tydings estava satisfeito, o que dizia a todo instante, enquanto ela aliviava a garganta ressequida com goles da água mineral Templeton.

- O seu pai também tinha vocação para os números - comentou ele.

Tydings era um homem atarracado, de cinquenta e poucos anos, olhos castanho-escuros, fitando-a com uma expressão radiante. O sucesso assentava nele com a mesma elegância do fato.

-A sério? -Kate olhou para as mãos de Tydings. Mãos bem cuidadas de executivo. Sem ostentação, apenas com uma aliança de ouro no dedo. já o seu pai gostara de ostentação... enormes relógios de ouro, um anel de diamante no dedo mindinho. Porque se lembraria ela disso agora? - Não me recordo.

- A Kate era muito pequena naquela altura. Mas posso garantir-lhe que o Linc tinha muito talento para os números. Podia fazer cálculos mentalmente. Até parecia que tinha uma calculadora na cabeça.

Era a oportunidade de Kate, e ela não podia deixar de aproveitar.

- Não compreendo como alguém tão competente com os números pudesse cometer tremendos erros.

- O seu pai só queria coisas maiores, Katie. - Tydings suspirou e relaxou na cadeira. - E teve uma maré de azar.

-Azar?

- Azar e mau julgamento. A situação escapou ao seu controlo.

- Ele desviou dinheiro dos outros, sr. Tydings. Ia para a prisão. Kate respirou fundo, a fim de manter o controlo. - O dinheiro era assim tão importante, que ele tinha de roubar e arriscar tudo da maneira como fez?

- Há que ver o quadro todo, temos de compreender as frustrações, as ambições... e os sonhos, Katie. O Linc sempre achou que era ofuscado e superado pelo ramo Templeton da família. Independentemente do que fizesse, por mais que se empenhasse, nunca seria capaz de se equiparar. E isso era um sapo muito difícil de engolir para um homem como ele.

- Que tipo de homem era ele para invejar o sucesso dos outros?

- Não era bem assim. - Obviamente constrangido, Tydings mudou de posição na cadeira. - O Linc sentia uma profunda necessidade de ter sucesso, de se tornar o melhor.

Kate fez um esforço para não estremecer. Tydings podia estar a descrever a filha em vez do pai.

- Compreendo isso.

- Ele pensava que, se pudesse ter uma oportunidade, apenas uma, tudo daria certo. Faria alguma coisa. Tinha o potencial, a inteligência. Era um homem perceptivo e trabalhador. Um grande amigo. com a fraqueza de querer mais do que tinha. E queria o melhor para si.

O sorriso de Tydings tornou a alargar-se.

- Lembro-me do dia em que você nasceu, Katie, como o seu pai a contemplou através do vidro do berçário, fazendo grandes planos. Queria dar-

lhe tudo a si... e era difícil para ele ter de se contentar com menos.

Ela não precisava de tudo, pensou Kate mais tarde, ainda sentada à mesa, mas já sozinha. Só queria pais que a amassem e também se amassem um ao outro. Agora teria de conviver com a certeza de que o pai amara acima de tudo a sua própria ambição.

- Há algum problema com o seu almoço?

Kate levantou os olhos. A mão que comprimia a barriga contraiu-se num punho quando Byron se instalou na cadeira que Tydings desocupara.

- Estás hoje de serviço no restaurante? Pensei que as altas patentes permanecessem nas elevadas regiões da suíte.

- De vez em quando misturamo-nos com os andares inferiores. Byron fez sinal a uma empregada. Há dez minutos que observava Kate. Ela mantivera-se imóvel, olhando pela janela, a salada intacta, os olhos sombrios e desconsolados.

- Canja de galinha - pediu ele. - Duas.

- Não quero nada.

- Detesto comer sozinho - murmurou Byron, enquanto a empregada arranjava a mesa. - Sempre podes ficar a mexer na sopa, como fizeste com a salada. E, se não te sentes bem, a sopa vai reanimar-te.

- Estou bem. Tive um almoço de negócios. - Em baixo da mesa, ela amarfanhou o guardanapo no colo. Não se podia levantar agora, pois não sabia se as pernas teriam força suficiente para aguentarem o peso do corpo. - Quem é que consegue comer nos almoços de negócios?

- Toda a gente. - Inclinando-se para a frente, ele despejou água mineral em dois copos. - Estás com um ar infeliz.

- Tenho um cliente com um desequilíbrio no passivo. E isso deixa-me sempre infeliz. O que queres, De Witt?

- Um prato de sopa, uma conversa amena. Desenvolvi o hobby da conversa quando era pequeno e nunca mais fui capaz de me livrar dele. Obrigado, Lorna - disse ele, quando a empregada pôs um cesto com pão quente na mesa. - Mas já reparei que costumas ter alguma dificuldade nessa área. Terei o maior prazer em ajudar-te, como uma espécie de treinador.

- Não gosto de conversa fiada.

- Pois eu gosto. - Byron estendeu um pão que partira e no qual barrara manteiga. - Para ser franco, interessei-me por todos os tipos de conversa. Grandes, pequenas, superficiais, profundas. E podemos iniciar esta sessão

com a informação de que já marquei um encontro para conhecer a casa que tu referiste.

- Que bom para ti.

Já que o pão se encontrava agora na sua mão, Kate deu-lhe uma dentada.

- A agente imobiliária falou muito bem de ti.

Quando Kate se limitou a grunhir, franzindo o rosto para a canja posta à sua frente, Byron reprimiu um sorriso. Ela era um desafio grande de mais para que ele pudesse resistir.

- Posso também vir a solicitar os teus serviços, já que ficarei em Monterey. Não seria nada prático manter a minha contabilidade pessoal na Geórgia.

- Não é necessário ter um contabilista no local em que moras. Se estás satisfeito com o trabalho dele, não precisas de mudar.

- É assim que se conquistam novos negócios, menina. Também tenho o hábito de comer. Se precisas de ajuda nesse aspecto, posso dizer-te que deves começar por meter a colher na sopa.

- Não estou com fome.

- Pensa na comida como um remédio. Podes restaurar um pouco de cor nesse teu rosto. Não pareces só infeliz, Kate, mas também cansada, abatida... e doente ainda por cima.

Na esperança de que isso o fizesse calar, ela comeu uma colher de sopa.

-Agora já estou reanimada. É um milagre.

Como ele continuava a sorrir, Kate suspirou. Porque é que Byron tinha de estar sentado ali, com um comportamento tão simpático, para fazer com que ela se sentisse num atoleiro?

- Desculpa. Sou uma péssima companhia.

- A reunião de negócios foi difícil?

- Foi, sim, para dizer a verdade. - Como era tranquilizante, Kate comeu outra colher de sopa. - Mas vou tratar do assunto.

- Porque não me contas o que fazes quando não estás a resolver difíceis problemas de negócios?

A dor de cabeça na beira da sua consciência não estava a diminuir, mas também não aumentava.

- Trato de pequenos problemas de negócios.

- E quando não tratas de negócios?

Kate estudou aquele homem com olhos gentis e sorriso descontraído.

- Estás mesmo a fazer-te a mim.

- Não. Só quero conhecer-te, o que é muito diferente. É por isso que mantemos uma conversa simples enquanto comemos uma canja. - O sorriso de Byron alargou-se. - E também estou a oferecer-te a oportunidade de decidires se gostarias ou não de conhecer-me melhor.

Os lábios de Kate tremeram antes que ela pudesse impedir.

- Aprecio um homem que acredita na igualdade entre os sexos. Ela também tinha de apreciar o facto de que por alguns minutos Byron afastara a sua mente dos problemas; e ele sabia disso, embora não fizesse qualquer comentário a esse respeito.

- Acho que estou a começar a gostar de ti, Kate. Tenho a impressão de que é o que se poderia chamar de gosto adquirido... e sempre me senti atraído pelos sabores exóticos.

- É uma declaração e tanto. O meu coração vai desmanchar-se. Byron riu-se, emitindo um som masculino, gutural, muito atraente, por mais que ela preferisse que fosse o contrário.

- Não resta a menor dúvida. Gosto de ti. Porque não expandimos esta conversa para uma refeição completa? Durante um jantar, por exemplo. Esta noite?

Kate sentiu-se tentada a aceitar, pela simples razão de que a companhia de Byron a fazia pensar em outra coisa que não em si mesma. Mas... Ela pousou o guardanapo ao lado da tigela de sopa. Concluiu que seria melhor tomar cautela com um homem como Byron De Witt.

- Não quero formar hábitos muito depressa. E agora tenho de voltar ao escritório.

Ela levantou-se, divertida quando Byron também se levantou, numa reacção automática.

- Obrigada pela canja.

- Sempre às ordens. - Ele pegou na mão de Kate, apertou-a ao de leve e achou graça quando ela franziu a testa. - Obrigado pela conversa. Teremos de repeti-la.

- Hum, hum...

Foi a melhor resposta que Kate pôde oferecer, enquanto pendurava a mala ao ombro e se afastava. Ao observá-la, Byron pensou qual seria o problema, profissional ou não, que a fazia parecer tão abalada. E tão solitária.

Os rumores fervilhavam na Bittle & Associates. Cada notícia era

ampliada e repetida na máquina da água, na sala de cópias, no depósito de material.

Larry Bittle e os seus filhos, Lawrence Júnior e Martin - "Podem chamar-me Marty" -, prosseguiram nas suas reuniões à porta fechada com os outros sócios, todas as manhãs. Cópias de contas eram entregues ao grupo pela assistente executiva do Bittle Pai, uma mulher reservada e de olhos penetrantes.

Se ela sabia de alguma coisa, comentava-se em torno do refrigerador, não contava nada a ninguém.

- Estão a verificar todas as contas - Roger informou Kate. Ele procurara-a no depósito de material, onde Kate fora buscar papel para a impressora. - A Mareie, das Contas a Receber, disse que estão a examinar até as contas internas. E a Beth, a ajudante da Dama de Ferro, revelou que eles mantêm um contacto constante com os advogados.

com os lábios contraídos, Kate pegou numa resma de papel.

- Todas as tuas fontes são do sexo feminino? Roger sorriu.

- Não. Mas o Mike, da correspondência, é uma fonte que está a secar. Qual é a tua impressão?

- Acho que é uma auditoria interna.

- Também penso assim. Mas uma questão se levanta, Kate: porquê?

A interrogação persistia na mente de Kate há alguns dias. Ela pensou um pouco. As pessoas inteligentes, ambiciosas e implacáveis tinham as melhores informações. Como Roger preenchia todos os requisitos, ela decidiu partilhar os seus pensamentos, na expectativa de que isso o levasse a falar também.

- Tivemos alguns anos muito bons. Nos últimos cinco, aumentámos a nossa base de clientes em quinze por cento. A Bittle está a crescer. Por isso, penso em expansão, talvez um novo escritório. O Lawrence ficaria no comando, acrescentaria mais associados. Alguns de nós teriam a opção da transferência. Um grande passo, que exige muito planeamento. Os sócios querem concentrar-se nas consequências.

- É possível. Já houve rumores sobre a abertura de um escritório na área de Los Angeles, com a conquista de novas contas. Mas também tenho ouvido outros boatos. - Ele inclinou-se para a frente, baixou a voz, com os olhos a faiscar de excitação. - O Larry tem pensado em entregar o comando. Aposentar-se.

- Porque faria ele uma coisa dessas? - sussurrou Kate em resposta,

ambos falando como conspiradores. - Só tem sessenta anos.

- Sessenta e dois. - Roger olhou para trás. - E sabes como a mulher dele gosta daqueles cruzeiros. Está sempre a pressioná-lo para a levar à Europa, para fazerem viagens pelo Mediterrâneo, essas coisas.

- Como sabes disso?

- A Beth. Assistente da assistente. Ela arranhou folhetos de viagens para o Velhote. Os Bittle farão quarenta anos de casados este ano. Se ele optar por uma reforma antecipada, haverá uma vaga de sócio em disputa.

- Um novo sócio...

Fazia sentido. E muito. Todas as reuniões. As verificações das contas. Os actuais sócios teriam de avaliar e julgar, debater quem seria a pessoa mais qualificada para a promoção. Kate teve de fazer um esforço para não começar a dançar de alegria. Não podia esquecer com quem estava a conversar: Roger, o seu maior concorrente.

- É possível. - Ela encolheu os ombros, embora por dentro a exultação se expandisse como um balão cor-de-rosa. - Mas ainda não imagino o Larry a navegar para o pôr do Sol, independentemente do quanto a mulher o assediar para viajarem.

- Veremos. - Roger mantinha um sorriso insidioso. - Seja como for, alguma coisa vai acontecer... e muito em breve.

Kate voltou ao seu gabinete, muito contida, fechou a porta, guardou o material de escritório que trouxera. E desatou a dançar.

Não queria antecipar-se, não queria começar a fazer projectos. Uma ova que não queria! Ela deixou-se cair na cadeira, girou uma vez, duas, depois uma terceira, inebriada.

Tinha um diploma de Harvard, formara-se entre os melhores dez por cento da turma. Nos cinco anos em que trabalhara na Bittle, trouxera doze novas contas, através de recomendações dos clientes. E perdera apenas uma. Para o idiota do Roger.

Mas nem mesmo essa conta deixara a firma. Pessoalmente, ela gerava uma facturação anual de mais de duzentos mil dólares. Apesar de saber que Roger atingia os mesmos valores, já que se mantinha de olho nele. Mas, quando Marty lhe concedera um aumento no ano passado, dissera que ela era considerada a nata entre o pessoal da Bittle. Larry Bittle tratava-a pelo primeiro nome; a sua esposa e as noras faziam compras na Pretenses.

Um lugar na sociedade. Aos vinte e oito anos, ela tornar-se-ia a mais

jovem sócia da Bittle de todos os tempos. Anteciparia em anos as expectativas rigorosas que fixara para si.

E será que isso não viria, de certa forma, apagar o opróbrio que sentia? O segredo que ocultara no seu íntimo. Se conseguisse ser um sucesso, ofuscaria tudo o resto.

Kate permitiu-se sonhar sobre aquilo... o novo gabinete, o novo salário, o novo prestígio. Seria consultada sobre a política da firma, a sua opinião seria levada em consideração e respeitada. Rindo, ela recostou-se na cadeira e tornou a girar. Teria uma secretária particular.

Teria tudo o que sempre desejara.

Kate imaginou-se a pegar no telefone e ligar para os Templeton em Cannes. Eles ficariam muito felizes por ela. Orgulhosos. E Kate poderia finalmente acreditar que tudo o que os Templeton tinham feito por ela fora merecido.

Faria uma comemoração com Margo e Laura. Ah, seria maravilhoso! Kate Powell destacava-se, fazia uma coisa importante e concreta. Anos e anos de trabalho e estudo, ombros doridos, olhos cansados, um estômago sempre a arder por fim teriam a sua recompensa.

Tudo o que ela tinha de fazer era esperar.

Kate forçou o sonho para o fundo da mente, virou-se para o computador e começou a trabalhar.

Cantarolava enquanto projectava números, calculava gastos, registava deduções fiscais, conferia os ganhos de capital, avaliava a depreciação. Como sempre, concentrou-se no trabalho e perdeu a noção do tempo. Pestanejou, surpreendida, quando o bip do relógio a informou que eram cinco horas.

Mais quinze minutos para fechar o arquivo, decidiu ela. Virou a cabeça, com uma ligeira irritação, ao ouvir bater à porta.

- O que é?

- Menina Powell... - Lucinda Newman, ou a Dama de Ferro, como era chamada com alguma hostilidade pelos empregados, estava parada à porta, imponente. - Solicitam a sua presença na sala de reuniões.

- Ah... - O coração de Kate disparou de alegria, mas ela manteve o rosto sob controlo. - Obrigada, menina Newman. Já vou.

Consciente de que as suas mãos tremiam na expectativa, Kate comprimiu uma contra a outra no seu colo. Tinha de ser fria e profissional.

A Bittle não ofereceria sociedade a uma mulher risonha e frívola.

Tinha de ser o que sempre fora, o que esperavam que ela fosse. Prática, equilibrada. Mas é claro que também procuraria saborear aquele momento, recordar cada pormenor. Mais tarde, quando já não a pudessem ver nem ouvir, gritaria de alegria durante todo o percurso até à Casa Templeton.

Kate baixou as mangas, vestiu o casaco e ajustou-o. Hesitou, sem saber se deveria levar a sua pasta, mas depois decidiu que a fazia parecer ainda mais dedicada ao trabalho.

Em passos contidos, subiu a escada até ao piso superior, passou pelas salas dos sócios, a caminho da sala de reuniões. Ninguém que por acaso a visse naquele tranquilo corredor poderia imaginar que os seus pés mal tocavam na elegante carpete castanho- amarelada. Ela tirou um antiácido do tubo que trazia no bolso, sabendo que pouco faria para acalmar o seu estômago nervoso.

Especulou se uma noiva na noite de núpcias poderia sentir-se mais nervosa e emocionada do que ela ao levantar a mão para bater ao de leve na porta almofadada.

- Entre.

Kate ergueu o queixo e assumiu um sorriso polido, enquanto girava a maçaneta. Estavam todos ali, e o seu coração disparou de novo. Todos os sócios, os cinco poderes da firma, sentados à mesa envernizada. com um copo de água junto de cada lugar.

Ela fitou-os um a um, querendo registar aquele momento. O antiquado Calvin Meyers, de suspensórios e laço vermelho. A elegante e aterradora Amanda Devin, austera e bonita. Marty, é claro, meigo, feio e amarfanhado. Lawrence Júnior, firme, calvo e frio.

E, como não podia deixar de ser, o velho Bittle. Kate sempre o achara parecido com o Spencer Tracy, aquele rosto vivido, a massa de cabelos brancos, o corpo atarracado e poderoso.

A pulsação de Kate acelerou, consciente de que todos a observavam.

- Queriam falar comigo?

- Sente-se, Kate.

De seu lugar, à cabeceira da mesa, o velho Bittle indicou o lugar no outro lado.

- com licença, meus senhores.

Ele aclarou a garganta, enquanto Kate se acomodava.

- Pensámos que seria melhor reunirmo-nos no final do expediente.

Tenho a certeza de que já sabe que durante os últimos dias estivemos a verificar as nossas contas.

- Sei, sim, senhor. - Ela sorriu. -As especulações correm sempre pelos corredores.

Como ele não retribuiu o sorriso, Kate sentiu uma comichão nervosa no fundo da garganta.

- É difícil não ouvir os rumores.

- Eu compreendo. - Ele soltou um suspiro e cruzou as mãos. Uma discrepância num pagamento de imposto de rendimento foi levada à atenção do sr. Bittle Júnior na semana passada.

- Uma discrepância? Kate olhou para Lawrence.

- Na conta Sunstream - explicou ele.

- É uma das minhas contas. - A comichão nervosa no fundo da garganta mudou para um temor nervoso no estômago. Ela cometera algum erro estúpido no caos que antecedia o prazo final de entrega das declarações? - Que tipo de discrepância?

- A cópia do formulário para o cliente indica um pagamento federal de sete mil, seiscentos e quarenta e oito dólares. - Lawrence abriu uma pasta, tirou uma pilha de papéis. - Isto é trabalho seu, menina Powell?

Ele era o único Bittle que a tratava por menina Powell. Todos na firma já se tinham acostumado com a sua formalidade. Mas foi o tom incisivo que a deixou alerta. com todo o cuidado, Kate tirou os óculos do bolso e ajeitou-os, enquanto os papéis lhe eram estendidos.

- É, sim - respondeu ela, depois de uma rápida verificação. - É a minha conta. Fiz todo o trabalho de declaração do imposto. E esta é a minha assinatura.

- E, como acontece com vários dos nossos clientes, a firma emite o cheque para o pagamento do imposto deste cliente.

- Alguns preferem assim. - Kate baixou as mãos para o colo. Isso distancia-os um pouco da mordida. E é mais conveniente.

- Conveniente? - repetiu Amanda, atraindo a atenção de Kate. - para quem?

Havia ali qualquer sarilho, foi tudo o que Kate conseguiu pensar.

Mas qual? Onde?

- Muitos clientes preferem vir ao escritório, discutem a situação fiscal e os resultados... reclamam e descarregam a irritação. -Todos sabiam disso,

pensou ela, tornando a correr os olhos pela mesa. Porque precisava explicar?

- O cliente assina os formulários necessários, e o executivo da conta emite o cheque de pagamento.

- Menina Powell - continuou Lawrence, pegando noutra pilha de documentos -, pode explicar isto?

Tão discreta quanto possível, Kate enxugou as mãos húmidas na saia, e depois examinou os formulários que lhe foram entregues. A mente apagou-se por um instante. Pestanejou várias vezes, tentou focar, engoliu em seco.

- Não tenho a certeza se compreendo. Isto é outra cópia do formulário mil e quarenta da Sunstream, mas o valor do imposto devido é diferente.

- Dois mil e duzentos dólares a menos - ressaltou Amanda. - São o formulário e o pagamento encaminhados no dia 15 de Abril deste ano à Tesouraria da Fazenda Pública. O cheque sacado da conta do cliente foi nesse valor.

- Não compreendo como ou quando a outra cópia foi feita declarou Kate. - Todos os documentos de trabalho são arquivados, é claro, mas os formulários em excesso são destruídos.

- Kate... - Bittle atraiu a atenção dela com essa única palavra.

- A diferença no valor foi transferida através do computador da conta do cliente em dinheiro.

- Em dinheiro? - repetiu ela, aturdida.

- Desde que tomámos conhecimento do facto, iniciámos uma verificação de todas as contas. - A expressão de Bittle era solene. Desde o final de Março deste ano, quantias diversas têm sido retiradas das contas dos clientes... num total de setenta e cinco mil dólares, além dos valores necessários para o pagamento dos impostos. Estas quantias têm sido retiradas das contas através do computador.

- Dos meus clientes?

Kate sentia que o sangue se esvaía do seu rosto, mas não podia evitar.

- É o mesmo padrão. - Calvin Meyers falou pela primeira vez, puxando o laço vermelho. - Duas cópias do formulário mil e quarenta, pequenos ajustamentos em diversos outros formulários, com uma diferença nas cópias que vão para os clientes variando de mil e duzentos a três mil e cem dólares. - Ele fez uma pausa, estufou as bochechas. - Podíamos não ter descoberto nada se eu não jogasse golfe com o Sid Sun. Ele passa o tempo a queixar-se dos impostos que tem de pagar, assediando-me para verificar a sua declaração e

descobrir se não pode deduzir mais nada.

Peculato. Será que a acusavam mesmo de peculato? Ou seria algum terrível pesadelo? Todos sabiam sobre o seu pai e pensavam... não, não, isso era impossível. Embora flexionasse a mão no colo, em total nervosismo, Kate manteve a voz controlada.

- Examinou uma das minhas contas?

Calvin ergueu uma sobrancelha. A última coisa que esperava de Kate Povvell, sempre firme e fria, era uma insinuação de pânico.

- Fiz isso para que ele não me importunasse mais. Ao examinar a sua cópia, no entanto, descobri vários pequenos erros. Achei que era melhor conferir mais a fundo e requisitei a nossa cópia da sua última declaração.

Kate não conseguia sentir coisa alguma. Até mesmo as pontas dos dedos estavam dormentes.

- Pensam que roubei setenta e cinco mil dólares dos meus clientes. Desta firma.

- Se pudesse explicar como tudo isso aconteceu, Kate... - interveio Marty. - Estamos aqui para a ouvir.

Não. O seu pai é que roubava os clientes. O seu pai. Não ela.

- Como podem pensar uma coisa dessas? A voz tremia, envergonhando-a.

- Ainda não chegámos a nenhuma conclusão definitiva - declarou Amanda. - Os factos, os números, no entanto, estão aqui, preto no branco.

Preto no branco, pensou Kate, enquanto as letras se baralhavam, misturando-se com visões das notícias de jornais de vinte anos atrás.

- Não, eu... - Kate teve de levantar a mão, esfregar os olhos, para desanuviá-los. - Não fiz nada disso.

Amanda bateu com uma unha vermelha na mesa. Esperava a indignação, o protesto da inocência; em vez disso, testemunhava o tremor da culpa.

- Se o Marty não a tivesse defendido, se não insistisse em que procurássemos alguma explicação racional, até mesmo a incompetência da sua parte, já teríamos realizado esta reunião há vários dias.

- Amanda... - murmurou Bittle. Mas ela sacudiu a cabeça.

- Larry, isto é peculato. Acima dos desdobramentos legais, temos de pensar na confiança dos clientes. Precisamos resolver o caso o mais depressa possível.

- Nunca tirei um centavo a qualquer cliente.

Embora com pavor de que as suas pernas cedessem, Kate levantou-se de um pulo. Não vomitaria, disse a si mesma, embora o estômago lhe estivesse a subir pela garganta.

- Não seria capaz. - Parecia ser tudo o que ela era capaz de dizer. - Não seria capaz.

Lawrence olhou para as suas mãos, de rosto franzido.

- Menina Powell, o dinheiro esconde-se com a maior facilidade, lava-se, gasta-se. Ajudou diversos clientes em investimentos, contas nas ilhas Caimão, na Suíça, etc.

Investimentos. Péssimos investimentos. Kate comprimiu a mão contra a têmpora latejando. Não, isso acontecera ao seu pai.

- É o meu trabalho. Faço o meu trabalho.

- Abriu recentemente uma loja - lembrou Calvin.

- Sou sócia com um terço do capital numa butique de mercadorias de segunda mão. - A dor, o medo e a náusea turbilhonavam dentro de Kate e faziam as suas mãos tremerem. Tinha de ser coerente, ordenou a si mesma. Tremer e soluçar só contribuía para que parecesse culpada. - O que exigiu quase todas as minhas economias.

Ela respirou fundo, sentindo o ar a arder pela garganta, e fitou o velho Bittle nos olhos.

- Sr. Bittle... - A voz tremia tanto, que ela teve de recomeçar. - Sr. Bittle, há cinco anos que trabalho na sua firma. Contratou-me uma semana depois de acabar a faculdade. Nunca dei a esta firma qualquer outra coisa que não fosse a minha total lealdade e dedicação. Nunca dei a nenhum cliente qualquer outra coisa que não o melhor de que era capaz. Não sou uma ladra.

- Acho difícil acreditar que você o seja, Kate. Conheço-a desde criança e sempre considerei que a decisão de contratá-la foi um dos meus julgamentos mais acertados.

Ele fez uma pausa, esperando que Kate reagisse, manifestasse a sua fúria por ser usada. Exigisse a sua participação na investigação para descobrir as respostas. Como ela nada fez e limitou-se a olhar para ele fixamente e atordoada, Bittle não tinha opção.

- Contudo, este caso não pode ser ignorado. Continuaremos a realizar uma investigação interna, por enquanto. Mais tarde, talvez seja necessário recorrer a uma ajuda externa.

- Chamar a Polícia. - A perspectiva dissolveu as pernas de Kate,

obrigando-a a apoiar-se com uma das mãos na mesa. Tudo escureceu à sua frente. - Vai chamar a Polícia.

- Se for necessário - declarou Bittle. - Esperamos resolver o incidente com a devida discrição. A Bittle & Associates é responsável, nesta altura, pelo ressarcimento das contas dos clientes.

Ele estudou a mulher de pé no outro lado da mesa, e balançou a cabeça.

- Os sócios decidiram que é do interesse da firma que você tire uma licença até que tudo seja esclarecido.

- Estão a suspender-me porque pensam que sou uma ladra.

- Kate, precisamos investigar o caso com todo o cuidado. E temos de fazer o que for melhor na defesa dos interesses dos clientes.

- Uma suspeita de peculato não pode gerir contas. - As lágrimas viriam, mas ainda não. Kate podia contê-las por mais algum tempo. Estão a despedir-me.

- Uma licença - repetiu Bittle.

- É a mesma coisa. - Acusações, desgraça. - Não acreditam em mim. Pensam que roubei os meus clientes e querem que me afaste do escritório.

Ele não via outra opção.

- Neste momento, é isso mesmo. Todos os itens pessoais do seu gabinete ser-lhe-ão enviados. Sinto muito, Kate. O Marty vai acompanhá-la até à saída do prédio.

Kate soltou uma respiração trémula.

- Sempre fiz o melhor que sabia e podia.

Ela pegou na pasta, virou-se e seguiu para a porta. - Sinto muito, Kate. - com os seus passos pesados, Marty alcançou-a. - Que confusão, que desastre...

Ele começou a ofegar quando Kate desceu pela escada.

- Não consegui fazer com que eles mudassem de ideias.

Kate parou, ignorando a dor no estômago, sentindo a cabeça a latejar.

- Acredita em mim, Marty? Acredita em mim?

Ela percebeu a hesitação da dúvida nos olhos míopes antes que ele respondesse:

- Sei que há uma explicação - acabou por responder, tocando-lhe ao de leve no ombro.

- Estou bem.

Ela obrigou-se a passar pelas portas de vidro e sair para a calçada. Marty

acompanhou-a.

- Kate, se houver alguma coisa que eu possa fazer por si, se puder ajudá-la de alguma maneira...

Ele ficou parado, enquanto Kate se encaminhava para o seu carro, quase correndo.

- Não - murmurou ela para si mesma. - Não há absolutamente nada a fazer.

No último minuto, ela absteve-se de correr para a Casa Templeton. Para Laura, para Annie, para qualquer pessoa que a envolvesse em braços confortadores e tomasse o seu partido. Parou o carro na berma da estrada, antes de subir pelo caminho íngreme e sinuoso. Saltou e foi para os penhascos.

Podia ficar sozinha ali, assegurou a si própria. Já sofrera choques, sobrevivera a tragédias. Perdera os pais... e nada podia ser mais terrível do que isso.

Conhecera rapazes na escola secundária com os quais sonhara... mas que nunca tinham sonhado com ela. Superara tudo. O seu primeiro amante, na universidade, cansara-se dela, partira o seu coração. Mas Kate não desmoronara.

Uma ocasião, anos antes, fantasiara que descobriria sozinha o dote de Seraphina e iria apresentá-lo orgulhosa aos tios. Aprendera a viver sem esse triunfo.

Tinha medo agora. Tinha muito medo.

Tal pai, tal filha. Oh, meu Deus, tudo iria transpirar? Todos saberiam? E quantas coisas piores viriam em seguida? O que isso faria com as pessoas que a amavam, que tinham tantas esperanças nela?

O que era mesmo que as pessoas costumavam dizer? O sangue fala mais alto. Ela fizera alguma coisa, cometera algum erro crasso? Como podia pensar claramente agora, no momento em que a sua vida dava uma volta de cento e oitenta graus e desabava a seus pés?

Ela teve de passar os braços em torno do corpo, contra a brisa da Primavera, que agora parecia gelada.

Não cometera nenhum crime. Nada fizera de errado. Apenas perdera um emprego. Nada mais que um emprego.

Nada tinha a ver com o passado, nada tinha a ver com o seu sangue, nada tinha a ver com o lugar de onde viera.

com um gemido, Kate encostou-se a uma pedra. A quem tentava enganar? Claro que tinha a ver com tudo. E como poderia ser de outra forma? Perdera o que se condicionara a prezar mais, depois da família. Sucesso e reputação.

Era o que sempre tivera medo de se tornar: um fracasso.

Como poderia encará-los, a qualquer deles, com o facto de que fora despedida e encontrava-se sob suspeita de peculato? Que ela, ao contrário do que aconselhava aos clientes, pusera todos os seus ovos no mesmo cesto, para agora os ver todos partidos?

Mas teria de encará-los. Precisava contar à família antes que outra pessoa o fizesse. E alguém contaria, com toda a certeza. Não levaria muito tempo. Não podia dar-se ao luxo de cavar um buraco e esconder-se. Tudo o que ela era e fazia estava ligado aos Templeton.

O que pensariam a tia e o tio? Não poderiam deixar de perceber o paralelo. Se duvidassem dela... Kate podia suportar qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa, menos a dúvida e o desapontamento dos tios.

Ela enfiou a mão no bolso, tirou um antiácido e mastigou-o com raiva. Desejou ter uma mão-cheia de aspirinas... ou alguns dos tranquilizantes que Margo outrora tomara. E pensar que ela antes desdenhava essas pequenas muletas... pensar que considerara Seraphina uma tola e cobarde por ter optado pelo salto para o mar, em vez de ter ficado e enfrentado a sua perda.

Kate contemplou o mar, depois levantou-se e aproximou-se ainda mais da beira do penhasco. Os rochedos lá em baixo eram assustadores. Sempre fora o que mais apreciava naquele local: aquelas lanças pontiagudas e implacáveis, que se projectavam em desafio ao embate constante e violento das ondas.

"Tenho de ser como os rochedos agora", reflectiu Kate, "para resistir e enfrentar o que vem aí."

O seu pai não fora forte. Não resistira, não enfrentara. E agora, de alguma forma distorcida, ela estava a pagar esse preço.

Byron observava-a da beira da estrada. Vira o seu carro passar a toda a velocidade quando deixava a casa de Josh. Não tinha a certeza do impulso que o levava a segui-la, ainda não entendia o que o fazia ficar ali.

Havia alguma coisa estranha no ar dela ali, parada, à beira do precipício, tão sozinha. Ele estava a ficar nervoso, um pouco irritado até. "Outra vez aquela vulnerabilidade", pensou Byron, uma exibição de necessidade que

apelava para o seu lado protector.

Não a classificaria como um tipo de rapariga que gostasse de passear pelos penhascos e contemplar o mar.

Ele quase voltou ao carro e partiu. Mas encolheu os ombros e decidiu: já que estava aqui, podia muito bem aproveitar a vista.

- Um lugar sensacional - comentou ele, ao aproximar-se de Kate, experimentando um prazer perverso com o sobressalto dela.

- Estava a apreciar a vista - murmurou Kate, mantendo-se de costas para ele.

- É vista suficiente para dois apreciarem. Vi o teu carro e... - Quando a fitou, Byron verificou que ela tinha os olhos húmidos. Sempre se sentira compelido a enxugar as lágrimas de uma mulher. Ofereceu um lenço. - Um dia ruim?

- Está muito vento.

- Não está assim tanto vento.

- Eu gostava que fosses embora.

- Em circunstâncias normais, eu tentaria atender o pedido de uma mulher. Como não farei isso no teu caso, porque não te sentas e me contas tudo?

Ele segurou-a pelo braço e verificou que a tensão era imensa.

- Pensa em mim como um padre - acrescentou Byron, puxando-a.

- Houve uma altura em que quis ir para padre.

- Como se costuma dizer: tretas!

- Olha que estou mesmo a falar a sério. - Ele obrigou-a a sentar-se sobre uma pedra ao seu lado. - Eu tinha onze anos. Depois entrei na puberdade... e o resto é história.

Kate tentou desenhencilhar-se e pôr-se de pé, mas não conseguiu.

- Alguma vez já te ocorreu que não quero conversar contigo? Que quero ficar sozinha?

Para acalmá-la, porque a voz de Kate estava cada vez mais desamparada, ele passou a mão pelos seus cabelos.

- Essa ideia já me tinha passado pela cabeça, mas rejeitei-a. Pessoas que sentem pena de si próprias sempre querem falar. Isso, depois do sexo, foi o principal motivo para a minha decisão contra o seminário. E dançar. Os padres não têm muitas oportunidades de dançar com mulheres bonitas... o que é, eu suponho, a mesma coisa que sexo. Mas chega de falar a meu

respeito.

Determinado, Byron pôs a mão sob o queixo de Kate e ergueu-o. Ela estava pálida, as pestanas compridas brilhavam com as lágrimas, os olhos húmidos. Mas...

- Os teus olhos ainda não estão suficientemente vermelhos para já teres tido um bom acesso de choro.

- Não sou de me lamuriar.

- Ouve lá, miúda, a minha irmã recomenda um bom acesso de choro... e ela punha-te a um canto se a chamasses de lamurienta. Gentilmente, ele esfregou o polegar no queixo de Kate. - Gritar também é bom... e quebrar coisas. Fazia-se muito disso em minha casa.

- Não faz sentido...

- Descarregar - interrompeu Byron, com a voz sempre suave. Expurgar. Não há coisas para quebrar por aqui, mas podes soltar um bom grito.

As emoções que afloravam lá do fundo ameaçavam sufocar Kate. Furiosa, afastou o rosto da mão de Byron.

- Não preciso de ti nem de qualquer outra pessoa para me tirar da depressão. Posso muito bem tratar dos meus problemas sozinha. E se precisar de uma pessoa amiga, só preciso ir para casa. Isso mesmo, só preciso ir para casa.

Kate olhou para a enorme estrutura de pedra, madeira e vidro, que continha tudo o que era precioso para ela. Mas depois, cobrindo o rosto com as mãos, desatou a chorar.

- Assim é melhor - murmurou Byron, aliviado pelo fluxo natural de lágrimas. - Vem cá.

Ele tornou a puxá-la, acariciando as suas costas.

- Põe tudo cá para fora.

Kate não podia parar. Não importava quem ele era, pois tinha os braços fortes, a voz compreensiva. com o rosto comprimido contra o peito de Byron, ela soluçou a sua frustração, a mágoa e o medo, deixando-se ser aconchegada por um momento.

Byron encostou o rosto ao cabelo dela, abraçando-a levemente, porque ela parecia tão pequena, tão frágil. Um aperto mais forte poderia partir aqueles ossos fracos. As lágrimas encharcaram a sua camisa, passando de quentes para frias no contacto com a pele.

- Desculpa... - Kate queria desenhencilhar-se, mas ele continuou a

abraçá-la. Humilhada, ela fechou os olhos, apertando com toda a força. - Nunca teria feito isto se me deixasses em paz.

- É melhor descarregares assim. Não é saudável reprimires tudo. Numa reacção automática, ele beijou o topo da cabeça de Kate, antes de afastá-la para estudar o seu rosto.

Porque estaria a fasciná-lo aquele rosto molhado, inchado e borrado de rímel, Byron não era capaz de dizer. Mas sentia um impulso intenso de puxá-la para o seu colo, de beijar aquela boca macia e triste, acariciá-la de novo, e não era só para confortá-la.

Porém, advertiu-se a si mesmo que seria um gesto insensato, perguntando-se como um homem com tanta ansiedade sexual pudera pensar em ser padre.

-Ainda não pareces estar bem, Kate. - Ele tirou o lenço do bolso, enxugando o rosto dela. - Mas já deves sentir-te um pouco melhor para me contares o que é que te transtornou.

- Não tem nada a ver contigo.

- E depois?

Kate podia sentir que outro soluço aflorava no seu peito. As palavras saíram antes do soluço.

- Fui despedida.

Ele continuou a limpar o rosto de Kate, muito calmo.

- Porquê?

- Eles pensam... - A voz tremia. - Eles pensam que eu...

- Respira fundo e diz depressa.

- Pensam que roubei dinheiro das contas dos clientes. Peculato. Setenta e cinco mil dólares.

Sem desviar os olhos dela, Byron guardou o lenço de linho, agora sujo, no bolso.

- Porquê?

- Porque... porque há duplicados dos formulários mil e quarenta, e o dinheiro desapareceu. E os clientes são meus.

E o meu pai... o meu pai... Mas Kate não podia dizer isso, não em voz alta.

Aos arranques, ela relatou a essência da sua reunião com os sócios. Uma boa parte do que ela disse foi incoerente, os pormenores cruzavam-se e sobrepunham-se, mas Byron continuou a acenar com a cabeça. E a ouvir.

- Não tirei dinheiro nenhum. - Kate deixou escapar um suspiro longo e trémulo. - Não espero que acredites em mim, mas...

- Claro que acredito.

Foi a vez de Kate se surpreender.

- Porquê?

Byron inclinou-se um pouco para trás, tirou um charuto do bolso e protegeu a chama do isqueiro com a mão em concha.

- No ramo em que trabalho, é preciso avaliar as pessoas num instante. Tu estiveste ligada ao negócio de hotelaria durante a maior parte da tua vida. Sabes como isso funciona. Há muitas ocasiões, com um hóspede ou um empregado, em que se precisa efectuar um julgamento imediato. E não podes deixar de ser meticoloso. - Ele fez uma pausa, soprando a fumaça, enquanto a estudava. - A avaliação que fiz de ti, Katherine, nos primeiros cinco minutos, oi... entre outras coisas... que és o tipo de mulher que prefere engasgar-se com a própria integridade antes de relaxar para respirar.

A respiração de Kate saía trémula, mas um pouco do pânico dissipara-se.

- Obrigada, acho.

- E devo acrescentar que trabalhavas para um bando de idiotas míopes.

Kate fungou.

- Eles são contabilistas.

- Ora aí está. - Byron sorriu e passou um dedo pelo rosto de Kate, quando ela assumiu uma expressão irritada. - Um lampejo nesses enormes olhos castanhos. Assim é melhor. Vais ficar sem fazer nada?

Kate levantou-se e endireitou os ombros.

- Não consigo pensar no que posso fazer agora. Só sei que nunca mais trabalharei na Bittle, mesmo que eles me peçam de joelhos, rastejando sobre cacos de vidro.

- Não era a isso que eu me referia. Alguém desviou dinheiro e acusou-te a ti. O que pretendes fazer?

- Não me importo.

- Não te importas? - Ele sacudiu a cabeça. - Acho difícil de acreditar. A Katherine Powell que eu conheço é uma lutadora.

- Eu disse que não me importo. - A voz de Kate tremeu de novo. Se lutasse, investigasse, perguntasse de mais, poderiam descobrir o que o seu pai fizera. E então seria pior. - Não há nada que eu possa fazer.

- Tu tens um cérebro.

- Não é a impressão que tenho no momento. - Ela pôs a mão na cabeça. Tudo por dentro estava desmanchado e dorido. - Eles não podem fazer mais nada contra mim, porque não tenho o dinheiro e nunca conseguiriam provar que o desviei. No que me diz respeito, descobrir quem ficou com o dinheiro é problema da Bittle. Só quero que me deixem em paz.

Surpreendido com a reacção de Kate, Byron levantou-se.

- Pois eu ia querer arrancar a pele de toda a gente.

- Neste momento, quero apenas sobreviver às próximas horas. Tenho de contar à minha família. - Ela fechou os olhos e acrescentou, amargurada: - Esta manhã eu pensava... tinha esperança... que me oferecessem uma participação na sociedade. Era o que tudo indicava. E eu mal podia esperar para contar à família.

- Pretendias gabar-te?

Byron falou com extrema gentileza, sem qualquer sarcasmo.

- Acho que sim. "Vejam o que eu fiz. Devem orgulhar-se de mim por isso..." Pois já passou. Agora, tenho de contar que perdi tudo, que as perspectivas de arranjar outro emprego ou conquistar clientes são inexistentes, pelo menos num futuro previsível.

- Eles são a tua família. - Byron adiantou-se, pôs as mãos nos ombros de Kate. - As famílias apoiam os seus membros.

- Eu sei. - Por um instante, Kate quis pegar na mão dele. Byron tinha mãos grandes e competentes. Ela queria comprimir a mão contra o seu rosto. Em vez disso, deu um passo para trás, virou-se.

- O que torna tudo pior. Nem consigo fazer-te entender como é pior. Pronto, já estou a sentir pena de mim mesma outra vez.

- Tudo vem e passa, Kate. - Consciente de que realizavam uma espécie de dança, na apreensão do contacto físico, Byron colocou o braço sobre os ombros dela. - Queres que eu suba contigo?

- Não. - Kate sentiu-se consternada, porque pensara por um momento em responder sim, encostar a cabeça naqueles ombros largos, fechar os olhos e deixar que ele a levasse. - Não, obrigada. Tenho de fazer isto sozinha.

Ela tornou a afastar-se de Byron, mas virou-se para fitá-lo.

- Foi muita gentileza tua. Muita, mesmo.

Byron sorriu e as covinhas no seu rosto aprofundaram-se.

- Esse comentário não teria sido insultuoso se não parecesses tão

surpreendida.

- Não tive a intenção de ser insultuosa. - Ela conseguiu sorrir também. - Queria expressar o meu agradecimento. Porque estou agradecida... Padre De Witt.

com cautela, Byron ergueu a mão e passou os dedos pelo cabelo curto de Kate.

- Decidi que, afinal, não quero que penses em mim como um padre. - Ele baixou a mão para o pescoço de Kate. - É outra vez aquela coisa do sexo.

Kate também sentia... uma pequena e inconveniente pressão hormonal.

- Ah... - Parecia uma resposta tão boa quanto qualquer outra. E com certeza segura. - É melhor eu ir fazer o que tenho de fazer.

Ela recuou, fitando-o com uma expressão cautelosa.

- Voltaremos a encontrar-nos.

- É o que tudo indica.

Byron deu um passo em frente. Ela tornou a recuar.

- O que estás a fazer?

Divertido com o comportamento de ambos, Byron ergueu as sobrancelhas.

- A voltar para o meu carro. Parei atrás do teu.

- Ah... - Tão descontraída quanto possível, Kate encaminhou-se para o carro, com Byron ao seu lado. - Já visitaste a casa na Seventeen Mile?

- Marquei um encontro para vê-la esta noite.

- Isso é ótimo. - Ela sacudiu as chaves no bolso, antes de tirá-las. - Espero que gostes.

- Depois digo-te qualquer coisa.

Byron pôs a mão sobre a de Kate na maçaneta da porta. Quando ela o fitou, desconfiada, Byron sorriu e acrescentou:

- O meu pai ensinou-me a abrir as portas para as senhoras. Considera-o um gesto sulista.

Ela encolheu os ombros e entrou no carro.

- Até à próxima.

- vou manter-me em contacto.

Kate teve vontade de perguntar o que ele queria dizer com aquilo, mas Byron já se encaminhava para o seu próprio carro. E, de qualquer forma, ela podia imaginar.

CAPÍTULO 5

– É uma afronta! Um insulto!

Numa rara demonstração de raiva, Laura andava de um lado para o outro do solário. Meia hora antes, Kate interrompera a hora dos trabalhos de casa das meninas. Laura passara da solução dos mistérios da pontuação e tabelas de multiplicação com as filhas para o choque de ouvir o relato de Kate.

Agora, observando a amiga, Kate sentiu-se contente por ter tido a presença de espírito de pedir para falar com Laura em particular. As crianças poderiam assustar-se com o brilho intenso nos olhos cinzentos, o rubor de fúria no rosto cor de marfim e os gestos frenéticos.

- Não quero que fiques assim transtornada - murmurou Kate.

- Não queres que eu fique transtornada?! - Laura virou-se para ela, com os cabelos cor de bronze a esvoaçarem e a boca atraente contraída numa ameaça. - Então como é que eu devia sentir-me quando a minha irmã é apunhalada pelas costas?

Kate pensou que aquela atitude deixaria, com toda a certeza, as meninas sobressaltadas. Se ela não se sentisse tão infeliz, desataria a rir. Laura, a Serena, transformara-se em Laura, a Enfurecida. Apesar de ter menos de um metro e sessenta, parecia capaz de aguentar dez assaltos com o campeão do mundo de boxe.

- Não queres que eu fique transtornada?! - repetiu Laura, o corpo pequeno, quase de fada, acelerando de repente, enquanto continuava a circular pela sala envidraçada. - Pois não estou transtornada. Já passei do ponto de me sentir transtornada, estou a chegar à fúria cega. Como ousam? Como é que aqueles idiotas se atrevem a pensar por um instante sequer que tu serias capaz de roubar algum dinheiro?

Ela bateu nas folhas de uma palmeira envasada, balançando-as.

- Sinto o sangue a ferver ao pensar em todas as vezes em que os Bittle foram hóspedes nesta casa. Como podem tratar-te como se fosses uma criminosa comum? Mandando alguém acompanhar-te até à saída do prédio! Estou surpreendida por não terem pedido algemas e uma equipa do Corpo de Intervenção!

O sol, ao passar pelas paredes de vidro, fazia os seus olhos faiscarem.

- Desgraçados! Imbecis!

Laura deu um pulo até ao telefone branco, ao lado da chaise longue, toda ela um metro e sessenta de fúria incontrolável.

- Vamos ligar ao Josh! Temos de processá-los!

- Espera! Não, Laura, espera um pouco. - Dividida entre as lágrimas e o riso, Kate segurou a mão da amiga. Não fazia a mínima ideia porque hesitara em vir para cá, porque não viera logo para a Casa Templeton. Aquela reacção era exactamente do que precisava para se recuperar. - Não tenho palavras para expressar o quanto aprecio a tua tirada, mas...

- E tu ainda nem sequer a começaste a ouvir!

- Não tenho nenhuma base para processá-los. As provas...

- Estou-me a cagar para as provas!

À gargalhada de Kate, Laura contraiu os olhos e perguntou:

- De que te estás a rir?

- Acho que nunca vou acostumar-me a ouvir-te falar assim. Não é natural. - Mas Kate engoliu em seco, pois a risada estivera perigosamente próxima da histeria. - E ver-te a andar furiosa de um lado para o outro desta sala elegante, com os seus hibiscos e fetos, é um espectáculo e tanto.

Ela fez um esforço para normalizar a respiração.

- Mas não vim aqui para lançar-te num acesso de raiva e violência, embora esteja a fazer milagres ao meu ego abalado.

- Não tem nada a ver com o teu ego. - Laura lutou para controlar a sua fúria. Raramente perdia a calma, porque a sua ira era sempre intensa e perigosa. - O problema é difamação de carácter, perda de rendimento. Não podemos permitir que eles escapem impunes com isso, Kate. Temos um advogado na família e vamos usá-lo.

Não tinha sentido salientar que Josh não era um advogado especializado em litígios. E ela não podia dizer a Laura que a mera ideia de insistir no caso, ainda mais por meio do sistema judicial, fazia com que se sentisse novamente nauseada. Em vez disso, procurou manter um tom descontraído.

-Talvez pudéssemos iniciar um processo por perda do direito de consórcio, só pela diversão. Essa ideia sempre me fascinou.

- Como podes brincar numa altura destas?

- Porque tu me fazes sentir muito melhor. - Kate teve uma súbita vontade de chorar. Em vez disso, deu um abraço apertado a Laura. No fundo do coração, eu tinha a certeza de que ficarias do meu lado. Mas na cabeça, no estômago... eu estava tão abalada! Oh, não!

Ela afastou-se, comprimindo a mão contra a barriga.

- Acho que vai recomeçar.

- Oh, Kate, sinto muito... - com toda a gentileza, Laura passou a mão pela cintura de Kate. - Vamos sentar-nos. Tomamos um chá, vinho, chocolate quente, enquanto procuramos uma solução.

Kate fungou, reprimindo as lágrimas, e acenou com a cabeça.

- Chá é ótimo. O álcool não me anda a cair bem ultimamente.

- Ela conseguiu exibir um sorriso. - E o chocolate nunca falha.

- Está certo. Vamos sentar-nos aqui.

Normalmente, Laura iria pessoalmente à cozinha, mas agora não queria deixar Kate sozinha. Por isso, atravessou o chão de pedra até o intercomunicador, ao lado da porta. Fora Peter quem insistira na instalação do sistema para chamar os empregados. Depois de algumas instruções murmuradas, ela foi sentar-se ao lado de Kate.

- Estou a sentir-me completamente inútil - disse Kate. - E privada de tudo. Penso que até agora não tinha compreendido muito bem como a Margo se deve ter sentido no ano passado, quando lhe puxaram o tapete de debaixo dos pés.

- E tu apoiaste-a. Tal como eu e a Margo te vamos apoiar... bem como todos os outros. Quem te conhece não vai acreditar que fizeste alguma coisa errada.

- Até mesmo quem não me conhece - murmurou Kate, pensando em Byron. - Ainda assim, muitos acreditarão. A notícia vai transpirar, posso garantir-te. Mas estou acostumada a defender-me. As raparigas magricelas com mais inteligência do que encanto tendem a esconder-se na escola secundária... ou a brigarem o tempo todo.

- E tu andaste sempre à briga.

- Estou com falta de prática.

Kate fechou os olhos e recostou-se, pensando que a sala tinha o cheiro de um jardim. Era tranquila e pacífica, o ideal para quem precisava de recuperar a calma.

- Não sei o que vou fazer, Laura. Provavelmente é a primeira vez na vida em que não tenho um plano. - Ela abriu os olhos, observou a preocupação de Laura. - Sei que vai parecer uma tolice, mas tudo o que sou e queria ser na vida estava vinculado à carreira. E era mesmo competente. Mais do que isso. Precisava ser. Escolhi a Bittle por ser uma firma antiga e sólida, havia muito

espaço e oportunidade para progredir. Porque era perto de casa. Gostei das pessoas... e não sou de gostar muito das pessoas. Sentia-me segura e apreciada.

- Também te sentirias segura e apreciada na Templeton. - Laura pegou na mão de Kate. - Sabes com toda a certeza que podes ter um emprego na empresa amanhã. A mãe e o pai queriam que tu trabalhasses lá desde o início.

"Apesar da mácula que vem da geração anterior", pensou Kate. Mas não diria isso.

- Eles já fizeram o suficiente por mim.

- Ora, Kate, isso é um absurdo.

- Não para mim. Não posso rastejar até eles agora. Eu iria odiar-me se fizesse isso. - Era a única coisa que ela sentia que podia sustentá-la naquela altura. Talvez fosse orgulho, mas era tudo o que lhe restava. - Já vai ser suficientemente difícil ligar-lhes e contar-lhes o que aconteceu.

- Sei exactamente qual será a reacção deles, mas posso ligar e falar se quiseres.

"Será que eles se lembram?", especulou Kate. "Mesmo que apenas por um instante, será que eles se vão lembrar? E será que vão duvidar?" Tinha de enfrentar isso também. Sozinha.

- Não, obrigada, Laura. Ligo-lhes amanhã de manhã. - Ela passou a mão pela saia azul-marinho e tentou ser prática. - Disponho de algum tempo para avaliar as minhas opções. Dinheiro não é um problema imediato. Tenho algumas reservas e posso contar com a receita da loja, por pequena que seja. Kate teve um sobressalto.

- Oh, meu Deus, será que isto pode afectar a loja?

- Claro que não. Não te preocupes.

- Não me preocupo? - Kate levantou-se de um pulo, sentindo o estômago outra vez agitado. - Já pensaste nas parangonas? "Terceira sócia da Pretenses suspeita de peculato." "Contabilista desviava dinheiro dos clientes." "Antiga pupila dos Templeton sob investigação."

Ela fechou os olhos, apertando-os com toda a força, apavorada com o que a investigação poderia descobrir. O sangue fala mais alto. "Pensa no problema imediato", ordenou Kate a si mesma. "Um passo de cada vez."

- Não me tinha ocorrido até este instante, Laura. Posso arruinar tudo. Muitos dos meus clientes e as suas famílias fazem compras na loja.

- Pára com isso. Tu és inocente. Não me surpreenderia se a maioria dos

teus clientes rejeitasse essa história como absurda de mais.

-As pessoas têm uma atitude curiosa em relação ao seu dinheiro, Laura... e em relação às pessoas que contratam para geri-lo.

- É possível, mas tu vais começar a cuidar do meu dinheiro. E nem penses em recusar - declarou Laura, antes que Kate pudesse abrir a boca. - Não restou muito desde que o Peter me esfolou no divórcio, mas espero que trates de tudo. E já era tempo de começares a ter uma participação maior na loja. A Margo e eu podemos ser auxiliares de contabilidade eficientes, mas...

- Isso é uma questão de opinião. Satisfeita com a reacção, Laura sorriu.

- Neste caso, é melhor começares a empenhar-te para protegeres o nosso investimento. Andavas muito ocupada antes, mas agora dispões de tempo suficiente.

- É o que parece.

- E, se também dedicares algum tempo a trabalhar ao balcão, podes aliviar um pouco a pressão que a Margo e eu sofremos.

Kate ficou boquiaberta.

- Esperas que eu faça isso, Laura? De uma forma regular? Não sou uma vendedora.

- A Margo também não era - declarou Laura, calmamente. Nem eu. As circunstâncias mudam. Temos de nos moldar, Kate, para não quebrarmos.

Kate sentiu vontade de recordar a Laura que tinha um diploma de Harvard. Formara-se como uma das primeiras da turma, um ano antes do prazo. Estivera prestes a tornar-se sócia de uma das mais respeitadas firmas da área, administrara contas com um movimento anual de milhões de dólares. Mas Kate fechou a boca de novo, porque nada disso tinha importância naquele momento.

- Não sei distinguir um Armani de... qualquer coisa.

- Podes aprender.

Era uma auto-indulgência, mas ela falou na mesma.

- Nem sequer gosto de jóias.

- Os clientes gostam.

- Não entendo porque as pessoas precisam de atravancar as suas casas com coisas que apenas servem para acumular pó.

Laura sorriu, percebendo que se Kate se dispunha a discutir, então era porque já começava a dar a volta por cima.

- A resposta é fácil: para nos manter em actividade.

- bom argumento - admitiu Kate. - Até que me saí bem nos sábados em que pude ajudar. O problema é lidar com as pessoas, dia após dia.

- Aprendes a conviver com isso. Precisamos de ti para tratar da contabilidade. Não dissemos nada antes porque não te queríamos pressionar. A Margo até que queria levantar o assunto, mas eu dissuadi-a.

Uma das muitas feridas que Kate planeava lamber fechou-se de repente.

- A sério?

- Sem ofensa, Kate, mas estamos em funcionamento há dez meses. A Margo e eu concluímos, depois de dez dias, que odiamos contabilidade. Detestamos balancetes. Detestamos percentagens. Detestamos calcular o volume do imposto de vendas que temos de transferir todos os meses.

Laura soltou um suspiro e baixou a voz.

- Eu não devia estar a falar nisto, porque ela me pediu para não dizer nada, mas...

- Mas o quê?

- A Margo... Concluímos que não temos condições de contratar um contabilista, pelo menos por enquanto. Por isso, a Margo tem andado a pensar em inscrever-se numas aulas...

- Aulas? - Kate pestanejou, aturdida. - Aulas de contabilidade? A Margo? Não acredito!

- E de gestão e informática. - Laura estremeceu. - Agora, com o bebé a chegar, será de mais para a Margo. Tenho boas noções de informática. Não podia deixar de ter, já que trabalho com convenções e eventos especiais no hotel. Mas a venda a retalho é muito diferente.

Como conhecia o valor do momento preciso, ela esperou um instante, dando tempo a Kate para assimilar as suas palavras.

- E não imagino como eu mesma poderia ter as aulas, dividida entre o trabalho no hotel e na loja, mais as meninas.

- Seria impossível. Deviam ter-me dito que estavam com dificuldades. Eu arranjaría uma forma de contornar a situação.

- Tu passaste seis meses sobrecarregada de trabalho. Não parecia justo.

-Justo? Ora, negócios são negócios. vou lá já amanhã e dou uma olhadela aos livros.

Laura conseguiu manter o sorriso jovial, em vez de presunçoso, enquanto Ann Sullivan entrava no solário, empurrando um carrinho de chá.

- As meninas já acabaram os trabalhos de casa - informou ela. E eu

trouxe mais pratos e chávenas para que elas possam juntar-se às duas. Pensei que gostariam.

- Obrigada, Annie.

- Menina Kate, é um prazer vê-la... - O sorriso de saudação desapareceu no instante em que ela percebeu que os olhos de Kate estavam inchados e raiados de sangue. - O que aconteceu, querida?

- Oh, Annie! - Kate pegou na mão que Ann levantara para o seu rosto, usando-a para se confortar. - A minha vida tornou-se uma confusão!

-vou chamar as meninas... e trago outra chávena. - Laura levantou-se, acenando com a cabeça para Ann. - Tomamos o chá juntas e vamos tentar endireitar tudo.

Como Kate sempre fora a desajeitada, a corajosa, ocupava um lugar especial no coração de Ann. Depois de servir duas chávenas e escolher dois pedaços de bolo de chocolate, Ann sentou-se e colocou um braço sobre os ombros de Kate.

- Agora, beba o seu chá, coma o bolo e conte tudo à Annie. Kate aconchegou-se, suspirando. "A Dorothy do Kansas tinha razão", concluiu ela. Não havia mesmo nenhum lugar como o lar.

- Não gosto da maneira como ela passa o tempo a falar em software - murmurou Margo ao ouvido de Laura, por detrás do balcão da Pretenses. - Para mim, caxemira é muito mais interessante.

- Não precisamos de saber - murmurou Laura em resposta. Porque ela sabe. Pensa em todas as noites de domingo em que suámos tanto para acertar os números, -Tens razão. - Mas Margo assumiu uma expressão contrariada. E eu pensava que estava a tornar-me cada vez mais competente nisso. Da forma como ela fala, porém, parece até que sofri de morte cerebral.

- Queres ir para a sala dos fundos e ajudá-la?

- Não. - Era uma decisão definitiva. Margo apercebeu-se de uma cliente a observar com atenção a vitrina, e calculou mais nove segundos antes de iniciar a sua próxima conversa de vendedora. - Mas não me agrada nada a forma como ela está a lidar com a situação. Nunca vi a nossa Kate a esquivar-se de uma luta.

- Ela está magoada, profundamente abalada. - Mas Laura também estava preocupada. - Só precisa de um pouco de tempo para se recuperar.

- É bom que isso aconteça depressa. Não conseguirei evitar por muito mais tempo que o Josh caia em cima da Bittle. - Havia um brilho marcial nos

olhos azuis mediterrânicos. - E também não conseguirei conter-me por muito mais tempo, diga-se de passagem. Os idiotas, canalhas...

Ela continuou a murmurar enquanto se aproximava da cliente mas o rosto passou por uma metamorfose. Tornou-se o de uma beldade descontraída e sofisticada.

- É um esplêndido abajur, não acha? Pertencia a Christie Brinkley.

- Margo passou um dedo pela zona de madreperla. - Aqui entre nós, foi um presente do Billy, e ela não queria continuar a guardá-lo.

"Verdade ou ficção?", especulou Laura, reprimindo uma gargalhada. A propriedade era uma realidade, mas o pequeno comentário adicional devia ser fantasia.

- Laura... - com a expressão de sofredora que passara a exibir desde a primeira hora com os livros, Kate emergiu da sala dos fundos. - Sabes quanto dinheiro estás a desperdiçar com pedidos insuficientes de caixas? Quanto mais encomendas de uma vez só, menor será o custo. Da maneira como fazemos...

- Tens toda a razão. - Por defesa e necessidade, Laura olhou para o relógio. - Olhem, aulas de piano! Tenho de ir.

- Estás a comprar fita-cola no comércio normal, em vez de adquirires directamente num grossista - acrescentou Kate, acompanhando-a até à porta.

- Eu devia ser fuzilada. Adeus. E Laura escapou-se.

Batendo o pé, Kate virou-se, com a intenção de importunar Margo com as suas críticas. Mas a sócia estava ocupada com uma cliente, a tentar vender um abajur ridículo, que dava a impressão de não ser capaz de iluminar um roupeiro, muito menos uma sala.

Pressionar as outras ajudava. Era ótimo assumir o comando. Mesmo que fosse sobre caixas e fita-cola.

- Desculpe, jovem... - Outra mulher veio da sala do guarda-roupa, trazendo um par de sapatos brancos de salto alto, enfeitados com lantejoulas.

- Tem o tamanho oito estreito?

Kate olhou para os sapatos, olhou para a mulher e perguntou-se porque alguém haveria de querer sapatos cobertos por lantejoulas iridescentes.

- Todo o nosso stock está exposto.

- Mas estes são pequenos de mais. - A mulher quase que gemeu, estendendo os sapatos para Kate. - Ficam perfeitos com o vestido que escolhi. Preciso deles de qualquer maneira.

-Ouça...

Kate hesitou, rangeu os dentes, enquanto Margo lhe lançava um irritado olhar de advertência. Lembrou-se da lengalenga que Margo lhe metera na cabeça. Podia odiá-la, mas não a podia esquecer.

- A Pretenses é quase exclusivamente uma loja de artigos únicos. Mas tenho a certeza de que podemos encontrar outros sapatos que combinem.

Já sentindo saudades do seu computador, ela levou a cliente de volta à sala do guarda-roupa. Era preciso muito controlo para não gritar. Havia sapatos espalhados por toda a parte, em vez de estarem arrumados nas prateleiras. Meia dúzia de vestidos de noite tinham sido lançados sobre uma cadeira. Outros tinham escorregado para o pequeno tapete Aubusson.

- Estivemos ocupadas, não é verdade? - murmurou Kate, com um sorriso gelado.

A mulher soltou uma risada musical, que penetrou fundo no crânio de Kate.

- Estou apaixonada por tudo, mas sou muito decidida assim que faço uma escolha.

Era uma declaração memorável.

- E qual é o vestido pelo qual se tornou tão decidida? Foram necessários mais vinte minutos, com vinte ataques de indecisão, antes de a cliente se fixar num par de sapatos brancos abertos, com laços de cetim.

Kate teve de se esforçar para acomodar na caixa os metros de tule branco da saia do vestido sem o qual a mulher não poderia viver. "Tule", reflectiu Kate, enquanto guardava a caixa num saco, "que sem dúvida vai fazer aquela mulher parecer um enorme bolo de casamento."

Estando o seu trabalho concluído, Kate entregou o vestido, os sapatos e o recibo da venda, e conseguiu até sorrir-lhe.

- Muito obrigada por comprar na Pretenses.

- Adoro vir a esta loja. E tenho de levar aqueles brincos!

- Brincos?

Kate sentiu um aperto no coração.

- Aqueles ali. Não acha que ficavam maravilhosos com o vestido? Não se importa de tirá-lo do saco outra vez, só para eu poder verificar?

- Quer que eu tire o vestido do saco? - com um sorriso furioso, Kate inclinou-se por cima do balcão. - Ora, porque a senhora não...

- Os cristais austríacos tornam esses brincos maravilhosos, não é?

- Contornando o balcão, Margo deu uma cotovelada em Kate, que quase a fez cambalear. - Tenho uma pulseira que fica perfeita com estes brincos. Kate, porque não leva o vestido para a outra sala, enquanto abro a vitrina?

- Muito bem, posso tirar o vestido do saco - resmungou Kate, baixinho, depois de virar as costas. - Mas não o torno a guardar. Ninguém me pode obrigar.

Ansiosa por uma discussão, ela fez um ar carrancudo quando ouviu o barulho da porta a abrir-se. A cara franziu-se-lhe ainda mais ao ver o sorriso descontraído de Byron.

- Boa tarde. vou dar uma vista de olhos por aqui até estarem disponíveis.

- Tu já estás disponível - disse Margo, lançando um olhar firme para Kate. - Eu acabo por aqui.

"Um demónio é igual ao outro", pensou Kate, enquanto saía de detrás do balcão, com evidente relutância.

- Procuras alguma coisa?

- Dia da Mãe. Comprei o presente de aniversário para a minha mãe aqui, há dois meses. Tornei-me o herói lá em casa. Achei que devia continuar com a loja vencedora. - Ele estendeu a mão, roçando o queixo de Kate. - Como te estás a sentir?

- Muito bem. - Embaraçada ao lembrar-se que chorara nos braços de Byron, Kate desviou-se, tensa. - Estás a pensar em alguma coisa específica?

Em resposta, ele pôs a mão no ombro de Kate, obrigando-a a virar-se.

- Pensei que nos tínhamos separado em termos semicordiais.

- E é verdade. - Kate respirou fundo. Não havia sentido em culpá-lo, embora isso fosse mais satisfatório. - Estou um pouco tensa. Quase dei um soco naquela cliente.

Byron ergueu uma sobrancelha, olhou por cima da cabeça de Kate para a mulher, que naquele instante suspirava por uma pulseira.

- Porquê?

- Ela queria ver uns brincos - murmurou Kate, através dos dentes semicerrados.

- Oh, meu Deus, onde é que o mundo vai parar? Se prometeres que não me vais agredir, juro que não vou nem olhar para um par de brincos aqui. Talvez nunca mais olhe para um par de qualquer coisa.

Kate calculou que ele merecia pelo menos um sorriso.

- Desculpa. É uma longa história. Do que é que a tua mãe gosta?

- Brincos. Desculpa. - Byron soltou uma gargalhada sonora. Não dava para resistir. Ela é uma médica com nervos de aço, um temperamento agressivo e uma fraqueza sentimental por qualquer coisa que se relacione com os filhos. Estou a pensar em corações e flores. Qualquer coisa que se enquadre nesse simbolismo básico.

- Isso é ótimo. - Kate sorriu. Sempre se sentira atraída por um homem que não só adorava a mãe, mas que também a compreendia. - Não conheço o stock muito bem. É a minha primeira semana no emprego.

"Ela está muito elegante", pensou Byron, "com aquele fato cinza-claro, combinado com uma gravata às riscas com um nó largo". Os sapatos práticos não deviam levá-lo a especular sobre as pernas de Kate. Surpreendido por ser exactamente isso que estava a fazer, Byron aclarou a garganta.

- Como estão as coisas?

Kate lançou um olhar para Margo.

- Acho que as minhas colegas de trabalho estão a pensar em matar-me. Fora isso, tudo bem. Obrigada. - Mas, como ele continuou a observá-la, Kate impacientou-se. - Vieste comprar um presente... ou verificar como estou?

- Posso fazer as duas coisas?

- Eu preferia...

A porta abriu-se de novo, dando passagem a três mulheres que tagarelavam e riam demasiado alto. Kate agarrou no braço de Byron e apertou-o.

- Estou contigo. Precisas da minha atenção total. Eu faço-te dez por cento de desconto se ocupares todo o meu tempo até elas se irem embora.

- És uma autêntica vendedora, não é mesmo, Katherine?

- Sou uma mulher desesperada. Não brinques comigo.

Ela continuou a apertar o braço de Byron, enquanto o conduzia para um canto da loja.

- O teu perfume é diferente outra vez - comentou ele, permitindo-se aspirar o ar perto dos cabelos de Kate. - Uma fragrância subtil, mas apaixonada.

- É uma coisa qualquer que a Margo esguichou para cima de mim quando eu estava distraída.

Aquela era a sua nova vida, recordou-se Kate. A antiga acabara, e ela tinha de tirar o máximo de proveito do que restara.

- Ela acha que devemos exhibir as mercadorias. Ter-me-ia carregado de

jóias se eu não tivesse conseguido escapar. - Àquela distância segura, Kate fez uma careta para a sócia. - A Margo obrigou-me a usar este alfinete.

Byron olhou para o alfinete simples, um crescente de ouro, que lhe adornava a lapela.

- É muito bonito. - E atraía os olhos para a curva dos seios. - Simples, clássico, discreto.

- Pode ser. Mas para que servem os alfinetes além de abrir buracos na roupa? Muito bem, voltemos aos negócios. Esta caixa de música pode tornar-te outra vez um herói.

- Caixa de música... - Byron fez um esforço para voltar a concentrar-se no presente. - Pode resultar.

- Lembrei-me porque a Margo acaba de trazê-la de uma venda de um espólio em São Francisco. Ela deve saber de quando é, quem a fez. Só posso dizer que é adorável.

Kate pegou na caixa de mogno envernizado, suficientemente grande para guardar jóias ou cartas de amor. Na tampa tinham sido pintados um casal em trajes medievais, um unicórnio e um círculo de flores. Abriu a tampa para mostrar um veludo de um azul- profundo e os acordes encantadores de Fur Elise.

- Há um problema.

- Porquê? - Kate empertigou-se. - É linda, prática e romântica.

- bom... - Byron coçou o queixo. - Como posso ocupar o teu tempo se já me mostraste o presente perfeito logo à primeira?

-Ah...

Kate tornou a olhar para trás. As três novas clientes tinham entrado na sala do guarda-roupa, emitindo os ruídos típicos de fêmeas em caçada. Tentando não se sentir culpada, ela lançou um olhar para Margo, que estava novamente a guardar o tule no saco com a maior habilidade.

- Não queres comprar mais alguma coisa? Nunca é cedo de mais para iniciar as compras de Natal.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

- Tens de aprender a avaliar a tua clientela, miúda. Aqui tens um homem que quer comprar um presente para o Dia da Mãe, três dias antes da data. Um presente que ele terá agora de despachar para Atlanta, em vinte e quatro horas. Esse tipo não costuma fazer compras de Natal antes do dia 21 de Dezembro.

- O que é pouco prático.
- Gosto de usar o meu espírito prático no trabalho. A vida é diferente.

Quando ele sorriu, os vincos no seu rosto aprofundaram-se. Kate gostou da aparência e descobriu-se a especular qual seria a sensação de passar os dedos por aquelas depressões encantadoras. Surpreendida, ela soltou um suspiro. Controla-te, rapariga.

- Então talvez devas procurar outra coisa, para comparar.
- Não. vou levar isto. - Byron ficou intrigado ao perceber que a deixava constrangida... e que o constrangimento era de natureza sexual. Num gesto deliberado, ele cobriu as mãos de Kate, que seguravam a caixa. - Porque é que não demoras bastante a fazer o embrulho?

Kate concluiu que aquilo era, sem sombra de dúvida, um avanço. Teria de pensar mais tarde se gostava ou não.

- Pode dar certo.

Ela sorriu, radiante, para Margo quando se cruzaram e colocou a caixa de música em cima do balcão. Margo fechou a porta à saída da cliente agora satisfeita, oferecendo automaticamente um sorriso coquete a Byron.

- Olá, Byron. Que bom ver-te outra vez.
- Margo... - Ele pegou na mão de Margo e levou-a aos lábios. O gesto era tão automático quanto o sorriso dela. - Estás incrível como sempre.

Ela riu.

- Não costumamos ter muitos homens por aqui, ainda por cima bonitos e galantes. Já encontraste alguma coisa de que gostes?

- A Kate salvou-me a vida com um presente para o Dia da Mãe.
- A sério? - Enquanto Kate punha na caixa o presente de Byron, com o maior cuidado, Margo inclinou-se por cima do balcão, pegou na gravata às riscas vermelhas e azuis e deu-lhe um puxão brusco. vou matar-te mais tarde. com licença, Byron. Tenho clientes para atender.

Kate manteve os olhos furiosos nas costas de Margo a afastarem-se.

- Eu não disse? Ela quer-me morta.
 - Uma definição de família é a de constante estado de ajustamento.
- Kate franziu uma sobrancelha.
- Do Webster's?
 - Do De Witt. Vamos experimentar o papel com as pequenas violetas. A Margo é uma mulher extraordinária.
 - Nunca conheci um homem que não pensasse isso. Não, não é bem

assim - murmurou Kate, enquanto calculava o tamanho do papel. - O ex-marido da Laura não a suportava. É verdade que isso acontecia porque ela é a filha da governanta, enquanto ele é um snobe idiota. E tenho a impressão de que ele a desejava. Costuma acontecer com os homens. E isso irritava-o.

Fascinado pela maneira meticulosa como Kate trabalhava, a precisão quase matemática com que alinhava a caixa e dobrava os cantos do papel de embrulho, ele encostou-se ao balcão. Notou que ela tinha mãos adoráveis. Estreitas, competentes, sem qualquer adorno.

- Como se sentia ele em relação a ti?

- Também me odiava, mas não tinha nada a ver com alguma fantasia sexual. Sou a parente pobre que tem a desfaçatez de dizer o que pensa. - Ao sentir um tremor no estômago, Kate franziu o rosto e levantou os olhos. - Não sei porque te estou a contar tudo isto.

- Pode ser um impulso de conversa reprimido. Tu passas longos períodos sem falar com as pessoas e de repente descobres-te envolvida numa conversa. Até esqueces que não gostas de falar com as pessoas. Como já ressaltai, pode ser um hobby agradável.

- Não gosto de falar com as pessoas - murmurou Kate. - Ou pelo menos com a maioria delas. Queres uma fita roxa ou branca?

- Roxa. Tu interessas-me, Kate. Cautelosa, ela tornou a levantar os olhos.

- Não creio que isso seja necessário.

- É apenas uma observação. Presumi que eras fria, afectada, grosseira, irritante e egocêntrica. Não tenho o hábito de errar assim tanto na avaliação das pessoas.

Ela puxou a fita, deu um nó e cortou as pontas.

- Também não erraste assim tanto neste caso. Excepto pelo afectada.

- Grosseira e irritante provavelmente até se adequam, mas tenho reavaliado o resto.

Kate escolheu um laço grande e elaborado.

- Não quero uma avaliação.

- Não perguntei se podia fazê-la. É outro hobby meu. Tens cartão de presente?

Ela tornou a franzir o rosto, encontrou um cartão que combinava com o papel, e pôs em cima do balcão, à frente de Byron.

- Podemos despachar de um dia para o outro.

- Estou a contar com isso. - Byron entregou o seu cartão de crédito, depois tirou a caneta do bolso para escrever a mensagem no cartão. - Ah, antes que me esqueça. Fiz uma oferta pela casa que recomendaste. Como a caixa de música, era exactamente o que eu procurava.

- Isso é óptimo.

Depois de uma rápida procura, Kate encontrou o formulário de remessa e pô-lo em cima do balcão, ao lado da caixa, esforçando-se por reprimir o impulso de interrogá-lo sobre a casa, o que o atraía, as condições.

- Se preencheres o nome e o endereço onde queres que seja entregue, pedimos à FedEx para vir buscar. A tua mãe irá receber o presente com vinte e quatro horas de antecedência, salvando-te de um telefonema queixoso. Byron levantou a cabeça.

- A minha mãe não se queixa.

- Eu referia-me a ti.

O sorriso presunçoso de Kate vacilou quando mais duas clientes entraram na loja.

- Olha que maravilha. - Byron terminou de escrever o nome e o endereço da mãe. - Acabámos mesmo a tempo de ajudares as novas clientes.

- Escuta, De Witt... Byron...

- Não, não, não precisas de te dar ao trabalho de rastejar. Estás entregue à própria sorte. - Ele guardou o cartão de crédito e o recibo e pegou na sua cópia do formulário de remessa. - Até outro dia, miúda.

Byron encaminhou-se para a porta. A frase "Jovem, pode mostrar-me aqueles brincos?" foi como música para a sua alma.

CAPÍTULO 6

BYRON não gostava de interferir com os seus chefes de departamento, mas sabia - e queria que eles soubessem - que na Templeton os problemas subiam até ao topo. O seu interesse por hotéis e todo o seu complexo funcionamento interno começara durante um emprego de Verão no Doubletree de Atlanta. Três meses como mensageiro no hotel ensinaram-lhe mais do que a maneira correcta de carregar a bagagem de um hóspede e valeram-lhe mais do que o dinheiro suficiente para comprar o seu primeiro carro.

Descobrira que aconteciam dramas e tragédias no hotel todos os dias, não só por detrás das portas fechadas dos quartos e suítes, mas também na recepção, na secção de vendas e marketing, na manutenção e engenharia. Na verdade, ocorriam em todos os cantos da colmeia agitada que era um hotel movimentado.

O hotel fascinara-o, levava-o a querer experimentar a vida noutros sectores, como a recepção e a portaria. A sua curiosidade sobre as pessoas, quem eram, o que esperavam, com que sonhavam, tinha-lhe proporcionado uma carreira.

Não era o médico que os seus pais sonharam secretamente que se tornasse. Também não se tornara o jovem rico cansado de viajar que as suas circunstâncias permitiriam. Tinha uma carreira que apreciava, sempre intrigado com a constante variedade da vida num grande hotel.

Era um homem que sabia resolver problemas, alguém que considerava o individual além do panorama geral. A opção de ingressar na organização Templeton fora simples. Byron passara um bom tempo a estudar hotéis, os luxuosos, os opulentos, os pequenos e impecáveis, as redes com os seus ritmos frenéticos, os velhos hotéis europeus com o seu encanto discreto, os de Las Vegas com todo o seu brilho e ostentação.

A organização Templeton atraía-o porque era gerida por uma família, era tradicional sem ser formal de mais, eficiente sem sacrificar o charme... e, acima de tudo, acolhedora.

Não tinha obrigatoriamente de conhecer os nomes das pessoas sob o seu comando, dos funcionários com quem trabalhava. Mas fazia parte do seu carácter interessar-se pelas pessoas e guardar informações. Assim, quando sorriu para a mulher que, naquele momento, estava a fechar a conta de um

hóspede, e disse um informal "Bom-dia, Linda", Byron não podia imaginar que o coração dela se acelerara e os dedos tremeram sobre o teclado, enquanto o observava a encaminhar-se para o escritório.

Outra secção da colmeia ficava ali: havia telefones a tocar, faxes a clicar, fotocopiadoras a zumbir e teclados a matraquear. Byron passou por pilhas de caixas e secretárias atulhadas. Trocou cumprimentos enquanto avançava, fazendo com que muitos ombros se empinassem e um bom número de mulheres desejasse ter verificado o seu batom.

A porta do seu destino estava aberta. Encontrou Laura Templeton com o telefone no ouvido. Ela ofereceu-lhe um sorriso aflito e gesticulou para uma cadeira.

- Tenho a certeza de que podemos tratar disso. O sr. Hubble do Bufé... Claro, claro, compreendo como isso é importante. O sr. Hubble... - Ela parou de falar, revirando os olhos para Byron. Quantas cadeiras extras desejava, sr.a Bingham?

Laura ficou a ouvir, paciente, com um pequeno sorriso a contrair-lhe os cantos dos lábios.

- Não, claro que não. E tenho a certeza de que terá bastante espaço se aproveitar o terraço. Não, não acho que seja um convite à chuva. Deve estar uma noite adorável. Tenho a certeza de que a sua recepção será elegante. O sr. Hubble...

Agora ela rangeu os dentes.

- Deixe-me falar com o sr. Hubble e já volto a ligar-lhe, pode ser? Isso mesmo, por volta do meio-dia. Claro que sim. com toda a certeza. É um prazer, sr.a Bingham. - Laura desligou. - A sr.a Bingham é louca.

- Ela é da convenção de ortodontistas ou da de decoradores de interiores?

- Da segunda. Decidiu, no último minuto, que tem de oferecer uma recepção para sessenta pessoas esta noite. E, por motivos que não sei explicar, não confia que o Bob Hubble seja capaz de cuidar de tudo.

- Templeton - disse Byron, sorrindo. - O problema é o teu nome ser Templeton. O que te situa num plano superior.

Byron pensou que tal seria impossível de imaginar, vendo a sala dela: era pequena, apertada e não tinha janelas. Ele sabia que a própria Laura escolhera o cargo e a sala, quando decidira trabalhar a tempo parcial no hotel.

Não sabia como ela conseguia cuidar de tudo, a família e a casa, a loja e

o hotel. Mas Laura parecia-lhe a imagem da serenidade e eficiência discreta. Até que se fitasse bem os seus olhos, com atenção. Ali, naquelas profundezas cinzentas, havia dúvida, preocupação e pesar. "Os resquícios", reflectiu ele, "de um casamento desfeito."

- Não precisavas de descer, Byron. - Ela terminou de escrever as suas anotações enquanto falava. - Eu ia subir daqui a um bocado ao teu gabinete.

- Não te preocupes. Algum problema com os mecânicos de dentes?

- Era de se esperar que ortodontistas tivessem um mínimo de decoro, não é verdade? - com um suspiro, Laura tirou os papéis de uma pasta de arquivo. - Recebemos queixas dos dois bares, mas não há nada que eu não possa resolver.

- Ainda tenho de encontrar alguma coisa que não consigas resolver.

- Obrigada pelo comentário. Mas há uma situação delicada. Um dos dentistas, ao que tudo indica, entregava-se a um momento de intimidade, digamos assim, com uma dentista, quando o marido desta decidiu fazer uma visita de surpresa.

- Ah, como eu gosto deste trabalho! - Byron recostou-se.

- É como uma interminável telenovela.

- É fácil para ti dizer isso. Passei uma hora esta manhã a conversar com a mulher arrependida. Ela sentou-se precisamente onde estás agora, derramando lágrimas e relatando toda a sórdida história do seu casamento, os seus casos, a sua terapia.

Cansada da lembrança, Laura comprimiu os dedos contra os cantos internos dos olhos, quase aliviando a tensão que havia ali.

- Este é o terceiro marido, e ela alega ser viciada em adultério.

- Devia aparecer na Oprah. As mulheres que são viciadas em adultério e os homens que as amam. Queres que eu fale com ela?

- Não é preciso. Acho que ela já se sentia melhor quando saiu daqui. O problema é que o marido não ficou muito satisfeito ao encontrar a mulher e o seu... - Laura estremeceu. - seu cunhado cobertos apenas por roupões do hotel.

- Está a ficar melhor a cada minuto. Não pares agora.

- O marido acertou no cunhado... que é casado, devo acrescentar à laia de esclarecimento, com a irmã da nossa heroína..., em cheio, na boca. Quebrou capas de dentes e outros serviços no valor de alguns milhares de dólares. Houve danos no quarto, mas não muito grandes. Dois ou três

abajures, alguma louça. - Ela acenou com a mão para indicar que isso não era importante. - Mas o nosso problema é que o tipo com a boca quebrada ameaça processar o hotel.

- Outra vítima. - Se não estivesse a achar o incidente tão engraçado, Byron teria suspirado. - Qual é a alegação?

- O hotel é responsável por ter permitido o acesso do marido. Ele, o marido, ligou para o serviço de quartos de um telefone interno, pediu champanhe e morangos para o quarto da mulher. Tinha comprado uma dúzia de rosas. Esperou que o champanhe chegasse, entrou no quarto atrás do empregado e... o resto é história.

- Não creio que possamos ter algum problema mais sério, mas ficarei com a pasta.

- Obrigada. - Aliviada, Laura passou-lhe a batata quente. - Eu mesma podia falar com o homem, mas tenho a impressão de que ele não aprecia muito as mulheres em postos de autoridade. E, para ser franca, estou assoberbada. Os ortodontistas realizam o seu banquete esta noite, e o pessoal dos cosméticos chega amanhã.

- Sem falar na sr.a Bingham.

- Isso mesmo. - Laura verificou o seu relógio e levantou-se.

- é melhor eu ir até ao Bufé. Só há mais uma coisa.

Ele levantou-se também, sorrindo.

- Os decoradores estão a discutir uns com os outros no átrio?

- Ainda não. - Como gostava dele, Laura sorriu. Era da sua natureza esconder o nervosismo. - Tive uma ideia para a loja, mas envolve o hotel, e eu queria saber se podia contar com o teu apoio.

- Laura, o hotel é teu.

- Neste momento, trabalho aqui, e tu és o chefe. - Ela pegou no dossiê e passou-o de uma mão para a outra. - No Outono passado promovemos uma recepção e um leilão de caridade na loja. Tencionamos fazer isso todos os anos. Mas tenho andado a pensar que poderíamos realizar outro evento. De propaganda directa, para ser mais clara. Um desfile de moda, usando roupas e acessórios da loja, durante a temporada de final de ano. O Salão Branco seria o ideal, e não está reservado para o primeiro sábado de Dezembro. Podíamos apresentar trajes de gala, vestidos compridos, mais os acessórios, tudo da loja. Anunciaríamos no hotel e no resort, reservando uma parte dos convites para os empregados e hóspedes.

- Tens o marketing no sangue. Ouve, Laura, trabalhas na área das convenções e eventos especiais. - Byron passou o braço pelos ombros dela, enquanto deixavam a sala. - Não precisas da minha aprovação.

- Gosto de pôr os pontos nos "is", por assim dizer. Depois de conversar com a Margo e a Kate, apresentarei uma proposta.

- Está bem. - Byron aproveitou-se daquela abertura para acrescentar: - Como está a Kate?

- Está a aguentar-se. É verdade que de vez em quando leva-me a mim e à Margo à loucura. Não se pode dizer que a Kate seja uma vendedora nata, mas é bastante competitiva, o que acaba por resultar. - O sorriso de Laura suavizou-se. - E, se eu ou a Margo respiramos sequer para cima dos livros, ela irrita-se. O que é uma bênção. Ainda assim...

-Ainda assim o quê?

- Abalaram alguma coisa dentro dela. Não sei até que ponto é sério, mas ela anda muito tensa, controlada de mais. Não quer falar sobre o assunto, nem sequer discutir o que deve ser feito. Fecha-se quando tentamos arrancar-lhe alguma coisa e a Kate era uma campeã dos acessos de raiva.

Os dedos de Laura estavam agora a agitar-se, inquietos, batendo com o lápis, ajeitando os papéis no dossiê.

- Ela está a aceitar tudo sem lutar. Quando a carreira da Margo foi interrompida e ela perdeu o seu lugar como a Mulher Bella Donna, a Kate queria organizar um protesto. Até falou em ir a Los Angeles organizar um piquete na Rodeo Drive.

Aquela recordação devolveu o sorriso ao rosto de Laura.

- Nunca contei à Margo, porque consegui dissuadir a Kate da ideia. Mas ela era assim. Cravava as unhas, chutava e esperneava sempre que enfrentava um problema pessoal. Mas não desta vez. Agora recolheu-se... e não consigo perceber.

- Estás bastante preocupada com ela - murmurou Byron.

- É verdade. A Margo também se preocupa, ou já teria estrangulado a Kate meia dúzia de vezes nesta altura. Ela quer que a gente preencha uma folha, num bloco de colunas, todos os dias.

- Sempre a contabilista.

- A Kate anda agora com uma daquelas agendas electrónicas no bolso o tempo todo. Já começa a falar que devemos ter um link, uma página na Internet. É assustador. - Como ele desatou a rir, Laura controlou-se e

balançou a cabeça. - E fizeste uma pergunta simples... Todo o mundo descarrega em cima de ti?

- Tu não descarregaste. Eu perguntei.

- O Josh disse que eras o único homem que ele queria neste cargo. É fácil compreender porquê. És tão diferente do Peter... - Desta vez Laura não só se conteve, mas também rangeu os dentes. - Não, não vou entrar nessa agora. Já estou atrasada, e a sr.a Bingham está à minha espera. Obrigada por tirares os ortodontistas das minhas mãos.

- O prazer foi meu. Talvez não ouças isto com frequência, mas quero que saibas que és um dos trunfos do hotel.

- Tento ser.

Enquanto ela se afastava, Byron seguiu pela direcção oposta, estudando o relatório meticuloso e preciso.

No final do dia, Byron encontrou-se com Josh no Templeton Resort. O escritório dele era uma sala ampla, no andar executivo, com janelas que ofereciam uma vista espaçosa das duas piscinas em forma de lagoas, cercadas por hibiscos com flores de cores diversas e um pátio com mesas de sequóia, sob guarda-sóis cor-de-rosa.

A sala era decorada para o bem-estar e para os negócios, com confortáveis cadeiras de couro, abajures déco e uma elegante aguarela, exibindo uma cena de rua de Milão.

- Aceitas uma cerveja?

Perante a oferta, Byron deixou escapar um suspiro baixo e profundo. Pegou na garrafa estendida por Josh, e bebeu um gole.

- Desculpa incomodar-te no fim do dia, mas só agora consegui arranjar uma folga.

- Não há fim do dia em hotelaria - comentou Josh.

- Foi o que a tua mãe disse. - Byron sorriu. Susan Templeton era uma das suas pessoas preferidas. - Sabes que, se o teu pai se retirasse de cena como um cavalheiro, eu suplicava-lhe que ela casasse comigo.

Ele bebeu outro gole, depois indicou com a cabeça a pasta que pusera em cima da mesa de Josh.

- Eu ia mandar tudo por faxe, mas depois pensei que era melhor conversarmos pessoalmente.

Em vez de ir para trás da mesa, Josh pegou na pasta e acomodou-se na cadeira diante de Byron. Passou os olhos pelo relatório com reacções

variadas. Uma gargalhada, um gemido, um suspiro, uma imprecisão.

- Isso resume os meus sentimentos - murmurou Byron. - Conversei com o doutor Holdermen há poucas horas. Ele ainda é nosso hóspede. Já pôs capas provisórias nos dentes, mas ficou com um lindo olho roxo. A minha opinião é de que ele não tem base para um processo, mas está suficientemente irritado e embaraçado para insistir.

Josh acenou com a cabeça, tirando as suas próprias conclusões.

- E qual é a tua recomendação?

- Deixá-lo avançar com o processo.

- Concorde. - Josh lançou a pasta para cima da secretária. - Passo o caso para o Departamento Jurídico, com essa recomendação. Agora...

Josh tornou a recostar-se, com a garrafa de cerveja na mão e uma expressão de curiosidade.

- Porque não me dizes logo o que realmente te trouxe aqui? Até a dormir podias resolver um problema destes.

Byron coçou o queixo.

- Nós conhecemo-nos bastante bem.

- Creio que dez anos são suficientes para isso. Em que estás a pensar, By?

- Kate Powell.

Josh franziu as sobrancelhas.

- A sério?

- Não nesse contexto - ressaltou Byron, um pouco depressa de mais. - Foi uma coisa que a Laura me disse hoje que me levou a pensar de novo em toda a situação. A Bittle formulou algumas acusações graves, mas não levou o caso adiante... e ela também não reagiu. Já se passaram três semanas.

- Sinto que vou irritar-me outra vez. - Sentindo a raiva aflorar, Josh levantou-se e começou a andar de um lado para o outro.

- O meu pai costumava jogar golfe com o Larry Bittle. Não sei quantas vezes ele esteve em nossa casa. Conhece a Kate desde criança.

- Já conversaste com ele?

- A Kate quase me arrancou a cabeça quando ameacei fazer isso.

- com o rosto franzido, Josh bebeu outro gole de cerveja. - Era uma atitude que eu podia aceitar, mas depois ela calou-se. Parecia tão abalada com o incidente, que não a pressionei. E ando tão envolvido com a Margo e o bebé, que deixei passar. Ouvimos o coração do bebé no consultório do

médico hoje. É sensacional. Dá para ouvir muito bem o pequeno coração a bater firme e forte. - Ele parou ao perceber o sorriso de Byron e murmurou: - Voltemos à Kate.

- Não te preocupes. Podes entregar-te à obsessão da paternidade expectante por mais um tempinho.

- Há outras coisas, mas não é uma desculpa para deixar a minha irmã de lado. - Josh tornou a sentar-se, com um músculo do rosto a tremer. - Decidimos acertar as contas com o Ridgeway. O desgraçado trai a Laura, arranca-lhe o dinheiro todo, ignora as filhas, despede metade da equipa do hotel, e ainda temos de lhe pagar um cheque de duzentos e cinquenta mil dólares para evitar um processo por rompimento de contrato.

- Não é fácil, mas pelo menos assim ele vai desaparecer.

- É melhor mesmo.

- Mas podes sempre voltar a partir-lhe o nariz - sugeriu Byron.

- Tens razão. - Josh sacudiu os ombros, fazendo um esforço para relaxar.

- Tenho andado um pouco distraído nas últimas semanas. E a Kate sempre se mostrou segura e confiante.

- A Laura está preocupada com ela.

-A Laura preocupa-se com toda a gente, menos com ela própria.

- Josh pensou por um momento. - Não consegui descobrir nada com a Kate. Ela não quer falar sobre o caso, pelo menos não comigo. E eu não quis passar por cima da vontade dela para falar directamente com o Bittle. É isso que tu sugeres?

- Não é da minha conta, mas... - Byron observou a sua cerveja por um instante, depois fitou Josh. Pensara em tudo, como fazia com qualquer situação, e chegara a uma conclusão. - Se a Bittle decidir entrar com um processo contra ela, não seria melhor que a Kate tivesse uma posição ofensiva agora?

-A ameaça de um processo por calúnia, suspensão injustificada, perda de receita e aflição emocional. Byron sorriu e terminou a sua cerveja.

- O advogado és tu.

Josh levou quase uma semana, mas estava bastante satisfeito quando entrou na Pretenses. Acabara de sair de uma reunião com os sócios da Bittle & Associates.

Agarrou Margo pela cintura e beijou-a, arrebatador, para alegria das clientes.

-Olá.

- Olá. O que vieste fazer à loja a esta hora?

- Não vim falar contigo. - Ele beijou-a de novo. Teve de fazer um esforço para não pôr a mão na barriga que insistia em permanecer lisa, pois sentia-se ansioso para que crescesse com rapidez. - Preciso falar com a Kate.

- A capitã Queeg está no escritório, com fumo a sair-lhe pelos ouvidos. Josh estremeceu.

- Pensei que a tratavam por capitã Bligh.

- Não, esse não era suficientemente louco. A Kate resolveu reformular todo o sistema de arquivo. com codificação por cores.

- Não acredito! O que virá em seguida? Margo contraiu os olhos.

- Ela instalou um quadro de avisos.

- É preciso detê-la. vou entrar. - Ele respirou fundo. - Se eu não sair daqui a vinte minutos, lembra-te de que sempre te amei.

- Muito engraçado - murmurou Margo, conseguindo reprimir o sorriso até Josh entrar na sala dos fundos, onde funcionava o escritório.

Ele foi dar com Kate a murmurar sobre os arquivos. Tinha o cabelo todo espetado e os dois primeiros dedos da mão direita cobertos por ponteiros de borracha.

- Menos de um ano - murmurou ela, sem olhar -, e tu e a Laura conseguiram arquivar no sítio errado quase tudo. O que é que uma factura de seguro contra incêndio está a fazer na pasta dos guarda-chuvas?

- Alguém devia ser açoitado.

Sem achar a menor graça, Kate virou a cabeça e fitou-o.

- Não tenho tempo para ti, Josh. A tua mulher está a transformar a minha vida num inferno.

- É engraçado, porque ela diz a mesma coisa a teu respeito. Apesar do olhar feroz de Kate, ele aproximou-se e beijou-a na ponta do nariz. - Ouvi dizer que estás a codificar os arquivos por cores.

- Alguém tem de fazer alguma coisa. O software que instalei mantém os registos limpos, mas é sempre melhor ter cópias em papel. Eu disse à Margo para fazer isso há meses, mas ela está mais interessada em vender as suas bugigangas.

- E só Deus sabe como alguém pode esperar manter uma loja em funcionamento vendendo coisas!

Kate respirou fundo, recusando-se a admitir como parecia absurda.

- A minha posição é a de que não se pode ter sucesso em qualquer negócio se não se cuidar dos pormenores. Ela continua a registar os sapatos em guarda-roupa, em vez de acessórios.

- Ela precisa ser punida. - Ele segurou-a pelos ombros. - Deixa-me fazer isso.

Kate riu-se, empurrando-o para trás.

- Vai-te embora. Não tenho tempo para brincadeiras agora.

- Não vim para isso. Preciso conversar contigo. - Josh apontou para uma cadeira. - Senta-te.

- Não pode esperar? Tenho de voltar a atender clientes dentro de uma hora, mas quero arrumar os arquivos antes.

- Senta-te - repetiu ele, com um empurrão fraterno. - Acabo de ter uma reunião na Bittle.

A impaciência sumiu dos olhos de Kate, deixando-os frios e vazios.

- Como?

- Não me fales com esse tom, Kate. Já passou o tempo em que isso funcionava.

Ela manteve o tom, contido e gelado, enquanto o medo a corroía por dentro.

- E decidiste que eras tu que tinhas de resolver o problema?

- Exactamente. Como teu advogado...

- Não és o meu advogado.

- Quem foi a tribunal para livrar-te daquela multa por excesso de velocidade há três anos?

- Tu, mas...

- E quem verificou o teu contrato de arrendamento antes de o assinares?

-Tu, mas...

- Quem fez o teu testamento?

A expressão de Kate era de revolta.

- Isso não tem nada a ver com o caso.

- Entendo. - com um ar de indiferença, Josh estudou as suas unhas. - Só porque tratei de todos aqueles pequenos e incómodos pormenores legais da tua vida, isso não faz de mim o teu advogado.

- Não te dá o direito de passar por cima da minha vontade e falar com a Bittle. Ainda mais porque pedi que deixasses o caso em paz.

- Está certo, não me dá esse direito. Mas ser teu irmão dá-me. Na

opinião de Kate, introduzir a lealdade familiar na discussão era um golpe baixo.

- Não sou a irmã mais nova inadequada e incapaz, e não serei tratada como tal. Tratarei eu mesma do problema.

- Como? - Josh preparou-se para a luta. - Codificando por cores os arquivos aqui da loja?

- Isso mesmo. - Já que ele estava agora a gritar, Kate acompanhou o seu tom de voz. - Tirando o melhor proveito da situação. Continuando com a minha vida. Em vez de me lamuriar e chorar.

- Recuando e não fazendo nada. - Ele espetou um dedo no ombro de Kate. - Negando tudo. Pois já passou esse tempo. O pessoal da Bittle sabe que pode enfrentar uma acção judicial.

- Acção judicial? - O sangue esvaiu-se do rosto de Kate. Ela podia sentir cada gota fluir. - Disseste-lhes que eu ia processá-los? Oh, meu Deus!

Atordoadada, ela apoiou-se na mesa.

- Então?! - Alarmado, Josh segurou-a pelo braço. - Senta-te. Respira fundo.

- Deixa-me em paz. Só quero que me deixes em paz. O que é que tu fizeste?

- O que precisava ser feito. E agora, Kate, vamos sentar-nos.

- Oh, meu Deus! - Kate explodiu. Em vez de apenas uma palmada no ombro, ela deu-lhe um soco a sério. A cor começava a voltar, avermelhando o rosto de fúria. - Como ousaste ameaçá-los com uma acção judicial?

- Não disse que tu ias processá-los. Limitei-me a deixá-los a pensar nessa ideia.

- Eu disse para não te meteres. O problema é meu. Só meu. - Ela ergueu os braços, deu uma volta. - Porque tiveste essa ideia, Joshua? vou matar a Margo.

- A Margo não teve nada a ver com isso. Mas é verdade que, se abrisses os olhos por cinco minutos, percebias como ela anda preocupada com o teu estado. Como todos nós estamos preocupados.

Porque se sentia tentado a acotovelá-la novamente, Josh decidiu que era mais seguro manter as mãos nos bolsos.

- Eu não devia ter permitido que esta situação se prolongasse por tanto tempo, mas tinha muitos problemas a resolver. Se o By não tivesse aparecido para me dar um empurrão, eu podia ter adiado por mais tempo. Mas acabaria

sempre por tomar as providências necessárias.

- Espera. - Kate ergueu a mão, respirando com dificuldade. Volta atrás. O Byron De Witt conversou contigo a meu respeito?

Percebendo o seu erro, Josh tentou uma retirada apressada.

- O teu nome surgiu na conversa, só isso. E fez-me pensar...

- O meu nome surgiu na conversa. - Kate estava agora a respirar entre os dentes cerrados, enquanto os punhos se contraíam junto ao corpo. A raiva era melhor do que o pânico. - Ah, eu podia apostar. Aquele filho da mãe. Eu sabia que ele não ia conseguir ficar de boca fechada.

- Sobre o quê?

- Não tentes encobri-lo. E sai da minha frente.

O empurrão de Kate foi suficientemente forte e inesperado para fazê-lo recuar. Antes que Josh pudesse segurá-la, ela já tinha passado.

- Espera aí! Ainda não acabei!

- Vai para o Inferno!

O grito de Kate fez com que várias clientes olhassem em redor, nervosas, enquanto ela saía do escritório. Margo ainda teve tempo de lançar um olhar furioso, antes que Kate deixasse a loja, batendo com a porta.

- bom... - com um sorriso forçado, Margo entregou a compra a uma cliente de olhos arregalados. - Trinta e oito e cinquenta e três. Aqui está o troco de quarenta. E o espectáculo foi de graça. Por favor, volte sempre.

com a cautela de um homem que podia reconhecer sarilhos quando aqueles olhos azuis intensos o fitavam, Josh aproximou-se do balcão.

- Desculpa o que aconteceu.

- Falamos sobre isso mais tarde - murmurou Margo. - O que lhe fizeste para a deixar transtornada?

"É mesmo uma atitude típica de mulher", pensou Josh, "defendem logo outra mulher."

- Tentei ajudá-la.

- Sabes como ela detesta isso. Mas porque é que, em vez de se zangar contigo, ela saiu daqui furiosa, como se fosse discutir com outra pessoa?

Josh suspirou e coçou o queixo.

- Ela já discutiu comigo. E agora vai atrás do Byron. Foi ele quem sugeriu que eu a ajudasse.

Margo bateu com as unhas cor de coral no balcão de vidro.

- Estou a perceber...

- Agora tenho de lhe ligar a avisá-lo.

Mas, quando Josh estendeu a mão para o telefone que estava em cima do balcão, ela segurou-lha.

- É melhor não ligares. Não podemos estragar a vantagem da Kate.

- É uma questão de justiça, Margo.

- A justiça não tem nada a ver com isso. E tu vais estar muito ocupado a atender os clientes para fazer ligações pessoais.

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

- Duquesa, tenho uma reunião dentro de duas horas. Não tenho tempo para ajudar- te aqui.

- Graças a ti, fiquei sozinha. - Sabendo que isso não adiantaria muito, Margo deixou os ombros caírem. - E sinto-me um pouco cansada.

- Cansada? - O pânico foi imediato. - Devias levantar os pés.

- Tens razão. - Embora se sentisse forte como um touro naquele instante, ela puxou o banco por baixo da caixa registadora e sentou-se. - vou ficar aqui durante a próxima hora, a registar as vendas. Ah, Josh, querido, não te esqueças de oferecer champanhe aos clientes.

Ela tirou os sapatos, divertida, e preparou-se para observar o seu adorável marido atender um punhado de clientes.

O único outro espectáculo que teria preferido testemunhar era o que começaria em breve no escritório da suíte do Templeton Monterey.

A primeira analogia que aflorou à mente de Byron foi a de um ataque de uma corça selvagem, possivelmente raivosa.

Kate passou pelo seu assistente chocada, protestando como uma faca afiada a cortar gelatina. Rosnava como uma loba acossada. com um soco, podia ter posto nocaute um campeão de peso-mosca se Byron não fizesse um sinal ao seu assistente para se retirar.

- Olá, Katherine. - Ele manteve-se impassível quando Kate bateu com a porta com toda a força. - Que prazer inesperado.

- vou matar-te! vou arrancar-te esse nariz intrometido e metê-lo nessa boca que fala de mais!

- Por mais divertido que isso me pareça, não preferes beber alguma coisa primeiro? Um copo de água? Estás um pouco corada.

- Quem pensas que és? - Ela dirigiu-se para a secretária, pôs as palmas das mãos na superfície envernizada, agora um pouco atravancada. - Que direito pensas tu que tens de te meteres na minha vida? Por acaso pareço uma

mulher fraca e de cabeça oca que precisa de alguém para defendê-la?

- Qual dessas perguntas gostavas que eu respondesse primeiro? Pode ser por ordem? - Byron apressou-se a continuar, antes que ela tivesse tempo de gritar de novo: - Sabes exactamente quem eu sou. Não me meto na tua vida mais do que qualquer amigo preocupado faria. Não, não te considero fraca e de cabeça oca. Eu vejo-te como teimosa, grosseira e potencialmente perigosa.

- Não tens a menor ideia do quanto eu sou perigosa.

- Essa ameaça podia ter mais força se tirasses as ponteiras de borracha. Estragam a imagem.

Um som estrangulado saiu da garganta de Kate quando ela baixou os olhos e descobriu que ainda tinha nos dedos as ponteiras de borracha castanhas. Num gesto rápido, tirou-as e lançou-as para cima de Byron. com a mesma rapidez, ele pegou-as no ar, antes que batessem no seu rosto.

- Tens um bom braço, Katherine. Aposto que jogavas basebol na escola.

- Pensei que podia confiar em ti. - Por motivos que não queria analisar, esse pensamento deixou-a com os olhos a arder. - Até pensei, num momento de insensatez, que podia aprender a gostar de ti. Mas compreendo agora que a minha impressão inicial de um idiota arrogante, presunçoso e machista estava absolutamente certa.

A sensação de traição era tão intensa quanto a raiva.

- Eu estava a sentir-me abalada quando me encontraste no penhasco - continuou Kate. - Vulnerável. Tudo o que eu disse naquele momento tinha carácter confidencial. Não tinhas o direito de contar ao Josh.

Byron pôs as ponteiras de borracha em cima da secretária.

- Não disse nada ao Josh sobre aquele dia no penhasco.

- Não acredito em ti. Foste procurá-lo...

- Eu não minto - declarou Byron em tom ríspido, deixando entrever o aço por debaixo do verniz. - É verdade, fui procurá-lo. Às vezes é preciso alguém fora da família para pôr as cartas na mesa. E a tua família está angustiada com o que te aconteceu, Kate. E mais preocupada ainda pela maneira como te estás a comportar.

- O meu comportamento não é...

- Da minha conta - arrematou Byron por ela. - É estranho que uma coisa tão inofensiva quanto uma conversa minha com o Josh te leve a um frenesim de vingança e retaliação, enquanto ser interrogada sobre peculato te deixa na posição fetal, a chuchar no polegar.

- Tu não sabes o que estás a fazer, o que estou a sentir. E não tens o direito de fazer um julgamento.

- Tudo o que eu disse é verdade. Se não estivesses tão absorvida em ti mesma, perceberias que ninguém te está a julgar. Mas, como uma pessoa de fora, posso dizer-te que a tua família sofre por ti.

O vermelho desapareceu do rosto de Kate, que se tornou muito pálido.

- Não me dês um sermão sobre a minha família. Não ouses. São as pessoas mais importantes do mundo para mim. Estou a agir desta maneira por causa da minha família.

Byron inclinou a cabeça para o lado.

- O que significa isso?

- Significa que isso também não é da tua conta. - Kate comprimiu os dedos contra os olhos, fazendo um esforço para manter o controlo.

- Nada ou ninguém está mais presente no meu pensamento do que a minha família.

Byron acreditou nas palavras de Kate sem qualquer hesitação, o que o fez sentir ainda mais pena dela.

- A tua maneira de enfrentar a situação não está a resultar.

- Como é que sabes?

- Porque as pessoas falam comigo. - A voz de Byron era gentil agora, sem a irritação anterior. - A Margo, a Laura, o Josh. Porque sei como eu ficaria preocupado e furioso se algo assim se tivesse passado com a minha irmã.

- Mas não se passou com a tua irmã. - A raiva retornou à voz de Kate, mas o rosto continuou pálido. - Sou capaz de lidar com a situação. O Josh já tem problemas suficientes, não precisa sentir-se culpado por mais este.

- Achas mesmo que a culpa tem alguma coisa a ver com a situação?

Kate engasgou-se, mas recuperou logo.

- Não distorças as minhas palavras, De Witt.

- Foram essas as tuas palavras, Powell. Agora, se já acabaste o teu acesso de fúria, podemos continuar a conversa.

- Acesso...

- Ouvi dizer que eras boa em acessos de fúria, mas agora que testemunhei uma demonstração penso que os relatos não te faziam justiça.

Ele nunca pensara que um castanho-escuro lustroso pudesse transformar-se em fogo, até que viu isso acontecer nos olhos de Kate.

- Eu vou mostrar-te o que é um acesso de fúria! - com um único movimento, ela atirou para o chão a maior parte dos papéis que se encontravam em cima da secretária. Ergueu o punho em seguida. E agora sai de trás dessa secretária!

-Não me tentes... - A voz tinha uma calma ameaçadora, os olhos uma frieza perigosa. - Nunca bati numa mulher em toda a minha vida. E nunca tinha tido necessidade de dizer uma coisa destas. Mas tu tentas-me, Katherine, a quebrar todos os tipos de recordes. Agora, senta-te ou sai daqui.

- Não vou sentar-me e não vou sair até...

Ela parou de falar, estrangulando um grito, enquanto comprimia a mão por baixo dos seios. Byron apressou-se a contornar a secretária.

- Bolas! Bolas! O que é que andas a fazer contigo?

- Não me toques!

A pressão ardente deixou os olhos de Kate cheios de lágrimas, mas ela ainda se debateu quando Byron a levou para uma cadeira.

- Vais sentar-te. Tentar relaxar. E, se não recuperares a cor normal em trinta segundos, vou levar esse corpo magro para o hospital.

- Só quero que me deixes em paz. - Kate tacteou, à procura dos seus antiácidos, sabendo que era como tentar apagar um incêndio na floresta com uma pistola de água. - Fico boa num minuto.

- com que frequência isso acontece?

- Não é da tua conta.

Ela gritou de dor e choque quando Byron comprimiu dois dedos contra o seu abdómen.

- Nunca foste operada ao apêndice?

- Tira as mãos de cima de mim, seu doutor de meia-tigela! Byron continuou a franzir o rosto, deslocando as pontas dos dedos para o lado interno do pulso de Kate.

- Tens andado outra vez a saltar refeições?

Antes que Kate pudesse esquivar-se, ele pegou no rosto dela entre as mãos e observou-o da maneira mais objectiva possível. A cor já começava a voltar, devagar, os olhos irradiavam novamente raiva, em vez de dor. Mas ele percebeu outras coisas.

- Não tens dormido bem. Estás exausta, stressada e desnutrida. É assim que lidas com a situação?

O estômago de Kate estremeceu, de dor e nervosismo.

- Quero que me deixes em paz!

- Nem sempre podes conseguir o que queres. Estás esgotada, Kate, e até que comeces a cuidar melhor de ti mesma alguém terá de o fazer por ti. Fica quieta. - Byron deu a ordem num murmúrio distraído, enquanto consultava o relógio, com a mão no ombro de Kate.

- Estarei ocupado aqui até depois das seis. vou buscar-te às sete. Encontro-te na loja ou em casa?

- Mas do que é que estás a falar? Não vou a lugar nenhum contigo!

- Sei que estou irritado comigo mesmo por não saber tratar como deve ser do problema. Parece que despertas o que há de pior em mim. - Byron fez o comentário mais para si mesmo. - Por isso, vou oferecer-te uma boa refeição e a oportunidade de conversar sobre os teus tormentos de uma forma civilizada.

Era assustador para Kate, o comportamento casual que ele assumia, o brilho nos seus olhos, advertindo-a de que ele poderia mudar de atitude a qualquer instante.

- Não quero jantar contigo, e não me estou a sentir civilizada. Ele inclinou-se para trás, pensativo.

- Vamos pôr a questão da seguinte maneira: tu aceitas a minha proposta, ou eu pego no telefone e chamo a Laura. Ela deve levar cerca de dois minutos para chegar aqui. Digo-lhe que já te vi empalidecer e dobrares-te de dor por duas vezes.

- Não tens esse direito.

- Não, Kate, não tenho o direito... mas tenho o poder de decisão, o que é mais do que o direito. - Byron tornou a olhar para o relógio. - Tenho uma reunião por telefone dentro de cinco minutos senão poderíamos continuar a conversa. Como a atitude mais razoável seria ires para casa e descansar um pouco, presumo que voltarás para a loja. vou lá buscar-te às sete horas.

Encurralada, Kate empurrou-o para o lado e levantou-se.

- Fechamos às seis.

- Nesse caso, terás de esperar, não é? E não batas com a porta ao sair.

Claro que ela bateu, e Byron descobriu que não podia deixar de sorrir. Mas o sorriso desvaneceu-se quando ele pegou no telefone e marcou os números.

- A doutora Margaret De Witt, por favor. É o filho dela. - Outro olhar para o relógio provocou um grunhido contrariado. - Não, não posso esperar.

Pode pedir-lhe para ela me ligar quando estiver livre? No escritório até às seis, em casa depois das sete. Obrigado.

Ele desligou e começou a recolher os papéis que Kate atirara para o chão. Quase divertido, guardou no bolso as ponteiras de borracha que ela deixara. Duvidava que Kate se mostrasse satisfeita ao saber que ele ligara para a sua mãe, a especialista em medicina interna, a fim de pedir um diagnóstico pelo telefone, com base nos sintomas.

Mas alguém tinha de tratar de Kate. Quer ela quisesse, quer não.

CAPÍTULO 7

ELA manteria a calma. Foi o que Kate prometeu a si mesma. Fizera figura de tola, ao entrar na sala de Byron daquela forma, gritando, furiosa. Não se teria importado tanto... se tivesse dado certo. Não havia nada pior do que ter um bom acesso de raiva extinto pela razão, paciência e controle.

Era mais do que humilhante.

Kate também não gostava muito de aceitar ordens. Passou os olhos pela loja que acabara de fechar, com o rosto franzido. Podia simplesmente ir embora, reflectiu, tamborilando com os dedos sobre o balcão. Podia sair agora, ir para qualquer lugar que quisesse. Podia ir para sua casa, dar um passeio de carro ou passar na Casa Templeton para jantar. Talvez fosse essa melhor opção, reflectiu ela, passando a mão distraída pela dor persistente no estômago. Tinha fome, mais nada. Um bom jantar na Casa Templeton, uma noite com Laura e as crianças, bastaria para dissipar todas as pontadas de dor e nervosismo.

Seria uma boa lição para Byron se não a encontrasse quando viesse fuzilá-la. Pois era essa, sem dúvida, a intenção dele. Tranquilizar a vítima com a razão, com promessas de uma conversa calma, para depois acertar-lhe com um tiro entre os olhos.

E essa era a razão pela qual ficaria. Kate Powell nunca recusara um desafio.

"Que Byron venha", pensava ela, enquanto começava a andar de um lado para o outro da loja. Podia dominar Byron De Witt até mesmo a dormir. Homens como ele estavam tão acostumados a impor a sua vontade com um sorriso fácil, uma palavra murmurada, que não sabiam como agir com uma mulher que assumia uma posição de firmeza.

Além do mais, agora que as suas finanças se tinham tornado um tanto apertadas, ela reconhecia a vantagem de uma refeição grátis.

A dor voltou, como um eco irónico. "Nervos", pensou Kate outra vez. Claro que se sentia nervosa. Sabia melhor do que ninguém que a pretenses não tinha condições de sustentar as três sócias e permanecer à tona de água. Tiveram sorte em fazê-la sobreviver ao primeiro ano. Mas as hipóteses de sucesso ainda eram mínimas.

Ela franziu o rosto para um elegante rinoceronte de cristal dourado-claro. Por quanto tempo mais conseguiriam vender coisas ridículas como

aquela? A etiqueta com o preço fê-la rir. Novecentos dólares? Quem no seu juízo perfeito gastaria quase mil dólares por um objecto tão absurdo?

Se a Pretenses fosse por água abaixo, Margo ficaria muito bem. Tinha Josh, um bebé a caminho, uma linda casa. Muito longe da situação em que se encontrava um ano antes, pensou Kate, sentindo-se satisfeita pela amiga.

Mas havia Laura para se preocupar, sem falar nas meninas. Elas não passariam fome, Kate sabia-o. Os Templeton não permitiriam. Continuariam a morar na Casa Templeton, o que lhes proporcionaria muito mais do que um tecto sobre as suas cabeças. Seria um lar. Como Laura era orgulhosa de mais para usar os rendimentos das suas acções da Templeton, poderia trabalhar no hotel e ganhar a vida... e muito bem. Mas até que ponto o seu ego ficaria abalado se o negócio que iniciara fracassasse?

Kate descobrira muitas coisas sobre as dificuldades de agir com o ego abalado.

Precisavam fazer com que a loja desse certo. Era o sonho de Margo, tornara-se também o de Laura. E era tudo o que Kate tinha para se segurar. Todos os seus pequenos planos tinham sido arruinados. Não haveria sociedade na Bittle, nenhuma possibilidade de abrir a sua própria firma a curto ou longo prazo. Nenhuma placa de latão na porta da sua sala. "Nada de escritório", pensou Kate, sentando-se num banco de madeira pintado. Naquele momento, ela tinha apenas noites de insónia, dores de cabeça que nunca desapareciam por completo, um estômago que se recusava a ter um bom comportamento e a Pretenses.:

"Pretenses", pensou ela, com um sorriso amargo. Margo escolhera bem o nome.

As três sócias tinham muitas pretensões.

Ao ouvir alguém bater à porta, Kate sobressaltou-se, empinando os ombros e levantando-se a resmungar para ir abri-la. Empurrou Byron para o lado, saiu para a pequena varanda ornamentada com flores e trancou a porta.

Transeuntes e carros passavam por ali, com todo o barulho e confusão inevitáveis. "Turistas", pensou ela, distraída, "à procura do lugar certo para um jantar de férias. Trabalhadores que voltam para casa depois de um longo dia. Casais com encontro marcado."

Onde se incluía Kate Powell?

- Não vou jantar contigo porque me disseste que eu tinha de ir declarou ela, sem qualquer preliminar. -vou porque quero a oportunidade de conversar

de forma tranquila e objectiva sobre a situação... e porque estou com fome.

- Está certo. - Byron pegou-lhe pelo cotovelo. - Vamos no meu carro. Consegui um lugar no outro lado da rua. Esta área é bastante movimentada.

- A localização é ótima - comentou Kate, enquanto ele a conduzia. - Perto da doca de pesca e do mar. Os turistas representam uma boa parte do nosso movimento, mas muitos moradores locais também fazem aqui compras.

Dois rapazes numa bicicleta de dois lugares alugada passaram por detrás dela, rindo como hienas. Era um princípio de noite lindo, com uma claridade suave e fragrâncias envolventes. Uma noite para se passear na praia, ou para jogar pedaços de pão às gaivotas do cais, como vários casais faziam naquele momento. "Uma noite para casais", reflectiu Kate, mordendo o lábio, enquanto Byron a conduzia para o outro lado da rua.

- Posso seguir-te no meu carro. Ou podemos ir a um restaurante aqui perto. Há pelo menos uma dúzia a que se pode ir a pé.

- Vamos no meu carro - insistiu ele, guiando-a com firmeza e gentileza pelo estacionamento cheio. - E eu trago-te de volta para vires buscar o teu carro quando acabarmos.

- Poupavas tempo e serias mais eficiente se...

- Kate... - Byron virou-se e fitou-a nos olhos. Reprimiu o comentário irritado que já aflorava à sua língua. Kate estava exausta. - Porque não experimentas algo novo? Deixa- te levar pela maré.

Ele abriu a porta do seu Mustang antigo e esperou, um pouco divertido, que Kate encolhesse os ombros, contrariada. Não se desapontou.

Kate observou-o a dar a volta pela frente do carro. Ele tirara a gravata e o casaco, e desabotoara o colarinho. "A aparência descontraída e informal combina com os ombros largos de jogador de futebol americano", pensou ela, "bem como os cabelos desgrelhados." Kate decidiu reformular a sua estratégia e esperar pelo jantar, antes de iniciar o sermão que planeava.

Quando necessário, era capaz de manter uma conversa informal com qualquer pessoa.

- Quer dizer que aprecias carros clássicos.

Ele sentou-se ao volante. No instante em que girou a chave na ignição, o rádio começou a tocar, ouvindo-se Marvin Gaye. Byron baixou o volume para um murmúrio antes de atravessar o estacionamento.

- Um Mustang Sessenta e Cinco com um motor V-8 289. Um carro

como este não é apenas um meio de transporte. É um compromisso.

- A sério? - Kate gostava dos bancos curvos de um branco-cremoso, mas não podia pensar em nada menos prático do que possuir um carro mais antigo que a sua idade. - Mas não tens de passar muito tempo a tratar da manutenção e à procura de peças?

- Esse é o compromisso. O carro funciona como um sonho. Byron entrou no tráfego, passando a mão pelo painel, num gesto afectuoso. - Foi o meu primeiro.

- Primeiro quê? Primeiro carro?

- Isso mesmo. - Ele sorriu à expressão aturdida de Kate. - comprei-o quando tinha dezassete anos. Já rodou trezentos mil quilómetros e ainda ronrona como um gatinho.

Kate teria dito que era mais parecido com "o rugido de um leão", mas não era da sua conta.

- Ninguém guarda o primeiro carro. É como o primeiro amor.

- Exactamente. - Byron reduziu a marcha, fazendo uma curva. Fiz amor pela primeira vez no banco de trás, numa linda noite de Verão. A bela Lisa Montgomery.

Ele suspirou pela recordação, antes de acrescentar:

- Ela abriu-me uma janela para o paraíso, que Deus a abençoe.

- Uma janela para o paraíso... - Incapaz de resistir, Kate olhou para trás, estudando o banco traseiro impecável. Não era muito difícil imaginar dois corpos jovens enlaçados ali. - Tudo isso num velho Mustang.

- Um Mustang clássico. Da mesma forma que Lisa Montgomery.

- Mas não ficaste com ela.

- Não se pode ficar com tudo, excepto as lembranças. Lembras-te da tua primeira vez?

- No meu quarto, no dormitório da universidade. Comecei tarde. - Marvin Gaye foi substituído por Wilson Pickett. Kate começou a bater com o pé ao ritmo. - Ele era o líder da turma de debates e seduziu-me com o argumento de que o sexo, depois do nascimento e da morte, era uma das supremas experiências humanas.

- Um bom argumento. vou experimentá-lo um dia desses. Kate lançou-lhe um olhar. O herói perfeito, apenas um pouco rude.

- Não imagino que precisas de um argumento assim.

- Não faz mal nenhum ter alguns de reserva. Mas o que aconteceu com o

líder da equipa de debates?

- Ele estava acostumado a concluir os argumentos em três minutos. Essa capacidade prejudicou a suprema experiência humana.

- Ah... - Byron reprimiu um sorriso. - Uma pena.

- Nem tanto. Ensinou-me a não ter expectativas irrealistas e a não depender de outras pessoas para satisfazer as minhas necessidades básicas. - Ela observou a paisagem. Parou de bater com o pé, ficando tensa de novo. - Porque estamos na Seventeen Mile?

- É um percurso bonito. Gosto de aqui passar todos os dias. Por acaso já te disse que consegui alugar a casa que vou comprar enquanto negociamos?

- Não, não disseste. - Kate começava a entender. - Disseste que íamos jantar e ter uma conversa civilizada.

- E vamos. Ao mesmo tempo, porém, podes dar uma vista de olhos no favor que me prestaste.

Enquanto ela formulava mentalmente diversas objecções, Byron entrou no caminho e parou atrás de um Corvette preto lustroso.

- É um Sessenta e Três, o primeiro ano em que o Stingray saiu de Detroit - comentou ele, acenando com a cabeça para o carro. Trezentos e sessenta cavalos, injectar de combustível. Uma beleza absoluta. Não que o Corvette original não fosse sensacional, antes de ser redesenhado. Já não se fazem carroçarias assim.

- Porque precisas de dois carros?

- Precisar não é a questão. Seja como for, tenho quatro carros. Os outros dois estão em Atlanta.

- Quatro? - murmurou ela, achando graça ao pequeno sobressalto de Byron.

- Um Chevy Cinquenta e Sete, azul-claro, com motor V-8 283, pneus de banda branca, todo o equipamento original. - Havia afeição na sua voz. Kate pensou que o sotaque sulista fazia com que as palavras soassem como a descrição de uma amante. - Tem tanta classe quanto as canções que compuseram a seu respeito.

- Billie Jo Spears. - Kate conhecia bem as curiosidades musicais.

- "Fifty-seven Chevrolet".

- É do melhor que há. - Surpreendido e impressionado, ele sorriu. - Tem como companhia um CTO Sessenta e Sete e um 389.

Kate sorriu também.

Byron pôs a mão sobre a de Kate e contemplou a casa. Ela sentia-se suficientemente relaxada para não lhe retirar a mão.

- Não é sensacional?

- É linda. - Toda de madeira e vidro, varandins em dois níveis, flores desabrochando por toda a parte, um maravilhoso cipreste, inclinado e mágico.

- Eu já a conhecia.

- Por fora. - Como sabia que ela nunca esperaria que ele desse a volta para abrir a porta, Byron inclinou-se para abri-la. E aspirou a fragrância simples de sabonete. Apreciando-a, deixou que o seu olhar vagueasse devagar da boca para os olhos. - Tu vais ser outra primeira.

- O quê?

Meu Deus! Será que ele estava a perder o juízo ou começava mesmo a aguardar, ansiosamente, por aquele tom irritadiço?

-A minha primeira convidada. - Byron saltou do carro, pegou na pasta e no casaco. Enquanto avançavam pelo caminho, segurou na mão de Kate, num gesto amigável. - Dá para ouvir o mar. É bastante perto. Até já avistei algumas focas.

Era encantador... quase encantador de mais, pensou ela. O cenário, os sons, a fragrância de rosas e jasmim. O que restava do pôr do Sol espalhava cores deslumbrantes pelo céu a oeste. As sombras distorcidas das árvores eram longas e profundas.

- Muitos turistas passeiam-se por aqui - comentou Kate, fazendo um esforço para resistir ao encantamento. - Isso não te incomoda?

- Não. A casa fica afastada da estrada, os quartos são virados para o mar.

- Ele rodou a chave na fechadura. - Só há um problema.

Kate sentiu-se contente por ouvir isso. A perfeição deixava-a nervosa.

-Qual é?

- Ainda não tenho muita coisa em matéria de móveis. - Byron abriu a porta e mostrou a casa.

Aquilo não devia deixá-la satisfeita. Soalhos vazios, paredes vazias, espaço vazio. Mas ela ficou feliz, pela maneira como o vestíbulo fluía para uma sala. A mais simples das recepções. As portas de vidro na parede do outro lado explodiam com o pôr do Sol espectacular e quase exigiam serem abertas.

O soalho de pinho amarelo brilhava sob os pés de Kate quando ela entrou e se aproximou. Ainda não havia tapete para suavizar aquele fluxo de

luz.

"O Byron vai comprar tapetes", pensou ela. Era o mais prático, o mais sensato. Mas também seria uma pena.

Pela observação externa da casa, ela não imaginara que o tecto fosse tão alto, ou que a escada que levava ao segundo andar fosse aberta, como a grade ornamentada do andar superior.

Dava para perceber a habilidade e a simplicidade com que uma sala se transformava noutra, de tal forma que a casa toda parecia ser apenas um espaço único.

- Uma vista maravilhosa...

Kate não podia entender porque tinha as palmas húmidas. Caminhou até um caixote sobre o qual estava uma refinada aparelhagem. O único móvel que ali existia era uma poltrona reclinável, velha, com fita-cola prateada a envolver os braços.

- Estou a ver que tens o essencial.

- Não se pode viver sem música. Comprei a cadeira numa venda de garagem. É tão horrível, que se torna maravilhosa. Aceitas uma bebida?

- Quero apenas um refrigerante. Ou água.

O álcool saíra da lista de Kate por vários motivos... e Byron era um deles.

- Tenho a água mineral Templeton. Ela sorriu.

- Então tens a melhor.

- Vou levar-te a uma visita guiada pela casa depois de começar a preparar o jantar. Vem fazer-me companhia na cozinha.

- Sabes cozinhar?

Foi o choque que fez Kate segui-lo.

- Sei, sim. Gostas de batatas fritas e salsichas, não gostas? - Byron esperou um momento, virou-se e não ficou desapontado com a expressão de puro horror dela. - Estava a brincar! Que tal marisco?

- Desde que não sejam aqueles horríveis lagostins.

- Faço um estufado de lagostim sensacional, mas vamos deixá-lo para quando nos conhecermos melhor. Se o resto da casa não me tivesse já persuadido, isto ter-me-ia conquistado.

A cozinha era de azulejos castanhos e brancos, com uma ilha no centro, que brilhava como um icebergue. Havia um banco comprido embutido em frente a uma janela, dando para as flores e a relva verde-escura.

- O meu frigorífico. - Byron passou a mão, num gesto afectuoso, pela porta de um amplo frigorífico de aço inoxidável. - Fogão com circulação de ar, exaustor Jenn-Air, armários de teca.

Havia uma enorme tigela azul com frutas frescas sobre o balcão. O ronco no estômago de Kate indicava que ela morreria em breve se não comesse.

- Gostas de cozinhar?

- Serve para me relaxar.

- Então porque não relaxas enquanto eu fico a ver?

Kate teve de admitir que o espectáculo era impressionante. Ficou a beber água gelada, aos goles, enquanto Byron cortava e picava diversos vegetais coloridos. Os seus movimentos eram vigorosos e até onde ela podia determinar, profissionais. Fascinada, chegou-se mais perto e observou as mãos de Byron.

Eram mãos muito bonitas, agora que as observava bem. Dedos compridos, palmas largas, unhas bem tratadas, que não reduziam a sua masculinidade básica.

- Fizeste um curso ou algo parecido?

- Algo parecido. Tínhamos um cozinheiro chamado Maurice. Byron virou um pimentão vermelho, cortou-o em tiras finas e compridas. - Ele disse que me ia ensinar boxe. Eu era alto e magro e costumava apanhar dos outros miúdos na escola.

Kate fez uma avaliação rápida. Ombros largos, cintura firme, ancas estreitas. E, com as mangas enroladas para cozinhar, ela podia ver antebraços que pareciam um tanto perigosos.

- O que aconteceu? Esteróides?

Ele riu e começou a cortar uma cebola.

- Os meus braços e pernas cresceram depois de algum tempo, comecei a fazer exercício. Mas naquela ocasião tinha doze anos e era de uma falta de jeito patética.

- Estou a ver. - Kate tomou um gole de água, recordando a sua adolescência. O problema é que nunca crescera para se tornar diferente, continuava a ser a mais franzina. - É uma idade difícil.

- Por isso, o Maurice disse que me ia ensinar a defender-me, mas eu tinha também de aprender a cozinhar. Segundo ele, era apenas mais uma maneira de me tornar auto-suficiente. - Byron despejou óleo numa panela de

ferro fundido que já aquecia ao lume. - Cerca de seis meses depois, dei uma tarefa ao Curt Bodine... que era a desgraça da minha existência naquele tempo.

- Eu tinha a Candy Dorall, agora Litchfield - comentou Kate. Ela sempre foi a minha desgraça.

-Candace Litchfield, uma chata terminal? Ruiva, presunçosa, cara de fuinha, uma risadinha impertinente?

Qualquer pessoa que descrevia Candy de forma tão certa merecia um sorriso.

- Acho que posso gostar de ti, afinal.

- Alguma vez deste um soco naquele nariz atrevido? -Aquele nariz não é mesmo dela. Ela fez uma rinoplastia. - Kate pegou numa tira de pimentão vermelho. - E não fiz isso, mas conseguimos metê-la nua dentro de um armário do vestiário. Duas vezes.

- Nada mal, mas isso é coisa de mulher. Já eu enchi o Curt de porrada, salvei o meu orgulho masculino, ao mesmo tempo que adquiria uma reputação de macho. E também aprendia a fazer um suflê de chocolate inesquecível.

Quando ela se riu, Byron fez uma pausa e virou-se para fitá-la.

- Faz isso outra vez. - Como Kate não respondeu, ele balançou a cabeça. - Devias rir mais, Katherine. É um som fascinante. De uma riqueza e uma intensidade surpreendentes. Como o que se espera ouvir ao passar pela janela de um bordel de Nova Orleães.

- Tenho a certeza de que isso é um elogio. - Ela tornou a erguer o copo com água, fitando-o nos olhos. - Mas raramente rio de estômago vazio.

- Já tratamos disso.

Ele deitou alho picado no óleo quente. O aroma foi imediato e maravilhoso. A cebola foi despejada em seguida. Kate começou a salivar.

Byron virou-se, tirou a tampa de uma tigela coberta e deitou camarão descascado e vieiras na panela. Um pouco de vinho branco, uma pitada de sal, uma coisa amarela que ele informou ser gengibre ralado. Alguns movimentos firmes para misturar todos os vegetais cortados.

Em menos tempo do que poderia levar para estudar um cardápio, Kate descobriu- se sentada diante de um prato cheio.

- Está ótimo - comentou ela, depois da primeira garfada. - Uma delícia. Porque não abres um restaurante?

- Cozinhar é um hobby.
- Como a conversa e os carros antigos.
- Carros especiais.

Ele ficou satisfeito por vê-la comer. Optara por aquele prato pois queria que ela ingerisse alimentos saudáveis. Imaginava-a apenas a comer sanduíches e outros alimentos perniciosos, quando se lembrava de comer. E a encher-se constantemente de antiácidos. Não era de admirar que fosse tão magra.

- Eu podia ensinar-te.
- Ensinar-me o quê?
- A cozinhar.

Kate espetou um camarão.

- Eu não disse que não sabia cozinhar.
- Sabes?

- Não, mas não disse que não sabia. E não preciso, enquanto existir comida pronta para levar para casa, comida congelada e um microondas.

Por ela ter recusado a oferta de vinho, Byron optou por beber água também.

- Aposto que há um lugar reservado para ti no McDonald's mais próximo.

- E daí? É rápido, fácil e enche a barriga.

- Não há nada de errado com batata frita de vez em quando, mas quando se trata de uma dieta básica...

- Não comeces, Byron. É por isso que estou aqui, em primeiro lugar. - Kate lembrou-se do seu plano e tratou de pô-lo em prática. Não gosto que as pessoas, em particular pessoas que mal conheço, interfiram na minha vida.

- Temos de nos conhecer melhor.

- Não, não temos. - Era estranha, compreendeu ela, a facilidade com que se tornara distraída, interessada, à vontade. Já passara o tempo em que tudo o que ela queria era descarregar a sua irritação em Byron. - As tuas intenções podiam ser óptimas, mas não devias ter procurado o Josh.

- Os teus olhos são fabulosos - murmurou ele, observando-os a contraírem-se, desconfiados. - Não sei se é por serem tão grandes, tão profundos, ou porque o teu rosto é estreito, mas o facto é que deixam qualquer um atordoado.

- É uma das tuas frases feitas?

- Não. É uma observação. Fico a olhar para o teu rosto, e ocorre-me que tem uma série de contrastes. Os malares salientes e arrogantes da Nova Inglaterra, a boca larga e sensual, o nariz anguloso, os olhos grandes e meigos. Não devia funcionar, mas funciona. E funciona ainda melhor quando não estás pálida e cansada, embora isso acrescente uma fragilidade um tanto desconcertante.

Kate mudou de posição na cadeira, constrangida.

- Não sou frágil. Não estou cansada. E o meu rosto nada tem a ver com o assunto em discussão.

- Mas eu gosto dele. Gostei logo no início, mesmo quando não gostava de ti. E pergunto-me uma coisa, Kate. - Ele pôs a mão sobre a dela, entrelaçando os dedos. - Porque te esforçaste tanto para evitar que eu olhasse para ti duas vezes?

- Não fiz nenhum esforço. Não sou o teu tipo, tal como tu não és o meu.

- Tens razão, não és o meu tipo - concordou Byron. - Mas de vez em quando gosto de experimentar algo... diferente.

- Não sou uma nova receita. - Ela retirou a mão e empurrou o prato para o lado. - E vim aqui para ter, como tu próprio disseste, uma conversa civilizada.

- Isto parece-me civilizado.

- Não me venhas com esse tom razoável. - Ela tinha de fechar os olhos com toda a força e contar até dez. Só chegou a cinco. - Detesto esse tom. Concordei em jantar contigo só para poder falar com toda a clareza, para conversar sem perder o controlo, como aconteceu hoje.

Para dar ênfase, ela inclinou-se um pouco para a frente e ficou perturbada ao descobrir que havia um ténue halo dourado em torno das pupilas de Byron.

- Não quero que te intrometas na minha vida. Não sei como deixar mais claro do que isso.

- Está bem claro. - Como pareciam ter concluído o jantar, ele pegou nos pratos e levou-os para a bancada. Tornou a sentar-se, tirou um charuto do bolso e acendeu-o. - Mas há um problema. Passei a ter um certo interesse por ti.

-Ai, é?

- Achas difícil de acreditar? - Ele soprou a fumaça e pensou um pouco. - Eu também achei, a princípio. Mas depois compreendi o que desencadeou

tudo. Sou um homem compelido a resolver problemas e quebra-cabeças. Respostas e soluções são essenciais para mim. Queres café?

- Não, obrigada. - Será que ele não sabia que a irritava pela maneira como saltava de um assunto para o outro, com aquele seu sotaque arrastado de sulista? Claro que sabia! - E não sou um problema nem um quebra-cabeças!

- És, sim. Olha só para ti, Kate. Abriste caminho à força ao longo da vida. - Ele estendeu a mão e abriu os punhos cerrados de Kate. Quase posso ver qualquer combustível que te dás ao trabalho de ingerir a ser consumido pelos nervos. Tens uma família adorável, uma base sólida, uma inteligência excepcional, mas enfrentas os pormenores como se fossem nós cegos. Nunca consideras a possibilidade de apenas cortar algum. Mas, quando te defrontas com a injustiça, o insulto de ser despedida de um emprego que era uma parte enorme da tua vida, sentas-te de braços cruzados e não fazes nada.

Por causa disso, Kate sentia-se irritada, magoada e envergonhada. E, como não podia explicar nada a Byron nem aos outros que se importavam com ela, era como uma ferida infectada.

- Estou a fazer o que é mais conveniente para mim. Não vim aqui em busca de uma análise.

- Ainda não acabei, Kate. Tu tens medo de ser vulnerável, até te envergonhas disso. És uma mulher prática, mas sabes que estás fisicamente abalada, só que não tomas nenhuma providência. És uma mulher honesta, mas empenhas toda a tua energia em negar que pode haver uma atracção entre nós, por menor que seja. É por isso que me interessas. - Ele soprou o fumo do charuto mais uma vez, depois apagou-o. - Interessa-me o enigma que és.

Ela levantou-se devagar, para provar a ambos que ainda mantinha o controlo.

- Compreendo que pode ser difícil... não, quase impossível... tu perceberes que não tenho o menor interesse pela tua pessoa. Não sou vulnerável, não estou doente e não sinto qualquer atracção por ti, por menor que seja.

- Muito bem... - Byron levantou-se também. - Podemos submeter pelo menos uma dessas declarações a um teste.

Ele manteve os olhos fixos nos dela, estendendo a mão para a sua nuca.

- A menos que tenhas medo de descobrir que estás enganada.

- Não estou enganada. E não quero...

Byron decidiu que era mais simples não deixá-la terminar. Kate seria capaz de argumentar com os mortos. Beijou-a na boca, um mero sussurro de pressão e promessa. Quando Kate ergueu as mãos para o seu peito, ele colocou o braço em torno da cintura dela e puxou-a, gentilmente.

Para seu próprio prazer, passou a língua pelos lábios de Kate, enfiou-a dentro da sua boca quando os lábios se entreabriram. Pensou, de maneira um tanto tola, que podia ouvir o rangido de uma nova janela para um novo paraíso a abrir-se.

Depois ela estremeceu, e Byron esqueceu-se de achar graça a qualquer dos dois. Quando recuou, verificou que Kate continuava pálida, os olhos escuros e turvos. Como um teste, deu beijos ao de leve nos cantos da boca, e viu-lhe as pestanas a tremerem.

- Eu não... não posso... oh, Deus! - A mão comprimida contra ele contraiu-se. - Não tenho tempo nem disposição para isso.

- Porquê?

Porque a sua cabeça girava, o coração disparara, todo o corpo vibrava de uma maneira que jamais acontecera antes.

- Não és o meu tipo.

Aquela boca tão hábil contraiu-se.

- Também não és o meu. Vá-se lá compreender!

- Homens que se parecem contigo são sempre escória. - Ela sabia o que era melhor, mas não podia impedir que as suas mãos subissem pelo peito de Byron e agarrassem aqueles maravilhosos cabelos de pontas douradas. - É como uma lei.

- Lei de quem?

Kate seria capaz de dar alguma resposta brusca a essa indagação, se fosse capaz de se concentrar.

- Ora, que se lixe... - murmurou ela, puxando a boca de Byron de volta para a sua.

Nervos e necessidades pareciam pulsar dentro dela em ondas rápidas e ansiosas.

Byron não podia enfrentá-los, mal conseguia permanecer de pé depois que a boca de Kate iniciou a sua investida. Devia saber que ela não acreditaria no lento e gradual, ou na ternura fácil de uma sedução sem pressas. Mas não imaginara que as demandas em chamas daquela boca de

extrema mobilidade acabariam por abalar o seu sentido inato da razão.

Em segundos, ele deixou de desfrutá-la e começou a devorá-la.

Os seus braços tornaram a envolvê-la, esqueceram como aqueles ossos eram longos e frágeis, como a carne em redor era escassa. Ele usou os dentes, porque aquela boca larga e sôfrega parecia ter sido feita para ser violada. A fragrância do sabonete era absurdamente sensual. Ele quase que podia saboreá-lo, enquanto dava beijos ardentes no pescoço de Kate.

- É só porque não tenho relações há muito tempo... - balbuciou Kate, procurando ser racional mesmo no momento em que os seus olhos se tornavam vidrados.

- Tudo bem. Como queiras.

Ele comprimiu as mãos contra as nádegas pequenas mas firmes e soltou um gemido contra o pescoço de Kate.

- Um ano... Isto é, quase dois, mas depois dos primeiros meses a gente quase não...

Ah, quero que me toques! vou gritar se não me acariciares!

"Onde?" Byron quase entrou em pânico. Era incapaz de distinguir uma parte da outra. Todo o corpo de Kate o absorvia. O instinto levou-o a puxar a blusa branca para fora da saia, a procurar os botões.

- Lá em cima... - Ele soltou um grito quando os botões se recusaram a ceder. Não lhe restava sanidade suficiente para ficar consternado pela maneira como os seus dedos tremiam. - Vamos subir. Tenho uma cama.

Desesperada, Kate pegou na mão dele, comprimindo-a contra o seu seio.

- Temos aqui um belo chão.

Ele conseguiu soltar uma gargalhada.

- Estou a começar a adorar as mulheres práticas.

- Ainda não viste nada...

E foi nesse instante que a atingiu. A primeira onda de dor foi logo acompanhada por uma segunda, deixando-a ofegante.

- O que foi? Magoei-te?

- Não é nada... - Ele tentava ampará-la, enquanto Kate se dobrava. - É apenas uma pontada, um...

Mas o ardor espalhava-se como fogo em mato seco. O medo irrompeu, enquanto ela sentia a pele abrir-se para um suor pegajoso e frio.

Às cegas, Kate procurou alguma coisa para se apoiar. Teria caído se Byron não a segurasse.

- Bolas, que isto se lixe! - As palavras explodiram através dos dentes semicerrados. - vou levar-te ao hospital.

- Não! Espera! - Desesperada por alívio, ela estendeu um braço por baixo dos seios e comprimiu com força. - Basta levares-me para casa.

- Nem penses! - Como um guerreiro erguendo a sua presa, ele levou-a para fora de casa. - Poupa o teu fôlego e grita comigo mais tarde. Neste momento, vais fazer o que eu mandar.

- Eu mandei que me levasses para casa!

Kate não disse nada quando ele a acomodou no carro. Precisava concentrar toda a sua energia na luta contra a dor.

Byron saiu do caminho em marcha atrás, sem dizer nada, quando ela tirou um antiácido do pacote que trazia sempre no bolso. Ele pegou no telefone do carro e fez uma ligação.

- Mãe... - Ele estava a guiar depressa, e interrompeu o pedido de desculpas da mãe por não lhe ter telefonado. - Não tem problema. Estou com uma mulher, talvez um metro e setenta, menos de cinquenta quilos, vinte e poucos anos.

Byron soltou um grunhido, segurando o auscultador com o ombro, enquanto metia a mudança.

- Não, não é isso - disse ele, à risada inevitável. - Estou a levá-la para o hospital neste momento. Ela tem uma dor abdominal. Parece ser frequente.

- É apenas stresse - murmurou Kate, com alguma dificuldade, entre as respirações superficiais. - E a tua comida horrível.

- É ela mesma. Consegue falar e está lúcida. Não sei. - Ele lançou um olhar para Kate. - Já fizeste alguma cirurgia abdominal, Kate?

- Não... e não fales mais comigo.

- Isso mesmo. Ela vive com um stresse permanente, quase todo provocado por ela própria. Acabámos de comer há cerca de quarenta e cinco ou cinquenta minutos. - Ele dava respostas às perguntas objectivas da mãe. - Não, nada de álcool, nem cafeína. Mas ela bebe imenso café e consome antiácidos como se fossem chocolates. A sério? Há uma sensação de ardor, Kate?

- É apenas indigestão...

A dor começava a diminuir. Não era isso? Pelo amor de Deus, não era apenas isso?

- Sim. - Byron ouviu por mais um momento, acenou com a cabeça, com

uma expressão sombria. Sabia para onde as perguntas da mãe levavam. - com que frequência sentes essa dor corrosiva sob o esterno?

- Não é da tua conta.

- Não vais querer que eu me irrite neste momento, Kate. Não vais mesmo. com que frequência?

- Bastante. E daí? Não me vais levar a nenhum hospital.

- E a pressão no estômago?

Como ele descrevia os sintomas com tanta precisão, Kate fechou os olhos e ignorou-o.

Byron falou com a mãe por mais um momento, sem diminuir a pressão no acelerador.

- Obrigado. Foi o que imaginei. Não se preocupe, vou tratar de tudo. Claro que avisarei. Tchau.

Ele desligou, manteve os olhos fixos na estrada, enquanto acrescentava para Kate:

-Meus parabéns, sua idiota. Estás com uma linda úlcera.

CAPÍTULO 8

NÃO havia a menor possibilidade de ela ter uma úlcera. Kate confortou-se com esse pensamento e a certeza de que Byron faria figura de imbecil ao levá-la a toda a pressa para o hospital por causa de uma mera azia nervosa.

Úlceras eram para mulheres fracas e reprimidas, que não sabiam expressar as suas emoções, que tinham medo de enfrentar o que havia dentro delas. Kate achava que exprimia as suas emoções muito bem, em todas as oportunidades.

Estava apenas a suportar um stresse maior do que o habitual. Quem não ficaria com o estômago perturbado depois dos dois meses que acabara de passar? "Mas estou a conseguir tratar de tudo", disse para si, enquanto comprimia os olhos com toda a força contra a incessante pressão e ardor. E trataria de tudo à sua maneira.

No instante em que Byron parasse o carro, explicaria mais uma vez, com toda a calma, que Kate Powell cuidava de Kate Powell.

E cuidaria mesmo. Se conseguisse recuperar o fôlego. Mas ele parou com um solavanco diante da entrada das urgências, saltou do carro, bateu com a porta, e pegou nela ao colo, antes que ela pudesse protestar.

Depois ela piorou, porque estava lá dentro, com todos os sons e cheiros de um hospital. Os serviços de urgência eram iguais em toda a parte. O ar estava impregnado de desespero e medo e cheiro de sangue. Anti-sépticos, álcool, suor. O som de sapatos de sola de borracha, o sussurro de rodas no linóleo. Tudo aquilo deixou-a paralisada. Teve de fazer um esforço enorme para não se enroscar na posição fetal na cadeira de plástico em que Byron a largara.

- Fica aqui - ordenou ele, em tom brusco, antes de se encaminhar para a enfermeira na recepção.

Kate nem sequer o ouviu.

Assediavam-na recordações. Podia ouvir as sirenes altas e desesperadas, ver as luzes vermelhas pulsando e girando. Tinha oito anos de novo, a pulsação intensa dentro dela doía como uma ferida aberta. E sangue... podia sentir o cheiro de sangue.

Não o seu. Ou pouco do seu sangue. Mal sofrera um arranhão. Contusões, como eles disseram. Pequenas lacerações. Uma concussão

mínima. Nada que ameaçasse a vida. Nada que alterasse a vida.

Mas tinham levado os pais em macas, com ela a gritar pela mãe. E os pais nunca mais voltaram.

- É a tua noite de sorte - murmurou Byron, ao voltar. - Não há muito movimento. Vão examinar-te já.

- Não posso ficar aqui - murmurou ela. - Não posso permanecer num hospital.

- Mas é o lugar certo, miúda. Onde estão os médicos.

Ele levantou-a, surpreendido quando Kate obedeceu sem mais nenhuma resistência. Entregou-a aos cuidados de uma enfermeira e acomodou-se para esperar.

Kate disse para si que, quanto mais cooperasse, mais depressa a deixariam ir embora. E tinham de a deixar ir embora. Já não era uma criança sem opções. Entrou na estreita área de exames, teve um sobressalto ao ouvir o barulho da cortina a ser puxada nas suas costas.

- Vamos ver o que temos aqui.

A médica de plantão era jovem e bonita. Um rosto redondo, olhos contraídos por detrás dos óculos de aros finos, cabelos escuros presos nos lados com ganchos simples.

"Foi um homem daquela vez", pensou Kate. Também era jovem, mas tinha os olhos exaustos e velhos. De uma maneira mecânica, Kate respondeu às perguntas habituais. Não, ela não tinha alergias, não fizera qualquer operação, não tomava nenhum medicamento.

- Porque não se deita agora, Kate? Sou a doutora Hudd. vou examiná-la. Sente alguma dor neste momento?

- Não... não realmente.

A médica ergueu uma sobrancelha.

- Não ou não realmente?

Kate fechou os olhos, fez um esforço para se concentrar no aqui e agora.

- Um pouco.

- Diga quando aumentar.

"Mãos suaves", pensou Kate, enquanto a médica começava a palpá-la. Os médicos pareciam ter sempre mãos suaves. Ela soltou um gemido quando a médica pressionou em baixo do esterno.

- É este o local, ha? com que frequência acontece?

- De vez em quando.

- Acha que o desconforto ocorre depois de uma refeição... digamos, cerca de uma hora depois de uma refeição?

- Às vezes. - Kate suspirou. - É isso mesmo.

- E quando bebe álcool?

- Também.

- Costuma vomitar?

- Não. - Kate passou a mão pelo rosto suado. - Não.

- Vertigens?

- Não... não realmente.

A boca sem batom da Dr.a Hudd contraiu-se, enquanto ela comprimia o dedo contra o pulso de Kate.

- A sua pulsação está um pouco acelerada.

- Não quero ficar aqui - declarou Kate, incisiva. - Detesto hospitais.

- Conheço o sentimento. - A médica continuou a escrever anotações numa ficha. - Descreva-me a dor que sente.

Kate olhou para o tecto e fingiu que falava em voz alta para si mesma.

- É uma sensação de ardor no tronco, uma dor difusa. - Não ficaria ali, lembrou Kate a si própria. Naquela mesa, por detrás daquela cortina. - Mais como pontadas de fome no estômago. Podem tornar-se muito intensas.

- Aposto que sim. Como tem lidado com isso?

- A minha azia - murmurou Kate. - com xarope antiácido. A médica riu-se, afagando a mão de Kate.

- Tem sofrido muito stresse, Kate?

"O meu pai era um ladrão, perdi o emprego, a Polícia pode bater à minha porta a qualquer instante. Não há nada que eu possa fazer a esse respeito, mas nada mesmo, que não agrave a situação."

- Quem não tem?

Kate fez um esforço para não se sacudir quando a médica lhe levantou uma pálpebra e acendeu uma lanterna para examinar as suas pupilas.

- Há quanto tempo tem esses sintomas?

- Acho que sempre existiram. Não me lembro bem. Mas pioraram nos últimos dois meses.

- Tem dormido bem? -Não.

- Tem tomado alguma coisa para isso? -Não.

- Dores de cabeça?

- Não preciso de mais nenhuma. Já tenho muitas. Brufen - antecipou-se

à pergunta seguinte. -Aspirina. Ando sempre a trocar.

- Hum, hum. Quando fez o último exame médico completo? Como Kate não respondeu, a médica inclinou-se para trás e tornou a contrair os lábios. - Muito tempo, não é? Quem é o seu médico habitual?

- Minelli. Uma vez por ano faço o exame de Papanicolau. Não costumo estar doente.

- Mas está a fazer uma boa imitação de doença agora. E vou acompanhá-la com uma imitação de exame. Primeiro, vamos verificar a sua tensão arterial.

Kate submeteu-se. Sentia-se mais calma agora, convencida de que a provação estava quase a terminar. Imaginava que a médica preencheria uma receita e tudo acabaria.

- A tensão está um pouco alta. O coração é forte. Tem peso a menos, Kate. Faz dieta?

- Não. Nunca fiz dieta.

- Sorte a sua.

A Dr.a Hudd exibiu uma expressão pensativa. Era um olhar que Kate reconhecia e que a fez suspirar.

- Não tenho um distúrbio alimentar, doutora. Não sou bulímica nem anoréctica. Não faço orgias de comida, seguidas por vômitos, não tomo comprimidos. Sempre fui magra.

- Mas perdeu algum peso recentemente?

- Talvez uns quilos, nada de especial - admitiu Kate. - O meu apetite é meio esporádico. Tive problemas no trabalho que me deixaram stressada. Isso é tudo. E pode acreditar que, se eu pudesse optar, preferia ter curvas em vez de ângulos.

- Depois de resolvermos este problema, é bem provável que adquira as curvas. Vamos fazer alguns exames...

A mão de Kate projectou-se de repente, segurando a médica pelo pulso.

- Exames? Que tipo de exames?

- Nada que envolva câmaras de tortura, eu prometo. Precisamos fazer algumas radiografias, pelo menos uma com contraste de bário. E vou pedir também uma endoscopia. Serve para localizar e eliminar possibilidades.

- Não quero fazer nenhum exame. Basta dar-me um comprimido e deixar-me sair daqui.

- Não é tão simples assim, Kate. Vai tirar as radiografias o mais depressa

possível. vou tentar marcar a endoscopia para amanhã de manhã. Assim que estiver pronto o processo de internamento...

O pânico era branco, compreendeu Kate. Salas brancas e mulheres de uniforme branco.

- Não me vai manter aqui.

- Só esta noite. Não é que eu não respeite o diagnóstico do seu namorado...

- Ele não é meu namorado.

- Pois eu, se fosse a si, empenhava-me nisso. Seja como for, ele não é médico.

- A mãe dele é que é médica. E falaram ao telefone quando vínhamos para cá. Pergunte-lhe. Quero que o chame. Quero que o traga para aqui.

- Está bem. Tente acalmar-se. vou falar com ele. Fique deitada aqui e procure relaxar.

A médica empurrou os ombros de Kate, obrigando-a a deitar-se. Sozinha, Kate fez um esforço para respirar fundo, com calma. Mas o terror envolvia-a.

- Ainda a discutir - disse Byron, quando entrou na sala.

Kate sentou-se na cama num movimento abrupto, como se fosse uma mola.

- Não posso ficar aqui. - Ela segurou na camisa de Byron com as mãos trémulas. - Tens de me levar embora.

- Escuta, Kate...

- Não posso ficar aqui. Não posso passar a noite no hospital. Não posso.

- A voz baixou para um sussurro trémulo. - Os meus pais...

A confusão veio primeiro. Será que ela queria que ele ligasse para os Templeton, que estavam em França, pedindo que a viessem buscar? Depois Byron lembrou-se... os pais biológicos dela tinham morrido. Num acidente de carro. Hospital.

E ele percebeu que a expressão nos olhos de Kate que tomara como dor e mau humor era na verdade de puro terror.

- Está bem, minha querida. - Para acalmá-la, ele comprimiu os lábios contra a testa de Kate. - Não te preocupes. Não ficas aqui.

- Não posso!

Ela sentia a respiração difícil, sentia a histeria iniciar a sua lenta ascensão.

- Não vais ficar. Prometo. - Ele segurou no rosto de Kate entre as mãos, até que ela focou os olhos nos seus. - Prometo-te, Kate. vou falar com a médica agora, e depois levo-te para casa.

A histeria foi substituída pela confiança.

- Está bem. - Ela fechou os olhos. - Está bem.

- Só peço que me dês um minuto.

Byron encontrou-se com a médica no outro lado da cortina.

- Ela tem uma fobia. Eu não sabia.

- A maioria das pessoas não gosta de passar o tempo em hospitais, sr. De Witt. Há ocasiões em que eu também não gosto.

- Não estou a falar sobre resistência normal. - Frustrado, Byron passou a mão pela cabeça. - Pensei que era apenas isso. Mas é muito mais. Os pais morreram num acidente quando ela era pequena. Não conheço os pormenores, mas deve ter envolvido algum tempo num hospital. Ela entrou em pânico na perspectiva de ficar aqui... e ela não é de ter pânico.

- Ela tem de fazer os exames - insistiu a médica.

- Doutora... Hudd, não é? Doutora Hudd, ela tem uma úlcera. Sintomas clássicos. Ambos o sabemos.

- Porque a sua mãe disse?

- A minha mãe é chefe de medicina interna no Hospital Geral de Atlanta. Hudd ergueu as sobrancelhas.

- A doutora Margaret De Witt? - Ela suspirou de novo. - Impressionante. Li diversos estudos dela. Embora esteja propensa a concordar com o diagnóstico, tenho a certeza de que ela concordaria com o meu procedimento. Os sintomas apontam para uma úlcera do duodeno, mas não posso rejeitar outras possibilidades. Os exames são a norma.

- E se a paciente estiver tão angustiada, emocionalmente transtornada, a tal ponto, que a mera perspectiva de fazer os exames agrave a situação? - Byron esperou um instante.

- Ninguém pode obrigá-la a fazer os exames. Ela vai sair daqui, continuará a tomar antiácidos até abrir um buraco enorme no estômago.

- Tem razão, não posso obrigá-la a fazer os exames - admitiu a Dr.a Hudd, irritada.

- E posso receitar um remédio, em troca da promessa de que ela voltará para uma radiografia de contraste se os sintomas reaparecerem.

- vou tomar medidas para que ela volte.

- É melhor mesmo. Ela tem tensão alta, insuficiência de peso. Vem acumulando stresse. Eu diria que se encontra na iminência de sofrer um colapso.

- Eu vou tratar dela.

A Dr.a Hudd hesitou por mais um momento, avaliando-o, depois acenou com a cabeça.

- O seu pai é o doutor Brian De Witt?

- Cirurgia torácica.

- E você...

- Trabalho em hotelaria. - Byron sorriu, encantador. - Mas as minhas irmãs são médicas. Todas as três.

- Há sempre uma excepção na família.

- Desculpa - murmurou Kate, com a cabeça recostada no banco do carro e os olhos fechados.

- Só precisas seguir as ordens da médica. Toma o teu remédio, trata de descansar. E corta com os pimentos picantes.

Kate sabia que ele dissera isso para fazê-la sorrir, e tentou satisfazê-lo.

- E eu que ansiava por um pimentinho... Não queria pedir até ter a certeza de que conseguiríamos fugir. Mas como a dissuadiste de me internar?

- Razão, charme, um acordo. E invocando o nome da minha mãe. Ela tem muito boa reputação.

-Ah...

- E uma promessa: se acontecer de novo, tens de voltar para tirar as radiografias... como doente ambulatória. - Ele pôs a mão sobre a dela e apertou-a. - É uma coisa que não podes continuar a ignorar, Kate. Tens de tratar disso... e de ti mesma.

Ela tornou a ficar em silêncio. Era embaraçoso de mais. E ainda havia pontadas ardentes de pânico no seu estômago.

Quando abriu os olhos outra vez, avistou a curva de Big Sur banhada pelo luar, os penhascos, a floresta, a estrada com vários pontos de nevoeiro. Lágrimas arderam nos seus olhos. Pedira a Byron que a levasse para casa, e ele entendera. Trouxera-a para a Casa Templeton.

As luzes brilhavam pelas janelas. Era uma cena acolhedora, tão fiável quanto a aurora. Podia sentir a fragrância das flores, ouvir o mar. Antes mesmo de o carro parar, a porta da frente da casa abriu-se e Laura saiu a correr.

- Oh, querida, estás bem? - com o robe a agitar-se em torno das pernas, Laura abriu a porta do carro e puxou Kate para os seus braços. - Fiquei tão preocupada!

- Está tudo bem. Foi uma tolice. Eu...

Foi nesse instante que ela avistou Ann e quase perdeu o controlo.

- Ah, menina! - Ann colocou um braço em torno da cintura de Kate. - Vamos entrar.

-Eu...

Mas era fácil de mais apenas repousar a cabeça no ombro de Ann. Havia ali memórias de biscoitos quentes e chá doce. De lençóis macios e mãos frescas.

- Byron... - Laura lançou um olhar transtornado para ele. - Não sabes como me sinto agradecida. Eu...

Ela hesitou, olhou para Kate, que já entrara na casa, com Ann.

- Entra, por favor. Peço para te prepararem um café.

- Não, obrigado. É melhor eu voltar para casa agora. - Era evidente que Laura só estava a pensar em Kate. - Passarei mais tarde para saber como ela está.

- Obrigada.

Laura afastou-se a correr. Ele observou-a a colocar-se no outro lado de Kate. As três desapareceram no interior da casa como se fossem uma só pessoa.

Kate dormiu durante doze horas, acordou descansada e atordoada. Estava no quarto que fora seu. O papel de parede era o mesmo: riscas em cores suaves. As persianas do final da sua adolescência tinham sido substituídas por cortinas de rendas, agora balançando nas janelas abertas. Tinham sido da avó de Kate e tinham estado no quarto da sua própria mãe. A tia Susie pensara que lhe proporcionariam conforto quando viera para a Casa Templeton. E tinha razão.

As cortinas traziam-lhe conforto agora.

Tinham sido muitas as manhãs em que Kate ficara estendida na cama grande de dossel a observar aquelas cortinas a balançarem. E sentira os pais mais próximos.

Se ao menos pudesse falar com eles agora... Só para tentar entender porque o pai agira daquela maneira. Mas que conforto haveria nisso? Que desculpa poderia justificar?

Ela tinha de se concentrar no agora. Tinha de encontrar um meio de viver no presente. E, no entanto, como evitar o retorno ao passado?

"É esta casa, acima de tudo", reflectiu Kate. Continha muitas memórias. Havia ali história, eras, pessoas, fantasmas. Como os penhascos, a floresta, aqueles ciprestes de estranhas formas. Tudo tinha uma certa magia.

Kate virou o rosto para o travesseiro, protegido por uma fronha de linho irlandês. Ann certificava-se sempre de que as roupas de cama eram perfumadas com limão. Havia flores na mesa-de-cabeceira, um vaso Waterford cheio de frésias, e um bilhete encostado ao vaso. Kate reconheceu a letra de Laura, e estendeu a mão para pegar nele.

Kate, não queria acordar-te quando saí de casa. A Margo e eu estaremos na loja esta manhã. Não queremos ver-te lá. A Annie concordou em trancar-te no quarto se for necessário. Tens de tomar a próxima dose do remédio às onze horas em ponto, a menos que estejas a dormir. Uma de nós estará em casa à hora do almoço. Se algum dia nos assustares de novo desta maneira... ora, vou ameaçar-te pessoalmente. Adoro-te. Laura.

"Típico da Laura", pensou Kate, largando o bilhete. Mas não podia passar o dia inteiro na cama. Teria demasiado tempo para pensar, se ficasse na cama. Não, ela decidiu utilizar o verbo certo: tempo de mais para remoer. Assim, encontraria alguma coisa para não remoer. A sua pasta devia estar em algum lugar do quarto. Precisava...

- O que pensa que está a fazer, minha menina?

Ann Sullivan estava parada à porta, com uma bandeja nas mãos e uma expressão severa.

- Eu ia... ia à casa de banho. Só isso.

Cautelosa, Kate terminou de sair da cama e foi para a casa de banho contígua.

com um sorriso, Ann largou a bandeja e foi afofar os travesseiros. Todas as suas meninas pensavam que podiam mentir quando as coisas não lhe corriam de feição. Mas só Margo era boa nisso. Ann esperou, empertigada, até Kate voltar e depois limitou-se a apontar para a cama.

- Agora, vou certificar-me de que a menina vai comer, tomar o remédio e portar-se como deve ser. - com a maior eficiência, Ann ajeitou a bandeja no colo de Kate. - Uma úlcera, não é? Pois não vamos admitir isso. De jeito nenhum. A sr.a Williamson preparou ovos mexidos e torradas e uma tisana. Diz que a camomila vai ajudar a digestão. Também tem de comer a fruta. O

melão está muito doce.

- Pois não, madame. - Kate tinha a sensação de que seria capaz de comer durante horas. - Desculpe, Annie.

- Pelo quê? Por ser tão teimosa? Era de se esperar. - Ann sentou-se na beira da cama, e pôs a mão na testa de Kate, para verificar se tinha febre. - A trabalhar até ficar doente. E veja como está, menina Kate, é só pele e osso. Tem de comer tudo.

- Pensei que era azia - murmurou Kate, mordendo o lábio em seguida. - Ou cancro.

- Mas que absurdo é esse? - Consternada, Ann segurou no queixo de Kate. - Estava com medo de ter cancro e não fez nada?

- Achei que, se fosse azia, era uma coisa com que poderia viver. E, se fosse cancro, morreria de qualquer maneira. - Ela fez uma careta à expressão furiosa de Ann. - Estou a sentir-me uma tola.

- Fico contente em ouvi-la dizer isso, pois é mesmo. - Estalando a língua, Ann serviu o chá. - Menina Kate, sabe que eu a adoro, mas nunca me senti tão irritada com alguém. Não, não comece a chorar enquanto estou a ralar consigo.

Kate fungou, pegou no lenço de papel estendido por Ann, e assoou o nariz com vigor.

- Desculpe - murmurou ela de novo.

- Está desculpada. - Ann estendeu outro lenço de papel. - Pensei que a Margo era a única que podia levar-me à loucura. A menina bem pode ter esperado vinte anos para isso, mas fez pior do que ela. Alguma vez disse à sua família que não se andava a sentir bem? Pensou alguma vez no que significaria para todos nós se acabasse no hospital?

- Pensei que podia resolver a questão.

- Não podia, pois não?

- Não, não podia.

- Coma os ovos mexidos antes que arrefeçam. Tem a sr.a Williamson lá em baixo na cozinha a preocupar-se consigo. E o velho Joe, o jardineiro, cortou as suas preciosas frésias só para que a menina pudesse contemplá-las ao acordar. Sem falar na Margo, que me manteve ao telefone durante meia hora ou mais esta manhã, de tão preocupada. E o menino Josh, que veio vê-la antes de seguir para o trabalho. E pensa que a menina Laura dormiu durante toda a noite?

Enquanto dava o sermão, Ann barrou uma torrada com geleia de morango e entregou-a a Kate.

- Para não falar no que os Templeton vão sentir quando souberem.

- Oh, Annie, por favor, não...

- Não lhes conto? - interrompeu Ann, com uma expressão furiosa. - É o que ia dizer, menina Kate? Não dizer às pessoas que sempre a amaram e trataram de si, que lhe deram um lar e uma família?

"Ninguém", pensou Kate, angustiada, "é tão boa em termos de geleia e de sermões quanto a Ann Sullivan."

- Não. Eu mesma vou ligar-lhes. Hoje.

- Assim é melhor. E, quando se recuperar, vai procurar o sr. De Witt e agradecer-lhe pessoalmente por ter tratado tão bem de si.

- Eu... - Prevendo uma nova humilhação, Kate baixou os olhos para os ovos. - Já lhe agradei.

- E vai agradecer de novo.

Ann virou o rosto quando uma criada bateu ao de leve à porta.

- com licença. Isto acaba de chegar para a menina Powell.

Ela aproximou-se para entregar a caixa da florista, comprida e branca.

- Obrigada, Jenny. Espere um instante para sabermos que jarra vamos usar. Não, menina Kate, acabe de comer. Eu abro.

Ann desfez o laço, tirou a tampa, e o quarto ficou impregnado com o perfume das rosas. Duas dúzias de rosas amarelas, com hastes compridas, contra um fundo verde. Ela permitiu-se um discreto suspiro feminino.

- Pode ir buscar a Baccarat, Jenny? Aquela alta, que está na estante saliente na biblioteca.

- É claro.

- Agora sei que estou doente. - Animada, Kate pegou no envelope. - Imaginem só a Margo a enviar-me flores.

Mas, quando ela tirou o cartão, ficou espantada.

- Não são da Margo, presumo. - com o privilégio do tempo e da afeição, Ann tirou o cartão dos dedos de Kate e leu em voz alta: "Relaxe. Byron." Ora, ora, ora...

- Ele está apenas a sentir pena de mim.

- Duas dúzias de rosas amarelas não têm nada a ver com pena, menina. É um passo para o romance.

- Impossível.

- Ou pelo menos para a sedução.

Kate lembrou-se do abraço desvairado na cozinha. Ardente, intenso, interrompido de uma maneira brusca.

- Talvez. Mais ou menos. Se eu fosse do tipo sedutor.

- Todos somos. Obrigada, Jenny. Pode deixar, que trato do resto. Ann pegou na jarra e foi à casa de banho enchê-la com água.

Não se surpreendeu - e até ficou um pouco satisfeita - ao voltar e ver Kate sentindo o perfume de uma rosa, pensativa.

- Beba o seu chá agora, enquanto arrumo as rosas. É uma coisa relaxante arrumar flores.

Ela pegou numa tesoura que havia na velha escrivaninha, cortou o papel que envolvia as flores em cima da cómoda, e começou a trabalhar.

- É algo que nos ocupa o tempo, mas é divertido. Metê-las de qualquer maneira numa jarra não traz a menor alegria.

Kate tentou não pensar numa lista pormenorizada das qualidades de Byron De Witt. Confiante, gentil, intrometido, sensual, abelhudo. Sensual.

- Mas faz o serviço.

- Se isso é tudo o que lhe interessa. Sempre teve pressa de fazer as coisas, menina Kate, o que quer que fosse. Esqueceu-se do prazer de fazer. Correr de uma coisa para a outra pode ser produtivo, mas não é divertido.

- Eu divirto-me com outras coisas - murmurou Kate.

- Está a divertir-se agora? Pelo que tenho observado, até transformou a busca semanal do tesouro numa tarefa programada. Deixe-me perguntar-lhe uma coisa. Se por acaso, na sua busca de eficiência, descobrisse o dote da Seraphina, o que faria?

- O que eu faria?

- Foi o que perguntei. Faria uma viagem ao redor do mundo, passaria o tempo deitada numa praia, compraria um carro de luxo? Ou investiria em fundos mútuos ou títulos públicos isentos de impostos?

- Bem investido, dinheiro produz dinheiro.

Ann enfiou uma rosa no vaso, com o maior cuidado.

- E para quê? Para guardar tudo num cofre? São apenas os meios para um fim, ou um fim para os meios? Não que não tenha realizado um ótimo trabalho ao ajudar-me a ter um pé-de-meia, minha querida, mas há que ter sonhos. E às vezes os sonhos devem estar além do seu alcance imediato.

- Tenho planos.

- Não falei em planos, mas em sonhos. - Era estranho, pensou Ann. A sua própria filha sempre sonhara de mais. A menina Laura acalentara sonhos simples que tinham partido o seu coração. E a pequena menina Kate nunca se permitira sonhar o suficiente. - Do que é que está à espera, querida? De ficar tão velha quanto eu antes de se entregar aos sonhos? Antes de se divertir?

- A Annie não é velha. Nunca será velha.

- Diga isso às rugas que surgem no meu rosto todos os dias. - Mas ela estava a sorrir quando se virou. - Do que é que está à espera, Kate?

- Não sei ao certo... - O olhar de Kate desviou-se para a jarra de cristal por detrás de Ann, com as flores amarelas brilhando como a luz do Sol. Ela podia contar nos dedos de uma mão, caso se desse ao trabalho, as vezes que um homem lhe enviara rosas. - Nunca pensei no assunto.

- Pois já é tempo de pensar. No alto da lista figura o que a deixa feliz, Kate. A menina é boa a fazer listas, e sabe disso. - Ann foi até ao roupeiro para pegar no robe que Kate sempre deixava no seu quarto na Casa Templeton. - Agora pode sentar-se no terraço e tomar um pouco de sol. E fique ali sem fazer nada, apenas a sonhar um pouco.

CAPÍTULO 9

UMA semana de bons cuidados e atenção foi uma excelente cura. Para Kate, foi também quase uma overdose. Mas, cada vez que falava em voltar para o apartamento e recomeçar a trabalhar, todos se uniam contra ela.

Kate decidiu que mudaria de vida, mesmo que isso a matasse. Passou a fazer um esforço para deixar as coisas correrem à vontade, acompanhar a corrente, aceitar o que viesse.

E perguntava-se como era possível alguém viver assim.

Recordou-se que estava um início de noite maravilhoso. Que se estava sentada no jardim com uma criança ao colo, outra a seus pés. A sua úlcera - se era mesmo uma úlcera - não lhe causava qualquer problema há dias.

E encontrara ali, no lar da sua infância, uma paz que lhe vinha fazendo falta.

- Eu gostava que pudesse viver connosco para sempre, tia Kate. Kayla fitou-a com os suaves olhos cinzentos no rosto de anjo. - Nunca deixaríamos que ficasse doente ou preocupada de mais.

- A tia Margo diz que a tia é uma catadora de lêndas profissional. - Ali riu-se da imagem, enquanto espalhava o verniz cor-de-rosa nas unhas dos pés de Kate. - O que é uma lenda?

- Uma coisa parecida com a tia Margo. - Já não seria suficientemente mau ficar com as unhas dos pés cor-de-rosa e ainda tinham de acrescentar o insulto à injúria? - Ela só se salva porque gosto de lêndas.

- Se não voltasse para o apartamento, podíamos brincar consigo todos os dias. - Para Kayla, isso era o supremo suborno. - E tia e a mamã podiam convidar pessoas para tomar chá, como a Annie disse que costumavam fazer quando eram pequenas.

- Podemos tomar chá sempre que eu fizer uma visita - assegurou Kate. - É mais especial.

- Mas, se morasse aqui, não teria de pagar renda de casa. - Ali fechou o frasco de verniz. Parecia sensata de mais para uma menina de dez anos. - Até recuperar o equilíbrio financeiro.

Um novo sorriso entreabriu a boca de Kate.

- Onde ouviste isso?

- A tia está sempre a dizer dessas coisas. - Ali sorriu e encostou o rosto

no joelho de Kate. - E a mamã tem trabalhado muito, e nada é mais como antes. É melhor com a tia aqui.

- Também gosto da vossa companhia.

Comovida e dividida, Kate afagou os cabelos crespos de Ali. Uma borboleta amarela voou ali perto e foi pousar numa petúnia vermelha. Por um momento, Kate acariciou a menina e observou as asas abrirem e fecharem gentilmente, enquanto a borboleta se alimentava.

"Até que ponto seria difícil", especulou ela, "ficar aqui, assim, para sempre?" À deriva. Esquecer tudo. Não seria nada difícil. E será que não era exactamente por causa disso que ela apresentava resistência?

- Tenho de voltar para o meu apartamento. Isso não significa que não passe muito tempo convosco. Todos os domingos, com certeza, para procurarmos o ouro da Seraphina.

Ela levantou os olhos, aliviada, ao ouvir o som de passos. Se a pressão continuasse, acabaria concordando com qualquer coisa que as sobrinhas quisessem.

- Lá vem a lêndea.

Margo limitou-se a erguer uma sobrancelha quando as meninas se riram.

- vou considerar isso como uma piada particular. Estou demasiado contente para me aborrecer convosco. Olhem só!

Depois de levantar a túnica de linho, ela puxou a cintura elástica das calças.

- Não consegui correr o fecho da saia esta manhã. Já está a começar a aparecer. - Radiante, ela virou-se de lado. - Conseguem ver?

- Pareces uma baleia encalhada - comentou Kate, sarcástica. Mas Kayla levantou-se de um pulo e correu para comprimir o ouvido contra a barriga de Margo.

- Ainda não consigo ouvir - queixou-se ela. - Tem a certeza de que ele está aqui dentro?

- Certeza absoluta, mas não posso garantir que seja um ele. Abruptamente, os lábios de Margo tremeram e os olhos encheram-se de lágrimas. - Kate, o bebé mexeu-se. Esta tarde eu estava a ajudar uma cliente a decidir-se entre um Armani e um Donna Karan quando senti uma agitação. O bebé mexeu-se. Eu senti... senti...

Ela parou de falar e desatou a chorar.

- Oh, não! - Kate levantou-se, puxou as meninas de olhos esbugalhados

e empurrou-as pelo caminho de pedras. - Não se preocupem. Ela está a chorar porque se sente feliz. Digam à sr.a Williamson que queremos um jarro daquela limonada com bolinhas que ela costuma fazer.

Kate virou-se para Margo e abraçou-a.

- Eu estava a brincar. Não estás nada gorda.

- Quero ficar gorda - soluçou Margo. - Quero andar a balançar de tão gorda. Quero não ser mais capaz de dormir de barriga para baixo.

- Como queiras. - Dividida entre o divertimento e a preocupação, Kate afagou-a. - Acho que vais ficar assim. E já começaste a balançar-te ao andar. Pelo menos um pouco.

- A sério? - Margo fungou e fez um esforço para se controlar. Oh, merda, olha só para mim! Acho que enlouqueci. Estou sempre a ter destas crises. Mas senti o bebé a mexer-se, Kate. vou ter um bebé. E não sei nada sobre ser mãe. Estou assustada. E muito feliz. Ora bolas! O rímel ficou todo esborratado!

- Graças a Deus, ela está a voltar a ser como antes. - Também um pouco trémula, Kate ajudou Margo a acomodar-se numa cadeira. O que o Josh faz quando tens um desses acessos de choro?

- Dá-me lenços de papel.

- Boa ideia. - Sem muita esperança, Kate vasculhou os bolsos. Não tenho nenhum.

- Eu tenho. - Margo fungou, soprou e suspirou. - Estas hormonas malucas... - Ela usou um lenço de papel limpo para enxugar os olhos, depois passou a mão pelos cabelos, ajeitando-os. - Vim até aqui para ver como estavas.

- Ao contrário de ti, parece que não há nada a crescer na minha barriga. Estou ótima. Acho que aquela história de úlcera não passava de rebate falso.

Recuperada, Margo franziu a testa.

- A sério? Achas mesmo?

Como reconhecia o tom, Kate preparou-se para uma discussão.

- Não comeces.

- Espero há dias pela oportunidade de começar. Mas tu sentes-te bem agora. Por isso, posso dizer-te que és uma idiota insensível e egocêntrica. Deixaste toda a gente, que tem o péssimo juízo de gostar de ti, extremamente preocupada.

- E também seria insensível e egocêntrico da minha parte lamentar-me e

queixar- me... algo em que tu és especialista... e...

- E tratas-te - arrematou Margo. - Procurares um médico. Mas não, não tu, és esperta de mais para isso, vives demasiado ocupada.

- Sai de cima de mim.

- Amiga, acabei de subir. E não pretendo sair. Tiveste uma semana com toda a gente a afagar-te a cabeça. Agora, já podes tomar a tua dose de realidade. O sr. e a sr.a T. estão de regresso.

Kate foi dominada pelo sentimento de culpa.

- Porquê? Não há necessidade de virem de tão longe. É apenas uma úlcera idiota.

- Ah, agora admites que é uma úlcera! - Margo levantou-se, deu uma volta em torno da cadeira. - Se isto fosse um concurso de perguntas, nem passavas da primeira. Eles queriam apanhar o primeiro avião, assim que a Laura telefonou. Mas ela e o Josh convenceram-nos de que estava tudo sob controlo e que deviam terminar os negócios primeiro. Mas nada os impediria de verificarem pessoalmente se a sua Kate está bem.

- Falei com eles. Disse que não era nada de importante.

- Não, nada de importante está a acontecer. És afastada do emprego sob suspeita de fraude, acabas nas urgências do hospital. Não há motivo para eles se preocuparem. - Margo pôs as mãos nas ancas.

- Quem pensas que és?

-Eu...

- O Josh está furioso, atribuindo toda a culpa à Bittle, censurando-se por não ter partido para o ataque no instante em que te afastaram.

- Não tem nada a ver com o que me aconteceu. - Kate levantou-se também, os seus gritos igualando os de Margo, decibel por decibel. - E o Josh não deve meter-se.

- É mesmo coisa tua. Ninguém tem nada a ver com qualquer coisa que se passe contigo. É por isso que a Laura se culpa por não dispensar mais atenção à maneira como te sentias, ao que fazias. Mas isso nada significa para ti.

com a limonada balançando num jarro de vidro, Laura quase que correu ao ouvir os sons da batalha.

- O que está a acontecer aqui? Pára de gritar com ela, Margo.

- Cala a boca! - gritaram Margo e Kate ao mesmo tempo, ainda em pleno confronto.

- Até se ouve na cozinha.

Laura pôs o jarro na mesa. Fascinadas, de olhos arregalados, as suas filhas assistiam ao combate.

- Tenho de gritar - declarou Margo. - É a única maneira de fazer o som passar pela cabeça dura da Kate. Tu tens sentido demasiada pena para gritares com ela.

- Não envolvas a Laura nisto. - Mas, mesmo enquanto falava, Kate virou-se para Laura. - E tu não tens de te culpar pelos meus problemas. Não és responsável por mim.

- Se tratasses melhor de ti própria - respondeu Laura, ríspida -, ninguém teria de ser responsável por ti.

- Calma, calma... - Sem saber se devia achar graça ou assumir uma atitude cautelosa, Josh aproximou-se por detrás das sobrinhas, pegando nos copos que elas carregavam. - É assim que oferecem uma festa?

- Fica fora disto. - A voz de Kate vibrava em fúria. - Todos vocês fiquem fora da minha vida. Não preciso que me vigiem e se preocupem comigo. Sou perfeitamente capaz...

- De ficar doente - arrematou Margo.

- Toda a gente fica doente - protestou Kate. - Toda a gente sente dor.

- E as pessoas que são capazes, procuram ajuda. - Laura pôs as mãos nos ombros de Kate, empurrando-a com firmeza para uma cadeira. - Se tivesses algum juízo, já terias procurado um médico e entrado num hospital para fazeres os exames. Em vez disso, comportas-te como uma idiota e deixas a família toda em alvoroço.

- Eu não podia ir para o hospital. Sabes que não posso... não posso...

Laura esfregou o rosto com as mãos, lembrando-se. "É isto que consegues quando estás irritada", pensou ela, "disparar sobre uma amiga já ferida."

- Está bem. - com a voz gentil agora, ela apoiou-se no braço da cadeira de Kate. Olhou para Margo e percebeu que ela também recordava o terrível medo da infância de Kate. - Já passou. Agora, tens de te certificar de que não torna a acontecer.

- O que significa que tens de começar a praticar uma atitude humana - acrescentou Margo, sem qualquer agressividade.

- Elas ainda estão zangadas? - sussurrou Kayla, segurando uma perna das calças de Josh.

- Talvez um pouco, mas acho que já estamos seguros agora.

- A mamã nunca grita. - Inquieta, apreensiva, Ali roía as unhas. Não grita mesmo.

- Ela costumava gritar comigo - disse Josh. - Mas é preciso muita coisa para fazê-la gritar. Algo importante. E houve uma altura em que me deu um soco no nariz.

Fascinada, Kayla ergueu a mão e passou os dedos pelo nariz de Josh, que se baixara.

- Deitou sangue e tudo?

- Claro. A Kate e a Margo tiveram de tirá-la de cima de mim. Depois ela arrependeu-se. - Josh sorriu. - Embora eu é que tivesse começado. O que vocês acham de bebermos a limonada?

Ali adiantou-se por detrás do tio, observando a mãe com uma expressão curiosa e pensativa.

"Tem de ser feito", decidiu Kate. Era domingo de manhã. Os tios deveriam chegar a meio da tarde. Antes de se encontrar com eles, ela tinha de enfrentar Byron.

Era o seu novo plano para uma vida saudável. Lide com os seus problemas pessoais e emocionais com o mesmo cuidado com que trata das questões práticas. Mas porque tinha de ser muito mais difícil?

Acalentou a esperança secreta de que ele não estivesse em casa. Muitas pessoas saíam na manhã de domingo para um pequeno-almoço reforçado que servia também como almoço. Ou iam à praia. Mas depararam-se-lhe os dois carros de Byron à entrada da casa. Ao estacionar por detrás deles, podia ouvir a música que saía pelas janelas. Creedence Clearwater Revival. Kate ouviu por um momento a fervorosa advertência de John Fogerty sobre a lua sinistra que surgia no céu.

Fez figas para que não fosse um presságio.

Era difícil conciliar um homem com a aparência de Byron - gentil, elegante - e a sua preferência óbvia pelo rock da pesada e pela vibrante Motown. Mas não viera para analisar os seus gostos musicais. Estava aqui para agradecer-lhe e poder virar a página deste incómodo Capítulo da sua vida.

Obrigando-se a caminhar, Kate saiu do carro e foi em direcção à casa. Seria casual, breve, cordial, jovial. Converteria toda a situação numa piada contra si, mostraria o devido reconhecimento pela consideração e

preocupação dele. E iria embora.

Kate respirou fundo, esfregou as mãos sobre as calças de ganga nas coxas, depois bateu à porta. E riu de si própria. Nem o Super-Homem ouviria bater à porta com os decibéis da música dos CCR. Ela carregou no botão da campainha. Aos acordes de "Hail, Hail, the Cang's Ali Here", ficou boquiaberta, em choque, antes de desatar à gargalhada. Adorando o absurdo, carregou de novo, depois uma terceira vez.

Byron veio abrir a porta, suado e extremamente sensual nuns calções rasgados e numa camisola com as mangas cortadas.

- A melodia da campainha não é minha - declarou ele assim que a viu. - E não posso mudá-la até assinar a escritura.

- Aposto que dizes isso a todas. - Kate permitiu-se um olhar longo e metuculoso. - Interrompi alguma competição de luta livre?

- Levantamento de pesos. - Ele deu um passo para trás. - Entra.

- Posso voltar quando não estiveres ocupado com os teus ferros. "Ele tem músculos espantosos", pensou Kate. "Por toda a parte.

Como é que não vi isso antes?"

- Já estava a acabar. Aceitas um Catorade? - Byron ergueu a garrafa que trazia na mão. Como Kate sacudiu a cabeça, ele levou a garrafa à boca e bebeu. - Como te sentes?

- Muito bem. Foi por isso que vim visitar-te. Para... - Ela parou de falar por um instante, enquanto Byron se inclinava e fechava a porta, provocando-lhe um sobressalto. - dizer que estou bem. E para agradecer... as coisas. As flores. Eram bonitas.

- Tiveste mais alguma crise?

- Não. Não foi nada de mais. - Nervosa, ela encolheu os ombros e esfregou as mãos. - Uma em dez pessoas tem uma úlcera péptica. Em todos os níveis socioeconómicos. Não há qualquer prova de que só atinge as pessoas com muito stresse e agendas movimentadas.

- Andaste a pesquisar, ha? - Um sorriso insinuou-se na boca de Byron.

- Bem, tendo tudo em consideração, pareceu-me a atitude mais lógica.

- E tua pesquisa também revelou que as pessoas com ansiedade crónica tendem a ser mais susceptíveis e a agravar a condição?

Apreensiva, ela enfiou as mãos nos bolsos.

- Talvez.

- Senta-te.

Ele gesticulou para a única cadeira, antes de se afastar para baixar a música.

- Não posso ficar. Os meus tios chegam hoje.

- O voo deles só deve chegar às duas e meia.

Ele sabia, é claro. Kate descobriu-se a entrelaçar os dedos, fazendo um esforço para se controlar.

- É verdade, mas tenho coisas a fazer... e tu também. Por isso, quero só...

Ela foi salva pelo som de arranhão no assoalho e a visão surpreendente de duas bolas de pêlo amarelo a correrem.

- Oh, meu Deus!

Numa reacção automática, Kate pôs-se de joelhos e pegou ao colo os cachorrinhos exuberantes e felizes.

- Mas são tão lindos! Não são meigos? Não são maravilhosos? Em concordância unânime, os cachorrinhos lamberam o rosto de Kate com línguas ansiosas, latindo e contorcendo-se.

- São o Nip e o Tuck - informou Byron, ao baixar-se também.

- Quem é quem?

Ele fez um cachorrinho entrar em êxtase ao coçar-lhe a barriga peluda.

- Não sei. Pensei que chegaríamos a uma decisão com o passar do tempo. Só os tenho há dois dias.

Kate pegou num cachorrinho para o aconchegar, esquecendo-se de que estivera ansiosa por entrar e sair.

- O que são eles?

- Autênticos vira-latas. Um pouco golden retriever, um pouco labrador. Talvez outras coisas.

Antes que o segundo cachorrinho a abandonasse, ela beijou-o no focinho.

- Seguiram-te até casa?

- Adoptei-os no abrigo de animais. Têm oito semanas de idade.

Byron encontrou o resto de um osso de couro cru bem mastigado e empurrou-o pelo chão para que os cachorros partissem no seu encalço.

- Importas-te que eu pergunte o que pretendes fazer com os cachorros quando fores trabalhar?

- Levo-os comigo... por algum tempo. Depois, tenciono fazer uma cerca atrás da casa. Eles terão a companhia um do outro quando eu não estiver. - Os cachorrinhos voltaram a correr, saltando para cima de Byron. - Eu só ia ficar

com um, mas depois... ora, eles são irmãos, nada mais justo.

Byron levantou os olhos e descobriu que Kate estava a sorrir.

- O que foi?

- Não se podia imaginar só de olhar para ti.

- Não se podia imaginar o quê?

- Que és um sentimental.

Byron encolheu os ombros e tornou a lançar o osso.

- Eu diria que uma mulher prática como tu perceberia as vantagens de ficar com os dois. Um cão de reserva é um plano sensato.

- Tens razão.

- Já estiveste alguma vez num abrigo de animais, Kate? É de partir o coração de qualquer um. - Ele tolerou os beijos babados dos cachorrinhos que já tinham regressado. - Fazem um grande trabalho... não me entendas mal... mas todos aqueles gatos e cães, à espera que alguém apareça para levá-los... ou...

- É verdade. Ou. - Kate inclinou-se, passou a mão pelo cachorro que estava ao colo de Byron. - Tu salvaste-os.

Ela fez uma pausa e levantou o rosto para fitá-lo nos olhos.

- És bom em salvamentos.

Byron inclinou-se, pegou-a pela perna e puxou-a, até os joelhos ficarem juntos.

- E tenho a tendência de ficar afeiçoado a tudo o que salvo. Estás com óptimo aspecto. - Ele manteve a mão na perna de Kate, impedindo-a de recuar. - Descansada.

- Não fiz outra coisa senão descansar durante toda a semana. E comer. - Ela sorriu um pouco. - Engordei um quilo e meio.

- Toquem os sinos para comemorar.

- Pode não parecer grande coisa para ti, campeão, mas passei a maior parte da minha vida a tentar desenvolver alguma coisa que se parecesse com um corpo. Experimentei tudo o que li a esse respeito nas revistas e suplementos dominicais.

Byron não pôde deixar de sorrir.

- Não dá para acreditar.

- É verdade. Lá estava eu, junto da Margo... que acho que já nasceu pronta... e o pequeno corpo feminino da Laura. Sempre pareci um irmão mais novo desnutrido.

- Não pareces o irmão mais novo de ninguém, Kate. Podes ter a certeza. Ela encolheu os ombros, sentindo-se tolamente lisonjeada.

- Seja como for...

- Apesar do espantoso ganho de peso e da ausência de sintomas - interrompeu Byron -, vais procurar o teu médico.

- Não tenho qualquer opção. A minha família uniu-se contra mim.

- É para isso que as famílias servem. Tu pregaste-nos um susto.

- Eu sei. Já ouvi vários sermões de especialistas sobre os meus hábitos descuidados e egoístas.

Ele sorriu e acariciou as pernas de Kate.

- Doeu?

- Muito. Estou a pensar em tatuar "Desculpe" na testa, para não ter de me repetir a todo o instante. E por falar em desculpas... - Ela soprou forte, fazendo balançar os cabelos caídos na testa. - Eu ia tentar sair daqui sem tocar no assunto, mas estou a fazer um esforço para me corrigir.

Kate franziu as sobrancelhas, como sempre fazia quando tinha de enfrentar um problema difícil ou uma tarefa inquietante. Aquele momento representava as duas coisas.

- Naquela noite, antes... do meu pequeno ataque, estávamos...

- A caminho do chão, pelo que me lembro. - Byron inclinou-se por cima do cachorrinho que adormecera no seu colo e afastou os cabelos para trás da orelha de Kate. - É o que acabámos por fazer agora, no fim de contas.

- O que eu queria dizer é que as coisas escaparam ao meu controlo. Culpa minha tanto quanto tua.

- A culpa é distribuída quando há um erro.

- É aonde estou a querer chegar. - Ela devia ter previsto que não seria tão simples. O Nip ou o Juck estava estendido na sua coxa, a roncar. Ela começou a afagá-lo. - Nós não... eu não salto para a cama de homens que mal conheço.

- No caso seria o chão. - Byron ainda tinha dificuldade em entrar na sua cozinha sem imaginar o que poderia ter acontecido. - E nunca presumi que fizesses isso. Caso contrário, não passarias dois anos sem sexo.

Kate ficou boquiaberta.

- De onde tiraste essa ideia?

- Foste tu que disseste isso, quando eu estava a tentar tirar as tuas roupas.

Ela fechou a boca, deixando o ar escapar pelo nariz.

- Bem... isso só reforça o que eu disse.

Apreensiva, ela observou Byron tirar o cachorrinho do colo e ajeitá-lo no chão, onde se enroscou num sono ainda mais profundo.

- O que aconteceu foi apenas um momento. - Ele repetiu o procedimento com o segundo cachorrinho. O coração de Kate batia descompassado. - Uma explosão de hormonas.

- Hum, hum...

Ele nem sequer lhe tocou, limitando-se apenas a inclinar-se para a frente, até que as suas bocas se encontraram. Kate quase que pôde sentir a mente murchar, o cérebro esvaziar-se. Mas precisava de uma distração, não é? Uma descarga para a tensão. Parecia a coisa mais sensata do mundo estender as pernas e passá-las em torno da cintura de Byron.

- Isto confirma o que eu disse - murmurou ela, estendendo as mãos para os cabelos de Byron e segurando-os. - Prova que estou certa.

- Cala-te, Kate.

- Está bem.

Foi intenso, de uma maneira maravilhosa e brutal. Kate não imaginava até aquele momento como fora fria. Até que o rosto de Byron com a barba por fazer roçou a sua pele, não imaginava como podia ser delicada. Ou como era gratificante ser ela a delicada.

Ela deixou escapar um gemido longo e agradecido quando as mãos de Byron entraram por debaixo da sua T-shirt para acariciarem as suas costas, cobrirem e apertarem os seios que formigavam. O movimento dos polegares sobre os mamilos irradiou um calor intenso por todo o seu corpo, vibrando de uma maneira dolorosa na virilha. Inclinando-se para trás, ela puxou a cabeça de Byron, até que a boca substituiu as mãos.

Ele sugou através do algodão, atormentando-se com fantasias de como seria aquela carne, qual o sabor sob a sua língua. Ela era tão... franzina. Aquele tronco estreito, quase de menino, não deveria nunca atraí-lo. Não havia as curvas típicas das ancas femininas, os seios eram pequenos de mais.

E firmes e quentes.

A maneira como ela se mexia contra ele, naquela ansiedade nervosa de uma mulher já a oscilar à beira do orgasmo, era excitante ao extremo. Byron queria e precisava empurrá-la para trás, abrir-lhe a roupa e penetrá-la até que os dois estivessem a gritar.

Em vez disso, tornou a beijá-la na boca, enfiou uma das mãos entre os seus corpos e empurrou-a em queda livre para o orgasmo. Estremeceu quando Kate se sacudiu toda, teve de ordenar a si mesmo para respirar quando a cabeça de Kate pendeu inerte no seu ombro.

"Deve ser suficiente para um de nós se conter", pensou ele.

Kate demorou um pouco para perceber que ele parara e que estava simplesmente a abraçá-la.

- O que foi? - conseguiu balbuciar ela. - Porquê? As perguntas aturdidas quase fizeram-no sorrir.

- Decidi que não queria que fosse uma explosão de hormonas. De qualquer dos dois. - Byron inclinou-a para trás, estudou o rosto corado, os olhos vidrados. - Melhor agora?

- Não acho... - Kate não era capaz de pensar direito. - Não sei... tu não queres...?

Ele comprimiu a boca contra a dela, num beijo com gosto de profunda frustração.

- Isto responde à tua pergunta?

Byron segurou-a pelos ombros, deu uma sacudidela firme e satisfatória.

- Estás a tentar confundir-me. - Parte do cérebro de Kate começava a recuperar-se, trazendo de volta o temperamento explosivo. Parece uma versão distorcida do filme Mela Luz.

Desta vez, ele sorriu.

-Arre, és mesmo insuportável. Presta atenção, Katherine. Eu desejo-te. Nem imagino porquê, mas quero-te de mais. Se seguisse o meu primeiro instinto, estarias deitada de costas, nua, e eu estaria a sentir-me muito melhor do que me sinto neste momento. Mas não admitirei que tu alegues depois que eu só te ajudei a terminar com a tua estiagem sexual.

Os olhos de Kate recuperaram o foco.

- É uma coisa horrível para se dizer.

- É, sim. E seria dessa forma que racionalizarias. Não te vou dar essa oportunidade. O que faço agora é proporcionar-te a possibilidade de te acostumares à ideia de me teres como amante.

- De tudo...

- Fica calada, nem que seja só desta vez - murmurou Byron. Vamos levar a coisa devagar, sair juntos em público, ter algumas conversas razoáveis e tentar entender-nos um com o outro.

- Por outras palavras, tem de ser à tua maneira. Ele inclinou a cabeça, acenando em concordância.

- Resumiste bem. - Byron suspirou quando ela tentou desenhencilhar-se, e segurou-a com firmeza. - Querida, sou tão teimoso quanto tu e muito mais forte. O que me deixa em vantagem.

- Não vais manter-me aqui quando eu não quero ficar. Byron deu-lhe um beijo amigável no nariz.

- Podes ser voluntariosa, mas tens braços que parecem palitos. Podemos resolver esse problema - continuou ele, ignorando os grunhidos estrangulados de Kate. - E, por falar nisso, não há ocasião melhor do que o presente.

Kate pensara ter sofrido todos os choques que poderia suportar numa manhã, mas teve outro quando ele a levantou e a pendurou ao ombro.

- Estás louco? Põe-me no chão, seu filho da mãe cheio de músculos! vou denunciar-te por agressão!

- Pois é exactamente os músculos que vamos trabalhar. - Byron carregou-a para uma sala adjacente. - Podes ter a certeza de que não há nada como um bom exercício para aliviar a tensão. Considerando a tua úlcera e o desejo de ganhar peso, é uma coisa que deves acrescentar à tua rotina diária.

Ele largou-a no chão, segurou o punho com que ela tentou atingi-lo, e deu-lhe um aperto afectuoso.

- Vais querer pôr alguma força por detrás desse soco. Precisamos de trabalhar os bíceps.

- Isto não está a acontecer. - Kate fechou os olhos. - Nem sequer estou aqui.

- Precisamos também de trabalhar a dieta e a nutrição, mas tratamos disso mais tarde.

Byron pensou que podiam fazer uma série de coisas, assim que ela já não desse a impressão de poder ser derrubada ao menor sopro.

- Neste momento, acho que deves começar com um quilo e meio.

- Ele pegou em dois halteres de metal que estavam numa prateleira. - Aumentaremos até três quilos. E tens de comprar halteres para senhoras.

Ela tornou a abrir os olhos.

- Disseste halteres para senhoras?

- Sem ofensa. Fazem pesos cobertos de plástico em diversas cores.

Byron pôs um peso em cada mão de Kate, estendendo os dedos dela em volta. A única coisa que a impedia de largar os pesos nos pés de Byron era a

curiosidade.

- Porque estás a fazer isto?

- Além do facto de me sentir estranhamente atraído por ti? - Ele sorriu, enquanto ajeitava os cotovelos de Kate na cintura. - Acho que começo a gostar de ti. Agora, finge que estás a levantar e a baixar os pesos através da lama. Concentra-te nos bíceps e mantém os cotovelos no lugar.

- Não quero levantar pesos. - Não fora aquele homem que apenas alguns minutos antes a levava a um orgasmo intenso? - Quero apenas bater-te.

- Pensa em como me poderás acertar com muito mais força se reforçares os músculos. - Ele guiou os braços de Kate para cima e para baixo. - Faz isso com resistência nas duas direcções.

- Estes pesos são muito leves. É uma tolice.

- Não vais senti-los tão leves depois de alguns movimentos. E estarás a suar bastante antes de terminar.

Kate ofereceu-lhe um doce sorriso.

- Pois, era isso que eu estava a pensar à bocado. - Satisfeita consigo mesma, ela baixou os pesos e tornou a levantá-los. O seu cérebro iluminou-se de repente. - Byron, estás a salvar-me outra vez?

Ele colocou-se por detrás de Kate, ajeitando-lhe os ombros.

- Trata apenas de mexer esses músculos, miúda. Definimos os pormenores mais tarde.

CAPÍTULO 10

ERA sempre bom ter a tia Susan e o tio Tommy em casa. Kate tinha medo que alguma coisa pudesse transparecer no seu rosto... ou pior, nos rostos deles. O conhecimento do crime passado, a dúvida sobre a sua própria inocência. Mas havia neles apenas preocupação e aceitação.

A visita também significava prolongar a estada de Kate na Casa Templeton. Era difícil vê-los todos os dias com as perguntas que ela tentava ignorar martelando no fundo da sua mente. Perguntas que ela não era capaz de fazer.

Ela aproveitou a rotina para definir o caminho que tencionava seguir. Os dias na loja, um trabalho para desafiar o cérebro e mantê-lo ocupado. As noites com a família para acalmar o seu coração. O encontro ocasional com Byron para permanecer alerta.

Ele era um elemento novo. Vê-lo e especular sobre ele ajudava-a a não remoer sobre a reviravolta na sua vida. Decidira pensar em Byron como uma espécie de experiência. Preferia esse termo a "relacionamento". E não podia dizer que era uma experiência desagradável. Alguns jantares, uma ida ao cinema de vez em quando, talvez um passeio pelos penhascos.

E havia também aqueles beijos longos e emocionantes que ele parecia tanto apreciar. Beijos que faziam o seu coração saltar dentro do peito, como uma truta lançada por terra, provocavam cambalhotas nos seus sentidos. Quando terminavam, deixavam-na ansiosa e atordoada. E toda a tremer.

Todo o relacionamento - não, experiência, corrigiu ela - deixava-o com muito mais poder. Agora que se sentia um pouco mais firme está bem, mais saudável -, ela ia empenhar-se pelo equilíbrio de poder.

- É sempre bom ver isso. - Susan Templeton estava parada à porta, com o braço passado pelo braço do marido. - A nossa Kate nunca se permitiu sonhar de olhos abertos, não é, Tommy?

- Não a nossa rapariga sempre sensata.

Os dois entraram, e Thomas fechou a porta do escritório. Tinham formulado a logística daquela manobra. Seguindo o plano, flanquearam a pequena escrivanhinha em que Kate trabalhava.

- Tentava calcular o nosso orçamento de publicidade para o próximo trimestre. - Ela accionou o screen saver no monitor. - Se forem espertos, os dois devem esconder-se aqui antes que a Margo os ponha a trabalhar.

-Já lhe prometi duas horas. -Thomas piscou um olho. - Ela acha que me persuadiu com o seu encanto, mas gosto de trabalhar naquela velha caixa registadora.

- Talvez me possa dar algumas dicas sobre vendas. Não consigo tomar o jeito.

- Ama o que vendes, Katie, mesmo que detestes. - Ele passou os olhos experientes pela sala, reparou nas prateleiras arrumadas, no espaço de trabalho organizado. - Alguém andou a arrumar isto tudo.

- Ninguém põe as coisas e as pessoas no seu lugar melhor do que a Kate. - Susan estendeu a mão para o ombro de Kate e manteve a serenidade nos suaves olhos azuis. - Porque não pões a Bittle no seu lugar?

Kate sacudiu a cabeça. Como esperava há dias que um dos dois levantasse o assunto, não entrou em pânico. Já estava preparada.

- Não é importante. - Mas os olhos de Susan permaneceram fixos nos seus, calmos, pacientes, esperando. - Era importante de mais - corrigiu Kate. - Mas não vou permitir que importe para mim agora.

- Escuta aqui, menina...

- Tommy... - interrompeu-o Susan, com a voz suave.

- Não! - Ele falou num tom ríspido. Em contraste com Susan, os seus olhos cinzentos faiscavam. - Sei que querias amenizar a conversa, Susie, mas não posso concordar.

Thomas pôs-se à frente da escrivaninha, um homem alto e forte, acostumado a assumir o controlo, nos negócios ou na família.

- Esperava mais de ti, Kate. Não imaginava que te deixarias derrubar dessa maneira, que irias desistir sem luta. Virar as costas a uma coisa pela qual trabalhaste durante toda a tua vida. Pior ainda, ficar doente, em vez de enfrentar a situação. Estou envergonhado de ti.

Eram palavras que Thomas nunca dissera antes. Kate esforçara-se toda a sua vida por evitar que ele as dissesse. Agora, atingiram-na como uma estalada na cara.

- Eu... eu nunca tirei qualquer dinheiro.

- Claro que não tiraste.

- Fiz o melhor que podia. Sei que o decepcionei. Sinto muito.

- Não estamos a falar de mim, mas de ti - disse ele, um tanto brusco. - Decepcionaste-te a ti mesma.

- Não, eu... - Envergonhado dela. Ele sentia-se envergonhado dela. E

zangado. - Investi tudo que tinha naquele emprego. Pensei que estava prestes a tornar-me sócia, mas de repente...

- E, na primeira vez que recebes um golpe, desmoronas-te? Thomas inclinou-se para a frente, apontando um dedo para ela. É essa a tua resposta?

- Não. - Incapaz de fitá-lo, Kate baixou os olhos para as mãos. Não. Eles tinham provas. Não sei como, porque juro que nunca tirei qualquer dinheiro das contas.

- Por favor, Katherine, não nos venhas com essa conversa - murmurou Susan.

- Mas eles tinham os formulários, com a minha assinatura. A respiração fazia doer-lhe os pulmões. - Se eu protestasse, podiam apresentar acusações criminais. O caso podia chegar aos tribunais. E eu teria... vocês teriam... Sei que as pessoas comentam, o que é embaraçoso para vocês. Mas, se não tocarmos no assunto, vai acabar por passar, mais cedo ou mais tarde.

Desta vez, Susan ergueu a mão antes que o marido pudesse interromper. Ela também estava acostumada a assumir o controlo.

- Tu preocupas-te por nos sentirmos embaraçados.

- Tudo se reflecte. No fundo, é tudo a mesma coisa, não é? Kate fechou os olhos, apertando com toda a força. - Sei que as coisas que eu faço se reflectem em vocês. Se eu pudesse esperar que o assunto seja esquecido, fazer alguma coisa com a loja... Sei que estou em dívida para convosco.

- Mas que raio de conversa é essa? - explodiu Thomas.

- Quietos, Tommy. - Susan sentou-se, cruzando as mãos. - Eu gostava que a Kate terminasse. O que é que nos deves, Kate?

- Tudo. - Nesse instante ela levantou os olhos, marejados de lágrimas. - Tudo. Tudo. Detesto desapontá-los, saber que os desapontei. Não tive maneira de o evitar, de me preparar sequer. Se eu pudesse dar um jeito, voltar atrás e dar um jeito...

Ela parou de falar, tremendo, ao perceber que misturava passado e presente.

- Sei o quanto vocês me deram, e queria retribuir. Depois que eu me tornasse sócia...

- Seria um retorno apropriado para o nosso investimento - concluiu Susan. Ela levantou-se devagar, porque todos os músculos do seu corpo formigavam. - Isso é insultuoso, arrogante e cruel.

-Tia Susie...

- Não digas mais nada. Acreditas mesmo que estamos à espera que nos pagues por te termos amado? Como ousas pensar tal coisa?

- Mas eu queria dizer...

- Sei o que querias dizer. - Quase tremendo de fúria, Susan apertou o ombro do marido. - Achas que te aceitámos na nossa casa, nas nossas vidas, porque sentimos pena da pobre criança órfã? Achas que foi caridade... pior, o tipo de caridade que vem com condições e expectativas? Ah, é isso mesmo! Os Templeton são conhecidos pelas suas obras de caridade. Presumo que pensas que te alimentámos, vestimos e educámos porque queríamos que a comunidade testemunhasse a nossa generosidade. E que te amámos, confortámos, admirámos e disciplinámos porque esperávamos que te tornasses uma mulher bem-sucedida, que nos pagaria pelo nosso tempo e esforço com a importância do seu cargo.

Em vez de interromper o que ele próprio não poderia dizer melhor, Thomas estendeu um lenço a Kate, para que ela pudesse enxugar as lágrimas que escorriam. Susan inclinou-se por cima da secretária. A sua voz era baixa, permanecera baixa, mesmo na raiva.

- É verdade, sentimos pena da menina que perdera os pais de forma tão trágica, brutal e injusta. Os nossos corações confrangeram-se pela criança que parecia tão perdida e corajosa. Mas vou dizer-te uma coisa, Katherine Louise Powell: no instante em que passaste pela porta da Casa Templeton, tornaste-te nossa. Isso mesmo, nossa. Passaste a ser minha filha naquele momento. Ainda és. E as únicas coisas que os meus filhos me devem a mim ou ao vosso pai são amor e respeito. Nunca, nunca mais atires o meu amor à minha cara, mas nunca mesmo.

Susan virou-se e saiu da sala, fechando a porta. Thomas deixou escapar um longo suspiro. As tiradas da esposa eram poucas e espaçadas, mas brilhantes.

- Meteste os pés pelas mãos, não foi, Katie?

- Oh, tio Tommy... - Ela podia ver que o mundo que tentara organizar se desmoronava nas suas mãos. - Não sei o que fazer.

- Primeiro, vem para aqui.

Kate sentou-se ao seu colo, comprimiu o rosto contra o peito largo. Ele balançou-a.

- Nunca conheci uma menina tão inteligente que se comportasse de uma maneira tão estúpida.

- Estou a estragar tudo. Não sei o que fazer. Não sei como reparar a situação. O que há de errado comigo?

- Muita coisa, eu diria, mas nada que não possa ser reparado.

- Ela ficou demasiado zangada comigo.

- Isso também pode ser reparado. Sabes qual é um dos teus problemas, Kate? Tu concentraste-te em números por tanto tempo, que pensas que tudo tem de somar e ser igual. Só que isso não é verdade com pessoas e sentimentos.

- Nunca quis trazer-vos estas coisas. Não queria magoá-los, lembrá-los...

- Ela parou de falar e sacudiu a cabeça com todo o vigor. - Sempre desejei ser a melhor para vocês. A melhor na escola, nos desportos. Tudo.

- E admiramos o teu espírito competitivo, mas não quando abres um buraco no estômago.

Exausta das lágrimas, ela recostou a cabeça no ombro de Thomas. "Foi a cobardia", reflectiu Kate, "que abriu este rombo no meu estômago." Agora, tinha de enfrentar tudo, o que fora, o que era e o que seria.

- vou resolver tudo, tio Tommy.

- Aceita o meu conselho e dá à Susie algum tempo para arrefecer. Ela tem problemas de audição quando entra em erupção.

- Está bem. - Kate respirou fundo. - Sendo assim, acho que começarei pela Bittle.

O rosto de Thomas abriu-se num largo sorriso.

- Esta é a minha Kate.

No estacionamento da Bittle & Associates, Kate baixou o espelho retrovisor, a fim de lançar um último olhar crítico para o seu rosto. Margo realizara um pequeno milagre. Levava Kate para o segundo andar da loja, usara compressas frias, colírio, loções e maquilhagem para apagar todos os vestígios dos danos. Kate concluiu que já não parecia uma criança que passara vinte minutos a chorar depois de ser repreendida. Em vez disso, parecia eficiente, controlada e determinada.

O que era perfeito.

Ela disse a si própria para não se incomodar quando as conversas cessaram no instante em que entrou no átrio. Não se importou com os olhares e murmúrios surpreendidos, os sorrisos tensos e os cumprimentos impregnados de curiosidade. Na verdade, serviam como um esclarecimento.

As poucas pessoas que a cumprimentaram efusivamente, que alteraram

o percurso para lhe falar ao longo do caminho para o segundo andar e oferecer-lhe apoio, demonstraram que ela fizera mais amizades na Bittle do que imaginara.

Na primeira volta do corredor, Kate deparou-se com a Dama de Ferro. Newman franziu a testa e lançou um olhar gelado a Kate.

- O que deseja, menina Powell?

- vou falar com o Marty.

- Tem uma reunião marcada?

Kate empinou o queixo. Os dedos que seguravam a alça da pasta contraíram-se.

- Resolverei isso com o Marty e a secretária. Porque não vai contar ao sr. Bittle Sênior que a associada em desgraça invadiu os sagrados corredores da firma?

Como um guarda suíço protegendo a realeza, Newman mudou de posição.

- Não vejo motivo para...

- Kate! - Roger estendeu a cabeça para fora do seu gabinete, revirou os olhos pelas costas de Newman e ofereceu um sorriso radiante. - É um prazer tornar a vê-la. Eu estava à espera que aparecesse. Ah, sr.a Newman, tenho aquele relatório de que o sr. Bittle Sênior precisava.

Como um mágico tirando um coelho da cartola, Roger estendeu um maço de papéis, acrescentando:

- Ele estava ansioso por recebê-lo.

- Está bem.

A sr.a Newman lançou um último olhar de advertência a Kate, depois afastou-se apressada pelo corredor.

- Obrigada - murmurou Kate. - Acho que mais um pouco e começávamos a discutir.

- Eu apostava em ti. - Ele pôs a mão no ombro de Kate, num gesto de apoio. - A situação é horrível. Pensei em procurar-te, mas não sabia o que dizer.

Roger baixou a mão e enfiou-a no bolso.

- Ou como agir.

- Não importa. Eu também não sabia o que dizer.

Até àquele momento. Agora, ela tinha muito para dizer.

- Pois então ouve. - Ele puxou-a para a porta do seu gabinete, mas,

ironicamente, não a convidou a entrar, como Kate reparou. Não sei quanta pressão o teu advogado está a aplicar.

- O meu advogado?

- O Templeton. Os sócios fizeram uma reunião depois de ele aparecer e provocá-los. Talvez seja bom sinal. Não sei. Tens de lidar com a situação da forma que achares mais conveniente. Só posso dizer-te que os sócios, ao que tudo indica, se dividem se devem ou não insistir no caso e processar-te.

Roger franziu a testa e passou a falar em voz baixa e dramática, como um conspirador:

- A Amanda lidera a carga contra ti, apoiada pelo Bittle Júnior. O meu palpite é de que o Calvin e o Sénior estão em cima do muro, enquanto o Marty é contra.

- É sempre bom saber quem está do nosso lado e quem voa para a nossa garganta - comentou Kate.

- E toda essa loucura por causa de setenta e cinco mil dólares murmurou Roger, com uma expressão de repulsa. - Parece até que mataste alguém.

Kate recuou, estudando o rosto de Roger.

- Roubar é roubar, setenta e cinco centavos ou setenta e cinco mil dólares. E não tirei nenhum dinheiro das contas dos clientes.

- Não foi isso que eu disse. Não era essa a minha intenção. - Mas havia dúvida na sua voz, mesmo enquanto pegava na mão de Kate e a apertava. - Acho que todos reagiram com exagero. Tenho a impressão de que, se oferecesses o dinheiro para cobrir o rombo, tudo acabaria.

Devagar, mas com firmeza, Kate retirou a mão.

- Achas mesmo?

- Sei que é uma coisa horrível de qualquer maneira, Kate, mas os Templeton seriam capazes de espirrar esse dinheiro sem o menor transtorno. Evitaria a possibilidade de uma acção criminal, o que arruinaria a tua vida para sempre. Às vezes é preciso optar entre o pior e o menos pior.

- E às vezes temos de nos manter de pé. Obrigada pelo conselho.

- Kate...

Roger ainda deu um passo atrás dela, mas Kate não parou nem olhou para trás. com um encolher de ombros, ele tornou a entrar no seu gabinete.

A notícia já se espalhara. Marty saiu para o corredor, a fim de recebê-la pessoalmente. Estendeu a mão e apertou a dela de uma maneira cordial, profissional.

- Fico contente por ter vindo, Kate. Vamos entrar.

- Eu devia ter vindo antes.

Eles passaram pela secretária, que fazia tudo o que podia para parecer ocupada e desinteressada.

- Foi o que me pareceu. Quer alguma coisa? Café?

- Não. - Era o mesmo velho Marty, pensou ela, enquanto se sentava. Das mangas amarrotadas da camisa ao sorriso afável. - vou reagir. Quero dizer primeiro que agradeço por me receber assim.

- Sei que não desviou nenhum dinheiro, Kate.

A declaração susteve o pequeno discurso de abertura que Kate preparara.

- Se sabe, então porque... Porquê?

- Sei porque a conheço. As assinaturas e os formulários indicavam o contrário, mas tenho tanta certeza quanto a de que estou sentado aqui que há outra explicação. - Ele balançou um dedo, sinalizando que ainda não terminara, que estava apenas a reorganizar os seus pensamentos. O gesto quase a fez sorrir, de tão familiar... tão típico de Marty. - Certas pessoas pensam que estou tão convencido neste caso porque... me sinto atraído por si.

- Isso é um absurdo.

- Para ser franco, até sinto... sentia. Sinto. - Marty parou de falar, passou as mãos pelo rosto, que ficara vermelho. - Kate, eu amo a minha mulher. Nunca... isto é, fora o pensamento ocasional, que não me levaria a agir... mas eu nunca... nunca...

Kate sentia-se literalmente incapaz de falar.

- Ah... - Isso foi tudo o que ela conseguiu balbuciar.

- Não disse isto para nos embarçar aos dois. Embora pareça que acabei de fazer exactamente isso. - Ele aclarou a garganta enquanto se levantava e servia café em duas canecas, com as mãos trémulas. Ao estender uma caneca para Kate, ele lembrou-se. - Desculpe. A Kate disse que não queria.

- vou aceitar. - Que importância tinha uma pequena azia posterior, em comparação com o choque desconcertante? - Obrigada.

- Só mencionei isso porque as pessoas que me conhecem bem já notaram que eu... Não que a Kate tenha feito qualquer coisa para me encorajar, ou que eu pudesse fazer alguma coisa se me encorajasse.

-Já entendi, Marty. - Ela permitiu que um suspiro passasse pelos seus lábios, enquanto estudava o rosto largo, inofensivo e feio. - Sinto-me

lisonjeada.

- Turva as águas, por assim dizer. Lamento por isso. Mas acho que o seu trabalho nesta firma sobressai por si mesmo. Continuarei a fazer tudo o que puder para evitar que acusações formais sejam apresentadas e para chegar ao fundo do problema.

- Creio que não o apreciei bem quando trabalhava aqui. - Kate largou a caneca em cima da secretária e levantou-se. - Marty, quero falar com os sócios. Todos. Acho que chegou o momento de eu assumir uma posição.

Ele acenou com a cabeça, como se já esperasse que Kate dissesse aquilo.

- vou ver o que posso fazer.

Não precisou de muito tempo. Marty podia ser considerado o cabeça-de-vento da firma, mas sabia como mexer cordelinhos. Em meia hora, Kate estava novamente sentada à mesa comprida e envernizada da sala de reuniões.

De acordo com a estratégia que formulara no caminho, ela estabeleceu contacto visual com cada sócio, depois fixou o olhar com firmeza no Bittle Sénior.

- Vim aqui hoje, sem o meu advogado, num esforço para manter esta reunião informal. Até mesmo pessoal. Sei que o vosso tempo é valioso, e agradeço a cada um por conceder alguns minutos para me ouvir.

Ela fez uma pausa, mais uma vez percorreu a mesa com os olhos, mais uma vez fixou-se no sócio mais antigo e fundador da firma.

- Trabalhei para esta firma durante quase seis anos. Dediquei a minha vida profissional e uma grande parte da minha vida pessoal à firma. Os meus objectivos não eram altruístas. Trabalhei com afinco para atrair novas contas, para manter satisfeitas e viáveis as contas que me foram confiadas, a fim de aumentar a receita e a reputação da Bittle, com o supremo objectivo de sentar-me a esta mesa como sócia. Nem uma só vez, durante todo o tempo em que permaneci aqui, jamais desviei um único centavo de qualquer conta. Fui criada, sr. Bittle, como sabe muito bem, por pessoas que prezam a integridade.

- As suas contas é que estão em discussão, menina Powell - interveio Amanda, incisiva. - A sua assinatura. Se veio aqui hoje para nos dar uma explicação, estamos dispostos a ouvi-la.

- Não vim aqui para dar qualquer explicação. Não vim para responder a perguntas ou fazê-las. Vim aqui para fazer uma declaração. Nunca fiz

qualquer coisa ilegal ou que revelasse falta de ética. Se há uma discrepância nas contas, não sou responsável por isso. Estou disposta a fazer essa declaração, se necessário, a cada cliente envolvido.

Tal como estou disposta a ir aos tribunais e defender-me dessas acusações.

As suas mãos começaram a tremer, a tal ponto que as comprimiu com força, uma contra a outra, por debaixo da mesa.

- Se não forem apresentadas acusações e se o caso não for satisfatoriamente resolvido em trinta dias, determinarei ao meu advogado que entre com um processo contra a Bittle & Associates por suspensão injustificada do contrato de trabalho e calúnia.

- Ousa ameaçar esta firma?

Embora a voz soasse calma e contida, Lawrence cerrou o punho em cima da mesa.

- Não é uma ameaça - declarou Kate, friamente, enquanto o estômago se convulsionava. - A minha carreira foi sabotada; a minha reputação, contestada. Se acredita que eu ficaria de braços cruzados, sem fazer nada, então não me surpreende que ache que sou capaz de desviar recursos das contas. É porque não me conhece em absoluto.

Bittle recostou-se na cadeira. Uniu as pontas dos dedos e pensou um pouco.

- Levou algum tempo para assumir essa posição, Kate.

- É verdade. Este trabalho significava tudo para mim. Começo a acreditar que tudo é simplesmente de mais. Não podia roubar da sua firma, sr. Bittle. Entre todas as pessoas, conhece-me bastante bem para saber isso.

Kate esperou um instante, querendo que ele se lembrasse dela, em termos pessoais.

- Se querem uma pergunta para ponderar, pensem no seguinte: porque furtaria eu uns míseros setenta e cinco mil dólares, quando bastaria, se precisasse ou quisesse, pedir à minha família? Porque trabalhei tanto nesta firma, durante tantos anos, quando podia assumir um cargo na organização Templeton a qualquer momento?

-já nos fizemos essas perguntas, Kate - declarou Bittle. - E foram o motivo pelo qual o caso ainda não foi decidido. Ela levantou-se, devagar.

- Pois posso dar-vos a resposta. Não sei se é atraente, mas sei que a resposta é orgulho. Sou orgulhosa de mais para tirar desta firma um único

dólar que não fosse meu. E sou orgulhosa de mais para ficar de braços cruzados quando sou acusada de peculato. Sr.a Devin, meus senhores, obrigada pelo vosso tempo. - Kate virou o rosto, sorrindo.

- Obrigada, Marty.

Nem um único murmúrio a acompanhou quando ela passou pela porta.

Kate parou de tremer quando alcançou a Auto-Estrada Um e percebeu para onde o seu instinto a levava- Antes mesmo de parar o carro na berma da estrada, sair e encaminhar-se para os penhascos, ela já se sentia de novo calma.

Havia cercas a consertar, trabalho a realizar, responsabilidades a assumir. Mas, por um momento, havia apenas Kate e o murmúrio do mar. Hoje estava safira, aquele azul perfeito que fascinava amantes, poetas e piratas. A espuma nos rochedos lá em baixo era como a bainha de renda no vestido de veludo de uma mulher.

Ela foi descendo, desfrutando o turbilhão do vento, com o seu gosto de sal e mar. Mato e flores silvestres desafiavam os elementos e cresciam ali, lutando para se projectarem do solo ténue e de fendas na rocha. As gaivotas voavam sobre ela, com os peitos brancos como o luar, enquanto o Sol dourado estendia as suas asas cintilantes.

Diamantes faiscavam na água. Mais além, ondas de crista branca desfilavam pelo mar como cavalos em disparada. A música nunca cessava, pensou ela. O fluxo e refluxo, os estrondos das ondas, os gritos estridentes das gaivotas. Quantas vezes viera para o penhasco, a fim de se sentar, contemplar, pensar? Não dava para contar o número de horas.

Às vezes era atraída para aquele lugar apenas pelo prazer, outras porque queria um pouco de solidão. Ou porque precisava de reflectir sobre algum problema difícil. Nos seus primeiros anos na Casa Templeton, viera para os penhascos, por cima do mar, sob aquele céu, para lamentar sozinha o que perdera. E para confrontar o sentimento de culpa por ser feliz na sua nova vida.

Não sonhava ali. Sempre dissera a si mesma para esperar por isso, até ao ano seguinte, ou ao próximo- O presente sempre tivera prioridade. O que fazer agora.

Ela parou na margem, confortavelmente larga, do penhasco e perguntou a si mesma o que fazer agora.

Devia falar com Josh e dizer-lhe que continuasse a preparar a acção

judicial contra a Bittle? Achava que tinha de fazer isso. Por mais difícil e potencialmente perigoso que fosse o processo, não podia mais ignorar - ou fingir que ignorava - o que fizera com a sua vida. Não nascera como uma cobarde, nem fora criada como tal. Era tempo de lidar com essa sua parte que tinha um medo constante do fracasso.

De certa forma, reflectiu Kate, agira como Seraphina, atirando a sua vida de um penhasco, em termos metafóricos, em vez de lutar com as cartas que recebera.

Isso acabara agora. Um pouco tarde, ela admitia, mas fizera o que era certo. "A postura Templeton", pensou ela, com um sorriso, enquanto descia por um caminho tortuoso. O tio Tommy sempre dissera que não se podia ser apunhalado pelas costas quando se encaravam os inimigos.

O primeiro passo que precisava de dar agora era enfrentar a tia. De alguma forma, tinha de consertar tudo. Kate olhou para trás. Embora tivesse descido tanto, que já não dava para avistar a casa, ainda podia imaginá-la.

Sempre ali, alta, forte e à espera. A oferecer abrigo. Não fora o que acontecera quando Margo vira a sua vida desmoronar-se? com Laura e as meninas, durante o período mais difícil das suas vidas?

E com ela também, quando se sentira perdida, amedrontada, atordoada pelo sofrimento. E também agora.

"Isso mesmo, tomei a atitude certa", pensou Kate novamente, enquanto tornava a contemplar o mar. Não desistira. Finalmente lembrara-se que uma discussão boa e ruidosa era melhor do que uma rendição quieta e distinta.

Ela riu um pouco e respirou fundo. "Que se lixe a rendição!", decidiu. Não era mais aceitável do que um salto cobarde dos penhascos. A perda de um emprego, um objectivo, um homem, nada disso era o fim. Era apenas outro começo.

Byron De Witt era mais um passo que ela precisava dar. Havia aqui tempo para um novo começo. Aquele homem estava a levá-la à loucura com a sua paciência, e já era tempo de ela retomar o controlo Talvez fosse até sua casa mais tarde e saltasse para cima dele.

Aquele pensamento fez com que Kate soltasse uma gargalhada longa e sonora. "Imaginem só a reacção do Byron", pensou ela, comprimindo o estômago. O que um cavalheiro sulista faria se uma mulher o derrubasse e lhe rasgasse as roupas? Não seria fascinante descobrir?

Queria ser abraçada, acariciada, possuída, compreendeu ela, enquanto o

riso se desvanecia numa necessidade intensa. Mas não por qualquer um. Por alguém que pudesse fitá-la da maneira como Byron fazia, indo até ao fundo, como se avistasse dentro dela lugares que a própria Kate ainda não ousara explorar.

Queria o mistério, queria o confronto com um homem suficientemente forte para esperar pelo que desejava.

"Em suma", admitiu Kate, "quero aquele homem."

Se fora suficientemente forte para ganhar coragem e enfrentar os sócios na Bittle, se ainda restava nela a determinação de reparar a mágoa que causara na tia que tanto adorava, então tinha firmeza suficiente para lidar com Byron De Witt.

Era tempo de parar de planear e começar a agir.

Virando-se, ela começou a subir pelo carreiro estreito.

Estava mesmo ali, como se estivesse à sua espera. A princípio, ela limitou-se a olhar, convencida de que estava a imaginar coisas. Não descera por aquele mesmo caminho? Laura, Margo e ela não tinham esquadrinhado cada palmo daqueles penhascos durante os últimos meses?

Devagar, como se os seus ossos fossem velhos e frágeis, ela baixou-se. A moeda estava quente do sol, faiscando como o ouro que certamente era. Kate sentiu a textura, o rosto suave do monarca espanhol há muito morto. Virou-a na mão, duas vezes, em cada uma lendo a data, como se esperasse que mudasse. Ou desaparecesse como um sonho desperto.

1845.

O tesouro de Seraphina, aquela pequena parcela, fora lançado a seus pés.

CAPÍTULO 11

KATE quebrou todos os recordes na viagem de regresso à Pretenses. Nem mesmo o polícia de trânsito que a mandou parar para lhe dar um sermão sobre as leis rodoviárias e aplicar-lhe uma multa por excesso de velocidade pôde arrefecer a sua animação... ou diminuir a sua velocidade. Ela conseguiu chegar a Monterey em menos de vinte minutos.

Tensa de mais para procurar um lugar vago, ziguezagueou pelo tráfego, parou o carro em segunda fila e correu pela muralha de turistas na calçada.

Desviou-se para a esquerda, evitando por um triz a colisão com um miúdo num skate, e quase cambaleou ao passar pela porta.

Tinha uma expressão mais que desvairada.

- Comecei a chamar do carro. - Ofegante, ela comprimiu as mãos contra o coração acelerado, enquanto Margo a fitava, espantada. Estou sem fôlego. Gostaria de levar mais a sério os exercícios receitados pelo Byron.

- Tiveste um acidente!

Margo largou a cliente que estava a atender e alcançou Kate segundos antes de Thomas, que começou a chamar Susan enquanto pegava no braço de Kate.

- Estás ferida? É melhor sentares-te.

Ele quase conseguiu levá-la para uma cadeira.

- Não, não estou ferida. E não houve qualquer acidente. - A sua adrenalina era tão alta que se surpreendeu ao perceber que os outros não a viram a ricocheteiar nas paredes. - Houve um quase-acidente com um miúdo num skate, mas ambos escapámos ilesos. E não telefonei porque não pareceria suficientemente dramático pelo telefone.

Kate desatou a rir, tanto que se viu obrigada a segurar as costelas.

Margo empurrou a sua cabeça entre os joelhos.

- Tenta recuperar o fôlego. Talvez ela tenha sofrido um ataque.

Acho que é melhor chamarmos um médico.

- Não, não e não! - Ainda a rir, Kate enfiou a mão no bolso e levantou a moeda, como um trofeu. - Olhem só para isto!

- Mas que droga, Kate! Como é que deitaste as mãos à minha moeda?

- Não é a tua. - Kate recolheu a mão, antes que Margo lhe pudesse tirar a moeda. - Esta é minha.

Ela levantou-se de um pulo e deu um beijo em Margo.

- Minha! Encontrei-a nos penhascos. Estava caída ali, bem à vista.
Nem sequer coberta de terra ou sal. Estava apenas caída.

"" Depois de concluir que o rubor no rosto de Kate não era o prenúncio de um ataque de úlcera, Margo trocou um rápido olhar com Thomas.

- Senta-te, Kate, e procura recuperar o fôlego. vou acabar de atender a minha cliente.

- Ela não acredita em mim. - Kate sorriu, enquanto Margo se afastava. - Pensa que peguei na moeda dela e enlouqueci. Por causa do meu stresse.

com a cabeça inclinada para trás, Kate desatou a rir como uma lunática.

- O stresse mata!

- Talvez um copo de água - murmurou Thomas, levantando os olhos, aliviado, quando a esposa desceu a escada em caracol. - A Kate parece um pouco histérica.

Calma e eficiente, Susan pegou na garrafa de champanhe que estava dentro do balde de gelo, e encheu uma taça.

- Bebe - ordenou ela. - E depois respira fundo.

- Certo. - Kate obedeceu, mas não conseguiu parar de rir. - Olham para mim como se eu tivesse criado outra cabeça. Não estou doida, tio Tommy, eu juro. Só encontrei parte do dote da Seraphina. Andava a passear pelos penhascos, e lá estava ela. Brilhando como uma moeda. É de um centavo... só que muito mais valiosa!

- Apenas ali caída - sussurrou Margo, ao passar com uma caixa de Limoges no formato de um chapéu-de-sol. - Não me venhas com essa! Pode levá-la para cima, sr.a T.? Subirei assim que puder.

- Boa ideia - concordou Kate. - Há mais champanhe lá em cima. Vamos precisar de muito.

Ela tornou a guardar a moeda no bolso, tacteando-a enquanto subia. O mais importante em primeiro lugar, disse ela a si mesma. Virou-se assim que entrou na cozinha.

- Preciso conversar consigo, tia Susie.

- Podes falar.

com as costas rígidas, Susan foi até ao fogão e pôs uma chaleira com água ao lume. As janelas estavam abertas para a brisa e todos os sons que indicavam o Verão em Cannery Row.

- Ainda está zangada comigo. - Kate aspirou tanto o ar quanto o triunfo.
- Eu mereço. Não sei como me desculpar, mas detesto saber que a magoei.

- E eu detesto saber que tu te sentes assim.

Kate deslocou o peso do corpo de um pé para o outro. Tentou encontrar as palavras certas, com os olhos fixos numa linda tigela de vidro fosco, cheia de frutas frescas.

- Nunca me deram nada com condições impostas. Fui eu quem acrescentou as condições.

Susan virou-se e fitou-a nos olhos.

- Porquê?

- Não sou boa para explicar coisas sem uma precisão matemática. Sou melhor com factos do que com sentimentos.

- Mas já conheces os factos, não é? Terás de fazer uma tentativa para explicar os teus sentimentos, Kate, se vamos acertar tudo.

- Eu sei. Eu adoro-a, tia Susie.

As palavras, com toda a emoção que continham, quase derreteram uma camada da raiva de Susan. Mas a perplexidade ainda persistia... e, por baixo, a mágoa.

- Nunca duvidei do teu amor, Kate. E pergunto-me porque haverias de duvidar do amor que sinto por ti.

- Não duvido. Apenas... - Kate sentou-se num banco, sabendo que já estava a atrapalhar-se, e cruzou as mãos sobre o balcão. - Quando cheguei, vocês já formavam uma unidade. Completa. A Casa Templeton, a tia e o tio Tommy, tudo aberto e perfeito. Como uma fantasia. Uma família.

As palavras davam a impressão de tropeçarem umas nas outras, na pressa de saírem.

- Havia o Josh, o príncipe herdeiro, o filho maravilhoso. A Laura, a princesa, doce, adorável e gentil. A Margo, a pequena rainha. Fascinante, deslumbrante, segura do seu lugar. E eu apareci, machucada, magricela, desajeitada. Era o patinho feio. Vejo que isso a deixa zangada - acrescentou Kate, ao verificar que os olhos de Susan faiscavam -, mas não sei de que outra forma descrever.

com um esforço deliberado, ela passou a falar mais devagar, a escolher as palavras com mais cuidado.

- Todos foram muito bons para mim. Não me refiro apenas a casa, roupas, comida. Não me refiro a coisas materiais, tia Susie, embora fossem incríveis para uma menina que vinha da classe média baixa.

- Achas que te trataríamos de maneira diferente se não tivéssemos certos

privilégios?

- Não. - Kate sacudiu a cabeça, decidida. - com certeza que não. E isso era ainda mais espantoso.

Ela fez uma pausa, olhou para as mãos. Quando tornou a levantar os olhos, estavam a brilhar, as lágrimas ameaçando brotar.

- Ainda mais espantoso agora, porque... descobri sobre o meu pai.

Susan continuou a fitá-la nos olhos, com a cabeça um pouco inclinada.

- Descobriste o quê?

- Sobre o que ele fez. Sobre as acusações contra ele. Apavorada, Kate observou a tia franzir a testa, para logo depois desanuviar.

- Ah... - Susan deixou escapar um longo suspiro. - Eu até já me tinha esquecido.

- Tinha... esquecido?. - Aturdida, Kate passou a mão pelos cabelos. - Esqueceu-se que ele foi um ladrão? Esqueceu-se que ele roubou, foi acusado, que vocês lhe pagaram as dívidas e trouxeram a filha dele para vossa casa? A filha de um...

- Pára com isso! - Era uma ordem brusca, em vez da simpatia que Susan teria preferido. Mas conhecia a sua Kate. - Tu não estás em condições de julgar o que um homem fez há vinte anos, o que havia na sua mente ou no seu coração.

- Ele roubou - insistiu Kate. - Desviou dinheiro que não lhe pertencia. E vocês sabiam de tudo isso quando me adoptaram. Sabiam o que ele fizera, o que ele era. E estou sob suspeita basicamente pela mesma coisa.

- Agora compreendo porque cruzaste os braços e aceitaste tudo, porque ficaste doente. Ah, minha pobre e tola criança... - Susan aproximou-se, pegou no rosto de Kate entre as mãos. - Porque não nos contaste? Porque não nos disseste o que pensavas, o que sentias? Nós ter-te-íamos ajudado.

- Porque vocês não me disseram? Porque nunca me contaram o que ele tinha feito?

- com que propósito? Uma criança abalada pela dor já tinha um fardo pesado de mais. Ele cometeu um erro, teria pago por isso.

- Vocês é que pagaram. - Kate tentou engolir em seco, mas não conseguiu. - Restituíram tudo com o vosso próprio dinheiro. Por mim.

- Achas que isso tem importância, que o Tommy ou eu tornámos a pensar no assunto? Tu é que te importaste, Kate. Só tu. - Ela alisou os cabelos de Kate. - Como descobriste?

- Um homem... um novo cliente da firma. Era amigo do meu pai. Pensava que eu sabia.

- Lamento muito que tenhas descoberto dessa forma. - Susan baixou as mãos, deu um passo para trás. - Talvez devêssemos ter contado quando cresceste, mas depois de algum tempo o problema foi esquecido. E a ocasião... Descobriste pouco antes da crise na Bittle?

- Dois meses antes. Investiguei, encontrei notícias nos jornais, contratei um detective particular.

- Kate... - Num gesto cansado, Susan comprimiu os dedos contra os olhos. - Porquê? Se precisavas de saber, compreender, nós teríamos explicado. Bastaria teres perguntado.

- Se quisessem falar a esse respeito, ter-me-iam contado antes. Depois de um momento, Susan acenou com a cabeça.

- Tens razão.

- Eu só precisava de saber, ter a certeza. E depois tentei pôr de lado. Juro que tentei, tia Susie, esquecer tudo, enterrar o passado. Talvez pudesse conseguir, não sei. Mas de repente encontrei-me envolvida pela mesma situação. As diferenças nas contas dos meus clientes, qual era a minha explicação, investigação interna, suspensão. - A voz tremia, mas ela obrigou-se a continuar. - Foi um pesadelo, como um eco do que deve ter acontecido ao meu pai. Eu não era mais capaz de objectar, nem sequer de pensar. E fiquei apavorada.

Kate comprimiu os lábios com toda a força.

- Não pensei que fosse capaz de lhe contar. Sentia vergonha, tinha medo do que pudesse pensar... mesmo que apenas por um instante... que eu podia ser culpada. Porque ele fizera a mesma coisa. Poderia suportar qualquer coisa, menos isso.

- Não posso zangar-me outra vez contigo, nem mesmo por esse absurdo. Passaste por momentos difíceis, Kate.

Susan abraçou-a.

- Tudo isto vai transpirar - murmurou Kate. - Sei que vai, que as pessoas vão comentar. Alguém presumirá que tirei o dinheiro porque o meu pai era um ladrão. Pensei que não podia suportar isso. Mas agora sei que posso.

Ela recostou-se e limpou as lágrimas, antes de acrescentar:

- Posso aguentar, mas sinto muito. Lamento, porque vai atingi-los.

- Criei-vos para enfrentarem as situações e compreenderem que a família

permanece unida. Acho que esqueceste a segunda parte durante algum tempo.

- É possível. Tia Susie... - Kate precisava terminar, dizer tudo. Nunca me fez sentir como se fosse uma estranha, desde o primeiro momento em que entrei em casa. Nunca me tratou como se fosse uma dívida ou uma obrigação. Mas eu sentia a dívida, a obrigação, e por isso sempre quis ser a melhor. Jamais desejei que questionassem se tinham tomado a decisão certa ao ficarem comigo, ao amarem-me.

com o coração ainda dorido, Susan cruzou os braços.

- Achas que medimos o nosso amor pelas realizações das pessoas que amamos?

- Não. Mas eu media... e meço. A falha é minha, tia Susie, não sua. A princípio, ia deitar-me à noite especulando se vocês não mudariam de ideias em relação a mim pela manhã, e me mandariam embora.

-Oh, Kate...

- Mas depois compreendi que isso não aconteceria. Tive a certeza. Vocês tornaram-me parte da unidade, parte do todo. Lamento muito se ao contar isto a deixe zangada ou magoada, mas tenho de fazê-lo. Devo-o a si e ao tio Tommy por serem quem são e o que são. Eu estaria perdida sem vocês.

- Já pensaste alguma vez, Kate, em tudo o que tu fizeste para completar as nossas vidas?

- Pensei no que podia fazer para que se orgulhassem de mim. Não podia ser tão bonita quanto a Margo, com uma gentileza tão inata quanto a da Laura, mas podia ser inteligente. Podia trabalhar com afinco, planejar tudo, ser sensata e bem-sucedida. Era o que eu queria para mim e para vocês. E... há mais uma coisa que deve saber.

Susan virou-se para apagar o lume sob a chaleira com a água a ferver. Mas não despejou a água no bule, à espera.

- O que é, Kate?

- Fui muito feliz na Casa Templeton. Pensei várias vezes que não estaria lá convosco, com todos, se as estradas não estivessem geladas naquela noite, se não tivéssemos saído, se o carro não derrapasse e batesse. Se os meus pais não tivessem morrido.

Ela levantou os olhos para Susan.

- E eu queria estar lá. À medida que os anos passaram, passei a gostar muito mais de vocês do que me lembrava de ter gostado dos meus pais. E parecia horrível sentir-me contente por estar convosco e não com eles.

- E acalentaste esse pensamento horrível durante anos. - Susan sacudiu a cabeça. Perguntou-se se pais e filhos conseguiriam compreender-se realmente. - Tu eras uma criança, mal completaras oito anos. Tiveste pesadelos durante meses. Lamentaste mais do que qualquer criança devia. Porque continuarias a pagar por alguma coisa sobre a qual não tinhas controlo? Kate...

Os dedos de Susan massajaram gentilmente as têmporas de Kate, enquanto ela acrescentava:

- Porque não devias ser feliz? Seria melhor se insistisses em manter a dor, o pesar e o sofrimento?

-Não.

- E por isso preferiste escolher a culpa?

- Parecia que a melhor coisa que já me acontecera na vida derivara da pior. Nunca pude encontrar um sentido nisso. Era como se a minha vida tivesse começado na noite em que eles morreram. Sabia que, se um milagre acontecesse e os meus pais batessem à porta da Casa Templeton, eu teria corrido para vos suplicar que me deixassem ficar.

- Kate... - Susan balançou a cabeça e afastou os cabelos de Kate do rosto. - Se Deus Todo-Poderoso batesse à porta, eu lutaria contra Ele com unhas e dentes para manter-te comigo. E não me sinto nem um pouco culpada por isso. O que aconteceu não foi culpa tua nem minha. Não faz sentido. Apenas é assim.

Quase acreditando, Kate acenou com a cabeça.

- Por favor, diga que vai perdoar-me.

Susan deu um passo para trás e contemplou-a. A sua filha. Uma dádiva que lhe fora concedida de uma tragédia. Tão complicada, tão cheia de problemas. Tão preciosa.

- Se achas que me deves por... como foi mesmo que tu disseste... por tornar-te parte da unidade, o pagamento é aceitar quem és, o que fizeste de ti mesma. Estaremos quites então.

- Trabalharei nisso, mas até lá...

- Estás perdoada. com uma condição. Vamos trabalhar nisso juntas. Juntas, Kate. Quando a Bittle se mete com um Templeton, mete-se com todos.

- Combinado. - Kate removeu uma lágrima com o nó do dedo. - Já me sinto melhor.

- Tenho a certeza de que sim. - Os lábios de Susan contraíram-se. - E eu também. com os olhos arregalados e um pouco ansiosos, Margo entrou na cozinha.:

- Deixa-me ver a moeda! - exigiu ela, enfiando a mão no bolso de Kate antes que esta pudesse reagir.

- Então?!

- Oh, meu Deus! - Margo contemplou a moeda com os olhos esbugalhados, depois olhou para a moeda na outra palma. - Verifiquei na minha mala. Pensei que estavas a fazer alguma brincadeira idiota comigo. As moedas são iguais.

E o mundo voltava a ajustar-se.

- Era o que eu estava a tentar dizer-te...

Kate soltou um grunhido quando Margo pegou no seu braço e apertou com força.

- São iguais! - Margo estendeu as moedas em direcção a Susan.

- Dê uma olhada, sr.a T.! Seraphina!

- Não resta a menor dúvida de que são do tempo certo e do lugar certo. - com um esforço para se ajustar à mudança de conversa, Susan olhava as moedas com o rosto franzido. - Acabaste de encontrar esta, Kate?

- Não, esta. - Num gesto possessivo, Kate tirou a moeda da mão esquerda de Margo. - Esta é a minha.

- Não posso acreditar. Muitos meses passaram desde que encontrei a primeira. E procurámos sem parar, carregando aquele terrível detector de metais de um lado para o outro. E tu acabas de tropeçar noutra moeda.

- Estava ali caída.

- Exactamente! - exclamou Margo em triunfo. - Como a primeira, que apareceu de repente. É um sinal.

Kate revirou os olhos.

- Não é magia, Margo. É sorte. Há uma diferença. Devo ter passado ali, por acaso, depois de a moeda ter aflorado à superfície, alguém deve ter tropeçado num monte de terra ou qualquer outra coisa.

- Hum... - Isso foi tudo o que Margo conseguiu dizer. -Temos de contar à Laura. Quem se lembra de onde ela está, com a sua agenda maluca?

- Se te tivesses dado ao trabalho de verificar a tabela semanal que preguei no escritório, saberias exactamente onde ela se encontra.

- com um sentimento de superioridade, Kate olhou para o seu relógio. -

Se a memória não me falha, ela estará no hotel durante a próxima meia hora e em seguida vai para uma reunião com a professora da Ali. E depois...

- Não precisamos do depois. Vamos... - Margo parou de falar abruptamente. - Ora, bolas! Não podemos fechar a loja a meio da tarde.

- Podem ir - declarou Susan. - Eu e o Tommy tomamos conta da loja durante uma hora.

- Fazem isso? - Margo fitou-a com uma expressão radiante. - Eu não pediria, mas isto é emocionante, e estamos todas juntas.

- Vocês sempre estiveram juntas em tudo - comentou Susan.

- Ela ficou totalmente animada - comentou Margo, enquanto atravessavam o átrio, depois do breve contacto com a Laura. É frustrante ter de esperar até domingo para procurar, mas com a agenda dela temos sorte se conseguirmos ao menos isso.

- Não achas que a Laura faz coisas de mais?

Kate passou os olhos pelo átrio amplo, com as suas plantas em vasos, um pouco à espera de ver Byron passar, nalguma missão executiva. Em vez disso, avistou hóspedes circulando de um lado para o outro, funcionários do hotel atarefados, um bando de mulheres paradas perto das portas giratórias, com sacos de compras empilhados a seus pés e uma expressão de feliz exaustão.

- Sei que ela gosta de ocupar o tempo - continuou Kate. - O que provavelmente ajuda a manter a mente longe de... coisas. Mas ela mal tem um minuto durante o dia inteiro só para si.

- Ah, finalmente notaste! - Margo sacudiu a cabeça e suspirou. Não posso mais pressioná-la a esse respeito. Quando sugeri que a loja tinha condições de pagar uma empregada a tempo parcial e que ela podia reduzir o tempo que passava lá, a Laura quase me estrangulou.

Distraída, Margo passou a mão pela barriga, enquanto o bebé dava um pontapé.

- Sei que a maior parte do salário dela aqui no hotel vai para a escola das crianças.

- Aquele desgraçado do Peter... - Os dentes de Kate começavam a ranger só de pensar no assunto. - Ele foi um sacana abominável por tirar o dinheiro da Laura, mas tirar também o dinheiro das próprias filhas... isso torna-o pior que um canalha desprezível. A Laura podia destruir o Peter nos tribunais.

- Era o que eu teria feito. - Divertida, Margo reparou que dois homens

numa das confortáveis áreas de descanso do átrio tentavam atrair a sua atenção. - É o que tu terias feito. Mas a Laura tem de fazer tudo à maneira dela.

- E a maneira dela é ter dois empregos, criar duas filhas sozinha, sustentar um bando de empregados porque tem o coração mole de mais para despedir alguém. Ela não pode continuar a trabalhar vinte horas por dia.

- Tenta dizer-lhe isso.

Por um longo hábito, Margo ofereceu aos homens esperançosos um sorriso rápido e coquete.

- Pára de te divertires com aqueles agentes de seguros - ordenou Kate.

- É isso que eles são? - Descuidada, Margo jogou os cabelos compridos para trás. - O Josh e eu pressionámos a Laura até onde é possível. Não adiantou. Ninguém conseguiu persuadir-te a tirar férias, não é? A procurar um médico.

- Está bem, está bem. - Era a última coisa que Kate queria ouvir.

- Eu tinha razões, e explicarei tudo quando tivermos tempo. Devia ter contado antes.

- Contado o quê?

- Falaremos sobre isso noutra ocasião - prometeu ela, para depois surpreender a amiga ao inclinar-se e beijá-la. - Eu adoro-te, Margo.

- Que asneira é que fizeste?

- Nenhuma agora, só estou a começar a reparar as anteriores. Mas voltemos à Laura. Teremos de fazer mais para ela relaxar. Talvez tirar as meninas dos seus cuidados durante algumas horas por semana. Ou assumir alguns dos pequenos encargos que ela parece ter aos milhões. E preocupar-me com isso vai estragar o meu ânimo. - Kate tirou a moeda do bolso, observou-a faiscar. - Assim que encontrarmos o dote de Seraphina, o descanso será irrelevante.

- Assim que o encontrarmos, abro uma filial da Pretenses. Talvez em Carmel.

Surpreendida, Kate virou-se para fitá-la.

- Pensei que farias um cruzeiro ao redor do mundo, ou compraria um novo guarda-roupa de alta-costura.

- As pessoas mudam. - Margo encolheu os ombros. - Mas eu podia acrescentar um pequeno cruzeiro e uma excursão por Rodeo Drive.

- É um alívio saber que as pessoas não mudam assim tanto. - Mas talvez

pudessem, reflectiu Kate. Talvez devessem. - Há uma coisa que eu quero fazer. Podes tomar conta da loja até fechar?

- com o sr. e a sr.a T. lá, nem preciso voltar. - Margo tirou as chaves do carro de dentro da mala, rindo. - Se eu pudesse mantê-los na loja durante um mês, duplicaríamos os nossos lucros. Dá um olá ao Byron por mim.

- Eu não disse que ia encontrar-me com o Byron.

Margo olhou para trás, com um sorriso insinuante, enquanto se afastava.

- Claro que disseste, amiga.

Era desmoralizante descobrir que era tão óbvia. A tal ponto, que Kate quase desistiu de subir para a suíte. Ainda se debatia consigo mesma ao sair do elevador. Ao ser informada de que o sr. De Witt estava em reunião, ela concluiu que era melhor assim.

Sem saber o que fazer agora, Kate tornou a descer. Mas, em vez de seguir para o carro, resolveu ir até à piscina. Apoiada no muro de pedra que a contornava, observou a fonte no pátio, as pessoas que se sentavam às lindas mesas de vidro, a tomar bebidas coloridas, sob guarda-sóis festivos. Reparou nos crachás presos ao peito, que identificavam os participantes de convenções que faziam uma pausa nos seus seminários.

Em cadeiras de lona listadas ao redor da piscina curva coberta de ladrilhos havia corpos refastelados, brilhando com o protector solar. Algumas pessoas liam revistas e livros, outras tinham auscultadores nos ouvidos. Empregados em uniformes claros entregavam bebidas e iguarias, trazidos do bar da piscina e do restaurante contíguo. Outros hóspedes brincavam na água, ou limitavam-se a boiar, sonhando.

"Sabem relaxar", pensou Kate. Porque ela nunca adquirira essa habilidade simples? Se por acaso se esticasse numa daquelas cadeiras de lona, dormiria em cinco minutos. O seu corpo fora condicionado assim. Ou, se o sono não viesse, ficaria irrequieta, acabaria por se levantar e ir embora, a mente ordenando-lhe para não desperdiçar tempo.

Como aquele parecia ser um dia memorável na vida de Kate Powell, ela decidiu fazer a experiência de desperdiçar tempo. Foi sentar-se num banco no bar, pediu uma bebida que tinha o nome promissor de Monterey Sunset. Demorou quase meia hora a tomar a bebida, observando as pessoas irem e virem, ouvindo trechos de conversas. E depois pediu outra bebida.

Kate decidiu que não era tão mau assim aquele desperdício de tempo. Ainda mais quando se sentia vazia por dentro. Uma sensação agradável.

Como se tivesse expurgado alguma coisa que a corroía há muito tempo.

Era tempo de reparar essas falhas na sua vida, ignorar algumas e seguir adiante. Havia promessa naquela sensação de vazio, nas possibilidades de preenchimento.

com a bebida na mão, ela vagueou pelos jardins do hotel, lembrando-se de desfrutar as fragrâncias de camélia e jasmim e apreciar as cores fortes das buganvílias. Sentou-se num banco de pedra, perto de dois ciprestes, especulou como as pessoas conseguiam não fazer nada sem enlouquecerem.

Provavelmente seria melhor experimentar em etapas, concluiu Kate. Como os exercícios, uma hora na primeira vez talvez fosse um exagero. Ela levantou-se, pensando em voltar à loja e conferir o inventário, mas nesse instante ouviu a voz de Byron:

- Não se esqueça de conferir os pormenores com a sr.a Templeton amanhã. Ela precisa ter conhecimento dessas alterações.

- Claro. Mas vamos precisar de mais gente... pelo menos mais dois empregados de mesa e um para o bar.

- Mais três empregados. Queremos que tudo corra bem. Acho que a sr.a Templeton vai concordar que é a melhor disposição para o terceiro bar. Não queremos empregados a correr entre os hóspedes com baldes de gelo, não é? Agora, a sr.a Templeton tem o controlo total da festa, Lydia.

- É verdade, mas essa gente muda de ideias a todo o instante.

- É uma prerrogativa delas. E é nosso problema atendê-las. O que eu queria discutir consigo, Lydia, é a instalação do café de cortesia no terraço leste todas as manhãs. Introduzimos algumas melhorias no resort há duas semanas, e tem resultado.

Ele fez a curva no caminho, avistou Kate sentada no banco de pedra, com uma linda bebida na mão e um sorriso nos lábios. E perdeu a sequência do pensamento.

- Sr. De Witt? - murmurou Lydia. - O serviço de café?

- Ah, sim. Fale com o meu assistente e peça o memorando. Está tudo explicado. Avise-me sobre o que pensa. - Ele não chegou a empurrá-la para ir embora, mas a intenção era evidente. - Voltaremos a ver tudo isso com a sr.a Templeton pela manhã.

Assim que Lydia se afastou, ele parou à frente do banco e murmurou para Kate: - Olá.

- Olá. Estou a praticar.

- A praticar o quê?

- A não fazer nada.

Byron pensou que era como deparar-se-lhe uma corça num jardim encantado... aqueles olhos escuros e profundos, estranhamente enviesados, a fragrância das flores.

- Como te estás a dar?

- Não é tão fácil quanto parece. Já estava a pensar em desistir.

- Vamos tentar por mais um momento - sugeriu ele, sentando-se ao seu lado.

- Não imaginava que os altos executivos se preocupavam com coisas tão insignificantes quanto o café de cortesia.

- Cada pormenor é uma peça, cada peça forma o todo. E por falar em pormenores... - Ele virou o rosto de Kate, roçou os lábios pelos dela. - estás com um aspecto maravilhoso. É a pura verdade. Eu diria ressuscitada.

- E sinto-me ressuscitada. É uma longa história. Byron sorriu.

- Eu gostava de ouvir.

- Acho que gostava de te contar. - Kate pensou que Byron era alguém a quem podia contar. Não, tinha a certeza de que era. - Vim até aqui para contar uma parte à Laura. Depois decidi ficar, para a experiência de não fazer nada.

Byron sentiu-se desapontado. Pela maneira como a encontrara sentada ali, tivera a impressão de que esperava por ele.

- Não queres entrar em pormenores durante o jantar?

- Adoraria. - Kate levantou-se e estendeu a mão. - Se tu cozinhares.

Ele hesitou. Vinha tomando a precaução de não ficar completamente a sós com ela. Quando isso acontecia, parecia esquecer pequenas coisas, como oportunidade e subtilidade. Agora, Kate estava parada à sua frente, com a mão estendida, os lábios contraídos de uma maneira que indicava que compreendia o dilema dele. E divertia-se com isso.

- Combinado. vou ter a oportunidade de experimentar a churrasqueira que comprei há dois dias.

- Eu levo a sobremesa e encontramo-nos lá.

- Parece um bom plano.

Para testar os dois, Kate ergueu-se nas pontas dos pés e beijou-o na boca, demorando um pouco.

- Sou uma planeadora espectacular.

Byron permaneceu no mesmo lugar, com as mãos nos bolsos, enquanto

ela se afastava. Concluiu que um deles teria os seus planos frustrados. E seria interessante descobrir qual dos dois.

Éclairs de chocolate, cremosos, tinham parecido a escolha perfeita. Kate largou a caixa da pastelaria sobre a mesa da cozinha e observou-o pela janela. Byron deixara a porta da frente destrancada, num convite óbvio. Ela aceitara-o, entrara em casa para ouvir os acordes estrondosos de Bruce Springsteen, e reparara no acréscimo de dois ou três móveis à poltrona reclinável.

A mesinha de café com o tabuleiro embutido parecia dispendiosa e rara, assim como o abajur de vitral e o tapete grosso, de padrões geométricos. Ela admitia que estava ansiosa para ver o resto da casa, mas seguiu directamente para a cozinha.

E lá estava ele, no quintal dos fundos, disputando uma meia com os cachorros. Parecia tão à vontade de ganga e T-shirt quanto estivera antes de fato feito por medida e gravata de seda. Fez Kate desejar ter passado em casa antes para trocar de roupa... qualquer coisa, menos aquele austero fato de saia e casaco às riscas e sapatos fechados, procurando um meio-termo, ela tirou o casaco e abriu o botão de cima da blusa, antes de ir ao encontro de Byron.

O varandim era de sequóia. Byron dera um toque pessoal, com o simples acréscimo de vasos de cerâmica, com gerânios, amores-perfeitos e plantas trepadeiras. Havia uma churrasqueira a gás perto das portas de vidro, nova, brilhante, complexa e um tanto assustadora. Duas cadeiras de sequóia, com almofadas azuis, estavam posicionadas para oferecer uma vista do relvado que descia até ao mar.

Ele já mandara cercar o quintal, com tábuas brancas, a fim de impedir a fuga dos seus preciosos cachorros, mas ainda deixara um bom espaço aberto para a vista. Havia um portão no alto dos degraus que desciam para a praia, permitindo o fácil acesso ao mar.

Alguma coisa fora plantada a intervalos regulares ao longo da cerca. Kate podia ver as plantas tenras, com a palha e fertilizante ao redor. Imaginou que ele próprio cavara a terra. Devia ser alguma espécie de trepadeira florida, que com o passar do tempo cresceria e cairia por cima da cerca.

Um homem paciente, Byron De Witt, reflectiu ela. Um homem que adoraria contemplar aquelas trepadeiras crescerem e florirem, emaranhando-se, ano após ano.

E Kate sabia também que ele experimentaria uma tranquila satisfação quando a primeira flor desabrochasse. E cuidaria dela com todo o carinho.

Era um homem que adorava cuidar das coisas.

Os cachorros latiam, o mar murmurava, a brisa soprava pelas folhas dos ciprestes. Enquanto o céu se aprofundava de azul para índigo, salpicado de vermelho, Kate sentiu o coração palpitar. Havia, supunha ela, lugares perfeitos no mundo. E, ao que tudo indicava, Byron encontrara um deles e reivindicara-o.

De tal forma que ele também parecia perfeito, compreendeu Kate, os cabelos esvoaçando à brisa, os cachorros a seus pés. Aquele corpo longo e musculado, de fazer crescer água na boca a qualquer mulher, achava-se envolto, de uma maneira confortável e sensual, por brim e algodão. A reacção de Kate a isso, a ele, completamente sem precedentes, foi a vontade de agarrar e rasgar, com as mãos e os dentes. Ela queria saborear e possuir. Queria ser possuída.

E queria muito.

com as pernas um tanto bambas, Kate desceu os poucos degraus para o varandim. Os cachorros correram para ela, latindo e pulando. Mesmo ao agachar-se para recebê-los, ela manteve os olhos fixos em Byron.

- O que plantaste ao longo da cerca?

- Glicínias. Vão levar algum tempo para crescer. - Ele correu os olhos pela cerca. - Mas valerá a pena a espera. Havia sempre glicínias junto ao meu quarto, lá na Geórgia. É um perfume que fica connosco.

-Já fizeste um trabalho incrível com a casa. Está linda. Deve ter exigido muito tempo acrescentar todos esses toques.

- Quando se encontra o que se procura, é preciso tratar bem disso. - Ele caminhou até Kate. - Depois do jantar, podemos dar uma volta pela praia se quiseres.

Byron passou a mão pelos cabelos dela, quase como fazia com os cachorros. Depois recuou.

- Olha para aqui. - Ele estalou os dedos duas vezes. - Senta. Numa agitação frenética, os cachorros sentaram-se. Ofereceram uma pata e, depois de alguma confusão, também se deitaram, embora os seus corpos tremessem com a excitação reprimida.

- Impressionante - comentou Kate. - Fazem sempre tudo o que tu dizes?

- É apenas uma questão de pedir muitas vezes, da maneira certa.

- Ele tirou dois biscoitos de cachorro do bolso de trás das calças. E um suborno em geral funciona.

Os cachorros pegaram nos biscoitos e afastaram-se a correr para saboreá-los.

- Deixei um óptimo tinto Bordeaux a respirar. Porque não vou buscá-lo agora? Podes contar-me tudo sobre o teu dia interessante enquanto bebemos.

Kate ergueu a mão, encostou-a ao peito de Byron. Sentiu o calor, o ritmo.

- Há uma coisa que acho que te quero contar.

- Está bem. Vamos entrar.

Ele achava que era melhor ficar na cozinha toda iluminada, longe do espectacular pôr do Sol e do ar sedutor do crepúsculo.

Mas Kate manteve a mão no seu peito e adiantou-se. Devia ser a cor, pensou Byron, que fazia aqueles olhos brilharem de uma maneira tão erótica nas sombras do crepúsculo.

- Eu pretendia evitar homens como tu, Byron, num nível pessoal. Devia ser uma espécie de princípio, uma norma de conduta. Gosto muito de princípios e normas.

Byron franziu a testa.

- E de generalidades?

- Isso mesmo, de generalidades também. Porque em geral têm alguma base nos factos, ou não se teriam tornado generalidades. Decidi, depois de algumas experiências lamentáveis, que, quando alguma coisa ou alguém parecesse bom de mais, provavelmente seria mau para mim. E tu podes ser mau para mim, Byron.

- Há muito tempo que trabalhas nessa teoria?

- Há algum, sim, embora possa precisar de mais uns ajustes. De qualquer forma, não gostei de ti assim que te conheci.

- Eis aí uma surpresa e tanto.

Ela riu-se e desconcertou-o ao chegar-se mais perto.

- Não gostei de ti porque comecei a desejar-te logo no primeiro minuto. O que foi constrangedor para mim. Prefiro desejar coisas que são palpáveis e podem ser obtidas com o passar do tempo, com planeamento e esforço. Não gosto de me sentir obrigada, ou de querer alguém que não compreendo, que com todas as probabilidades é mau para mim, que não se ajusta às minhas exigências.

- Também tens exigências?

Byron não gostava da sensação de estar irritado e excitado ao mesmo

tempo.

- Claro que tenho. Uma das principais é uma falta de exigência da outra parte. Não creio que sejas um homem que não exija nada. com toda a certeza, este será o meu maior erro. E uma das outras coisas que realmente detesto fazer é cometer erros. Mas estou a esforçar-me para ser mais tolerante comigo mesma.

- É outra coisa que andas a praticar, além de não fazer nada?

- Exactamente.

- Estou a ver. Mas agora que já determinaste que este recente relacionamento comigo é uma prática para a tua tolerância pessoal vou começar o jantar.

Kate riu-se e pôs a outra mão no peito dele.

- Deixo-te irritado. E não sei porquê, mas acho isso muito engraçado.

- Não me surpreendes, Katherine. Tu tens uma natureza belicosa e adoras provocar.

- Estás certo, absolutamente certo. É assustadora a facilidade com que me compreendes. E, quanto mais paciente te mostras, mais me sinto compelida a provocar-te. Somos completamente inadequados um para o outro, Byron.

- Quem o nega?

Ele pegou nos pulsos de Kate, pensando em afastar-lhe as mãos.

- Leva-me para a cama - murmurou ela, erguendo as mãos agora frouxas para os ombros de Byron. - Agora.

CAPÍTULO 12

BYRON não se chocava com facilidade. Mas o pedido simples de Kate deixou-o tão atordoado quanto um eficiente soco de esquerda no queixo. Tinha a certeza de que ela estava a terminar o que mal começara entre os dois. Preparara-se para se mostrar frio e furioso, condicionara-se a não ceder em nada. Como era sem dúvida insensato tocar nela, Byron manteve os braços caídos ao lado do corpo.

- Queres que eu te leve para a cama agora porque é um erro, porque teorizaste que sou algo de mau para ti e porque somos completamente inadequados um para o outro.

- Isso mesmo. E também porque quero ver-te nu.

Byron conseguiu rir. Queria recuar, mas Kate tinha as mãos cruzadas atrás do seu pescoço.

- Acho que preciso de uma bebida - murmurou ele.

- Byron, não me obrigues a ser rude contigo. - Ela aproximou-se, com o corpo encostado ao de Byron, os braços contraindo-se. - Andei a fazer exercícios... mais ou menos. Penso que poderia dominar-te se houver necessidade.

Ele beliscou o bíceps de Kate gentilmente, dizendo a si próprio que devia achar graça. O pequeno músculo cedeu como massa de vidraceiro.

- Tornaste-te uma vigorosa amazona, querida.

- Tu desejas-me. - Ela começou a morder a garganta de Byron.

- Se não me quiseses, terei de matar-te.

O pouco sangue que ainda restava na cabeça de Byron foi disparado para a virilha.

- Acho que a minha vida está segura. Kate... - balbuciou ele, enquanto as mãos de Kate se movimentavam para lhe abrir as calças.

- Não... oh, Deus!

Ela baixou o fecho-ecler. Byron soltou um grunhido e entregou-se ao instinto animal pelo tempo suficiente para beijá-la na boca com extrema violência.

Kate deixou escapar um murmúrio gutural, como uma gata ronronando sobre a sua presa.

- Espera um instante. - Ele segurou-a pelos ombros e empurrou-a para trás. - Espera só um instante.

Byron respirou fundo, ofegante, depois outra vez, antes de perguntar:

- Sabes qual é o problema com estas aventuras rápidas?

- Não. Qual é?

- Estou a tentar lembrar-me. - Ele tinha vontade de esfregar o rosto com as mãos, mas não ousava largá-la. - Muito bem, já sei. Por mais momentaneamente satisfatórias que sejam, acaba-se insatisfeito. Não é o que vai acontecer aqui. Não será uma mera aventura. Tens de aceitar isso.

"Qual é o problema dele?", especulou Kate. Os homens não deviam complicar o sexo.

- Está bem. Damos-lhe outro nome.

- Há condições, Kate. - com as mãos ainda nos ombros dela, Byron começou a recuar devagar para a casa. Já podia vê-la nua e radiante. - Confiança. Honestidade. Afeição. Depois de eu te tocar, ninguém mais pode fazê-lo.

- Não se pode dizer que haja uma fila de homens na esquina para me pôr as mãos em cima.

Os pés de Kate esbarraram nos degraus. Numa reacção automática, ela subiu, mas tornou logo a descer. Byron fitava-a daquela maneira que a deixava ao mesmo tempo ansiosa e nervosa. Como se ele visse além, contemplasse o que ninguém mais vira, nem mesmo ela.

- Não sou promíscua.

- Nem eu. Considero a intimidade uma coisa muito séria. E terei intimidade contigo, Kate. Na cama e fora dela. Essa é a conclusão final.

- Escuta... - Ela sentia a garganta ressequida, as hormonas agitadas. - Isto não é um contrato de negócios.

- Não, não é. - Byron empurrou-a através da cozinha. - É um contrato pessoal. com um envolvimento maior, muito mais importante. E tudo tem de ser claro. - Ele levantou-a nos braços. - Estou a definir as condições.

- Eu... Talvez tenha também as minhas condições.

- Pois então é melhor apresentá-las agora. O negócio está prestes a ser fechado.

- Precisamos mantê-lo o mais simples possível.

- Não é uma opção.

No alto da escada, ele virou à esquerda, carregou-a para um quarto iluminado pelo resto de claridade no céu a ocidente.

- Somos adultos saudáveis e sem compromissos - protestou Kate,

falando depressa agora. - É apenas um relacionamento físico mútuo.

- Há mais no sexo do que o aspecto físico. - Ele sorriu quando a pôs na cama. - Acho que vou ter de te mostrar isso.

Byron beijou-a, um encontro dos lábios longo e lento, que perdurou até que cada nervo no corpo de Kate estava a vibrar como as cordas dedilhadas de uma harpa. Ansiosa por mais, ela puxou-o ainda mais, de tal forma que todo o calor parecia concentrar-se nas suas bocas.

Ele poderia absorvê-la de uma só vez. Sabendo disso, tratou de recuar.

- Meu amor, de onde eu venho medimos o ritmo. - Byron entrelaçou os dedos nos de Kate, a fim de evitar que ela demolisse as suas defesas com aquelas mãos finas e nervosas. - Agora, relaxa.

Ele baixou a cabeça para lhe dar beijos sucessivos e rápidos ao longo do queixo.

- E aproveita. - Os beijos desceram pelo pescoço. - Temos todo o tempo do mundo.

Kate pensou que ele a mataria com paciência, acabaria por dilacerá-la com a sua gentileza. Os lábios de Byron eram macios, deliciosos, deslizando pelo seu rosto sem qualquer pressa. Cada vez que os lábios dos dois se encontravam, ele tornava o beijo um pouco mais profundo, um pouco mais quente. Os músculos de Kate deixaram de ser tensos e ardentes, pareciam derreter-se como cera quente.

A transformação deixava Byron excitado, cada vez mais. O som da respiração de Kate, baixa, profunda e lenta, o arrepiou quando algum suspiro terminava num gemido. A impaciência trémula resvalava para uma docilidade sem pensamento. Quando ele desabotoou a blusa de Kate, revelando o top branco por baixo, ela nada mais fez além de murmurar o seu prazer.

Fascinado pela simplicidade do corpo de Kate, ele passou as pontas dos dedos sobre o algodão macio, depois sobre a carne, ainda mais macia. As curvas mais subtis, pensou Byron, enquanto a respiração dela acelerava de novo às suas leves carícias. Os dedos entrelaçando-se outra vez, ele empurrou o top para o lado e passou a língua sobre o mamilo.

Kate arqueou-se em reacção, tentando reprimir um gemido. "Tão pequeno", pensou Byron, "tão firme... e tão sensível." Ele estendeu a língua por debaixo do top, humedecendo o outro seio e sentiu-a estremecer.

Byron sugou devagar, com extrema gentileza, satisfeito com a maneira

como Kate se contorcia por debaixo dele, com gemidos rápidos e desamparados, avolumando-se na sua garganta, à medida que ele aumentava a pressão.

Quando sentiu que podia morrer se não a penetrasse, quando as ancas de Kate se movimentavam como se estivessem prestes a explodir, Byron recuou e saiu da cama.

- Então? O que foi agora?

Atordoadas, desesperadas, Kate sentou-se na cama.

- vou acender a luz. Não consigo ver-te. E quero ver-te.

Um fósforo foi riscado, o clarão atenuou-se quando a chama acendeu o pavio de uma vela, depois uma segunda e uma terceira. E logo o quarto ficou iluminado e romântico com as chamas tremeluzindo.

Kate comprimiu a mão contra o seio, chocada ao perceber que os nervos ardentes e vibrantes ali dentro lhe pertenciam. O que estava Byron a fazer com ela? Kate sentiu vontade de perguntar, mas tinha medo da resposta.

Ele tirou a camisa pela cabeça, atirando-a para o lado. Kate deixou escapar um suspiro de alívio. Agora... seria agora. E todas aquelas sensações tumultuosas se fundiriam no compreensível.

Byron tirou os sapatos. Ela ficou um pouco surpreendida quando Byron lhe tirou também os sapatos, subindo as mãos pelas pernas, até à bainha da saia amarrotada.

- Não queres tirar o teu top?

Quase que hipnotizada, Kate pestanejou, aturdida.

- Como? Ah...

- Devagar - murmurou Byron, segurando a sua mão, quando ela fez menção de arrancá-lo com um puxão. - Sem pressas.

Ela obedeceu, porque sentia os braços e as pernas pesados de mais. O olhar de Byron viajou lentamente pelo seu rosto, desceu pelo peito, tornou a subir, antes que ele pegasse no top de algodão e o pusesse de lado. Os seus olhos fixavam-se nos dela, enquanto a fazia estender-se de costas outra vez.

- Não tiras os olhos de mim... - A pele de Kate tremia toda quando ele enfiou as mãos por debaixo da saia, enganchou os dedos na cintura dos colãs e começou a puxá-los. - Não sei do que estás à espera.

- Nem eu. Pensei em descobrirmos juntos. - Byron baixou a cabeça e comprimiu os lábios contra a parte interna da coxa. Sei agora porque andas como se estivesses dez minutos atrasada para um encontro de cinco minutos.

É por causa destas pernas compridas...

- Byron... - Ela estava a arder. Oh, Deus, será que ele não percebia isso?
- Não consigo aguentar mais.

Mas ela aguentaria, pensou Byron, enquanto abria a saia.

- Ainda nem sequer comecei.

Ele tirou-lhe a saia e estremeceu à visão daquele corpo esguio e anguloso na sua cama. Apoiado num joelho dobrado sobre a cama, Byron tomou-a. Kate arqueou as costas, comprimindo-se contra ele, desesperada.

Os olhos de Byron escureceram perigosamente enquanto ele contemplava o seu rosto, o jogo de sensações e luz, o tremor desamparado de pestanas e lábios. E depois a entrega total para o seu eu e para ele, quando o orgasmo sacudiu o corpo de Kate.

Querendo mais, com a mesma ansiedade que ela, Byron fechou a boca sobre um seio e empenhou-se em levá-la de novo ao orgasmo.

- Não posso... - Quase apavorada com o que Byron extraía dela com o que ele parecia criar dentro dela, Kate puxou-o pelos cabelos - Eu não...

- Claro que podes.

Ele balbuciou as palavras antes que a sua boca se fundisse com a de Kate. O calor irradiava-se dela, quase saindo pelos poros. Byron jamais conhecera uma mulher que reagisse com tanta intensidade e ao mesmo tempo opusesse tamanha resistência. A necessidade, o impulso de mostrar que ele era diferente, o único que podia provocar aquela reacção e romper a resistência, levaram-no a protelar o prazer final, no labirinto angustiado das sensações intermediárias.

Parecia que ele possuía o corpo de Kate. Ela não tinha controlo, perdera a vontade de encontrar algum. As mãos e os lábios de Byron estavam por toda a parte. De cada vez que Kate pensava que ele se precipitaria para o final, Byron fazia-a explodir de novo, para depois continuar, paciente.

Kate sentia uma intensa consciência do seu corpo, do corpo de Byron, da fusão e dos contrastes, dos músculos macios e escorregadios, das sensações quase insuportáveis. O gosto de Byron era intenso, como alguma droga de acção lenta, que já passara para o seu sangue, a fim de viciá-la. Ele ficou suspenso por cima de Kate, esperando que ela abrisse os olhos e focasse os seus.

- Eu não te queria - murmurou ele, numa voz tensa, à beira de perder o controlo. - Mas depois não queria outra coisa. compreende isso.

- Pelo amor de Deus, Byron, agora!

- Agora! - repetiu ele, projectando-se nela. - Mas não apenas agora...

O nevoeiro vermelho e quente que envolvia a mente de Kate foi arrefecendo devagar. Ela tornou-se consciente do mundo fora do seu corpo. As chamas das velas continuavam a tremer contra as pálpebras fechadas, em padrões suaves e surrealistas. O vento nocturno aumentara, fazendo sussurrar as cortinas nas janelas. Ela conseguia ouvir a música de novo, a vibração do baixo na aparelhagem no andar de baixo, o gemido em resposta de um saxofone tenor. O cheiro de cera quente, derretida, de suor e sexo.

Tinha o gosto de Byron na sua boca, a sensação dele lá em baixo, firme e forte. Ele tinha-a virado, deixando-a esparramada em cima do seu corpo. Kate percebeu que ele estaria preocupado com a possibilidade de esmagá-la. Sempre um cavalheiro.

Como ela devia agir depois daquilo? Como lidar com a consequência daquele sexo delirante e espectacular? Iniciar era uma coisa, participar era clara e fabulosamente outra. Mas ela tinha a certeza de que aqueles primeiros momentos posteriores ditariam o precedente para a maneira como continuariam.

- Posso até ouvir o teu cérebro a começar a engrenar. - Havia uma insinuação de divertimento na voz de Byron, enquanto alisava os cabelos emaranhados de Kate. - É fascinante. Acho que nunca me senti tão atraído pelo cérebro de uma mulher.

Quando ela fez menção de se mover, Byron passou as mãos pelas suas costas, apertando as nádegas ao de leve.

- Não, não saias agora. O teu cérebro está à frente do meu.

Kate correu o risco, erguendo a cabeça para fitá-lo. Aqueles deslumbrantes olhos verdes estavam um pouco desfocados. A boca, que pouco antes fizera todo o seu organismo vibrar, abrandara para um meio sorriso. Era a imagem perfeita do macho plenamente satisfeito, concluiu Kate.

- Vai ser constrangedor? - especulou ela, em voz alta.

- Não tem de ser. Tenho a impressão de que caminhámos para este ponto desde o primeiro momento em que nos conhecemos. Quer soubéssemos, quer não.

- O que leva à pergunta seguinte.

"Uma mente prática, objectiva e ordenada", reflectiu Byron.

- Que é muito simples: para onde vamos a partir daqui? Teremos de conversar a respeito disso. - Ele virou-a e, antes que Kate pudesse falar, deu-lhe um beijo na boca, longo e atordoante. - Mas, primeiro, os aspectos práticos.

Byron tirou-a da cama para os seus braços. Kate teve um sobressalto. Era muito estranho, ser carregada assim, experimentar a excitante vulnerabilidade de se descobrir em inferioridade física.

- Não sei se gosto da maneira como fazes isso.

- Avisa-me quando chegares a uma conclusão. Enquanto isso, voto por um banho de chuveiro e jantar. Estou faminto.

"Não, não vai ser constrangedor", decidiu Kate. Na verdade, era até espantosamente agradável vestir uma T-shirt desbotada de Byron, ouvir a voz rouca de Bob Seeger a cantar rocke. Byron confiara-lhe a preparação da salada, enquanto ele se encarregava da carne no churrasco. Kate estava a gostar do processo, da mistura das cores e texturas dos vegetais que ele separara, com a fragrância do Verão. Não conseguia lembrar-se de alguma vez se ter sentido tão ciente da comida. Gostava de comer, mas o sabor sempre fora o principal estímulo. Agora, no entanto, havia mais do que isso. Havia a sensação tátil da comida, a maneira como diferentes ingredientes se juntavam em harmonia ou conflito.

As camadas húmidas de um coração de alcachofra, a firmeza de uma cenoura, o pepino picante, a delicadeza das folhas verdes.

Kate largou a faca de chef e pestanejou, aturdida. O que fazia agora? Romantizava uma salada? Sinceramente! com todo o cuidado, ela serviu-se do vinho que Byron deixara em cima da bancada a respirar. Embora não tivesse nenhuma crise há algum tempo, ainda desconfiava do álcool e foi com grande cautela que bebeu um gole.

Podia vê-lo através das portas de vidro, a falar com os cães, enquanto virava os bifes na grelha. Chamas e fumo elevavam-se.

"Estamos a cozinhar juntos", pensou Kate. "Tenho uma T-shirt do Byron vestida. Os cães estão a suplicar por aparas, a música está a tocar."

Tudo muito doméstico. Assustador.

- Querida... - Byron abriu as portas. - Importas-te de me servir um copo de vinho? Os bifes estão quase prontos.

- Claro.

"Calma, miúda", advertiu-se a si própria. "É apenas uma noite agradável

e tranquila entre dois adultos consensuais. Não há qualquer motivo para ficares nervosa."

- Obrigado. - Byron pegou no copo e girou o vinho antes de bebê-lo. - Queres comer aqui fora? A noite está linda.

- Boa ideia.

"E será mais romântico", pensou ela, enquanto levavam a louça e os talheres. Porque não deveria desfrutar da luz das estrelas e do vinho com o homem que acabara de se tornar seu amante? Não havia nada de errado nisso.

- Ficaste com aquele vinco entre as sobrancelhas - comentou Byron, enquanto provava e aprovava a salada. - Aquele que costumavas ter quando estás a tentar calcular o resultado final.

- Estava a calcular a quantidade de bife que consigo comer sem explodir. - com os olhos no prato, Kate cortou outro pedaço. - Está delicioso.

- Embora eu ache surpreendentemente satisfatório alimentar-te, não é a comida que neste momento está aos pulos, de um lado para o outro, dentro dessa tua cabecinha, como uma bola de flíper.

Byron estava quase a pedir-lhe para o olhar nos olhos, mas depois decidiu seguir por um caminho mais directo. Pôs a mão na coxa nua de Kate, que levantou imediatamente os olhos.

- Porque é que não te facilito as coisas? Quero que passes a noite comigo.

Ela pegou no copo de vinho e ficou a girar o pé.

- Não tenho outra roupa.

- Levantamo-nos cedo e saímos. Terás tempo suficiente para trocar de roupa antes de ires para o trabalho. - Ele inclinou-se para a frente e passou a ponta do dedo pela garganta de Kate. Um pescoço tão longo e esguio... - Quero fazer amor contigo outra vez. Quero dormir contigo. Estou a ser suficientemente simples?

Como deveria ser assim, Kate anuiu com a cabeça. manhã.

- Eu fico, mas não quero ouvir queixas quando o despertador tocar às seis horas da Byron limitou-se a sorrir. Era raro o dia em que não estava a pé e já a correr pela praia às seis horas da manhã.

- Como queiras. Mas há mais. Eu disse que havia condições e estava a falar a sério.

Ora aí estava exactamente aquilo que ela tentara manter bem trancado

no fundo da sua mente. Pôs outro pedaço de carne na boca, antes de responder, pois queria escolher as palavras com todo o cuidado.

- Não estou envolvida com ninguém.

- Estás, sim... estás envolvida comigo.

Um rápido calafrio de advertência passou pela coluna de Kate.

- O que eu quis dizer é que não estou envolvida com mais ninguém. Não tenciono sair com outro homem enquanto estivermos... envolvidos. Pode até parecer pela maneira como vim aqui esta noite mas o sexo não é casual para mim.

- Nada é casual para ti. - Byron encheu os copos de vinho. - Mas o sexo é a parte fácil. Não exige muito pensamento, o instinto é accionado e o corpo assume o comando.

Ele notou que os olhos de Kate tinham uma expressão cautelosa, como os de uma corça que inesperadamente depara com um macho no bosque. Ou um caçador.

- Sinto alguma coisa por ti.

O coração de Kate bateu descompassadamente. Ela usou a faca e o garfo para cortar um pedaço de carne, como se o tamanho e o formato fossem de suprema importância.

- Acho que isso já ficou bem claro.

- Não estou a falar apenas de desejo, Katherine. Estou a falar de sentimentos. Eu planeava defini-los antes de alcançarmos esta fase, mas... - Ele encolheu os ombros, comeu, deixou-a absorver as palavras. - Gosto de mapas.

O cérebro já atordoado de Kate desmanchou-se na mais completa confusão.

- Mapas?

- Pontos de interesse. Caminhos de um lugar para o seguinte. Gosto de determiná-los. Uma das razões pelas quais me interesso por hotéis é o facto de serem como um mundo. Auto-suficientes, com muita movimentação, lugares e pessoas.

Enquanto falava, Byron separou o osso do que restava do seu jantar, depois fez a mesma coisa no prato de Kate e ofereceu o banquete aos cachorros de olhos arregalados.

- Os hotéis nunca são estacionários. Isso só acontece com o prédio. Mas lá dentro há nascimentos, mortes, actividades políticas, paixões,

comemorações, tragédias. Como qualquer mundo, segue mais ou menos ao longo de um determinado caminho. Mas os desvios, as surpresas e os problemas existem sempre. Exploram-se, aproveitam-se, resolvem-se. E isso é algo que adoro.

Kate ficou a pensar enquanto ele se recostava e acendia um dos seus charutos. Não tinha a menor ideia de como tinham passado de uma discussão sobre o relacionamento de ambos para o trabalho dele, mas não se importava. Relaxada de novo, ela pegou no seu copo de vinho.

- É por isso que és tão bom no teu trabalho. Os meus tios consideram-te o melhor, e eles são muito exigentes.

- Em geral damos o nosso melhor quando fazemos algo de que gostamos. - Ele observou-a através de uma nuvem de fumo. - Eu aprecio-te.

O sorriso espalhou-se devagar enquanto Kate se inclinava para a frente.

- Tu és um desvio - murmurou ele, pegando nas mãos de Kate antes que se tornassem ocupadas de mais, levando-as aos lábios. Quando mapeio o mundo específico que percorro, sempre prevejo alguns desvios.

- Eu sou um desvio. - Kate sentiu-se tão insultada que retirou a mão bruscamente. - É muito lisonjeiro.

- Foi dito como um elogio. - Byron sorriu. - Enquanto eu estiver nessa rota alternativa, intrigante e muito atraente, não pretendo preocupar-me com o tempo que demoro a navegá-la.

- E eu acompanho-te na viagem? É isso?

- Prefiro dizer que estamos nisto juntos. Onde vamos acabar depende de nós dois. Mas uma coisa eu sei. Quero-te comigo. Ainda não entendi muito bem porquê, pois não consigo passar da parte do desejo. Olhar para ti já é suficiente.

Nunca ninguém a fizera sentir tão desejada. Byron não usara palavras suaves e sedutoras, não compusera odes aos seus olhos; e, no entanto, ela sentia-se vital, viva e muito desejada.

- Não sei se me sinto confusa ou seduzida, mas parece ser suficiente para mim também.

- Ótimo. - A maior parte da tensão de Byron desvanecera-se quando ele tornou a levar as mãos de Kate aos lábios. - Agora que estás relaxada, porque não me contas sobre o teu dia fascinante?

- O meu dia? - Kate fitou-o na maior perplexidade. Mas logo os seus olhos se desanuviam. - Ah, o meu dia! Tinha-me esquecido por completo.

- Não tenho palavras para descrever como isso é gratificante para mim. - Ele voltou a pôr a mão na coxa de Kate e foi subindo devagar.

- Se queres esquecer por mais algum tempo...

- Não. - Ela riu, enquanto empurrava a mão de Byron. - Eu sentia-me muito ansiosa para contar tudo, depois comecei a pensar em levar-te para a cama, e o relato desceu na lista de prioridades.

- Que tal se eu te deixar levores-me outra vez para a cama, e conversarmos mais tarde?

- Não. - Kate esquivou-se, fora do seu alcance. - Já te tive, amigo. O bis pode esperar.

- Este barulho que estás a ouvir agora é o meu ego a murchar. Byron recostou-se com o seu charuto e o vinho e gesticulou com o copo. - Muito bem, miúda, podes contar.

Ela perguntou-se como seria a sensação de o dizer em voz alta.

- Em Março descobri que o meu pai desviara dinheiro da agência de publicidade em que trabalhava, antes de morrer num acidente de viação. - Kate soltou um suspiro, comprimindo a mão contra o estômago. - Oh, Deus!

Era a peça que ele tinha a certeza que faltava encaixar no lugar apropriado.

- Em Março... - repetiu Byron, estudando o rosto de Kate. - Não sabias de nada antes?

- Não, nada. Estou sempre à espera que as pessoas se mostrem chocadas. Porque não ficaste?

- As pessoas cometem erros. - A voz de Byron suavizou-se ao calcular o quanto ela devia ter sofrido. - Foi um tremendo golpe para ti, não foi?

- Não enfrentei o facto da maneira que devia. Pensei que estava a fazer o melhor. Pensei que podia enterrar o assunto, empurrá-lo para o fundo do cérebro. Não deu certo.

- Não falaste com ninguém?

- Não podia. A Margo acabara de descobrir que estava grávida, enquanto a Laura já tinha problemas de mais. Além disso... eu sentia-me envergonhada. No fundo, foi isso. Eu não conseguia enfrentar a verdade.

"E ficou doente", pensou Byron, "com preocupação, stresse e culpa."

- E depois veio a acusação na Bittle.

- Achava que aquilo não podia estar a acontecer. Era alguma espécie de piada cósmica. Fiquei paralisada, Byron. Nunca tivera tanto medo de uma

coisa, nunca me sentira tão desamparada. Ignorar parecia a única solução. Acabaria por desaparecer, sumiria por completo. Tentaria ocupar-me com outras coisas, não pensaria naquilo, não reagiria, e tudo iria melhorar.

- Algumas pessoas quebram, outras desmoronam-se, outras cavam as suas trincheiras.

- E eu puxei os cobertores para cobrir a cabeça. Mas já passou.

- Num meio brinde a si mesma, Kate ergueu o copo. - Conversei com os meus tios. Em vez de melhorar a situação, só serviu para piorar. Magoei-os. Tentava explicar porque me sentia grata aos dois, e acabei por dizer as coisas erradas. A tia Susie ficou zangada comigo. Não me lembro de outra ocasião em que se tivesse zangado tanto comigo.

- Ela adora-te, Kate. Vocês as duas vão acabar por resolver a situação.

- A tia Susie já me perdoou. Ou quase. Mas isso fez-me compreender que precisava de enfrentar as circunstâncias. Todas. Fui à Bittle hoje.

- Agora estás a cavar trincheiras.

Kate deixou escapar um suspiro trémulo.

- Já passou esse tempo.

- Vais desculpar-te agora porque não foste a mulher de ferro, porque precisavas de tempo para mobilizar os teus recursos?

Os cantos da boca de Kate tremeram. Sentira-se tentada a fazer aquilo. Aparentemente, Byron conhecia-a muito bem.

- Não. vou concentrar-me agora em resolver o problema.

- Não precisavas ter ido sozinha à Bittle.

Kate baixou os olhos para a mão que cobrira a sua. O que o fazia oferecer apoio com tanta facilidade? E o que a fazia contar tanto com a oferta?

- Precisava, sim. Para provar a mim mesma e a todos na Bittle que eu era capaz. Jogava basebol na escola. Era uma batedora. Concentrava-me na sensação do bastão nas minhas mãos, porque o meu estômago ardia e os joelhos tremiam. Se me concentrasse no taco que estava a segurar e mantivesse os olhos fixos no lançador, ainda assim ficaria apavorada, mas ninguém saberia.

- Só tu mesmo para transformares um jogo numa batalha de vida ou morte.

- O basebol é vida ou morte, ainda mais no fundo do campo. Kate sorriu.

- Era assim que eu me sentia quando entrei na Bittle. Dois batedores já

desclassificados, a última oportunidade, quando apareci com o bastão ao ombro.

- Ou seja, calculaste que, se tinhas de te afundar, pelo menos afundavas-te a lutar.

- Isso mesmo. Agora estás a perceber.

- Minha querida, fui primeiro lançador até na universidade. Entrei numa selecção estadual. E mastigava batedores, como tu, ao pequeno-almoço.

Quando ela se riu, um pouco da preocupação de Byron dissipou-se. Kate demorou um momento a beber um gole de vinho, contemplando o céu estrelado.

- Parecia uma coisa boa. E certa. Embora apavorada, achei que pelo menos estava a fazer alguma coisa. Exigi uma reunião dos sócios. Lá estava eu, de volta à sala de reuniões, como no dia em que me despediram. Só que desta vez reagi.

Kate respirou fundo, antes de iniciar um relato pormenorizado do que ocorrera na sala de reuniões. Ele ouviu, admirando a maneira como a voz de Kate se fortalecia e os olhos se tornavam mais duros. Talvez a sua vulnerabilidade o encantasse, mas aquela mulher confiante e determinada não era menos atraente.

- E estás disposta a enfrentar as consequências se eles apresentarem acusações formais?

- Estou disposta a lutar e a enfrentar todas as consequências. E estou disposta a pensar a sério em quem me incriminou. Porque alguém fez isso. Ou porque os outros me focalizaram, ou porque eu era a mais conveniente. Mas alguém me usou para enganar a firma e os clientes, e não vai escapar impune.

- Posso ajudar-te. - Byron ergueu a mão antes que ela pudesse protestar. - Tenho um instinto seguro para as pessoas. E passei toda a minha vida adulta a lidar com intrigas e pequenos furtos numa grande organização. Tu és perita em números, mas eu sou melhor em termos de personalidades e motivações.

Ele podia perceber que Kate estava a avaliar a proposta no seu cérebro, a estudar as possibilidades e ofereceu-lhe um sorriso.

- Vamos usar o basebol de novo. Tu és a batedora, eu sou o lançador. Tu bates com força, eu uso a astúcia.

- Nem sequer conheces as pessoas envolvidas.

Byron pensou sombriamente que iria, fosse como fosse, conhecer todos

os envolvidos na questão, mas manteve a voz suave:

- Podes falar-me sobre essas pessoas. És suficientemente prática para admitir que há vantagem em ficar a conhecer um novo ponto de vista.

- Suponho que não faria mal. Obrigada.

- Podemos começar a trabalhar nas biografias amanhã. Agora consigo perceber porque estás tão tensa. Tiveste um dia terrível.

- Levei algum tempo para me recuperar depois do confronto na Bittle. Mas sabia que tinha de falar com a tia Susie. Fui até aos penhascos para pensar um pouco e...

Kate levantou-se de um pulo.

- Oh, não! Esqueci-me! Não posso acreditar que me tenha esquecido! O que é que fiz com ela? - Atordoada, ela apalpou as ancas, antes de se lembrar que estava a usar apenas uma T-shirt grande.

- O meu bolso! Deixei-a lá. Espera aqui.

Ela entrou em casa a correr, deixando Byron sozinho, a sacudir a cabeça. A mulher era uma massa de contradições, concluiu ele, enquanto se levantava para levantar a mesa. Não adiantava lembrar-se que preferia o tipo suave, discreto e sofisticado. O tipo Laura. Fina, culta, bem-educada.

Só que nunca sentira aquela necessidade intensa com Laura. Ou com qualquer outra mulher, diga-se de passagem.

Em vez disso, era Kate, aquele desvio turbulento e muitas vezes inconveniente, quem sempre o fascinava.

E como aquela complicada e agitada Kate reagiria se lhe dissesse que começava a acreditar que se apaixonara por ela?

- Aqui está! - Triunfante, ela voltou à cozinha, ansiosa por se divertir com o espanto de Byron. Sorriu presunçosa, enquanto ele fitava os seus olhos escuros e intensos. - Encontrei isto.

Kate estava corada. Os cabelos curtos projectavam-se, espetados, para todos os lados, as pernas compridas e finas eram douradas por baixo da camisa de Byron. Não tinha corpo, por assim dizer, era mais ossos do que curvas. O pouco rímel que se dera ao trabalho de aplicar borrara a pele por baixo dos olhos. O nariz era torto. Será que ele já reparara nisso antes? O nariz não ficava bem ao centro, enquanto a boca era larga de mais para o rosto estreito.

- Tu não és bonita - murmurou ele, numa declaração suave, que a levou a franzir o rosto. - Porque pareces bonita quando não o és?

- Quanto vinho bebeste, De Witt?

- O teu rosto está errado. - Como em busca de confirmação, ele contornou a bancada para examiná-la melhor. - É como se alguém tivesse juntado algumas partes sobressalentes de outras pessoas.

- Tudo isso é muito fascinante - disse Kate, impaciente. - Mas...

- À primeira vista, o teu corpo parece pertencer a um rapazote adolescente, é só braços e pernas.

- Muito obrigada, Mister Universo. Já acabaste com a tua crítica não solicitada à minha aparência?

- Quase. - Byron contraiu os lábios, enquanto passava a mão pelo queixo de Kate. - Adoro a tua aparência. Não consigo imaginar porquê, mas adoro o teu ar, a forma como te movimentas.

Ele passou o braço em torno de Kate, antes de acrescentar:

- O teu cheiro.

- É uma maneira nova de me seduzires.

- Adoro o teu sabor - continuou Byron, roçando os lábios pelo pescoço de Kate.

- E é surpreendentemente eficaz - balbuciou ela, estremecendo.

- Mas queria que tu desses uma olhadela nisto.

Ele levantou-a, sentou-a na bancada e estendeu a mão para alcançar-lhe o rabo.

- vou fazer amor contigo aqui. - Byron fechou os dentes sobre o mamilo que se projectava de novo através do algodão. - Concordas?

- Claro. - Ela inclinou a cabeça para trás. - Qualquer lugar. Satisfeito, Byron roçou os lábios pelos dela.

- O que querias que eu visse?

- Nada. Apenas isto.

Ele pegou na moeda que escapuliu entre os dedos de Kate e examinou-a, perplexo.

- Uma moeda espanhola? Deve ser um dobrão. Não é da Margo?

- Não. É minha. Encontrei-a. - Kate respirou fundo, deixou o ar escapar, um pouco trémula. - Como consegues isso? Parece que viras um interruptor na minha cabeça. Encontrei essa moeda. Hoje. Nos penhascos. Estava para lá caída. O dote da Seraphina. Já conheces a lenda.

- Claro. - Intrigado, ele virou a moeda na sua mão. - Os amantes em desgraça. A moça espanhola deixada em Monterey, enquanto o rapaz que

ama vai combater os Americanos. Seraphina é informada de que o rapaz morreu, e salta do penhasco.

Byron levantou os olhos da moeda para fitá-la.

- Pelo que dizem, foi dos penhascos que ficam em frente à Casa Templeton.

- Ela tinha um dote.

- Isso mesmo. Uma arca com o seu presente de noiva, oferta do pai indulgente. Uma versão diz que ela escondeu o dote para protegê-lo dos invasores americanos, até ao regresso do seu amor. Outra diz que ela lançou tudo ao mar.

Kate pegou na moeda.

- Eu acredito na primeira hipótese.

- Tu, a Laura e a Margo não vêm vasculhando aqueles penhascos há meses?

- E daí? A Margo encontrou uma moeda no ano passado. Agora encontrei outra.

- A esse ritmo, estarão ricas além dos vossos sonhos mais delirantes em meados do próximo milénio. Acreditas em lendas?

- O que se pode deduzir? - Kate preparou-se para uma discussão. -A Seraphina existiu. Há documentos que provam. Além disso...

- Não. - Ele beijou-a, gentilmente. - Não estragues tudo. É maravilhoso saber que consegues acreditar. E ainda mais maravilhoso saber que queres que eu acredite também.

Ela estudou o rosto de Byron.

- E tu acreditas?

Byron tornou a pegar na moeda, largou-a em cima do balcão, onde ficou a brilhar como uma promessa.

- Claro.

CAPÍTULO 13

AS TEMPESTADES chegaram, assolando a costa com chuva forte e ventos furiosos. O alívio por a estação perigosamente seca ter chegado ao fim dava agora lugar a preocupações com enchentes e aluimentos de terras.

Kate tentou não encarar o tempo mau em termos pessoais. Mas era isso, com toda a certeza, que a impedia de intensificar a caçada ao tesouro. Mesmo quando as chuvas diminuíram, os penhascos ainda se encontravam molhados de mais para serem seguros.

E por isso elas tiveram de esperar.

Claro que havia muita coisa para ocupá-la. A temporada de Verão na Pretenses estava bastante movimentada. Turistas enchiam Cannery Row, apinhavam o cais, faziam fila para uma visita ao aquário. As lojas de jogos electrónicos vibravam com o som das máquinas, as famílias passeavam pelas calçadas comendo gelados de cone.

O clima agitado de férias nas ruas significava um aumento das vendas.

Algumas pessoas iam dar comida às gaivotas e apreciar os barcos. Outras vinham conhecer a rua que Steinbeck imortalizara. Outras ainda iam aproveitar a eterna Primavera que Monterey oferecia, ou percorrer a estrada espectacular ao longo da costa.

Muitas, mas muitas mesmo, eram atraídas pelas montras irresistíveis que Margo decorara. Entravam para dar uma olhadela nos objectos. E quem fazia isso quase sempre acabava por comprar alguma coisa.

- Vejo cifrões nos teus olhos outra vez - comentou Laura.

- Aumentámos as vendas dez por cento, em relação ao mesmo período do ano passado. - Kate olhou para Laura. - Pelos meus cálculos, a Margo conseguirá pagar todas as suas dívidas até ao final do próximo trimestre. Quando a temporada de compras do Verão atingir o auge, passaremos a ter lucro.

Laura contraiu os olhos.

- Pensei que já estivéssemos a dar lucro.

- Não tecnicamente. - Enquanto falava, Kate continuava a fazer cálculos. - Tiramos uma percentagem mínima em vez de salários. Formámos uma reserva para novas mercadorias. E temos as despesas operacionais.

Sem parar de trabalhar com uma das mãos, ela estendeu a outra para a

chávena de chá... e fingiu que era café.

- Inicialmente, o grosso do nosso stock era propriedade da Margo. Ela ficou com a parte maior nos lucros, a fim de acertar as contas com os seus credores. Pouco a pouco, estamos a formar um novo stock, adquirido por...

- Kate, poupa-me os pormenores. Estamos a funcionar com prejuízo?

- Estamos, sim, mas...

- É que tenho tirado algum dinheiro todos os meses.

- Claro. Tu precisas de viver. Nós temos de viver - corrigiu Kate depressa, ao perceber o sentimento de culpa nos olhos de Laura.

Ela compreendeu que era necessário explicar para tranquilizá-la. Largou a chávena e resistiu à tentação de voltar a mexer no teclado.

- É assim que funciona, Laura. Tiramos o que precisamos... aquilo a que temos direito. O resto é investido no negócio. Cada uma de nós tem despesas pessoais, além das despesas gerais da loja. Depois de todos esses desembolsos, reinvestimos o lucro. Se houver algum.

- E, se não houver, estamos no vermelho. O que significa...

- O que significa a realidade. Não há nada de excepcional no facto de um negócio novo estar inicialmente a funcionar com prejuízo. - Kate reprimiu um suspiro e perguntou- se porque não iniciara a conversa de uma maneira diferente. - Esquece todas as contas. O que estou a dizer é uma boa notícia. Vamos terminar o ano não só tirando um sustento mínimo e pagando dívidas antigas, como ainda teremos lucro. Um lucro real. O que é raro num negócio que está a iniciar o seu segundo ano. Pelas minhas projecções, teremos um lucro líquido na casa média de cinco dígitos.

- Quer dizer que estamos em boa situação? - perguntou Laura, cautelosa.

- Isso mesmo. - Sorrindo, Kate passou os dedos pelas teclas do computador, como se fossem filhos adorados. - Se o leilão de caridade correr tão bem quanto o do ano passado, ficaremos em óptima situação.

- Era sobre isso que eu queria falar contigo. - Laura hesitou e franziu o rosto para os números no ecrã. - Estamos de facto bem?

- Se não consegues confiar na tua contabilista, em quem podes confiar?

- É verdade. - Ela tinha de acreditar. - Neste caso, não haverá problemas em emitir alguns cheques.

- Vieste ao lugar certo. - Cantarolando, Kate pegou nas facturas estendidas por Laura... e engasgou-se. - Mas o que é isto?

- Bebidas. - Laura assumiu um sorriso jovial, esperançoso. -

Entretenimento. E publicidade. Tudo relacionado com o leilão.

- Não acredito! Vamos pagar tudo isto por uma música de câmara aborrecida, tocada por um bando de idiotas? Porque não podemos simplesmente pôr um CD? Eu disse à Margo...

- É uma questão de imagem, Kate. E este trio não é um bando de idiotas. São muito talentosos. - Ela apertou o ombro de Kate, entendendo agora porque Margo lhe sugerira que entregasse as facturas. Estamos a pagar de acordo com a tabela do sindicato, tal como aos empregados.

Kate abriu o livro de cheques, grunhindo:

- A Margo tem de fazer tudo de forma espectacular.

- É por isso que a adoramos. Pensa apenas na maneira como a caixa registadora vai cantar na semana seguinte ao leilão. Todos aqueles clientes ricos e consumistas, com generosos rendimentos disponíveis.

- Estás a tentar convencer-me.

- E estou a conseguir?

- Repete a parte dos "generosos rendimentos disponíveis".

- Generosos rendimentos disponíveis. -Já me sinto melhor.

- A sério? Isso é óptimo. - Laura estremeceu, sustendo a respiração. - Lembras-te do desfile de moda que marcámos para Dezembro? Ainda te parece uma boa ideia?

- É uma grande ideia. Um evento especial bem feito paga-se perfeitamente a si mesmo, e isto sem falar no potencial de atrair novos clientes.

- Também penso assim. Aqui está o meu orçamento preliminar. Laura manteve os olhos fechados enquanto largava o orçamento no colo de Kate. Ouviu o grito. Quando abriu os olhos, viu Kate a puxar a blusa por trás.

- O que estás a fazer?

- A tentar arrancar a faca que tu acabaste de me cravar nas costas. É de mais, Laura. As roupas são nossas, as modelos vão sair das tuas comissões. Porque precisas de todo este dinheiro?

- Decoração, divulgação, bebidas. Está tudo relacionado. E é negociável.

- Laura começou a recuar para a porta. - Considera-a uma lista de desejos. Podemos discutir.

com grunhidos guturais, Kate olhou para a porta, de rosto franzido. O problema era que as suas sócias estavam demasiado acostumadas a serem ricas para compreenderem que já não o eram. Ou que a Pretenses não era,

corrigiu ela.

Margo casara por amor, mas casara com um Templeton... e Templeton significava dinheiro.

Laura era uma Templeton. Apesar de roubada pelo ex-marido, sempre teria acesso a milhões. Só não os queria aproveitar.

Cabia à velha Kate, sempre prática, manter as contas num nível equilibrado. Quando a porta se abriu de novo, ela não se deu ao trabalho de olhar.

- Não me pressiones, Laura. Juro que cortarei esta lista de desejos até não poderes servir outra coisa além de gelados e refrigerantes.

- Kate...

A voz de Laura estava tão contida, que Kate virou-se abruptamente na cadeira.

- Qual é o problema? O que...

Ela parou de falar ao deparar-se-lhe um homem parado ao lado de Laura. Calculou que estaria na casa dos cinquenta anos, tendo a linha dos cabelos recuada muito além do que se poderia chamar de entradas. Tinha um princípio de papada, olhos castanhos suaves. O fato era impecável e barato. A dada altura, tivera de abrir buracos adicionais no cinto de couro castanho, a fim de acomodar a barriga protuberante.

Mas foram os sapatos que a alertaram. Kate não conseguia explicar por que motivo aqueles sapatos pretos engraxados, com laços duplos, indicavam que o homem era da Polícia.

- Kate, este é o detective Kusack. Ele quer conversar contigo. Ela não soube como conseguiu levantar-se, pois já não sentia as pernas. Mas enfrentava-o, surpreendida ao descobrir que os seus olhos estavam no mesmo nível.

- Estou presa?

- Não, minha senhora. Tenho algumas perguntas a fazer-lhe sobre um problema na Bittle & Associates.

Ele tinha uma voz um pouco rouca, como cascalho passando sobre lixa, que a fez lembrar o rock de Bob Seger.

- Gostaria de chamar o meu advogado.

- A Margo já está a ligar para o Josh - informou Laura, adiantando-se para ficar ao lado de Kate.

- A opção é sua, menina Powell. - Kusack projectou o lábio inferior,

enquanto a avaliava. - Talvez fosse melhor se conversássemos na esquadra. Tentarei não ocupar muito do seu tempo. Posso ver que está bastante ocupada.

- Não tem problema. - Kate pôs a mão no braço de Laura, antes que esta pudesse adiantar-se. - Não te preocupes. Eu ligo mais tarde.

- vou contigo.

- Não. - com os dedos gelados, Kate pegou na carteira. - Telefone assim que puder.

Ela foi levada para uma sala de entrevistas projectada para intimidar. Em termos racionais, Kate sabia disso. As paredes vazias, a mesa escalavrada ao centro, cadeiras desconfortáveis, o espelho largo que obviamente permitia a visão pelo outro lado, tudo fazia parte do cenário que ajudava os polícias a arrancarem informações de suspeitos. Por mais que o lado prático de Kate ordenasse que não se deixasse afectar, ela ficou toda arrepiada.

Porque ela era a suspeita.

Tinha Josh ao seu lado, com um típico ar de advogado, no seu fato cinzento feito à medida e gravata às riscas. Kusack cruzou as mãos sobre a mesa. "Mãos grandes", notou Kate, distraída, "com uma aliança de ouro fina." Kate viu também que ele roía as unhas e olhou com um fascínio atordoado para as unhas curtas e irregulares.

Durante vários momentos, nada aconteceu. Houve apenas um silêncio tenso, como a expectativa pouco antes de a cortina abrir no primeiro acto de uma peça importante. Kate sentiu aflorar-lhe à garganta uma gargalhada quase histérica quando concebeu essa imagem na sua mente.

Acto um, cena um... e ela tinha o papel principal.

- Posso arranjar-lhe alguma coisa, menina Powell? - Kusack observou os músculos de Kate contraírem-se ao som da sua voz, enquanto os olhos se deslocavam das suas mãos para o rosto.

- Um café? Uma cola?

- Não. Nada.

- Detective Kusack, a minha cliente está aqui, a seu pedido, num espírito de cooperação. -A voz refinada saiu fria e dura. Por debaixo da mesa, Josh apertou a mão tensa de Kate, num gesto confortador. Ninguém quer esclarecer tudo mais do que ela. A menina Powell está disposta a prestar depoimento.

- Pelo que agradeço, sr. Templeton. Menina Powell, eu gostaria que

respondesse a algumas perguntas, a fim de poder compreender a situação. - Ele ofereceu um sorriso gentil, paternal, que fez Kate estremecer por dentro. - Primeiro, vou ler-lhe os seus direitos. É um procedimento que não podemos dispensar.

Ele recitou as palavras conhecidas de cor por qualquer pessoa que já assistira a um episódio das séries policiais, desde Kojak a A Balada de Nova Iorque. Kate olhou para o gravador, que registava em silêncio cada palavra, cada inflexão.

- Compreende estes direitos, menina Powell?

Kate fitou-o nos olhos. A cortina abriu-se e ela não iria estragar o espectáculo.

- Compreendo, sim.

- Trabalhou para a firma de contabilidade Bittle & Associates de... Ele folheou um pequeno bloco de notas e leu as datas.

- Isso mesmo. Eles contrataram-me, assim que saí da faculdade.

- Harvard, não foi? É preciso ser muito estudiosa para entrar em Harvard. E ainda por cima formou-se com uma Bolsa de Estudo Baker.

- Esforcei-me para ganhá-la.

- Aposto que sim. Que tipo de trabalho fazia na Bittle?

- Preparação fiscal, planeamento financeiro. Assessoria de investimentos. Podia trabalhar em cooperação com o corretor de um cliente para orientar a sua carteira de aplicações, por exemplo.

Josh levantou um dedo.

- Quero deixar registado que a minha cliente angariou novas contas para a firma durante a sua permanência na empresa. A sua ficha não era apenas impecável, mas também excepcional.

- Hum, hum... Como atraiu as novas contas, menina Powell?

- Contactos. Recomendações de clientes que já tinha.

Kusack conduziu-a através do dia-a-dia do trabalho, fazendo as perguntas em ritmo lento, tranquilo, até que ela começou a relaxar. Ele coçou a cabeça e sacudiu-a.

- Não consigo entender nada desses formulários que o Tio Sam nos manda preencher. Todos os anos ficava sentado com eles à minha frente, espalhados sobre a mesa da cozinha, sem saber o que fazer. com uma garrafa de jacc Daniels para aliviar a angústia. - Kusack sorriu, cativante. - A minha mulher finalmente não aguentou mais. Agora levo tudo para a H & R Block

no início de Abril, e deixo que eles resolvam.

- É, portanto, um contribuinte típico, detective Kusack.

- Estão sempre a mudar as regras, não é? - Ele tornou a sorrir. Alguém como a menina teria de compreender as regras. E a maneira de contorná-las.

Josh protestou pelo tom da pergunta, mas Kate sacudiu a cabeça.

- Não te preocupes. Posso responder. Compreendo as regras, detective Kusack. E o meu trabalho é reconhecer o que é preto e branco, e onde estão os tons de cinza. Um bom contabilista usa o sistema para contornar o sistema, sempre que possível.

- É uma espécie de jogo, não é?

- É, sim, de certa forma. Mas o jogo também tem regras. Eu não duraria um mês numa firma com a estrutura e reputação da Bittle, se não jogasse de acordo com as regras. Uma contabilista que manipula formulários fiscais ou defrauda o Serviço de Contribuições e Impostos expõe-se a um grande risco, bem como o seu cliente. E não fui criada para ser desonesta.

- Foi criada aqui em Monterey, não é mesmo? Uma pupila de Thomas e Susan Templeton.

- Os meus pais morreram quando eu tinha oito anos. Fui...

- O seu pai teve um pequeno problema financeiro antes de morrer - comentou Kusack, observando Kate empalidecer.

- As acusações apresentadas e nunca resolvidas contra o pai da minha cliente há vinte anos não têm qualquer relevância para este caso - declarou Josh.

- É apenas uma informação, senhor advogado. E uma interessante coincidência.

- Eu não sabia dos problemas do meu pai até há pouco tempo. - "Como é que ele descobriu tão depressa?", especulou Kate. "Porque é que investigou?"

- Como eu disse, os meus pais morreram quando eu era uma criança. Fui criada na Casa Templeton, na área de Big Sur.

Ela respirou fundo, antes de acrescentar:

- Os Templeton nunca me consideraram ou trataram como uma pupila, mas sim como uma filha.

- Pensei que iria trabalhar na organização Templeton. Uma mulher com a sua competência... e tendo eles tantos hotéis e fábricas...

- Preferi não trabalhar na organização Templeton.

- Pode explicar-me porquê?

- Porque não queria receber nada de mão beijada. Queria fazer uma carreira à minha custa. E eles respeitaram a minha decisão.

- E a porta continua aberta - acrescentou Josh. - A qualquer momento que Kate quiser. Detective, não sei o que essa linha de interrogatório tem a ver com o caso em questão.

- São informações complementares. - Apesar do gravador, ele continuava a escrever anotações. - Menina Powell, qual era o seu salário na Bittle, por ocasião do seu afastamento?

- Uma base de cinquenta e dois mil dólares, mais as bonificações.

- Cinquenta e dois mil... - Kusack folheou o bloco, balançando a cabeça, como se conferisse informações. - É muito pouco para uma pessoa criada na Casa Templeton.

- Era o que eu ganhava, era suficiente para as minhas necessidades. - Ela sentiu uma gota de suor frio escorrer pelas costas. - Sei como fazer dinheiro com dinheiro. E, num ano médio, eu acrescentava vinte mil dólares em bonificações ao salário-base.

- Abriu uma empresa no ano passado.

- com as minhas irmãs, Margo e Laura Templeton.

- É sempre arriscado abrir uma empresa. - Os olhos suaves estudavam Kate. - E caro.

- Posso fornecer-lhe todos os dados, todos os números.

- Gosta de jogar, menina Powell?

- Não, não gosto. Não no sentido comum de Las Vegas ou apostas em cavalos. As hipóteses são sempre favoráveis à casa. Mas aprecio o risco de um investimento inteligente e cauteloso. E considero que a Pretenses é um desses investimentos.

- Algumas empresas precisam de investimentos consideráveis. Como a sua loja, para manter o stock, todas as despesas gerais...

- Os meus livros estão em ordem. Pode...

- Kate... - murmurou Josh, pondo a mão no braço de Kate em advertência.

- Não! - Furiosa agora, ela desenhenciou-se da mão de Josh. Ele está insinuar que eu seguiria pelo caminho fácil, porque o meu pai agiu assim. Que desviei dinheiro da Bittle para manter a Pretenses. Não posso admitir isso. Trabalhámos muito para que a loja desse certo. Especialmente a Margo. Não vou admitir isso, Josh. Ele não pode dizer que a loja está, de alguma

forma, envolvida.

Kate fez uma pausa e fixou Kusack com um olhar furioso.

- Pode verificar os livros da loja quando quiser. E examinar linha por linha.

- Agradeço a oferta, menina Powell. - Kusack abriu uma pasta e tirou alguns papéis. - Reconhece estes formulários?

- Claro. É o formulário mil e quarenta que preparei para a Sid Sun e a cópia alterada.

- É a sua assinatura?

- É, sim, nas duas cópias. E não sei como explicar.

- E estas cópias impressas dos saques efectuados por computador das contas de clientes da Bittle?

- É o meu nome, o meu código.

- Quem tinha acesso ao computador na sua sala?

- Toda a gente.

- E ao seu código de segurança?

- Só eu, tanto quanto sei.

- Não o forneceu a ninguém? -Não.

- Guardava-o na cabeça?

- Claro.

Kusack fitou-a nos olhos, inclinando-se para a frente.

- Deve ser difícil manter uma porção de números na cabeça.

- Sou boa nisso. A maioria das pessoas guarda diversos números na cabeça. O número da segurança social, da conta bancária, números de telefones, datas.

- Eu tenho de anotar tudo. Caso contrário é uma confusão. Acho que não se preocupa com isso.

- Eu não...

- Kate... - Josh interrompeu-a de novo, enfrentando o seu olhar impaciente com uma expressão tranquila. - Onde registas os números?

- Na cabeça - insistiu ela, com um tom de cansaço. - Não esqueço. Há anos que não precisava verificar qual era o meu código de segurança.

com os olhos contraídos, Kusack examinou as unhas roídas.

- Onde procuraria, se tivesse de verificar?

- Na minha agenda, mas... - A voz definhou quando o impacto a atingiu.

- Na minha agenda. Tenho tudo na agenda.

Ela pegou na carteira, abriu-a e retirou o caderno grosso, de capa de couro.

- Como reserva. Ter uma cópia de segurança é a primeira regra. Aqui está. - Kate localizou a página, quase riu. - A minha vida em números.

Kusack coçou o queixo.

- Guarda isso consigo.

- Acabei de dizer que é a minha vida. Uma verdade literal. Está sempre na minha carteira.

- Onde guardava a carteira... por exemplo, durante o expediente na Bittle?

- No meu gabinete.

- E levava-a consigo? Sei que a minha mulher nunca dá dois passos sem a carteira.

- Só se eu fosse sair do prédio. Josh... - Kate agarrou na mão dele. - Só se eu fosse sair do prédio. Qualquer um na firma podia descobrir o código. Absolutamente qualquer um!

Ela apertou os olhos com toda a força, enquanto acrescentava:

- Eu devia ter pensado nisso antes. Acho que não raciocinei como deve ser.

- Continua a ser a sua assinatura nos formulários, menina Powell - lembrou Kusack.

- É uma falsificação - declarou Kate, ríspida, levantando-se. Quero que me escute. Acha que eu arriscaria tudo por que trabalhei, tudo o que me deram, por apenas setenta e cinco mil dólares? Se o dinheiro fosse tão importante assim para mim, eu podia pegar no telefone e ligar para os meus tios, pedir ao Josh. Eles davam-me o dobro sem qualquer pergunta. Não sou uma ladra... e, se o fosse, pode ter a certeza de que disfarçaria o meu acto de uma maneira muito melhor. Que idiota usaria o seu próprio código, o seu próprio nome, e deixaria um rasto de papel tão pateticamente óbvio?

- Sabe, menina Powell, eu coloquei-me essas mesmas perguntas - disse Kusack, tornando a cruzar as mãos sobre a mesa. - E cheguei a uma conclusão. A pessoa tinha de ser uma de três coisas: estúpida, desesperada ou muito esperta.

- Sou muito esperta.

- Sei que é, menina Powell, sei que é. Suficientemente esperta para saber que setenta e cinco mil dólares não é pouca coisa. Suficientemente esperta

para ser capaz de esconder o dinheiro, onde não seria encontrado com facilidade.

- Detective, a minha cliente nega qualquer conhecimento do dinheiro em questão. As provas não são apenas circunstanciais, mas também muito duvidosas. Ambos sabemos que não pode fazer um processo com esses factos. E já ocupou em demasia o nosso tempo -Agradeço a sua cooperação. - Kusack arrumou os papéis e guardou-os na pasta. Quando Josh e Kate já se encaminhavam para a porta, ele acrescentou: - Menina Powell, só mais uma coisa. Como partiu o seu nariz?

-O quê?

- O seu nariz - repetiu Kusack, com um sorriso descontraído. Como o partiu?

Aturdida, Kate ergueu a mão, esfregou o nariz, sentiu o ângulo familiar.

- Tentando alcançar a terceira base, numa péssima imitação do Pete Rose. Bati com o nariz no joelho do adversário.

Os dentes de Kusack faiscaram.

- E conseguiu tocar na base antes?

- Consegui.

Ele observou-a a retirar-se, depois tornou a abrir a pasta e voltou a estudar as assinaturas nos formulários. Estúpida, desesperada ou muito esperta...

CAPÍTULO 14

- **ELE** não acredita em mim. - A reacção aflorou no instante em que a porta se fechou por detrás de Kate. Toda a raiva e indignação transformaram-se em medo.

- Não tenho tanta certeza assim. - Josh podia sentir que todo o corpo de Kate vibrava, através da mão que mantinha nas suas costas. O que importa agora é que eles não têm qualquer base para um processo. A procuradoria não pode fazer nada, e o Kusack sabe disso.

- Claro que tudo importa. - Kate comprimiu a mão contra o estômago em turbilhão. Não era a úlcera desta vez ou, pelo menos, assim esperava. Mas isso não servia de muito conforto quando o diagnóstico alternativo era vergonha e medo. - Importa o que ele pensa, importa o que o pessoal da Bittle pensa, o que todos pensam. Por mais que eu não queira, é claro que importa.

- Presta atenção, Kate. - Josh virou-a no corredor para fitá-la, mantendo as mãos nos seus ombros. - Tu saíste-te muito bem na entrevista. Melhor do que muito bem. Pode não ter sido o caminho exacto que eu recomendaria como teu advogado, mas foi eficaz. Os registos na tua agenda abrem toda uma nova área de investigações. E agora pensa em quem te levou a isso.

- Foste tu.

Como Josh sacudiu a cabeça em negativa, Kate franziu as sobrancelhas, tentando concentrar-se. Já que ele assim esperava, Kate tentou pensar com clareza.

- Foi ele. O Kusack. Queria que eu lhe dissesse que tinha o código escrito em algum lugar.

- Em algum lugar onde pudesse ser visto. Agora, quero que ponhas tudo isso de lado. - Como ela abriu a boca para protestar, Josh continuou: - Estou a falar a sério, Kate. Deixa o Kusack fazer o seu trabalho. E deixa-me fazer o meu. Há pessoas por detrás de ti. Quero que nunca mais te esqueças disso.

- Estou assustada. - Ela comprimiu os lábios com força e fez um esforço para manter a voz sob controlo mesmo na admissão. Só deixei de me sentir assustada quando ele me irritou. Mas agora estou assustada outra vez. Porque falou ele do meu pai, Josh? Como soube disso? Que motivo teria para investigar tão longe os meus antecedentes?

- Não sei. vou descobrir.

- Eles devem saber na Bittle. - O desespero era como uma pedra pesando

no seu estômago. - Se o Kusack sabe, os sócios também sabem. Talvez já soubessem antes, e foi por isso...

- Kate, pára.

- E se eles nunca descobrirem o culpado? Se não descobrirem, então serei sempre...

- Eu mandei-te parar com isso. Nós vamos descobrir. É uma promessa... não do teu advogado, mas do teu irmão mais velho.

Ele abraçou-a e beijou-lhe o topo da cabeça. Foi nesse instante que avistou Byron a aproximar-se pelo corredor. Podia reconhecer a fúria quase incontrolada quando a via, e decidiu que era do que Kate precisava para afastar os pensamentos da entrevista.

- Chegaste em boa hora. Podes levar a Kate para casa? Ela virou-se, confusa e embaraçada.

- O que estás a fazer aqui?

- A Laura falou comigo. - Ele lançou um olhar para Josh, que dizia que conversariam mais tarde, e depois começou a conduzir Kate pelo corredor. - Vamos sair daqui.

- Tenho de voltar para a loja. A Margo ficou sozinha.

- A Margo consegue desenvencilhar-se sozinha. - Ele puxou-a pelos degraus abaixo, passaram pela recepção e saíram para o sol ofuscante. - Estás bem?

- Estou, sim. com o estômago um pouco embrulhado, mas bem em geral.

Byron viera no Corvette preto de dois lugares. Embarcar num carro de trinta anos serviu para tornar o dia ainda mais surrealista.

- Não era preciso vires até aqui.

- É óbvio. - com um sentimento de impotência, ele pôs o carro a funcionar. - Tu ter-me-ias chamado se quisesses a minha ajuda. Agora, és obrigada a aceitá-la.

- Não havia nada que pudesses fazer. - Kate estremeceu perante o olhar irritado de Byron, que se preparava para deixar o estacionamento. - Não me acusaram de nada.

- Estamos num dia de sorte, não é?

Ele tinha vontade de acelerar o máximo possível, a fim de dissipar um pouco da raiva intensa, antes que transbordasse e queimasse os dois. Para cancelar qualquer possibilidade de conversa, aumentou o volume do som do carro. Os acordes furiosos da guitarra de Eric Clapton vibraram no ar.

"Perfeito", pensou Kate, fechando os olhos. "Uma música agressiva, um carro veloz e um amigo sulista de temperamento explosivo." Desabafou para si que a enxaqueca incipiente e uma visita bem possível da sua velha amiga, a Madame Úlcera, já eram preocupações suficientes.

Encontrou os óculos escuros na mala e colocou-os, antes de engolir um comprimido a seco. Através das lentes escuras, a claridade parecia mais suave, mais gentil. O vento soprava, arrefecendo o seu rosto quente. Só tinha de recostar a cabeça e erguer o rosto para contemplar o céu.

Byron não disse nada. Acelerou o carro pela Auto-Estrada Um, como se fosse uma espada preta reluzente a cortar o mar e a rocha. Atravessou uma camada baixa de nuvens e tornou a projectar-se pelo clarão do sol.

Vinha a lutar com os sentimentos de impotência e fúria impetuosa desde o telefonema de Laura. "A Polícia levou a Kate para interrogatório. Não sabemos o que vão fazer. Um detective apareceu na loja e a Kate foi com ele."

O tom de medo na voz normalmente calma de Laura desencadeara uma violenta reacção em Byron. O medo fora alimentado pela mágoa. Kate não o chamara.

Imaginara-a sozinha... e não importara que Laura lhe tivesse assegurado que Josh fora para a esquadra. Pensara em Kate sozinha, assustada, à mercê das acusações. A sua imaginação exagerada vira-a algemada e acorrentada.

E não havia nada que ele pudesse fazer, a não ser esperar.

Agora ela estava sentada ao seu lado, com os olhos protegidos pelos óculos escuros, a pele ainda mais pálida no contraste. Tinha as mãos cruzadas no colo, numa tranquilidade enganadora, até se notar como as articulações estavam esbranquiçadas. E ela dissera-lhe que não havia necessidade da sua presença.

Byron não questionou o impulso. Parou o carro na berma da estrada. Os penhascos à frente da Casa Templeton eram o lugar em que numa ocasião ela chorara no seu ombro.

Kate abriu os olhos. Não se surpreendeu nem um pouco, por ele ter parado naquele local de paz e drama ao mesmo tempo. Antes que ela pudesse estender a mão para a maçaneta, Byron inclinou-se e abriu a porta, num gesto brusco.

"Um hábito antigo", pensou Kate. com toda a raiva que ele irradiava, o gesto não podia ser considerado cortês.

Em silêncio, os dois encaminharam-se para os penhascos.

- Porque não me chamaste?

Ele não tinha a intenção de perguntar isso em primeiro lugar, mas escapou antes que conseguisse conter-se.

- Não pensei nisso.

Byron virou-se, tão depressa e inesperadamente, que Kate deu um passo para trás, pisando flores silvestres brancas.

- Não, tu não pensaste. Onde é que eu entro na tua agenda, Katherine?

- Não sei o que estás a querer dizer. Não pensei nisso porque...

- Porque não precisas de ninguém além da Kate. Porque não queres precisar de alguém que possa desequilibrar o balancete de lucros e perdas na tua cabeça. Eu não teria qualquer utilidade prática. Então, por que razão é que te darias a esse trabalho?

- Isso não é verdade.

"Como é que eu posso enfrentar uma discussão agora?", pensou Kate. "Como é que consigo lidar com a fúria intensa nos olhos de Byron?" Kate sentiu um terrível impulso de simplesmente comprimir as mãos contra os ouvidos, fechar os olhos, não ver nem ouvir mais nada. Ficar sozinha no escuro.

- Não compreendo porque estás tão zangado comigo, mas não me resta qualquer energia para discutir contigo neste momento.

Byron agarrou-a pelo braço antes que ela pudesse virar-se.

- Ainda bem, pois assim podes escutar. Tenta imaginar como foi ser informado por outra pessoa que a Polícia te levava. Visualizar o que te poderia estar a acontecer, o sofrimento por que passavas, sentindo-me impotente para alterar a situação.

- É justamente esse o problema. Não havia nada que pudesses fazer.

- Eu podia ter estado lá! - gritou Byron acima do vento, que desmanchava os seus cabelos. - Podia ficar ao teu lado. E saberias que havia alguém que se preocupava naquele momento contigo. Mas nem pensaste nisso.

- Mas que droga, Byron! Eu nem conseguia pensar!

Kate desenvencilhou-se e começou a caminhar pelo carreiro no penhasco. Poucos passos que fossem distanciavam-na do tumulto das emoções, da avalanche, da inundação, antes que desmoronasse por completo.

- Foi como estar isolada. Ou congelada. Senti-me assustada de mais para

pensar. Não foi pessoal.

- Pois eu considerei tudo muito pessoalmente. Temos um relacionamento, Kate.

Byron esperou enquanto ela se virava, devagar, com os olhos ainda protegidos pelos óculos escuros. com algum esforço, ele controlou-se e acrescentou com uma calma determinada:

- Pensei ter deixado claro o que isso representa para mim. Se não podes aceitar as condições básicas de um relacionamento comigo, então estamos a desperdiçar o nosso tempo.

Kate não imaginara que alguma coisa se pudesse sobrepor à dor na sua cabeça, às pontadas no estômago, à vergonha a ferver no seu sangue. Mas não contara com o desespero. De alguma forma, o desespero sempre encontrava espaço para se desenvolver.

Os seus olhos ardiam quando o fitaram, parado ao sol e ao vento.

- Deixares-me, arremata tudo por que passei hoje.

Ela fez menção de passar por Byron, pensando em correr para a Casa Templeton, entrar e deixar o resto do mundo do lado de fora.

-Já chega! - Ele virou-a, deu-lhe um beijo na boca, com força, o sabor de amarga frustração. - Como consegues ser tão teimosa? Byron sacudiu-a, tornou a beijá-la, até que ela especulou como era possível que o seu cérebro sobrecarregado não implodisse. - Será que só consegues perceber qualquer coisa desde que seja em linha recta?

- Sinto-me cansada. - Kate detestou o tremor na sua voz. - Humilhada. Assustada. Só quero que me deixes em paz.

- Eu adoraria ser capaz de deixar-te em paz. Simplesmente afastar-me e riscar tudo como uma aposta infeliz.

Ele tirou os óculos escuros de Kate, guardando-os no seu próprio bolso. Queria ver os olhos dela, e naquele momento reconheceu o mesmo turbilhão de raiva e mágoa que o dominava.

- Achas que preciso do tumulto e das complicações que trouxeste para a minha vida? Achas mesmo que eu toleraria tudo isso só porque somos bons na cama?

- Não tens de tolerar nada. - Kate cerrou os punhos contra o peito dele. - Não tens a obrigação de tolerar nada.

- É verdade, não tenho mesmo. Mas tolero porque acho que estou apaixonado por ti.

Kate ficaria menos surpreendida se ele a levantasse e a atirasse do alto do penhasco. Numa tentativa de interromper a vertigem na cabeça, ela comprimiu uma das mãos contra a têmpora.

- Tens dificuldade em encontrar uma resposta? - A voz de Byron era tão cortante e suave quanto uma espada afiada. - Não me surpreende. As emoções não podem ser somadas em colunas organizadas, pois não?

- Não sei o que queres que eu te diga. Isto não é justo.

- Não é uma questão de justiça. E, neste momento, não gosto da situação mais do que tu. Estás muito longe de ser a mulher dos meus sonhos, Katherine.

Estas palavras clarearam os olhos de Kate.

- Agora sei o que dizer. Vai para o Inferno!

- Uma resposta pouco imaginativa. Quero que metas uma coisa nesse teu cérebro de computador. - Ele puxou-a para ficar nas pontas dos pés, com os olhos ao mesmo nível. - Não gosto de cometer erros, tal como tu. Por isso, levarei algum tempo para determinar como me sinto exactamente em relação a ti. Se concluir que és tu o que eu quero, então serás o que terei.

Os olhos de Kate contraíram-se e faiscaram com um brilho perigoso.

- Que coisa incrivelmente romântica...

Os lábios de Byron curvaram-se num humor rápido e genuíno.

- Eu dar-te-ei romance, Kate... e muito.

- Podes pegar no teu conceito distorcido de romance e... Ele interrompeu-a com um beijo suave.

- Fiquei preocupado. com medo por ti. E magoaste-me porque não me disseste nada.

- Não tive intenção... Estás a distorcer tudo. Estás a tentar confundir-me.

- Kate entregou-se à dor, fechou os olhos. - Ah, como me dói a cabeça!

- Eu sei. Dá para perceber. - Como um pai acalmando uma criança, ele roçou com os lábios a têmpora esquerda de Kate, depois a direita. - Vamos sentar-nos.

Byron ajudou-a a acomodar-se numa pedra, ficando de pé por trás, a fim de massajar os músculos tensos do pescoço e ombros.

- Quero tomar conta de ti, Kate.

- Não quero que ninguém tome conta de mim.

- Eu sei.

Por cima da cabeça de Kate, ele contemplou o mar falseando, enquanto

o sol surgia através das nuvens. Byron reflectiu que ela não conseguia evitar aquela atitude, tal como ele também não conseguia evitar a sua necessidade de proteger e defender.

- Teremos de encontrar um meio-termo. Tu és importante para mim.

- Eu sei. Tu também és importante para mim, mas...

- É um bom ponto para se parar. Estou a pedir-te para pensares em mim. E aceites que podes recorrer a mim. Para as pequenas coisas... e para as grandes. Podes concordar com isto pelo menos?

- Posso tentar. - Kate queria acreditar que era o comprimido que começava a surtir efeito, fazendo a dor desaparecer. Mas uma parte dela, a parte que por muito tempo considerara absurda, achava que era o mar e os penhascos. E Byron. - Não tive a intenção de magoar-te. Detesto magoar as pessoas de quem gosto. É a pior coisa para mim.

- Eu sei.

Byron comprimiu os polegares contra a base do pescoço de Kate, procurando eliminar os nós de tensão persistentes e sorriu quando ela se recostou no seu corpo.

- Fiquei embaraçada quando te vi na esquadra.

- Eu sei.

- É bom ser tão transparente.

- Porque sei onde procurar. Parece ser uma espécie de habilidade inata. E é um dos motivos pelos quais acho que posso estar apaixonado por ti. - Ele sentiu que a tensão voltava aos músculos de Kate. - Relaxa. Ambos podemos aprender a conviver com isso.

- A minha vida, para pôr em termos suaves, está em convulsão. Kate olhou para o horizonte, pensando que o céu sempre se encontrava com o mar, por mais distantes que estivessem. Mas as pessoas nem sempre podiam encontrar esse ponto de união.

- Também conheço as minhas limitações - acrescentou ela. Não estou preparada para este salto.

- Nem sequer eu sei se também estou. Mas, se eu der o pulo, podes ter a certeza de que te levarei comigo. - Ele contornou a pedra para se sentar ao lado de Kate. - Sou muito bom em cuidar de complicações, Kate. E cuidarei de ti.

Ela abriu a boca, mas Byron comprimiu os dedos contra os seus lábios e continuou:

- Não fales. Só serviria para ficares tensa outra vez. Ias a dizer que não gostas de que alguém tome conta de ti. Eu responderia que, se deixasses alguém assumir parte do controlo de vez em quando, não terias tantas dores de cabeça. E ficaríamos a dar voltas, até um dos dois se irritar novamente.

Kate ficou carrancuda.

- Não gosto da maneira como tu discutes.

- Levava as minhas irmãs à loucura. A Suellen costumava dizer que eu usava a lógica como um murro da esquerda.

- Tens uma irmã chamada Suellen? Byron franziu as sobrancelhas.

- De e tudo o Vento Levou. A minha mãe escolheu os nomes da literatura. Tens alguma objecção a isso?

- Não. - Ela tirou um fiapo da saia. - Só me parece muito sulista. Ele riu-se, perguntando-se se Kate percebia que fazia o Sul parecer outro planeta.

-Acontece que somos sulistas, querida. Suellen, Charlotte, como em Brontë, e Meg, de As Mulherzinhas.

- E Byron como em Lorde.

- Exactamente.

- Tu não tens a palidez poética nem o pé torto, mas tens a mesma beleza sonhadora.

- Uma lisonja e tanto. - Byron beijou-a ao de leve em resposta. Acho que já te sentes melhor.

-Acho que sim.

- Ótimo. - Ele passou o braço pelos ombros de Kate. - Como foi o teu dia?

com uma risada fraca, ela virou o rosto e aconchegou-o na curva do ombro de Byron.

- Horrível. Não podia ser pior.

- Queres falar sobre isso?

- Talvez. - Não era tão difícil assim, reflectiu Kate, recostar a cabeça num ombro forte. Bastava concentrar-se. - Eu devia falar com a Laura. Prometi que ligava.

- O Josh avisa-a que estás comigo. A Laura não vai ficar preocupada.

- Ela ficará preocupada, quer eu ligue, quer não. A Laura preocupa-se com toda a gente.

Kate deixou que o silêncio a acalmasse por um momento, depois iniciou o relato com o aparecimento de Kusack na loja.

Byron não interrompeu, limitou-se a ouvir, avaliar e considerar.

- Acho que ele não acreditou em mim. Pela maneira como me observava, com uma paciência de gato, entendes? E, quando mencionou o meu pai, fiquei com o cérebro paralisado. Sabia que devia estar preparada para isso. Desde o início sabia que seria o pior e que devia preparar-me. Mas isso não aconteceu.

- E deixou-te magoada - murmurou Byron. - Mais do que o resto.

- É verdade. - Kate estendeu a mão, pegou na dele, aturdida e aliviada por Byron compreender com tanta facilidade. - Magoou-me que aquele estranho, aquele polícia, menosprezasse o homem que eu tentava lembrar. Aquele que costumava criar-me sonhos absurdos. O homem que tento acreditar que só queria o melhor para mim. E não posso defendê-lo, porque a sua acção foi contra tudo aquilo em que acredito.

- O que não significa que não tenhas amado o teu pai e que não tenhas o direito de recordar as melhores coisas dele.

- Estou a trabalhar nisso. O problema é que tenho de me concentrar no que está a acontecer agora. O que é mais difícil do que eu imaginava. Quando o Kusack me mostrou os formulários, não pude explicar porque ambos tinham a minha assinatura. Mas o Josh achou que tudo correu bem, em particular a parte do código de segurança.

- O roubo electrónico surgiu com o microchip. Disseste que os desvios de dinheiro começaram há cerca de um ano e meio. Quem teve acesso ao teu computador durante esse período?

- Dezenas de pessoas. - Não era exactamente por causa disso que a situação parecia desesperadora? - Não há muita rotatividade de pessoal na Bittle. É uma boa firma.

- Então quem precisa de dinheiro, é inteligente e tentaria incriminar-te?

- Quem não precisa de dinheiro? - resmungou Kate, irritada porque a sua mente se recusava a seguir por um curso lógico. - A Bittle contrata pessoas inteligentes, e não conheço ninguém na firma que tenha algo pessoal contra mim.

- Talvez não fosse algo pessoal, mas apenas conveniente. Uma quantia cautelosa. Como um teste... ou uma maneira de se livrar de dívidas pequenas e incómodas. E o momento, Kate. Não consideraste a ocasião?

- Não estou a perceber.

- Porquê agora, porquê tu? É apenas coincidência que tenhas descoberto

sobre o teu pai quase na mesma ocasião em que os desvios se verificaram?

- O que mais podia ser?

- Talvez mais alguém tenha descoberto e usado essa informação.

- Não contei a ninguém.

- O que é que fizeste? No dia em que descobriste, o que é que fizeste?

- Fiquei sentada à minha secretária, atordoada. Não queria acreditar, e por isso resolvi verificar.

Byron seria capaz de apostar que ela faria isso.

- Como?

- Liguei-me à biblioteca em New Hampshire, pedi faxes das notícias de jornal, entrei em contacto com o advogado que tratou do caso. E contratei um investigador particular.

Ele pensou um pouco. Cada uma daquelas acções gerava dados. Registos telefónicos, arquivos de computador, um rasto de papel.

- E anotaste os dados na tua agenda.

- Pois. Os nomes e os números de telefone. Mas...

- E as transmissões para e de New Hampshire ficaram no teu computador?

- Eu... - Kate começava a perceber e estava novamente a sentir-se mal. - Ficaram, sim. Os registos de faxes enviados e recebidos. À disposição de quem quisesse olhar. Ainda assim, a pessoa precisaria deter a minha senha e...

- Que está anotada na tua agenda. Quem seria a última pessoa que ninguém estranharia se saísse do teu gabinete numa ocasião em que não estivesses lá?

- Creio que qualquer dos sócios. Um dos assistentes executivos.

- Kate encolheu os ombros. Não se surpreendeu ao descobrir que eles estavam outra vez a ficar tensos. - Ou qualquer dos contabilistas do andar. Ninguém pensaria duas vezes ao ver um associado sair da sala de outro.

- Pois então vamos concentrar-nos nessas pessoas. O terceiro Bittle de que falaste. Como é mesmo o nome dele... Marty?

- O Marty não desviaria dinheiro da sua própria firma. Isso é um absurdo.

- Veremos. Enquanto isso, como achas que ele reagiria se tu lhe pedisses para obter cópias dos formulários em questão?

- Não sei.

- Porque não descobrimos?

Uma hora depois, Kate desligou o telefone, na cozinha de Byron.

- Eu devia ter imaginado que ele concordaria. Vai tirar as fotocópias, assim que puder, e leva-tas ao hotel. - Ela sorriu. - É como uma pequena intriga. Estou surpreendida por ele não ter me pedido a senha. Parece até que está a gostar.

- O nosso homem infiltrado nas hostes inimigas.

- Eu devia ter pensado por esse ponto de vista desde o início. Posso agora acrescentar que me senti estúpida a todo o resto.

- As emoções tendem a prejudicar a lógica. Caso contrário eu mesmo já podia ter pensado nisso antes.

- Ah... - Kate não sabia se estava preparada para lidar com essa linha de pensamento agora. - Seja como for, o Marty contou-me que decidiram entregar o caso à Polícia, depois do meu confronto com os sócios no outro dia. O pai dele não ficou nada satisfeito com isso, mas a decisão foi tomada em votação.

- Estás arrependida do confronto?

- Não, mas agora haverá rumores. E muitos. - Num esforço para se mostrar jovial, Kate acrescentou: - Como te sentes por teres como amante uma mulher acusada de fraude e de ascendência duvidosa?

- Acho que isso exige um teste.

Byron enlaçou-a, subindo as mãos pelas costas e alcançando os cabelos, da maneira como ela já passara a esperar. Kate ergueu a boca para ele e abriu-a.

- Acho que isso significa que não voltaremos ao trabalho esta tarde.

- bom palpite.

Ele manteve a boca ocupada, enquanto a conduzia para fora da cozinha.

- Para onde vamos? Já não te disse que temos todo este chão ao nosso redor?

Byron tornou a soltar a sua gargalhada gutural.

- Ainda não te mostrei o meu sofá novo. -Ah...

Kate deixou que ele a estendesse sobre as almofadas generosas.

- É muito confortável - murmurou ela, enquanto o peso de Byron a comprimia mais para o fundo. - E comprido.

Os dedos de Byron abriram-lhe a blusa, enquanto ela se arqueava às carícias e acrescentava:

- E macio...

- Quase nunca conseguimos chegar até à cama. - Ele baixou a cabeça, beijando os seios dela. - Eu queria alguma coisa... cómoda no piso térreo.

- Muito atencioso da tua parte.

Ela ofegou quando a boca de Byron se comprimiu contra a sua, sugando-a.

Era muito fácil deixar que o desejo a dominasse, provocasse uma vertigem no seu cérebro, e seguisse as exigências do próprio corpo. Pelo prazer. Pela sensação. Pelos gostos e texturas. Kate puxou a gravata dele quando as bocas tornaram a encontrar-se e abriu os botões que impediam que a carne se encontrasse com a carne.

Mas Byron não a deixaria apressar-se. A impaciência de Kate foi definhando, até que ela se sentiu absorvida e começou a saborear.

Ombros largos e fortes, cabelos gloriosos dourados nas pontas, os vincos subtis nas suas faces. Aquele torso longo e ondulado. Ela exultava com a sensação daquelas mãos suaves deslizando pelo seu corpo, perdurando aqui, apertando ali, para depois levá-la com a maior habilidade a um intenso orgasmo, que se espalhou por todo o seu organismo como vinho aquecido.

Byron achava incrível observá-la, as vibrações de prazer, tensão e descarga que dominavam o seu rosto. A excitação fazia o sangue subir para o rosto de Kate, deixando os seus olhos escuros e brilhantes, como um rico conhaque envelhecido. O corpo por debaixo dele arqueava-se e mexia-se, tremia e adquiria cada vez mais um suor erótico.

O gosto de sabonete e sal entre os seios encantava-o. A sensação daquelas mãos finas e inquietas desfrutando a sua própria carne proporcionava uma profunda satisfação. A necessidade de estar nela, juntar corpo com corpo, penetrar o mais fundo possível, era irresistível.

Ele encheu-a, estremecendo quando aqueles músculos exoticamente femininos o comprimiram. Mas não era suficiente.

E Byron ergueu-a, até que os braços de Kate o estavam a envolver pelo pescoço; as pernas, pela cintura. com a boca, ele engoliu cada um dos gemidos que subiam pela garganta de Kate, depois passou os lábios por aquela coluna branca e comprida, onde uma veia pulsava como uma fúria.

Kate balbuciou o nome de Byron, atordoada pelo impulso total de alcançar o orgasmo. As suas ancas mexiam-se, em ritmo acelerado, enquanto a ansiedade se tornava enlouquecedora, o prazer insuportável. Ela estava

disposta a suplicar, se conseguisse falar, mas em vez disso cravou os dentes no ombro de Byron.

A sensação aflorou no seu corpo como uma fornalha prestes a explodir, quente e violenta. Aturdida e desamparada, Kate apertou-o, para depois sentir a magia pulsar entre os dois, enquanto Byron ejaculava dentro dela.

O telefone acordou-a uma hora depois. Desorientada, Kate tacteou à procura dele, antes de se lembrar que não estava em casa.

- Estou?

- Desculpe. Devo ter ligado o número errado. Queria ligar para a residência de Byron De Witt.

Atordoadas, Kate olhou ao redor. A arca de gavetas antiga, de carvalho, paredes verdes e cortinas brancas, as aquarelas de paisagens marinhas. Um limoeiro ornamental num vaso à frente da janela. E o som incessante e embalador do mar.

O quarto de Byron.

- Ah... - Ela sentou-se na cama, passando a mão pelo rosto. O lençol cor de marfim escorregou-lhe para a cintura. - Aqui é a residência do sr. De Witt.

- Eu não sabia que ele já tinha contratado uma empregada. Suponho que esteja no emprego, neste momento. Eu ia deixar um recado no gravador. Diga-lhe que a Lottie ligou, está bem, querida? Ele pode falar comigo a qualquer hora esta noite. Tem o meu telefone. Tchau!

Antes de ficar completamente desperta, Kate deu por si a olhar para o telefone e a escutar o zumbido.

"Empregada? Lottie? Ele tem o telefone? Ora, que se lixe!"

Ela bateu com o auscultador e levantou-se. O cheiro de Byron ainda persistia na sua pele, e ele já estava a receber telefonemas de alguma vagabunda chamada Lottie. "Típico", reflectiu Kate, procurando as suas roupas. Estavam no andar de baixo, lembrou-se de repente, onde ele as deixara quando a levara para cima, ordenando que ela dormisse um pouco. E Kate, amolecida pelo acto de amor, obedecera.

Não dissera a si mesma desde o início que os homens como ele eram todos iguais? Quanto mais bonitos eram, mais encantadores... mais ordinários se mostravam. Homens com a aparência de Byron tinham mulheres a cortejá-los todos os dias da semana.

E ele dissera que achava que a amava. Um tremendo canalha. Porco machista. Nojento. Ignorando os colãs, Kate vestiu a saia e a blusa, enquanto

Byron passava pela porta do varandim, com os cães nos seus calcanhares.

- Pensei que ainda estivesse a dormir. Ela fitou-o com os olhos contraídos.

- Aposto que sim.

- Levei os cães a darem uma corrida pela praia. Temos de lá ir mais tarde. A tempestade deixou algumas conchas lindas na areia. Ele entrou na cozinha enquanto ia falando, a bambolear-se como um pistoleiro, e Kate seguiu-o. - Queres uma cerveja?

Byron abriu uma garrafa e bebeu um gole. Ao baixá-la, percebeu o brilho de aço nos olhos de Kate.

- Algum problema?

- Problema? Não, não há nenhum problema. - Antes de poder controlar-se, ela desferiu um soco na barriga de Byron. Foi como bater em pedra. - Quando te encontrares com a Lottie, não te esqueças de dizer que não sou tua empregada.

Ele esfregou a barriga, mais com surpresa do que desconforto.

- Como?

- Ah, brilhante! Tu tens sempre uma reacção pronta, De Witt. Como ousas? Como podes dizer as coisas que me dizes, fazer as coisas que fazes, e ainda ter uma... uma vagabunda chamada Lottie?

Não era muito claro, mas ele tinha a impressão de que começava a entender.

- A Lottie telefonou?

Kate fez o mesmo som na garganta que ele já ouvira uma ou duas vezes. Tanto para o bem de Kate quanto para o seu, ele ergueu a mão e recuou.

- Vais aleijar-te se me bateres de novo.

Ela olhou para o suporte de madeira que continha várias facas de cabo preto. Byron não acreditou, nem por um instante. Mesmo assim, interpôs-se entre Kate e as facas.

- Agora, vou adivinhar que o telefone te acordou, e era a Lottie. E a Lottie, diga-se de passagem, não é nenhuma vagabunda.

- Pois eu digo que ela é! E tu não passas de um canalha mentiroso! Por quanto tempo esperavas escapar impune dizendo-lhe que sou tua empregada? E quem é que ias acabar por me dizer que ela era?

Byron contemplou a sua cerveja por um momento e tentou evitar um brilho nos olhos quando a fitou. -A minha irmã.

- Muito original... Vou-me embora agora.

- Não tão depressa.

Não foi um grande desafio agarrá-la, passando um braço pela sua cintura, e arrastá-la para uma cadeira. Kate esperneou e debateu-se, mas ele conseguiu mantê-la sentada.

- A Lottie é mesmo minha irmã.

- Não tens nenhuma irmã chamada Lottie! Disseste os nomes das tuas irmãs há poucas horas! Suellen, Meg e...

- Charlotte. - Byron não se deu ao trabalho de disfarçar a sua presunção.

- Lottie. Ela é pediatra, casada, três filhos. E por acaso possui o tipo de senso de humor distorcido que pode levá-la a apreciar o facto de a minha namorada a ter chamado de vagabunda.

Ele observou o rubor do embaraço espalhar-se pelo rosto de Kate e acrescentou:

- Então, sempre queres a tal cerveja?

- Não. - com a voz tensa e o orgulho perdido, Kate levantou-se. - Peço desculpas. Normalmente não tiro conclusões precipitadas. Mas foi um dia difícil, de emoções fortes.

- Hum, hum... Desgraçado!

- Eu estava a dormir quando o telefone tocou, e ela não me deu a menor oportunidade de dizer fosse o que fosse.

-A Lottie é assim.

- E supus as coisas - murmurou Kate, furiosa. - Estava meio a dormir, fiquei desorientada e...

- com imensos ciúmes - concluiu Byron, comprimindo-a contra o frigorífico. - Não há problema. Eu gosto... até certo ponto.

- Eu não gosto, seja até que ponto for. Desculpa o soco.

- Terás de trabalhar nesses braços se quiseres causar qualquer impacto. - Ele pôs a mão sob o queixo de Kate, erguendo-o. - Não serias capaz de pegar nas facas, pois não?

- Claro que não. - Kate lançou um olhar para as facas, encolhendo os ombros. - Provavelmente não.

Byron baixou a mão, bebendo outro gole de cerveja.

- Minha querida, tu apavoras-me.

- Sinto muito. Não há desculpa para o meu comportamento. Foi uma reacção automática. - Kate juntou as mãos. A confissão custava sempre. -

Estive envolvida com alguém há cerca de dois anos. Não me envolvo com facilidade, e ele não era do tipo que se pode chamar de fiel.

- Tu amava-lo?

- Não, mas confiava nele.

Byron acenou com a cabeça, largando a cerveja.

- E a confiança é mais frágil do que o amor. - Ele pegou no rosto dela entre as mãos. - Podes confiar em mim, Kate.

Ele beijou-a na boca, depois recuou, sorrindo.

- Eu nunca me arriscaria a ter-te a cortar-me algum apêndice importante com um facalhão de cozinha.

Ao mesmo tempo tranquilizada e sentindo-se tola, Kate aconchegou-se nos seus braços.

- Eu nunca o teria usado. - Os lábios dela encontraram-se com os de Byron. - Provavelmente.:

CAPÍTULO 15

- **ISTO** é de uma estupidez incrível. - Nua, Kate remexeu-se, soprando os cabelos caídos na testa. - Sinto-me uma idiota.

- Deixa os cabelos como estão - ordenou Margo. - Trabalhei de mais para estragares agora o penteado. E pára de morder o lábio.

- Detesto usar batom. Porque não me deixas ver o meu rosto? Kate esticou a cabeça, mas Margo cobrira o espelho na sala do guarda-roupa. - Pareço uma palhaça, não é? Fazes-me parecer uma palhaça.

- Para ser franca, ficas mais parecida com uma prostituta de vinte dólares, mas a aparência combina contigo. Fica quieta, para eu poder terminar.

Num profundo sofrimento, Kate ergueu os braços, enquanto Margo prendia nela o que parecia ser algum instrumento de tortura medieval.

- Porque estás a fazer isto comigo, Margo? Não passei o cheque para o teu patético trio de cordas? E concordei com as trufas... embora sejam pisadas pelos porcos e absurdamente caras.

com a expressão determinada como a de um general levando as suas tropas para o combate, Margo ajustou o corpete.

- Concordaste em seguir a minha orientação para a tua imagem esta noite. A Recepção e o Leilão de Caridade Anual são os eventos mais importantes da Pretenses. E agora pára de reclamar.

- E tu pára de mexer nas minhas mamas.

- Mas eu adoro-as... Pronto. - Margo deu um passo para trás, balançando a cabeça em satisfação. - Não tive muito com que trabalhar, mas...

Kate soltou um grunhido, baixou os olhos e espantou-se.

- Mas de onde vieram elas?

- Incrível, não é? Na posição certa, bem escoradas, sempre podem crescer.

- Eu tenho seios. - Aturdida, Kate apalpou a elevação por cima do cetim preto e da renda. - Até tenho um vale entre os seios.

- É tudo uma questão de tirarmos o máximo de proveito do que temos. Mesmo quando é quase nada.

- Cala-te. - Kate desceu as mãos pelo peito, sorrindo. - Vê, mãe, já sou uma mulher.

- Tu ainda não viste nada. Põe isto. Margo atirou-lhe um cinto de ligas.

Kate examinou-o, puxou-o, e soltou uma gargalhada.

- Estás a brincar.

- Não vou vesti-lo para tu veres. - Margo apalpou a protuberância por debaixo da túnica prateada. - com sete meses, inclinar-me já não é tão fácil como antes.

- Tenho a sensação de que estou a fazer um ensaio de trajes para um filme pornográfico. - Mas, depois de algum esforço, Kate ajeitou o cinto de ligas no devido lugar.

- Tenho dificuldade em respirar.

- As meias - ordenou Margo. - É melhor sentares-te para as calçares.

com as mãos nas ancas, Margo supervisionava a produção.

- Não tão depressa, ou ainda fazes uma malha. Não se trata dos colãs industriais que costumavas usar.

com as sobancelhas franzidas, Kate fitou-a.

- Tens de ficar aí especada a olhar para mim?

- Claro. Onde está a Laura? - Margo começou a andar de um lado para o outro. - Ela já devia ter chegado. E, se os músicos não aparecerem nos próximos dez minutos, não terão tempo para se instalarem antes de os convidados começarem a chegar.

- Tudo vai dar certo. - Procurando ganhar tempo, Kate alisou as meias ao longo das pernas. - Sabes, Margo, acho que seria melhor se eu mantivesse a maior discrição esta noite. com esta nuvem que paira por cima de mim, a minha presença é embaraçosa.

- Cobarde.

Kate ergueu a cabeça abruptamente.

- Não sou uma cobarde, mas um escândalo.

- E no ano passado era eu o escândalo. - Margo encolheu os ombros. - Talvez possamos inventar alguma coisa para que a Laura assuma o papel no ano que vem.

- Não tem graça nenhuma.

- Ninguém compreende isso melhor do que eu. - Margo pôs a mão no rosto afogueado de Kate. - Ninguém sabe mais do que eu o quanto te sentes apavorada neste momento.

- Tens razão. - Confortada, Kate inclinou o rosto para a mão de Margo. - O problema é que este caso já se vem a arrastar há demasiado tempo. Estou sempre à espera que o Kusack apareça e me leve algemada. Não me basta que

não possam provar que fui eu. Também tenho de provar a minha inocência.

- Não digo que vás superar tudo. Isso também não é suficiente. Mas ninguém que te conheça bem acredita que possas ser culpada. E tu não disseste que o Byron ia trabalhar num novo ângulo?

- Ele não me explicou bem. - Kate mexeu um ombro e puxou a alça do espartilho.

- Apenas murmurou o equivalente a que eu não devia preocupar a minha linda cabecinha. Detesto isso.

- Os homens gostam de se armar em cavaleiros andantes, Kate. Não faz mal deixá-los agir assim de vez em quando.

- Já se passaram semanas desde que o Marty nos forneceu as cópias. Examinei tudo, linha por linha, mas... - A voz definhou. Todos andamos muito ocupados, e pelo menos ainda não fui acordada ao som de um megafone avisando que estou cercada.

- Não te preocupes. Quando isso acontece, não nos deixam escapar com vida. Se viessem prender-te à loja esta noite, teríamos o Byron para ajudar-te a escapar num dos seus carros de macho.

dito.

- Se ele vier. Teve de voar para Los Angeles esta manhã. Pensei que te tivesse - Ele vai voltar a tempo.

- Não me garantiu. - E Kate recusava-se a ficar aborrecida por causa disso. - Mas não importa.

- Tu és louca por ele.

- Não sou, não. Temos um relacionamento muito maduro, mutuamente satisfatório. - Distraída, ela puxou a liga. - Como funcionam estas coisas?

- Deixa-me ajeitar.

Ofegante, Margo ajoelhou-se e mostrou-lhe como prender as meias ao cinto de ligas.

- Peço desculpa. - Laura parou à porta. - Parece que estou aqui a mais. Talvez haja alguma coisa que vocês gostassem de partilhar comigo.

- Outra comediente. - Kate baixou os olhos para o topo da cabeça de Margo e soltou uma gargalhada. - Isso é que seria um escândalo. Ex-símbolo sexual, agora grávida, e suspeita de fraude celebram o seu estilo de vida alternativo.

- Posso ir buscar a minha máquina fotográfica? - indagou Laura.

- Claro. - Margo levantou a mão. - Pára de rir, Laura, e vem ajudar-me.

- Desculpa.

Enquanto ajudava Margo a levantar-se, o olhar de Laura desviou-se para Kate. A amiga estava sentada numa elegante cadeira Queen Anne, num corpete preto, com um cinto de ligas da mesma cor e meias pretas transparentes.

- Meu Deus, Kate, pareces tão... diferente.

- Tenho mamas - anunciou Kate, levantando-se. - Margo deu-mas de presente.

- Para que servem as amigas? Podes acabar de te vestir, a menos que seja esse o teu traje para a noite. Os músicos pararam o carro atrás de mim.

- Isso é ótimo. Laura, é o vestido bronze comprido. - Margo fez um gesto vago, enquanto se encaminhava para a sala principal. Volto já.

- Porque pensa ela que preciso de ser vestida? Há muitos anos que sei vestir-me sozinha.

- Deixa-a fazer o que quiser.

Laura foi buscar o vestido que Margo escolhera.

- Ajuda a evitar que ela fique nervosa por esta noite. E... - Laura contraiu os lábios, enquanto estudava o vestido. - Ela tem um gosto excepcional. Este vestido vai ficar um espanto em ti.

- Detesto tudo isto. - com um suspiro profundo, Kate entrou no vestido. - Estou a falar a sério. É ótimo para ela, que adora estas coisas. E para ti... que ficas elegante nem que seja vestida de lata. Nunca fui capaz de usar nada parecido com o que tu tens. Que roupa é esta, afinal?

- Antiga - respondeu Laura, sem dar a menor importância ao fato elegante, feito por medida, cor de cobre. - Vai ser usado pela última vez, antes de ser posto no stock. Pronto, está tudo no lugar. Dá um passo para trás e deixa-me ver-te.

- Não pareço estúpida, pois não? Os meus braços já não são tão horríveis. Os bíceps começam a aparecer. E tenho trabalhado também nos deltóides. Ombros ossudos não são muito atraentes.

- Estás linda.

- Juro que não me importo com a aparência, mas não gosto de parecer uma idiota.

- Está tudo dentro do horário - anunciou Margo, voltando à sala, apressada. com uma das mãos, ela sustentava a barriga, tentando ignorar o facto de que o bebé parecia determinado a instalar-se bem sobre a sua bexiga.

Inclinou a cabeça para o lado, examinou a sua criação e acenou com a cabeça.
- Muito bom. Agora, uns retoques finais.

-Ouve lá...

- Oh, mamã, tenho mesmo de usar este colar espectacular? lamentou Margo, enquanto tirava o colar da caixa. - Oh, por favor, esses brincos maravilhosos, não!

Kate revirou os olhos, enquanto Margo a ornamentava.

- Consegues imaginar o que ela vai fazer com a criança? No instante em que nascer, será toda enfaixada em Armani e coberta de acessórios.

- Menina ingrata.

Margo tirou um pulverizador do bolso e aspergiu o perfume, antes que Kate tivesse tempo de se esquivar.

- Sabes que detesto isso.

- Por que outro motivo eu o faria? Vira-te e... rufar de tambores, por favor.

com um floreio, Margo puxou o pano que cobria o espelho.

- Uau! O que é isto?

Boquiaberta, Kate contemplou o seu reflexo. Havia o suficiente de Kate para se reconhecer, pensou ela, atordoada. Mas de onde vinham aqueles olhos exóticos? E aquela boca indiscutivelmente erótica? O corpo, um corpo de verdade, estava envolto em bronze tremeluzente, fazendo com que toda a pele exposta parecesse polida.

Ela aclarou a garganta, virou-se e tornou a voltar-se para o espelho.

- Fiquei muito bem - conseguiu balbuciar ela.

- Uma sanduíche de queijo quente fica muito bem - corrigiu Margo. - Minha querida, tu estás deslumbrante.

- Acho que tens razão. - Kate sorriu e observou a boca de sereia a mexer-se, presunçosa. - Só espero que o Byron chegue a tempo. Quero que ele me veja assim.

Byron estava a fazer todos os possíveis para chegar a tempo. A viagem a Los Angeles fora inconveniente, mas necessária. Em circunstâncias normais, ele aproveitaria para um serviço completo, visitando os hotéis e resorts em Santa Barbara, San Diego e São Francisco. Ele sabia que era importante para os empregados de cada hotel Templeton, sentir que tinham uma ligação pessoal com a base.

Josh cuidava das fábricas, vinhedos e pomares, além de continuar a

inspeccionar as sucursais internacionais. Mas a Califórnia era da responsabilidade de Byron. E ele dava o máximo de importância às suas responsabilidades.

Havia ainda ressentimentos a serem superados do tempo de Peter Ridgeway, que por todos os relatos fora tão frio quanto eficiente.

Byron sabia o que se esperava dele: o toque pessoal com que a organização Templeton fora fundada e prosperara. A memória para nomes, rostos e pormenores.

Mesmo enquanto voava de regresso, Byron ditava vários memorandos para o seu assistente, enviava incontáveis faxes e concluía uma reunião pelo telefone aéreo.

Agora ele estava em casa, atrasado, mas já previra isso. com a eficiência do longo hábito, Byron abotoou num instante a camisa do smoking. Talvez devesse telefonar à Kate para a loja e avisar que se encontrava a caminho. Um olhar para o relógio indicou que a recepção já avançava pela segunda hora. Ela devia estar ocupada.

E será que sentia a sua falta?

Byron queria que ela tivesse saudades suas. Queria imaginá-la a olhar para a porta, sempre que ela se abrisse. Queria que Kate pensasse nele, ansiasse pela sua presença, a fim de poderem partilhar algum comentário sobre os convidados. Da maneira como os casais sempre faziam.

E queria ver a especulação nos olhos de Kate ao estudá-lo. Aquela expressão que dizia de forma inequívoca: "O que estás a fazer aqui, De Witt? O que está a acontecer entre nós? E porquê?"

Kate continuaria a procurar a resposta prática, racional. E ele ficaria com a emocional.

"É uma boa mistura", reflectiu Byron, enquanto ajustava a gravata.

Sentia-se disposto a esperar que Kate chegasse à mesma conclusão. Pelo menos por algum tempo. Ela precisava resolver aquela crise, deixar para trás aquele caso terrível. Byron tencionava ajudá-la. E podia esperar que tudo ficasse esclarecido antes de olhar para o futuro.

Quando o telefone ao lado da cama tocou, ele pensou em deixar que o gravador automático atendesse. Só podia ser família ou trabalho, e qualquer das duas coisas podia esperar mais duas horas. Mas a Suellen estava à espera do primeiro neto e...

- Bolas! - Ele atendeu. - Estou?

Ele escutou, perguntou, conferiu. E desligou, com um sorriso sombrio. Parecia que tinha de fazer uma paragem antes de ir para a festa.

Kusack ainda estava sentado à sua secretária. Era a noite de bridge da mulher, e a vez dela de ser a anfitriã. Ele preferia o hambúrguer sem gosto e o refrigerante quase morno na sua secretária em vez das iguarias para mulheres que estariam a ser servidas Chez Kusack. Preferia o cheiro de café velho, a barulheira dos telefones a tocar, as discussões e queixas incessantes dos colegas, aos perfumes enjoativos, gargalhadas e mexericos das mulheres do clube de bridge.

Havia sempre um trabalho burocrático em atraso para despachar. Embora os outros gozassem quando o admitia, a verdade é que Kusack gostava do trabalho burocrático, pelo qual avançava como um São Bernardo numa tempestade de neve. Lento e firme.

Gostava da sua tangibilidade, até mesmo do complicado e absurdo jargão policial, tão necessário para qualquer relatório oficial. Adaptara-se aos computadores, mais depressa do que a maioria dos polícias da sua idade. Para Kusack, um teclado era um teclado, e ele usara o que chamava de "método bíblico de dactilografia" - procura e encontrarás - ao longo de toda a sua vida profissional.

Nunca falhara.

Pressionava as teclas, sorrindo para si mesmo enquanto as letras apareciam no ecrã, quando um homem de smoking o interrompeu.

- Detective Kusack?

- Sou eu. - Kusack recostou-se, olhando o traje de alto a baixo. Não era alugado, deduziu ele. Feito por medida e muito caro. - Não é noite de baile de formatura, e de qualquer maneira já é velho de mais para isso. O que deseja?

- O meu nome é Byron De Witt. Vim falar do caso da Katherine Powell.

Kusack soltou um grunhido e pegou na lata de refrigerante.

- Pensei que o advogado dela se chamava Templeton.

- Não sou o advogado, mas... um amigo.

- Ah, sim... Mas não posso falar sobre o caso da menina Powell com qualquer um que entre aqui, amigo. Por melhor que se vista.

- A Kate não mencionou como o senhor era afável. Posso?

- A vontade. - Kusack preferia a monotonia do seu trabalho burocrático a uma conversa com o Príncipe Encantado. - Os funcionários públicos mal remunerados estão sempre à sua disposição.

- Não vou demorar-me. Tenho novas provas que acredito serem favoráveis à menina Powell. Está interessado, Kusack, ou devo esperar até que termine o seu jantar?

Kusack passou a língua pelos dentes e olhou para a segunda metade da sanduíche.

- Informações são sempre bem recebidas, sr. De Witt, e estou aqui para servir. - Pelo menos até que o clube de bridge encerre a sua noite. - O que acha que descobriu?

- Obtive cópias de documentos relevantes.

- É mesmo? - Os olhos de Kusack contraíram-se. - E como é que as conseguiu?

- Sem violar nenhuma lei, detective. Assim que recebi as cópias, tomei a providência que me parece, na minha visão de leigo, que devia ter sido tomada desde o início. Enviei-as para um perito em caligrafia.

Kusack pegou no que restava do seu jantar, recostou-se na cadeira, e com a mão livre gesticulou para que Byron continuasse.

- Acabo de receber o relatório do perito, pelo telefone. Ele mandou-me um fax.

Byron tirou o papel do bolso interno do casaco, desdobrou-o e pôs em cima da mesa de Kusack.

- Fitzgerald - murmurou Kusack, com a boca cheia. - Um competente profissional. Considerado o melhor na área.

"Foi o que Josh disse", pensou Byron.

- Há mais de dez anos que os seus serviços são utilizados tanto por procuradores quanto por advogados de defesa.

- Quase sempre pela defesa... com muito dinheiro. - Kusack sentia o cheiro da influência dos Templeton. - Custa uma fortuna.

"E tem uma agenda superlotada", pensou Byron. "Por isso é que o relatório demorou tanto."

- Quaisquer que sejam os honorários, detective, a reputação dele é indiscutível. Se quiser ler o relatório, vai verificar...

- Não preciso. Sei o que diz.

Era mesquinhez da sua parte, pensou Kusack, mas não podia resistir a uma manifestação de superioridade sobre um homem que parecia não ter um grama extra de gordura no corpo e podia usar um smoking sem parecer um idiota.

Byron cruzou as mãos. A paciência era e sempre fora a sua melhor arma.

- O que significa que já esteve em contacto com o sr. Fitzgerald neste caso.

- Não. - Kusack tirou um guardanapo e limpou a boca. - Tenho os meus analistas. E recebi um relatório há cerca de duas semanas. Educadamente, ele reprimiu um arrote, e depois continuou: - As assinaturas nos formulários são iguais... demasiado iguais. Ninguém assina o seu nome sempre de maneira exactamente igual. Todos os formulários analisados têm a mesma assinatura, traço por traço, curva por curva. Cópias. Como se decalcassem a assinatura da menina Powell do mil e quarenta.

- Se sabia disso, porque está sentado aqui? É uma notícia sensacional para ela.

- Foi o que imaginei. O problema é que tenho uma série de outras tarefas para fazer. É assim que as coisas funcionam por aqui. Trabalhamos em diversas investigações ao mesmo tempo.

- Pode ser, detective, mas a menina Powell tem o direito de saber qual é a situação.

- Por acaso, sr. De Witt, estou a terminar neste momento o meu relatório sobre o progresso desta investigação. Falarei com o sr. Bittle pela manhã e vou continuar a investigação.

- Não pode acreditar que a Kate tenha copiado a própria assinatura.

- Quer saber uma coisa? Penso que ela é suficientemente inteligente para ter feito uma coisa tão hábil assim. - Ele fez uma bola com o guardanapo de papel e atirou-o como uma bola de basquetebol para o cesto já a transbordar.

- Mas... não creio que ela seja suficientemente estúpida ou gananciosa para arriscar o seu emprego e a sua liberdade, por apenas setenta e cinco mil dólares.

Kusack mexeu os ombros, tensos e doridos, depois de tantas horas sentado à secretária.

- Não creio que ela se arriscasse por essa quantia insignificante.

- Ou seja, acha que ela é inocente.

- Tenho a certeza de que ela é inocente. - O detective soltou um suspiro e ajeitou a barriga. - Há muito tempo que ando nisto, De Witt. Sei como avaliar os antecedentes de uma pessoa, os seus hábitos, as suas fraquezas. Na minha opinião, a fraqueza da menina Powell, se lhe quiser chamar assim, foi ter feito um grande sucesso na Bittle. Porque arriscaria uma coisa que tanto

queria, por alguns trocos? Ela não joga, não consome drogas, não anda a dormir com o chefe. Se precisasse de brilhar, podia usar o nome Templeton. Mas nunca fez isso. Trabalhava sessenta horas por semana na Bittle, consolidou uma lista de clientes. O que indica que é uma pessoa trabalhadora e ambiciosa em termos profissionais.

- Podia ter dado a entender que acreditava nela.

- Não é minha função acalmar almas ansiosas. E tinha os meus motivos para mantê-la como suspeita. O que faz ou destrói um caso no mundo real são as provas concretas. E obter provas concretas exige tempo. Agora, agradeço por me ter trazido isto. - Ele entregou a Byron o relatório do perito. - Se ajudar, pode dizer à menina Powell que o departamento não tem planos de acusá-la seja do que for.

- Isso não é suficiente - declarou Byron, enquanto se levantava.

- É um começo. Tenho setenta e cinco mil dólares para localizar, sr. De Witt. E depois encerraremos o caso.

Parecia que ele teria de se satisfazer com isso. Byron tornou a guardar o relatório no bolso, fitando depois Kusack.

- Nunca acreditou que ela fosse culpada.

- Entro numa investigação com a mente aberta. Talvez fosse ela, talvez não fosse. Depois de ouvir o seu depoimento, soube que não era culpada. Uma questão de nariz.

Byron sorriu, curioso.

- Ela não tinha cheiro de culpada? Kusack levantou-se, rindo, e esticou-se.

- É isso mesmo. Pode dizer-se que tive um nariz para determinar a culpa... o nariz dela.

- Desculpe, mas não estou a perceber nada - comentou Byron, sacudindo a cabeça.

- Qualquer pessoa que mergulha de cabeça na terceira base e parte o nariz para marcar um ponto precisa de ter muita coragem. E classe. Uma pessoa que quer vencer tanto assim não rouba. Roubar é muito fácil, e este tipo de roubo é muito vulgar.

- Um mergulho para a terceira base - murmurou Byron, com um sorriso tolo. - Então foi assim que aconteceu. Nunca perguntei.

Como Kusack também sorria, Byron estendeu a mão.

- Obrigado pelo seu tempo, detective.

As pessoas já se começavam a ir embora, quando Byron chegou à Pretenses. "Três horas de atraso", pensou ele, com um sobressalto. Era óbvio que o leilão terminara, e só lá estavam as pessoas que continuavam a beber e a conversar. A fragrância de jasmim na varanda misturava-se com os cheiros de perfume e champanhe.

Ele avistou Margo, namorando com o marido. Enquanto se aproximava deles apressadamente, ia olhando em redor à procura de Kate.

- Sinto muito pelo atraso, Margo.

- Deves sentir mesmo. - Ela beijou-o. - Perdeste o leilão. Agora terás de vir cá na próxima semana para comprar alguma coisa cara... muito cara.

- É o mínimo que posso fazer. De qualquer forma, pareces vitoriosa.

Margo pensou que era difícil ele perceber qual era o seu aspecto já que não estava a olhar para ela, mas sim a esquadrihar avidamente a sala.

- Acabámos de angariar mais de quinze mil dólares para a Wednesday's Child. Nada me deixa mais feliz do que conseguir dinheiro para crianças deficientes.

Josh enlaçou-a por trás, pôs as mãos dos dois, num gesto protector, sobre a barriga de Margo, que ondulou sob o contacto, de uma maneira emocionante.

- Ela está a fazer um esforço para não parecer exultante de mais com a quantidade de pedidos para reservar mercadorias.

- É um evento de caridade - protestou Margo, empertigada, sorrindo logo em seguida. - Acho que vamos ficar sem nada na semana que vem. A Kate está no escritório a registar todos os pedidos de reservas.

- vou avisá-la que já chegaste. Para dizer a verdade, eu... - Ele hesitou. Afinal, Josh era o advogado de Kate. - Não. Tenho de lhe contar a ela primeiro. Não se vão embora.

Byron começou a atravessar a sala no instante em que Kate saía pela porta do escritório.

- Ah, chegaste! - Ela fitou-o com uma expressão radiante. - Pensei que tinhas ficado retido em Los Angeles. Não precisavas...

Kate parou de falar, porque Byron estava a contemplá-la como se tivesse feito uma lobotomia na viagem de regresso.

- O que foi?

Por fim, ele conseguiu fechar a boca e pôr os pulmões a funcionarem outra vez.

- Muito bem, quem és tu e o que fizeste com a Katherine Powell?

- Caramba, um tipo não me vê por umas poucas horas e... Ah! O rosto de Kate iluminou-se e ela tentou dar uma volta sofisticada. Esqueci-me. Foi a Margo quem fez tudo. O que achas?

Byron olhou primeiro para Margo.

- Deus te abençoe - murmurou ele, para depois pegar na mão de Kate. - O que eu acho? Tenho a impressão de que o meu coração parou.

Ele beijou-a nos dedos e depois, querendo mais, na boca.

- Uau! - Um pouco surpreendida com a intensidade do beijo, Kate deu um passo cauteloso para trás. - É incrível como um pouco de visco no rosto e um sutiã apertado podem mudar uma pessoa.

Ele baixou os olhos.

- E isso o que tens aí em baixo?

- Nem vais acreditar no que tenho aqui em baixo.

- Quanto tempo vou levar para descobrir? Divertida com a reacção, ela mexeu na gravata dele.

- Se jogares direitinho, podemos...

- Bolas! - Ele agarrou as mãos de Kate. - É espantoso como uma mulher sensual pode deixar a mente de um homem atordoada. Tenho notícias para ti.

- Tudo bem... se preferes discutir os acontecimentos da actualidade em vez do que tenho por debaixo do vestido.

- Não me distraias. Tive uma reunião com o detective Kusack. Foi por isso que rne atrasei tanto.

- Foste falar com ele? - O rubor de excitação esvaiu-se do rosto de Kate.

- Ele chamou-te? Desculpa, Byron. Não há razão para te envolveres.

- Pára! - Ele sacudiu-a ao de leve. - Não digas nada. Fui falar com ele porque finalmente recebi o relatório que esperava. Mande os documentos que o Marty Bittle me entregou para um perito em caligrafia recomendado pelo Josh.

- Um perito em caligrafia? Mas não me disseste nada! E o Josh também não!

Antes que a fúria pudesse aparecer nos olhos de Kate, ele apressou-se a continuar:

- Preferimos esperar até termos resultados concretos. E agora temos. Eram falsificações, Kate. Copiaram a tua assinatura.

- Falsificações? - As mãos de Kate começaram a tremer. - Ele pode

provar?

- É um dos peritos mais respeitados do país. Mas nem precisávamos dele. O Kusack já examinara as assinaturas. Sabia que eram falsas. Não te considera uma suspeita, Kate. Ao que parece, nunca te considerou.

- Ele acreditou em mim?

- O Kusack recebeu o relatório do seu perito, pouco antes do meu. Vai levar a informação e o relatório dele à Bittle amanhã de manhã.

- Eu... não posso acreditar.

- Respira fundo. - Ele deu um beijo na testa de Kate. - É a verdade.

- Tu acreditaste em mim - murmurou ela, trémula. - Desde o primeiro dia, nos penhascos. Ainda nem me conhecias bem, mas acreditaste em mim.

- Claro. - Byron tornou a beijá-la e sorriu. - Deve ser por causa do nariz.

- Que nariz?

- Depois explico-te. Agora temos de contar ao Josh.

- Está bem. Byron... - Kate apertou o braço dele. - Foste falar com o Kusack antes de vires para cá. Foi o que chamarias de uma atitude de cavaleiro andante?

Byron apercebeu-se de que a pergunta não era ingénua.

- Pode ser interpretada assim.

- Foi o que pensei. Não quero que se torne um hábito, mas obrigada. - Agradecida e comovida, ela comprimiu os lábios contra os de Byron. - Muito obrigada.

-O prazer foi meu. - Como não queria os olhos de Kate marejados de lágrimas, mas sim sorrindo, ele passou a ponta do dedo pelo ombro nu. - Isso significa que tenho direito a ver o que tens por debaixo do vestido?

CAPÍTULO 16

KATE tinha um conceito antigo sobre a utilidade das manhãs de domingo. Serviam para dormir. Durante a universidade, ela aproveitava-as para um tempo de estudo extra, ou para terminar trabalhos e projectos. Mas depois de ingressar no mundo real, reservara esse tempo para a indulgência.

Byron tinha uma agenda diferente.

- Tens de resistir nos dois sentidos. Isola mentalmente o músculo que está a trabalhar. Este mesmo. - Ele pressionou um dedo no tricípite, enquanto Kate levantava e baixava o peso de dois quilos, por cima da cabeça, atrás das costas. - Não deixes cair o braço assim. Imagina que estás a levantar e a baixar através da lama.

- Da lama... Certo. - Ela tentou imaginar uma poça de lama, em vez de uma cama macia, com lençóis frescos. - E porque estou a fazer isto?

- Porque é bom para ti.

- bom para mim...

Kate observou-se no espelho. Pensara que ficaria ridícula num top pequeno e nuns calções de ciclista justos. Mas não ficava tão mal assim. Além do mais, podia comparar-se com Byron. Um homem forte, de T-shirt e calções, não podia ser muito exigente com a aparência.

- E agora começa o exercício para o bíceps. E vê lá se te concentras. Lembras-te como é?

Ela sentou-se no banco, franziu o rosto para o peso que estava a levantar e a baixar, tentando imaginar o seu bíceps a crescer. "Adeus fracota de quarenta e seis quilos", pensou ela. "Olá, atleta."

- E, quando terminarmos aqui, vais fazer rabanadas, não é?

- Foi o acordo.

- Ganhei um persona/traner e um chef ainda por cima. - Ela presenteou-o com um sorriso. - Sensacional.

- És uma mulher de sorte, Katherine. O outro braço agora. Concentra-te.

Byron conduziu-a por diversos exercícios de levantamento de pesos. Completara a sua série antes de a tirar da cama, mas ambos estavam suados quando ele decidiu que já era suficiente.

- Quer dizer que vou tornar-me uma atleta, ha?

- Isso mesmo, miúda. Vamos meter-te num desses biquinis sumários,

olear o teu corpo e lançar-te numa competição de halterofilismo.

- Só nos teus sonhos.

- Nem nos meus sonhos - murmurou Byron, com toda a sinceridade. -
Acredita em mim. Descobri agora um desejo latente por mulheres magricelas.
E, por falar nisso, esse desejo começa a agitar-se neste momento.

-Ai, é?

Kate não protestou quando ele estendeu as mãos para as suas costas,
descendo-as depois para segurar nas nádegas.

- É, sim. Hum... - Os dedos apalparam, apertaram. - Isto lembra-me de
uma coisa. Amanhã começaremos a trabalhar a parte inferior do corpo.

- Detesto esse rabo pequeno.

- É porque não tens a minha perspectiva.

Byron olhou para o espelho por detrás dela. Observou as suas mãos
apertando-a, viu-a a comprimir-se contra o seu corpo, estremecendo quando
ele baixou a boca para a curva maravilhosa do pescoço e ombro.

Era quase absurda a maneira como a desejava, o modo como a
necessidade aflorava a todo instante, vezes sem conta. E, mordiscando a
orelha de Kate, pensou que era natural como respirar, como a própria vida.

- Acho que devemos terminar os teus exercícios da manhã com um
pouco de aeróbica.

Kate emitiu um som entre um gemido e um suspiro.

- O colchão não, Byron. Suplico-te.

- Estava a pensar noutra coisa. - Ele roçou a boca pelo rosto de Kate. - E
acho que vais gostar.

- Ah... - Ela teve a ideia quando a mão de Byron subiu para cobrir o seu
seio. - Disseste que para o treino geral a aeróbica é essencial.

- Basta entregares-te aos meus cuidados.

- Ansiava que dissesses isso.

Byron pensou que ela cedia com a maior facilidade. com ansiedade. A
maneira como a sua boca reagia à dele, o encontro das línguas, a pressão dos
corpos. Todas as suas antigas fantasias sobre a mulher dos seus sonhos
tinham-se desvanecido, transformado e ressurgido como Kate. E apenas ela.

Uma imagem de Kate aflorou à sua mente. O aspecto com que estivera
na noite anterior, naquele vestido justo, que deixava os ombros à mostra.
Toda aquela pele suave, as curvas surpreendentes. A boca larga e húmida.

E por debaixo do vestido havia uma fantasia libertina de renda preta. A

visão deixara-o atordoado, de tão inesperada, de tão pouco prática para a prática Kate. Era um lado dela que Byron adorava explorar. E saber que ela também o explorava tornava tudo ainda mais erótico.

Kate mostrava-se muito atraente agora, no traje de ginástica encharcado de suor, que ele podia tirar à pressa.

Os dois estavam nus até à cintura quando caíram sobre o colchão.

Ela riu, rebolando com ele, enquanto arrancavam as últimas barreiras. Era maravilhoso sentirem-se tão... soltos. Tão completamente libertos. Kate deixara de questionar como ele conhecia o ponto certo, como sabia tocá-la. A impressão era a de que Byron sempre soubera. E o seu corpo era forte e firme. Era como fazer amor com um sonho. Kate estendeu-se por cima dele e despejou toda a alegria que sentia num beijo.

"Isso mesmo, trata de me acariciar", pensou ela. "E saboreia. Aqui. E aqui. De novo. Sempre de novo", pensou Kate, enquanto o coração batia forte e o sangue fervia. Repetidamente, em cada momento, Byron podia despertar nela as sensações mais conflitantes. A onda de calor, o frio da expectativa, o tremor de desejo, o prazer de se entregar.

Kate queria abraçá-lo para sempre, fundir-se nele. Perder-se. E recebeu-o, tremendo e ofegando naquele instante de profunda união. Arqueou as costas, saboreando, atormentando-se com a força, gemendo com as mãos que deslizaram pelo seu corpo acima para comprimir os seus seios doridos.

Ela manteve-as onde estavam, apertando-as com os seus próprios dedos tensos, enquanto começava a mexer-se.

Byron ficou atordoado com o ar de Kate. Os cabelos escuros emolduravam o rosto reluzente. A respiração saía com a maior dificuldade pela boca entreaberta. O pescoço longo de cisne inclinava-se para trás, os olhos de corça mantinham-se fechados. A luz do Sol iluminava-a, tão intensa, que era como se estivessem na rua, em algum campo verdejante. Podia imaginá-la ali, uma litania de sangue quente, lasciva e insinuante.

Queria que ela se satisfizesse, até à saciedade. Mas Kate aumentou o ritmo, arrastando-o no turbilhão. Os seus gemidos e gritos deixaram o sangue de Byron a ferver, até que as arremetidas se tornaram incontrolláveis e desesperadas.

Ele explodiu por debaixo de Kate, dentro dela. com um longo e glorioso suspiro, Kate deixou-se cair em cima dele, a boca comprimindo-se contra a sua.

Ela estava a cantar no chuveiro. O que era algo de excepcional, mesmo quando se encontrava sozinha. Kate sabia muito bem que a sua voz nada tinha de musical. Enquanto se ensaboavam, Byron acompanhou-a numa versão desafinada, embora comovida, de "Proud Mary".

- O Ike e a Tina não têm nada a mais do que nós - comentou ela, enquanto enxugava os cabelos.

- Nada mesmo. Excepto, talvez, o talento. - Byron enrolou uma toalha na cintura, preparando-se para fazer a barba. - És a primeira mulher, com quem já tomei banho, que canta tão mal quanto eu.

Kate empertigou-se, observando-o a passar a espuma de barba no rosto.

- A sério? E quantas mulheres foram?

- Não faço a menor ideia. - Ele sorriu, adorando o brilho de raio laser nos olhos de Kate. - E um cavalheiro jamais conta.

Byron passou a lâmina pela espuma, deixando um trilho suave e limpo. Ocorreu a Kate que nunca antes observara um homem a fazer a barba. A menos que incluísse Josh, e um irmão não contava. Mas recusou-se a deixar-se distrair por aquele interessante ritual masculino. Em vez disso, ofereceu um sorriso terno e olhou por cima do ombro de Byron para o espelho embaciado.

- Porque não me deixas fazer isso por ti, querido? Byron ergueu uma sobrancelha.

- Achas que sou estúpido para pôr um instrumento afiado na tua mão? - Ele enxaguou a lâmina. - Não me parece.

- Cobarde.

- Podes apostar que sim.

Ela soltou uma gargalhada, deu uma mordidela ao de leve no ombro de Byron, e foi para o quarto, a fim de se vestir.

- Kate... - Byron esperou até que ela se virasse, assumindo uma expressão sugestiva. - Só há uma mulher agora.

Ele observou o sorriso rápido e quase tímido de Kate espalhar-se, antes de passar pela porta. Pensativo, Byron continuou a barbear-se. A casa de banho estava cheia de vapor e calor, das fragrâncias misturadas. Kate pendurara a sua toalha para secar, de uma maneira meticulosa. O pequeno frasco que ela usava para hidratar o rosto continuava na bancada. Ela esquecera-se de usá-lo. Não se esquecera de pôr o equipamento de ginástica no cesto de roupa suja, nem de fechar o tubo de pasta de dentes. Jamais

esquecia os pormenores práticos.

Eram os extras que ela esquecia, em particular quando se aplicavam a si própria. Kate não se permitia ver as mercadorias expostas numa loja apenas por ver, nem sonhar, nem comprar uma bugiganga que a atraísse. Não se esquecia de apagar as luzes, nem de dar uma volta a mais numa torneira para evitar que ficasse a pingar.

As suas contas eram sempre pagas dentro do prazo, mas podia esquecer-se de almoçar quando estava preocupada com outras coisas.

Não tinha a menor ideia de que precisava dele. Byron sorriu ao baixar a cabeça para enxaguar o excesso de espuma. Kate também ignorava o que ele acabara de descobrir. Já não pensava que poderia apaixonar-se por ela. Sabia agora que Kate, com todos os seus contrastes e complexidades, as suas forças e fraquezas, seria a única mulher que amaria.

Ele enxugou o rosto, colocou a loção pós-barba, e decidiu que aquele poderia ser o momento perfeito para falar. Foi para o quarto. Kate estava parada ao lado da cama, de colãs pretos e um velho blusão dos Yankees.

- Está a ver isto? - perguntou ela, sacudindo um osso de couro cru todo mordido.

- Claro.

- Encontrei-o dentro do meu sapato. Não sei como o sapato escapou ao mesmo destino. - Ela atirou o osso a Byron, e depois passou as mãos pelos cabelos, à procura de pontas ressequidas. - Foi o Nip, tenho a certeza. O Tuck é mais bem-comportado. Na semana passada foi aquela cabeça de peixe que ele trouxe da praia. É preciso discipliná-lo, Byron. Ele anda muito desatinado.

- Ora, Kate, isso é modo de falar de nosso menino? Ela suspirou, pôs as mãos nas ancas, ficando à espera.

- vou falar com ele. Mas acho que, se tivesses em consideração a psicologia do comportamento, concordarias que ele põe as coisas no teu sapato como um símbolo de profunda afeição.

- O que inclui a ocasião em que ele fez chichi no meu sapato.

- Tenho a certeza de que isso foi apenas um equívoco. - Byron passou a mão pela boca, sensato de mais para não deixar o sorriso aparecer. - E aconteceu lá fora. Levaste-os para um passeio na praia e... Não concordas comigo.

- Tenho a certeza de que não acharias tão engraçado se ele usasse os teus

sapatos como depósito. - Como se fosse uma deixa, soaram nesse instante latidos frenéticos, corpos caninos arremetendo contra a porta. - vou tratar disso com eles, Byron. És mole de mais.

- Mas quem comprou as coleiras com os nomes deles? - murmurou Byron.

- Como?

- Nada. - Recuando, ele abriu a gaveta para tirar umas cuecas. Já vou descer.

- Para fazer rabanadas.

Kate desceu para aquietar os cães.

- Muito bem, meninos, parem com a barulheira. Se continuarem assim, não terão o passeio na praia.

Os cães correram e esbarraram nela, duas massas de pêlos e patas, que cresciam a um ritmo alarmante. Kate começou a acalmá-los, mas um momento depois os dois desataram a correr até à porta da frente, iniciando um novo estardalhaço.

- Vocês sabem que têm de sair pelas traseiras...

Antes que Kate pudesse continuar, a campainha idiota tocou. Ao que parecia, Byron decidira que era suficientemente extravagante e por isso resolvera mantê-la.

- Ah... - com uma satisfação ridícula, ela olhou radiante para os cães. - Muito bem, meninos. Deram o alarme. Se for alguém a querer vender alguma coisa, quero que façam o seguinte. Olhem para mim... mostrem os dentes assim.

Kate fez a demonstração, mas Nip e Tuck limitaram-se a saltar, abanando a cauda e exibindo sorrisos caninos.

- Vocês vão ter de aprender - murmurou ela, abrindo a porta. A sua disposição alegre dissipou-se nesse mesmo instante.

- Sr. Bittle. - Numa reacção automática, Kate segurou os cães pelas coleiras, a fim de impedir que saltassem de alegria em cima dos visitantes. - Detective.

- Desculpe incomodá-la a um domingo, Kate. - Bittle olhou para os cães, com uma expressão cautelosa. - O detective Kusack disse-me que tencionava falar consigo hoje, e pedi para acompanhá-lo.

- O seu advogado disse que a encontraríamos aqui - acrescentou Kusack. - Pode ligar-lhe, é claro, se desejar a sua presença.

- Pensei... fui informada de que já não sou suspeita.
- Vim aqui para pedir desculpas. - Bittle fixou os olhos solenes nos dela.
- Podemos entrar?
- Claro que sim. Nip, Tuck, nada de pulos.
- Bonitos cães. - Kusack estendeu a mão enorme, devidamente lambida e cheirada. - Tenho uma rafeira, mas já está a ficar velhota.
- Sentem-se, por favor. vou pôr os cães lá fora.

A tarefa proporcionou a Kate o tempo necessário para recuperar o equilíbrio. Ela deixou os cães a correrem como malucos pelo quintal das traseiras e voltou à sala.

- Aceitam um café?
 - Não há necessidade de incomodar-se - disse Bittle.
- Mas Kusack recostou-se na velha poltrona reclinável e murmurou:
- Se já está a fazer, será um prazer.
 - Podes deixar que eu faço - ofereceu Byron, descendo a escada.
 - Oh, Byron... - Kate sentiu-se aliviada. - Conheces o detective Kusack.
 - Olá, detective.
 - E este é o Lawrence Bittle.
 - Da Bittle & Associates - murmurou Byron, com voz fria. - Como tem passado?

- Diria que já estive melhor. - Bittle aceitou o aperto de mão formal. - O Tommy falou-me de si. Jogámos golfe esta manhã.

- vou preparar o café.

Byron lançou um olhar para Kusack que dizia, tão claramente quanto palavras, que qualquer coisa importante devia esperar até ao seu regresso.

- Uma bonita casa - comentou o detective, descontraído. Kate continuava parada no mesmo lugar, retorcendo os dedos.

- Está a ficar. O Byron não tem pressa. Instalou-se aqui há cerca de dois meses. Mandou trazer algumas coisas de Atlanta. Ele é de lá, de Atlanta. - "Pára de dizer coisas sem nexo!", ordenou Kate a si mesma. Só que não conseguia controlar-se. - E também tem procurado coisas por aqui. Móveis e outras coisas.

- Uma casa sensacional. - Kusack recostou-se na poltrona, pensando que era uma poltrona que sabia como acolher um homem.

- A casa mais adiante tem um pequeno campo de golfe mesmo à frente. Um homem põe um pé fora de casa e pode logo dar algumas tacadas.

Costumava trazer as crianças até aqui. Ficavam encantadas com as focas.

- Elas são mesmo maravilhosas. - Kate olhou para a cozinha, mordendo o lábio. - Algumas vezes conseguimos ouvir os seus gritos. Detective Kusack, veio aqui para interrogar-me?

- Tenho algumas perguntas. - Ele farejou o ar. - Nada como o cheiro de café fresco, não é? Até o veneno que fazem na delegacia tem um aroma que parece o paraíso antes de se provar. Porque não se senta, menina Powell? Eu digo-lhe mais uma vez que pode chamar o seu advogado, mas não vai precisar do sr. Templeton para o que temos a conversar.

- Está bem. - Mas ela reservava o direito de chamar Josh quando julgasse necessário. Não se deixaria enganar por uma conversa insinuante e sorrisos paternais. - O que deseja?

- O sr. De Witt mostrou-lhe o relatório do perito em grafologia?

- Mostrou, sim. Ontem à noite. - Kate sentou-se no braço do sofá. Era o máximo que podia fazer. - Dizia que as assinaturas eram copiadas. Alguém falsificou a minha assinatura nos formulários alterados. Usou a minha assinatura, os meus clientes, a minha reputação.

Ela tornou a levantar-se quando Byron entrou com uma bandeja.

- Desculpa - murmurou ela. - Por este problema aqui.

- Não digas tolices. - Ele assumiu o papel de anfitrião cordial. Como deseja o seu café, sr. Bittle?

- Apenas com natas. Obrigado.

- Detective?

- Como sai da cafeteira. - Kusack provou o café. - Isto é que é café. Eu estava a começar a falar sobre o progresso da investigação com a menina Powell. Estou a explicar-lhe que as nossas conclusões combinam com as do seu perito independente. Nesta altura, tudo indica que ela foi escolhida para arcar com a culpa se as discrepâncias fossem algum dia descobertas. Começámos a investigar outras áreas.

- Ou seja, outras pessoas - murmurou Kate, fazendo um esforço para evitar que a chávena tremesse no pires.

- Estou a dizer que a investigação continua. Gostaria de perguntar se tem alguma ideia de quem a poderia ter escolhido para bode expiatório. Há muitas contas na firma. Só as que estavam aos seus cuidados foram manipuladas.

- Se alguém fez isso comigo, não tenho a menor ideia de quem possa ter sido.

- Talvez fosse apenas um alvo conveniente. As acusações contra o seu pai torná-la- iam uma suspeita natural.

- Ninguém sabia. Só descobri pouco antes da suspensão.

- Interessante. E como descobriu?

Distraída, Kate esfregou um dedo contra a têmpora enquanto explicava..

-Teve alguma discussão com alguém? Uma briga, por menor que fosse? Talvez um choque de personalidades?

- Não briguei com ninguém. Nem todos na firma são grandes amigos e confidentes, mas todos trabalhamos muito bem juntos.

- Nenhum ressentimento de alguém?

- Nada fora do normal. - Kate largou a sua chávena, quase sem beber o café. - A Nancy, de Contas a Receber, e eu discutimos por causa de uma factura extraviada durante a loucura do trabalho em Abril. Toda a gente fica com os nervos à flor da pele nesse período. Acho que gritei com o Bill Feinstein por me tirar metade do meu papel da impressora em vez de ir directamente ao economato.

Ela fez uma pausa, sorrindo.

- Como vingança, ele mandou três caixas para o meu gabinete. A sr.a Newman não gosta de mim, mas também não gosta de ninguém a não ser do sr. Bittle Sênior.

Bittle baixou os olhos para o seu café.

- A sr.a Newman é eficiente e um tanto territorial. - Ele estremeceu ao ver Kusack a tomar notas. - Trabalha para mim há vinte anos.

- Não quis dizer que ela faria algo assim. - Horrorizada, Kate levantou-se de um pulo. - Não tive absolutamente essa intenção! Jamais acusaria alguém. Pode dizer-se também que a Amanda Devin seria uma possibilidade. Ela protege a sua posição como a única mulher sócia na firma como um falcão atento aos abutres. Ou... ou o Mike Lloyd, da correspondência, porque não tem condições de ir para a universidade em tempo integral. Ou o Stu Cominsky porque eu não quis sair com ele. Ou o Roger Thornhill porque saí com ele.

- Lloyd, Cominsky e Thornhill - murmurou Kusack, enquanto escrevia.

Kate parou de andar de um lado para o outro.:

- Pode escrever o que quiser aí, mas não vou lançar a culpa em ninguém.

- Ela ergueu o queixo, decidida. - Sei o que as pessoas sentem.

- Menina Powell, isto é uma investigação policial. - Kusack observava-a

atentamente, batendo com o lápis no joelho. - O processo é longo. com a sua cooperação, podemos abreviá-lo.

- Não sei de nada - insistiu ela, obstinada. - Não sei de ninguém que precisasse tanto de dinheiro, ou que pudesse querer incriminar-me. Sei que já paguei tudo o que tenciono pagar por uma coisa que não fiz. Se quer arruinar a vida de outra pessoa, detective, terá de fazer isso sem a minha ajuda.

- Compreendo a sua posição, menina Powell. Sente-se insultada e não posso culpá-la. Faz o seu trabalho, tudo o que esperam de si, dá até algo mais. O que desejava tanto fica ao seu alcance, mas de repente recebe um violento pontapé.

- É um resumo meticuloso. Se eu soubesse quem me pontapeou, seria a primeira a dizer. Mas não quero submeter alguém, cujo único crime tenha sido irritar-me, à mesma situação por que passei.

- Pense sobre tudo isto - sugeriu Kusack. - É muito inteligente. Assim que se concentrar em descobrir o que aconteceu, tenho a certeza de que poderá oferecer alguma indicação.

O detective levantou-se. Bittle seguiu o seu exemplo, dizendo:

- Antes de partirmos, Kate, eu gostaria de ter mais um pouco do seu tempo. Em particular, se não houver objecções.

- Está bem. Eu...

Ela olhou para Byron.

- Talvez queira conhecer a vista, detective. - Byron levou-o para a porta do varandim. - Ouvi dizer que tem uma cadela?

- A velha Sadie. Feia como o pecado, mas a cadela mais doce do mundo. A sua voz desvaneceu-se quando Byron fechou a porta.

- Um pedido de desculpas não é suficiente - começou Bittle, sem qualquer preâmbulo. - Está longe de ser suficiente.

- Estou a tentar ser justa e compreender a sua posição, sr. Bittle. Mas é difícil. Viu-me crescer. Conhece a minha família. Devia conhecer-me melhor.

- Tem toda a razão. - Ele parecia muito velho. Muito velho e muito cansado. - Prejudiquei a minha amizade com o seu tio, uma amizade que é muito importante para mim.

- O tio Tommy não guarda ressentimentos.

- Não, mas magoei uma das suas filhas, e não é fácil para qualquer dos dois esquecer isso. Posso dizer-lhe, e vale o que vale, que nenhum de nós

acreditou inicialmente que fosse capaz de cometer qualquer acto criminoso. Precisávamos de uma explicação, mas a sua reacção às perguntas foi... condenadora. Posso compreender agora, sob as circunstâncias, mas na ocasião...

- Não sabia aquilo sobre o meu pai, não é?

- Não. Só descobrimos depois. Havia no seu gabinete a cópia de uma reportagem do jornal.

- Ah... - "Assim tão simples", pensou Kate. Devia ter-se esquecido de uma cópia ao guardar tudo na sua pasta. - Entendo. E isso agravou ainda mais a minha situação.

- Deixou tudo mais confuso. Devo dizer que me senti aliviado quando o detective Kusack me procurou... e não muito surpreendido. Nunca consegui conciliar a mulher que sempre conheci com alguém capaz de roubar.

- Mas conciliou o suficiente para me afastar da firma - respondeu Kate, percebendo a amargura na sua voz.

- É verdade. Por mais que eu lamentasse na ocasião, por mais que lamente agora. Não tinha alternativa. Telefonei para os sócios e transmiti a nova informação. Vamos reunir-nos dentro de uma hora para discutir a situação. E para discutir o facto de que ainda temos alguém que praticou peculato na nossa firma.

Ele fez uma pausa, organizando os pensamentos.

- Ainda é muito jovem, Kate. Seria difícil para si compreender os sonhos de uma vida inteira, e como podem mudar. Na minha idade, é preciso ter muito cuidado, ser muito selectivo com os sonhos. Começamos a ter a noção de que cada um pode ser o último. A firma pertenceu-me durante a maior parte da minha vida. Eu fundei-a, desenvolvi-a, levei os meus filhos para trabalharem nela. - Bittle sorriu. - Uma firma de contabilidade não parece ser algo com que alguém possa sonhar.

- Eu compreendo.

Kate teve vontade de pôr a mão no braço dele, mas não podia fazer isso.

- Achei que entenderia. A reputação da firma é a minha reputação. Vê-la prejudicada desta maneira faz-me compreender como até mesmo um sonho tão prosaico pode ser frágil.

Kate não pôde mais conter-se.

- é uma boa firma, sr. Bittle. Construiu algo sólido. As pessoas trabalham lá porque as trata bem, porque faz com que se sintam parte do

todo. E isso não tem nada de prosaico.

- Gostaria que considerasse a possibilidade de voltar, Kate. compreendo que pode sentir-se constrangida até que o caso seja esclarecido. Mas quero que saiba que a Bittle & Associates considerar-se-ia afortunada se a tivesse outra vez nos seus quadros. Como sócia.

Como ela nada dissesse, Bittle deu um passo na sua direcção.

- Kate, não sei se isso vai melhorar ou piorar a situação entre nós, mas quero que saiba que esta oferta já tinha sido discutida e votada antes deste... deste pesadelo. A sua nomeação foi aprovada por unanimidade.

Era difícil lidar com o desespero e a exultação ao mesmo tempo. Não muito antes, Kate teria agarrado naquela oferta com unhas e dentes. Ela abriu a boca para falar, certa de que sairia a aceitação.

- Preciso de tempo. - Ela ouviu a própria voz com uma vaga surpresa. - Tenho de pensar.

- Claro. Por favor, antes de considerar a proposta de qualquer outra firma, dê-nos uma oportunidade de negociar.

- Está bem. - Ela estendeu a mão, no momento em que Byron e o detective voltavam. - Obrigada por ter vindo ver-me.

Kate ainda se sentia atordoada quando acompanhou Bittle e o detective Kusack até à porta e se despediu. Em silêncio, voltou para junto de Byron, com o olhar perdido no espaço.

- E então, Kate?

- Ele ofereceu-me a posição de sócia. - Ela pronunciou cada palavra devagar, sem saber se as saboreava ou avaliava. - Não só como uma maneira de me compensar por tudo o que aconteceu. Já tinham votado essa decisão antes da confusão. E ele está disposto a negociar as minhas condições.

Byron inclinou a cabeça para o lado.

- Porque não estás a sorrir?

- Ha? - Ela piscou os olhos, aturdida, depois desatou a rir. - Entrar na sociedade!

Kate enlaçou-o pelo pescoço e deixou que ele a balançasse.

- Byron, não tenho palavras para descrever o que isso significa para mim. E sinto-me deslumbrada de mais para dizer a mim mesma. É como... como deixar de jogar nas equipas juvenis e ser escolhida como batedora dos Yankees.

- Dos Braves - corrigiu Byron, sempre leal à equipa da sua cidade. - Os

meus parabéns. Acho que devemos ter um coquetel de sumo de laranja e champanhe para acompanhar as rabanadas.

- Grande ideia! - Ela beijou-o. - Mas não exageres com o sumo de laranja.

- Uma gota só para dar cor.

De braços dados, foram para a cozinha e Byron só a soltou para tirar a garrafa de champanhe do frigorífico.

- Não vais pegar no telefone?

Kate abriu o armário de porta de vidro em que eram guardadas as taças.

- Para quê?

- Dizer à tua família.

- Ah... É uma coisa grande de mais para se dizer pelo telefone. Assim que acabarmos de comer... - ela esboçou um sorriso tolo com o estalo da rolha a saltar - irei para a Casa Templeton. Isto exige um toque pessoal. É a maneira perfeita de mandar o tio Tommy e a tia Susie de volta para França.

Assim que ele acabou de servir, Kate ergueu a sua taça.

- À Direcção-geral de Contribuições e Impostos. Byron soltou um grunhido.

- Tem mesmo de ser?

- Está bem, está bem. A mim. - Ela bebeu um gole, girou a taça uma vez, bebeu de novo. - Vais comigo, não é? Pedimos à sr.a Williamson para fazer um dos seus jantares espectaculares. Levamos também os cães. Podemos... Para onde é que estás a olhar dessa maneira?

- Para ti. Gosto de ver-te feliz.

- Começa a preparar as rabanadas e vais ver-me extasiada. Estou a morrer de fome.

- Um momento, por favor, madame. - Ele pegou nos ovos e no leite. - Porque não passamos pelo teu apartamento e trazemos mais algumas roupas? Podias cá ficar outra noite aqui, para prolongarmos a comemoração.

- Está bem. - Kate sentia-se inebriada de mais para protestar, embora isso violasse a sua regra tácita de não ficar por mais de duas noites consecutivas. - Faremos isso.

O telefone tocou nesse instante.

- Continua a cozinhar. E não te esqueças de usar bastante canela. Estou? Olá, Laura. Estava mesmo a pensar em ti. - Sorrindo, ela virou-se e mordiscou a orelha de Byron, enquanto ele batia os ovos. íamos aparecer aí

mais tarde e fazer-nos convidados para o jantar. Tenho uma notícia que... Como?

Kate calou-se. A mão erguida para desmanchar os cabelos de Byron tornou a cair para o lado do corpo.

- Quando? Ah... claro, claro. Vamos para lá. Já estamos a sair. Tacteando atordoada para desligar o telefone sem fio, ela balbuciou para Byron: - é a Margo. O Josh levou-a para o hospital.

- O bebé?

- Não sei. Ainda é muito cedo. Ela começou a sentir dores, teve uma hemorragia. Oh, Deus, Byron!

- Vamos embora. - Ele segurou a mão que Kate estendeu na sua direcção. - Agora mesmo.

CAPÍTULO 17

KATE sentiu-se grata por Byron estar ao volante. Por mais que se esforçasse por manter a calma, as mãos tremiam-lhe e as recordações de Margo vinham-lhe à mente.

Via imagens delas quando eram crianças, sentadas nos penhascos, atirando flores para o mar e para Seraphina. Margo a desfilar pelo quarto no seu primeiro sutiã, presunçosa e cheia de curvas, enquanto Kate e Laura olhavam com a inveja do peito liso. Margo a pentear Laura para o baile de formatura da escola, depois a meter um preservativo na carteira de Kate... para qualquer emergência.

Margo na sua primeira visita a casa depois de fugir para Hollywood, a fim de se tornar uma estrela. Tão refinada e bela. Margo em Paris depois de pressionar Kate a ir visitá-la para conhecer o mundo como devia ser.

Margo na Casa Templeton... regressando sempre à Casa Templeton.

Em desespero, depois que o seu mundo se desmoronara; em fúria, quando uma das suas amigas era magoada. A determinação e a coragem ostensivas com que lutara para reconstruir a sua vida.

Como noiva, descendo pela nave ao encontro de Josh, de uma beleza inacreditável, em quilómetros de cetim branco e renda francesa. Em pranto ao entrar a correr na loja para anunciar que não tinha uma gripe, mas estava grávida. Outra vez a chorar quando sentia o bebé a mexer-se. E babando-se pelas roupinhas que a mãe já costurara. Exibindo a barriga enorme, radiante quando ondulava com um pontapé.

Margo, sempre tão apaixonada, tão impulsiva, e tão maravilhada com a perspectiva de ter um bebé.

O bebé. Kate apertou os olhos com força. Oh, Deus, o bebé!

- Ela não quer saber se é menino ou menina - murmurou Kate. Disse que queriam a surpresa. Já escolheram os nomes. Suzanna, se for menina, pela tia Susie e pela Annie, e John Thomas, se for menino, pelo tio Tommy e pelo pai da Margo. Oh, Byron, e se...

- Não penses em nenhum "se". Mantém-te calma.

Ele tirou a mão da mudança pelo tempo suficiente para apertar a dela.

- Estou a tentar. - Kate estava a fazer um esforço para controlar os seus tremores quando ele parou no estacionamento em frente do enorme prédio branco. - Vamos depressa.

Ela ainda estava a tremer quando chegaram à entrada do hospital. Byron deteve-a, observando o seu rosto.

- Posso tentar descobrir o que está a acontecer. Não tens de entrar agora.

- Tenho, sim. Eu consigo suportar.

- Sei que consegues.

Byron pegou na mão de Kate e os dedos de ambos entrelaçaram-se. Margo estava na maternidade. Enquanto avançava apressada pelo corredor, Kate bloqueava os sons e cheiros do hospital. Pelo menos aquela ala trazia recordações familiares e boas. As filhas de Laura. A emoção de participar daqueles nascimentos atenuou o pior do pânico e levou Kate a recordar como era observar a vida a lutar para alcançar a existência, dizendo sempre a si mesma que aquele era um lugar de nascimento, não de morte.

O primeiro rosto que ela viu foi o de Laura.

- Estava à tua espera. - Laura abraçou Kate, aliviada. - Já cá estão todos, ali na sala de espera. O Josh está com a Margo.

- O que aconteceu? Ela está bem? E o bebé?

- Está tudo a correr bem, ao que sabemos. - Laura conduziu Kate para a sala de espera, fazendo um esforço para manter uma aparência calma. - Ao que tudo indica, a Margo entrou em trabalho de parto prematuro e teve uma hemorragia.

- Oh, não!

- Já controlaram a hemorragia. - Laura respirou devagar, para se acalmar, mas os olhos reflectiam o medo interior. - A Annie acabou de vê-la. Diz que a Margo está bem. Agora estão a tentar estabilizá-la, interromper as contracções.

- Ainda é muito cedo, não é? Ela só está no sétimo mês.

Kate entrou na sala de espera, viu os rostos preocupados, e esforçou-se por reprimir os seus próprios medos.

- Annie... - Kate pegou nas mãos de Ann Sullivan. - Ela vai ficar boa. Sabes como a Margo é forte e obstinada.

- Ela parecia tão pequena na cama... - A voz de Annie tremia. Como uma menina pequena. E está muito pálida. Deviam fazer alguma coisa. Ela está pálida de mais.

- Annie, precisamos de café. - Susan passou o braço pelos ombros de Annie. - Porque é que não vamos as duas buscar?

Depois de afagar o braço de Kate com a outra mão, Susan afastou-se

com Annie.

- A Susie trata dela - murmurou Thomas. Ele pensava com frequência que havia pouco que um homem pudesse fazer em ocasiões destas e muito para imaginar. - Senta-te, Katie. Também estás pálida.

- Quero vê-la. - As paredes já pareciam comprimir-se sobre ela, com o cheiro do medo que o hospital significava para ela. - Tio Tommy, peça-lhes para me deixarem ver a Margo.

- Claro. - Ele beijou-a no rosto, depois sacudiu a cabeça para a filha. - Não, tu ficas aqui. vou aproveitar para verificar como estão as meninas. Embora saiba que elas devem estar bem na escola.

- Estão as duas preocupadas, a Ali em particular. Ela adora a Margo.

- Deixa estar que eu trato bem delas. Deixo todas as minhas mulheres aos teus cuidados, Byron.

- Não se preocupe que tomarei conta de todas. Vamos sentar-nos. - Ele levou Kate e Laura para um sofá. - vou ajudar a tua mãe e a Ann com o café.

Byron viu as duas a darem as mãos antes de se virar.

- Podes contar-me o que aconteceu? - pediu Kate.

- O Josh ligou do telefone do carro. Não queria perder tempo a chamar uma ambulância. Estava a tentar parecer calmo, mas percebi logo que estava em pânico. Disse que a Margo estava a sentir-se cansada e um pouco dorida desde a noite passada. Ao acordarem hoje de manhã, ela não se sentia bem e queixou-se de dores nas costas.

- Ela andava a trabalhar de mais. com todos os preparativos para o leilão. Devíamos tê-lo adiado.

"E eu devia ter participado mais", pensou Kate.

- Tudo estava ótimo no último exame que ela fez - murmurou Laura, esfregando a testa. - Mas talvez tenhas razão. A Margo disse que ia tomar um banho e, de repente, começou a gritar pelo Josh. Estava a sangrar e a ter contracções. Quando chegámos cá ela já tinha sido internada. Ainda não a vi.

- Já vão deixar-nos vê-la.

- Claro que sim.

Laura pegou no café oferecido por Byron, lembrando-se de agradecer.

- A espera é terrível. - Ele sentou-se ao lado de Kate. - É sempre. A minha irmã Meg teve imensos problemas com o primeiro bebé. Trinta horas de trabalho de parto, o que representa uma vida inteira quando se fica a andar de um lado para o outro.

"Fala. Não pares de falar", ordenava a si mesmo. "Assim consegues distraí-las."

- A Abigail era grande de mais, e a Meg jurou que não teria outro. E teve mais dois.

- Foi mais fácil para mim - murmurou Laura. - Nove horas para a Ali, apenas cinco para a Kayla. Elas quase que deslizaram.

- Memória selectiva - interveio Kate. - Lembro-me com absoluta nitidez que tu fracturaste todos os ossos da minha mão na sala de parto. Isso foi com a Ali. E quando a Kayla nasceu...

Ela levantou-se de um pulo quando uma enfermeira parou à porta. Passou por cima da mesinha de café, preparada para a batalha.

- Queremos ver a Margo Templeton. Agora.

- Foi o que me disseram - respondeu a enfermeira, secamente. A sr.a Templeton gostaria de vê-las. A visita tem de ser breve. Venham comigo, por favor.

Ela seguiu à frente por um corredor largo. Kate bloqueou o som típico de hospital das solas de borracha sobre o linóleo. "Há portas a mais", pensou ela. Portas brancas, todas fechadas. com muitas pessoas lá dentro. Camas com cortinas ao redor. Aparelhos que emitem sons curtos e outros que sibilam. Tubos e agulhas. Médicos com olhos tristes e cansados, que vinham comunicar-lhe que os seus pais tinham morrido, que tinham desaparecido para sempre. Deixando-a sozinha.

- Kate...

Laura apertou a mão de Kate.

- Estou bem. - Ela esforçou-se por permanecer no agora. - Não te preocupes.

A enfermeira abriu a porta do quarto. Fora projectado para ser reconfortante e alegre. Um quarto para receber novas vidas. Uma cadeira de baloiço, paredes cor de marfim, com remates escuros, plantas e os acordes suaves de uma sonata de Chopin completavam o cenário sereno.

Mas o aparelho estava ali, bip-bip-bip, o banco de rodinhas usado pelos médicos, a cama com as grades protectoras nos lados e os lençóis brancos engomados.

Margo estava ali deitada, muito pálida, com os cabelos gloriosos puxados para trás. Alguns fios enroscavam-se húmidos em torno do rosto. O frasco pendurado no suporte pingava um líquido claro por um tubo para o

braço de Margo. Ela mantinha uma das mãos comprimindo a barriga, enquanto a outra apertava a mão de Josh.

- Ah, já chegaram... - Os lábios de Margo contraíram-se, enquanto ela oferecia um aperto tranquilizador à mão de Josh. - Podes sair, Josh. Descansa um bocadinho.

Ela esfregou as mãos de ambos no seu rosto, antes de acrescentar:

- Isto vai ser conversa de mulheres.

Josh hesitou, obviamente dividido entre fazer o que ela queria e estar ligeiramente afastado dela.

- Fico à espera no corredor. - Ele inclinou a cabeça para beijá-la, a mão roçou sobre a barriga. - Não te esqueças da respiração.

- Há anos que respiro. A esta altura, já tenho alguma habilidade. E agora sai e fica a andar de um lado para o outro, como um futuro pai.

- vou fazê-la portar-se como deve ser - assegurou-lhe Laura, sentando-se na beira da cama e dando-lhe uma palmadinha na perna.

- vou ficar no corredor.

Josh esperou até sair para o corredor, antes de levantar as mãos trémulas para esfregar o rosto.

- Ele está assustado - murmurou Margo. - E é muito raro ver o Josh assustado. Mas vai correr tudo bem.

- Claro que vai - concordou Laura, olhando para o monitor fetal, que sonorizava as batidas do coração do bebé.

- Estou a falar a sério. Chegou a minha hora, é só isso. - Ela olhou para Kate. - Acho que é a primeira vez na vida em que chego cedo para qualquer coisa.

- Não sei, não... - Kate, procurando manter o mesmo tom jovial, sentou-se na beira da cama, no outro lado de Laura. - Tu desenvolveste-te cedo.

Margo soltou uma gargalhada.

- É verdade. Olhem, lá vem uma!

A voz tremia-lhe. Ela começou a respirar devagar, para ultrapassar a contracção. Numa reacção instintiva, Kate pegou-lhe na mão e acompanhou a respiração.

- Não estão muito fortes. Puseram ali qualquer coisa para atenuá-las. - Margo lançou um olhar para o frasco de soro. - Estavam à espera de conseguir interrompê-las por completo, mas parece que a criança quer sair. Sete semanas antes do prazo. Oh, meu Deus!

Margo fechou os olhos, comprimindo-os com toda a força. O medo regressava sempre, por mais que ela tentasse repeli-lo.

- Eu devia ter descansado mais. Devia ter passado menos tempo de pé. Devia...

- Pára com isso! - interrompeu-a Kate, num tom ríspido. - Este não é o momento para sentires pena de ti própria.

- Pelo contrário, o trabalho de parto é o momento perfeito para a autocomiseração. - Laura, recordando os seus partos, acariciou a barriga de Margo, para proporcionar conforto. - Mas não para a culpa. Cuidaste muito bem de ti e do bebé.

- Aproveitaste o máximo possível. - Kate franziu a testa. Quantas vezes tive de subir e descer a correr a escada porque tu estavas grávida e eu não?

Ela tinha vontade de chorar, e prometeu a si mesma um longo e reconfortante acesso de choro mais tarde.

- E aqueles desejos de tarde, quando eu tinha de ir à doca de pesca para comprar iogurte de morango gelado com calda de chocolate? Achas que eu aceitava de bom grado?

- Mas compravas o iogurte - lembrou Margo. - E, para ser franca, não me importava de comer um agora.

- Esquece. Podes mastigar gelo picado.

- É o que vou fazer. - Margo respirou fundo. - Sei que o médico está preocupado. O Josh está preocupado. E a minha mãe também. Mas farei tudo certo. Sei que sou capaz.

- Claro que és - murmurou Laura. - Este hospital tem uma das melhores maternidades do país. Tratam muito bem dos prematuros. Participei na comissão que fez o levantamento dos recursos para os equipamentos, lembram-se?

- Quem consegue lembrar-se de todas as comissões que já integraste? - comentou Kate. - Vai correr tudo bem, Margo. Não há ninguém como tu para definir um objectivo e alcançá-lo.

- Quero este bebé. Pensei que poderia controlar o trabalho de parto, mas aparentemente a criança já assumiu o controlo. Tenho a certeza de que será hoje. - Os lábios de Margo tornaram a tremer. O bebé é tão pequeno...

- E forte - acrescentou Kate.

- Isso mesmo. - Margo conseguiu esboçar um sorriso genuíno. Forte e determinado. O médico ainda está com esperança de conseguir interromper o

trabalho de parto, mas isso não vai acontecer. Sei que será hoje. Consegues compreender, Laura?

- Claro que sim.

- E ele é muito meticoloso com o parto. Só o Josh pode assistir. Mas eu gostava que vocês estivessem presentes. As duas. Pensei numa festa barulhenta e turbulenta.

- Fazemos uma depois. - Kate inclinou-se para beijá-la no rosto.

- É uma promessa.

- Está bem...

Margo fechou os olhos para suportar a contracção seguinte.

- Ela é forte - comentou Laura para Kate, ao saírem para o corredor.

- Eu sei. Mas não gosto de vê-la assustada.

- Se o soro não interromper o trabalho de parto, ela vai estar demasiado ocupada para continuar assustada. Tudo o que podemos fazer é esperar.

E foi o que elas fizeram, uma hora transformando-se em duas. Apreensiva, Kate andava de um lado para o outro da sala de espera, assediava as enfermeiras e ia bebendo café em excesso.

- Come - disse Byron, entregando-lhe uma sanduíche.

- O que é isso?

- Quando uma sanduíche sai de uma máquina automática, não se pergunta o que é, come-se apenas.

- Está bem. - Ela deu uma trincadela, e achou que podia ter alguma relação com salada de frango. - Está a demorar de mais.

- Ainda não chegou a três horas - corrigiu Byron. - Os milagres demoram.

- Tens razão. - Kate trincou de novo a sanduíche, considerando que era um combustível necessário. - Devemos ficar com ela. Seria melhor se ficássemos com ela.

- É sempre difícil. E ainda mais difícil para algumas pessoas. - Ele passou os dedos pelos cabelos de Kate. - Podemos dar uma volta lá fora, deixar o hospital por algum tempo.

- Estou bem. - Tinha de estar. - É mais fácil concentrar-me na Margo do que pensar onde estou. As fobias são tão...

- Humanas.

- Estúpidas. Foi uma noite horrível na minha vida. A pior por que terei de passar, suponho. Mas aconteceu há vinte anos. - Era como se fosse ontem,

se ela deixasse a mente vaguear. - De qualquer forma, suportei a permanência no hospital nos dois partos da Laura. Talvez tenha sido mais fácil porque fiquei no quarto, e o trabalho de parto mantém-nos ocupados. Agora é a mesma coisa. Quero continuar aqui.

com os dedos entrelaçados, Byron puxou-a para os seus braços.

- Estás a torcer por um menino ou uma menina?

- Não tinha pensado nisso. com... até que ponto um bebé precisa de ser grande para ter uma boa oportunidade de sobrevivência?

- Será uma criança linda - disse ele, esquivando-se à pergunta. Pensa na herança genética que tem. Muitas vezes pensa-se que um bebé pode ter sorte se herdar as melhores características do pai e da mãe. Sabes como é, os olhos do pai, o queixo da mãe. Qualquer coisa. Mas este bebé será afortunado para qualquer lado que se virar. Vai acabar por ser estragado com mimos.

- Estás a brincar? Devias ver o quarto de bebé que a Margo e o Josh fizeram. Até eu gostaria de morar lá. - Kate riu-se, mal notando que ele lhe servira chá em vez de café. - Compraram um berço antigo sensacional, um antiquado carrinho de bebé inglês que encontraram em Bath. íamos fazer uma reunião de mulheres na Casa Templeton na próxima semana. Todas aquelas coisas...

- Terão de a fazer depois do nascimento. O que é que compraste?

- Foi uma tolice. - Kate ia girando o copo nas mãos e fazendo um esforço para não chorar ou gritar, para não correr até à sala de partos.

- A Margo tem uma obsessão pelos estilistas italianos. Especialmente pelo Armani. E eles têm uma linha infantil. É uma coisa ridícula.

- Compraste um Armani para o bebé?

Byron desatou a rir, sobretudo quando ela ficou vermelha.

- É uma brincadeira... apenas uma brincadeira. - Mas Kate deu por si também a sorrir. - Acho que a primeira vez que a criança se babar na roupa, a brincadeira vai virar-se contra mim.

- Tu és muito meiga. - Byron pegou no rosto dela entre as mãos, beijando-a. - Mesmo muito.

- É apenas dinheiro.

Confortada, ela encostou a cabeça no ombro de Byron e observou a família. Laura voltara do contacto com as meninas e sentara-se ao lado de Ann. Os seus tios encontravam-se de pé, junto à janela. O tio Tommy passava o braço pelos ombros da tia Susie. Havia uma televisão na parede. O

noticiário de domingo da CNN mostrava um mundo que nada tinha a ver com a sala em que as pessoas estavam à espera.

Outras pessoas entraram e saíram, trazendo arrepios de preocupação, expectativa e excitação. Kate podia ouvir os avisos incisivos do sistema de altifalantes, os passos eficientes das enfermeiras, gargalhadas ocasionais.

Kate avistou um rapaz conduzindo pelo corredor a esposa grávida, massajando-lhe as costas com intensa concentração, enquanto ela dava passos lentos e controlados.

- A Laura sempre gostou de andar durante o trabalho de parto murmurou Kate.

-Ha?

- A Margo e eu revezava mo-nos com ela, massajando-lhe as costas, respirando ao mesmo tempo.

- E o marido?

- Ah, o marido... - Kate soltou um grunhido desdenhoso, olhou para Laura, a fim de se certificar de que ela não podia ouvir. - Ele não tinha tempo para participar nas aulas de preparação para o parto. Não considerava isso necessário. Eu fui a acompanhante da Laura nos dois partos, com a Margo como substituta.

- Pensei que a Margo estava a morar na Europa nessa altura.

- Sim, mas veio para os partos. A Kayla nasceu poucos dias antes do momento previsto. A Margo estava a cumprir um contrato nessa altura. Ela devia passar a última semana com a Laura na Casa Templeton. Quando ligou do avião, a Laura acabara de entrar em trabalho de parto. A Margo foi directa do aeroporto para o hospital e entrámos com ela na sala de parto.

- E o Ridgeway?

- Apareceu, depois de tudo ter acabado. Fez o que tenho a certeza que considerou uma tentativa viril de esconder o seu desapontamento pelo facto de os bebés não terem pénis, depois deu à Laura algum presente de luxo e foi-se embora. Um canalha.

- Não o conheci. E não posso dizer que tenha formado uma opinião favorável a seu respeito pelo que me têm contado. Normalmente, prefiro formular uma opinião com base num contacto pessoal. Byron calou-se por um momento. - Mas acho que posso abrir uma excepção neste caso e desprezá-lo.

- Ainda bem. A Laura fez bem em livrar-se dele. E, assim que deixar de

se sentir culpada por isso, vai ficar muito bem. Ah, porque está a demorar tanto? Não consigo aguentar mais. - Kate levantou-se. - Eles têm de nos dizer alguma coisa. Não podemos continuar aqui sentados, sem fazer nada.

Uma enfermeira de uniforme verde apareceu na porta e disse:

- Neste caso, talvez queiram andar um pouco.

- Margo... - balbuciou Ann, enquanto se levantava.

- A sr.a Templeton está muito bem. E o sr. Templeton parece estar a flutuar nas nuvens. Quanto ao bebé Templeton, creio que preferem verificar pessoalmente. Venham comigo, por favor.

- O bebé... - murmurou Ann, pegando na mão de Susan. - Ela teve o bebé... será que é saudável?

- É o que já vamos saber, vovó - disse Susan, enquanto saíam da sala de espera.

- Estou com medo. - Trémula, seguindo atrás, Kate apertou a mão de Byron. - A enfermeira estava a sorrir, não é? Não estaria a sorrir se houvesse algum problema. Dá para perceber pelos olhos. Ela disse que a Margo estava bem. Não foi o que ela disse?

- Foi exactamente isso. E daqui a pouco poderás vê-la. Agora, olha para aquilo.

Aproximaram-se de uma porta de vidro. Por detrás da porta, Josh exibia um sorriso que quebrava todos os recordes. Tinha nos braços um bebé pequeno, com cabelos louros, encimados por uma fita azul.

- É um menino! - A voz de Thomas tremeu quando comprimiu a mão contra o vidro. - Olha só para o nosso neto, Susie!

- Dois quilos e trezentos - informou Josh, inclinando o filho para que a família pudesse vê-lo. - Dois quilos e trezentos. Dez dedos nas mãos e nos pés.

Ele baixou a cabeça para encostar os lábios no rosto do bebé.

- Ele é tão pequeno... - com os olhos marejados de lágrimas, Kate abraçou Laura. - E tão bonito!

- John Thomas Templeton... - As lágrimas de Laura escorreram. Seja bem-vindo à família.

Todos se babaram para o bebé, protestando quando uma enfermeira se aproximou para levá-lo. Assim que Josh deixou o berçário, todos o cercaram, como aldeões adúltero um herói conquistador.

- Dois quilos e trezentos - murmurou ele outra vez, comprimindo o rosto

contra os cabelos da mãe. - Ouviu bem? Disseram que está acima do peso previsto, que isso é ótimo. É inteiro e perfeito. Vão examiná-lo melhor porque é prematuro, mas...

- Ele pareceu-me pronto e acabado - interveio Byron. - Toma um charuto, papá.

- Credo! - Josh olhou para o charuto estendido por Byron. Pai... Eu é que devia estar a distribuir charutos.

- Cuidar de pormenores faz parte das minhas funções. Vovó. Byron entregou um charuto a Ann, que encantou a todos ao pô-lo na boca.

- E a Margo, Josh? - Laura pegou na mão do irmão. - Como está ela?

- A Margo é uma mulher espantosa. Ele já nasceu a gritar. Ainda não vos tinha contado? - Rindo, ele levantou Laura do chão, beijando-a. Parecia não ser capaz de falar suficientemente depressa. - Num grande berreiro. E, no instante em que isso aconteceu, a Margo desatou a rir. Ela estava exausta, estávamos ambos apavorados e, de repente, ele nasceu.

Aturdido, ele cruzou as mãos e contemplou-as.

- É a coisa mais incrível do mundo. Não dá para imaginar. Isto é, vocês podem imaginar, mas tinham de estar lá. O bebé a chorar, a Margo a rir, e os médicos a dizerem: "Parece que não há nada de errado com as cordas vocais dele." -Josh repetiu, a voz tremendo de emoção: - Nada de errado com as cordas vocais. Nada de errado com ele.

- Claro que não. - Thomas envolveu Josh num abraço apertado.

- Ele é um Templeton.

- Olha, estamos muito satisfeitos por ver-te... - Kate afastou os cabelos do rosto de Josh. - Mas quando é que nos deixam entrar para ver a Margo?

- Não sei. Daqui a pouco, acho. Ela pediu à enfermeira para lhe trazer a mala. - Ele tornou a sorrir. - Queria retocar a maquilhagem.

- Típico... - Kate virou-se e abraçou Byron. - Típico da Margo...

CAPÍTULO 18

A SEMANA a seguir ao nascimento de J. T. Templeton foi agitada e complicada. A agenda de Laura não lhe permitia mais que umas poucas horas na loja. com Margo absorvida pelo filho, Kate teve de lidar quase sozinha com as consequências de uma recepção bem-sucedida. O parto prematuro acabara com os planos vagos de entrevistar candidatas e contratar uma ajudante a tempo parcial.

Kate ficou sozinha.

Abria a loja todos os dias, aprendendo a controlar o impulso de apressar as pessoas que entravam simplesmente para ver as mercadorias. Embora jamais compreendesse a atracção de vaguear numa loja, disse a si própria que tinha de aceitar os gostos dos outros.

Estudava as listas de artigos e tentava reconhecer os itens mais esotéricos no stock da Pretenses. Mas ficava além da sua compreensão porque alguém sentiria a necessidade de possuir uma caixa para comprimidos, com incrustações de pérolas, criada por um estilista.

A honestidade pura e simples era às vezes aceite como um crédito; noutras ocasiões, era encarada como um insulto. Para cada mulher que agradecia por ser informada de que um traje não assentava bem nela, havia duas que se mostravam irritadas.

Kate perseverava, lembrando-se que pelo menos durante uma hora por dia podia fechar-se no escritório nos fundos da loja e ficar sozinha, com as suas contas.

Que nunca respondiam.

- O cliente tem sempre razão - murmurava ela para si mesma. O cliente tem sempre razão... mesmo quando é um idiota.

Ela saiu da sala do guarda-roupa, onde uma cliente acabara de lhe comunicar que o vestido Donna Karan estava com a etiqueta trocada. Afinal, não tinha a menor possibilidade de ser o número quarenta, já que ficava muito apertado nas ancas.

- Apertado nas ancas! Aquela vaca não conseguiria meter nem uma só coxa num tamanho quarenta, mesmo que passasse graxa!

- Por favor!

Outra cliente estalou os dedos, como alguém num restaurante fazendo sinal para que uma empregada lenta traga mais vinho. Kate rangeu os dentes,

mas sorriu.

- Pois não. O que deseja?

- Quero ver aquela pulseira. A vitoriana segmentada. Não, não. Eu disse a vitoriana segmentada, não a de ouro lisa.

- Desculpe. - Kate tentou de novo, seguindo a direcção apontada pelo dedo da mulher. A pulseira pareceu-lhe rebuscada e ridícula.

- Não é encantadora? Gostaria de experimentá-la?

- Quanto custa?

Não tem uma etiqueta com o preço? Ainda sorrindo, Kate virou a etiqueta e leu o preço.

- E quais são as pedras?

Oh, merda! Ela tinha andado a estudá-las, não era?

- Acho que tem uma granada e... uma comalina e... - Como era mesmo o nome da pedra amarela? Topázio? Âmbar? Citrina? Ela arriscou a última, porque a palavra parecia mais vitoriana: - Citrina.

Enquanto a cliente examinava a pulseira, Kate passou os olhos pela loja. Era mesmo o seu dia de sorte. Estava cheia de gente, e Laura já se fora embora. Ainda tinha três horas pela frente até fechar, e ela calculou que nesse período o que restava da sua mente haveria de parecer-se com uma massa pastosa de arroz frio.

O som da sineta da porta deu-lhe vontade de chorar. E quase gritou ao ver quem entrara.

Candy Litchfield. A sua velha inimiga. Candy Litchfield, cujos passos ágeis, olhar animado, cabelo ruivo comprido e nariz perfeito escondiam o coração de uma víbora.

E ela trouxera amigas, notou Kate, sentindo um aperto no coração. Matronas da sociedade, arranjadas com perfeição, olhos astutos, calçando sapatos italianos.

- Nunca encontrei aqui nada que me agradasse - anunciou Candy, em voz alta e exuberante. - Mas a Millicent disse-me que viu um vaporizador de perfume que pode entrar na minha colecção. Claro que levam caro de mais por tudo.

Ela avançou pela loja, a inveja agravada pelo rancor.

- Deseja ver mais alguma coisa? - perguntou Kate à cliente, que agora estudava Candy com a mesma atenção que dispensara à pulseira.

- Não. - A mulher hesitou, mas a cobiça acabou por prevalecer e ela

pegou no seu cartão de crédito. - Pode embrulhar-me para oferta, por favor? É para o aniversário da minha filha.

- Claro.

Kate ajeitou a pulseira numa caixa, embrulhou-a, colocou-a numa sacola e registou a venda, ao mesmo tempo que vigiava o progresso de Candy. Duas clientes foram-se embora sem comprar nada, mas Kate recusou-se a dar o crédito por isso à língua insidiosa de Candy.

Sentindo-se como Cary Cooper no final de O Comboio Apitou Três Vezes, ela saiu de trás do balcão para enfrentá-la.

- O que é que tu queres, Candy?

- Estou a olhar para as mercadorias oferecidas numa instalação pública de venda a retalho. - Ela sorriu, exalando um sopro não muito subtil de Opium. - E creio que devias oferecer-me uma taça de champanhe rasca. Não é essa a política da loja?

- Podes servir-te.

- Fui informada por uma amiga de que havia aqui um frasco de perfume do qual eu poderia gostar.

Candy passou os olhos pelas vitrinas e avistou um frasco rosa-fosco sensacional, com o formato de um corpo de mulher. Mas preferiria revelar a sua idade a demonstrar qualquer interesse.

- Não posso imaginar o que ela viu de bonito aqui - acrescentou Candy.

- É bem provável que ela se tenha equivocado sobre o teu gosto.

- Kate sorriu. - Ou melhor, se calhar pensou que tivesses algum gosto. Por falar nisso, como vai o rapaz que trata da tua piscina?

Candy, que tinha a reputação de desfrutar rapazes nos intervalos entre casamentos, ficou irritada.

- O que achas de ser uma empregada de balcão? Ouvi dizer que foste despedida. Por roubar o dinheiro dos clientes, Kate. Que coisa... vulgar.

-Alguém deve ter bloqueado o teu canal de má-língua prematuramente, Candy. Estás atrasada na informação.

- A sério? - Candy serviu champanhe numa taça até à borda. Toda a gente sabe que os teus pequenos crimes serão perdoados, com a influência dos Templeton por detrás de ti. Como aconteceu com o teu pai.

O sorriso aumentou quando Candy percebeu que atingira o alvo.

- Mas também só os idiotas entregam as contas aos teus cuidados agora. - Ela bebeu um pequeno gole. - Onde há fumo, no fim de contas... Tens sorte

em poder contar com amigos ricos que te atiram migalhas. Mas isso também sempre aconteceu.

- Tu sempre quiseste ser uma Templeton, não é? - indagou Kate, docemente. - Mas o Josh nunca olhou duas vezes na tua direcção. Costumávamos rir acerca disso, a Margo, a Laura e eu. Porque não acabas o teu champanhe e vais divertir-te com o teu rapaz da piscina?

Candy contraiu o rosto, mas conseguiu manter a voz calma. O seu esquema sempre fora o de dividir para conquistar. Jamais tivera qualquer êxito ao enfrentar Kate quando Margo e Laura estavam presentes. Mas sozinha... E desta vez ela tinha mais munições.

- Ouvi dizer que andas a encontrar-te com o Byron De Witt.

- Sinto-me lisonjeada por saber que te interessas pela minha vida sexual, Candy. Eu aviso-te, quando lançarmos o vídeo.

- Um homem inteligente e ambicioso como o Byron sabe das vantagens de desenvolver um relacionamento com a pupila dos Templeton. Imagina como ele poderá subir usando-te como trampolim.

Kate ficou aturdida, o que deixou Candy bastante satisfeita. Ela bebeu outro gole de champanhe, os olhos faiscando de malícia, enquanto estudava Kate por cima da borda da taça. A malícia foi substituída pelo choque quando Kate inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

- Ah, como és idiota! - Tonta de tanto rir, Kate deu alguns passos para o lado, a fim de se apoiar no balcão. - E pensar que nós achávamos que eras uma víbora venenosa... Mas durante todo este tempo não passavas de uma idiota. Achas mesmo que um homem como o Byron precisa de usar alguém?

Como as suas costelas começavam a doer, Kate respirou fundo várias vezes. Alguma coisa nos olhos de Candy alertou-a.

- Já percebi. Ele também não olhou duas vezes para ti, não foi?

- Sua vaca! - Candy bateu com a taça na mesa, antes de avançar para Kate. - Tu não serias capaz de arranjar um homem por ti própria, nem que dançasses nua diante da banda marcial dos fuzileiros. Toda a gente sabe porque é que ele anda a dormir contigo.

- Toda a gente pode pensar o que quiser. Eu vou apenas aproveitar.

- O Peter diz que ele é ambicioso de mais, capaz de fazer qualquer coisa para subir.

O interesse de Kate aumentou.

- O Peter?

- Os Templeton despediram o Peter porque a Laura se queixou do divórcio. Ficaram tão preocupados em proteger a filhinha querida, que ignoraram que o Peter é um excelente hoteleiro. Durante os anos em que trabalhou para eles, ajudou a desenvolver a rede Templeton e a torná-la o que é hoje.

- Não me venhas com essa! O Peter nunca desenvolveu qualquer coisa que não fosse o próprio ego.

- Ele vai usar o talento que tem para abrir o seu próprio hotel, muito em breve.

- com o dinheiro dos Templeton - comentou Kate, pensando em Laura e nas meninas. - É irónico.

- A Laura quis o divórcio. O Peter tinha direito a uma compensação financeira.

- Tu sabes de tudo sobre lucrar com o fim de casamentos. - Kate concluiu que a visita de Candy não fora assim tão desagradável devido à notícia tão interessante que trouxera. - Vais usar uma parte da tua pensão para investir no hotel do Ridgeway?

- O meu contabilista, que não é um ladrão, considera que é um bom investimento. - Os lábios de Candy tornaram a contrair-se. Acho que vou gostar de participar no negócio de hotelaria.

- Deves perceber alguma coisa, pois já passaste tanto tempo em hotéis e motéis... pagando à hora.

- Mas que piada que tu tens. Mantém esse sentido de humor Kate. Vais precisar. - O sorriso de Candy persistia, mas os dentes estavam preparados para a investida. - O Byron De Witt vai usar-te até alcançar o cargo que deseja. E depois não precisará mais de ti.

- Nesse caso, é melhor eu aproveitar o passeio ao máximo. Kate inclinou a cabeça para o lado. - Então estás de olho no Peter Ridgeway. Isso é fascinante.

- Encontrámo-nos várias vezes em Palm Springs e descobrimos muitos interesses comuns. - Candy alisou os cabelos. - Não te esqueças de dizer à Laura que ele continua em grande forma.

- Farei isso - prometeu Kate, enquanto Candy se encaminhava para a porta. - E dou os teus cumprimentos ao Byron. Não, nada disso. Pensando bem, dou-lhe só os meus.

Ela riu-se. Ao virar-se, a cliente mais próxima do balcão tossiu. Os olhos

da mulher desviaram-se da porta para Kate, brilhantes e cautelosos como os de um passarinho.

- Pode mostrar-me as carteiras de toilette, se não se incomoda?

- com todo o gosto! - Kate esboçou um sorriso radiante. Por algum motivo, a visita de Candy deixara-a animada. - Já é nossa cliente?

-Já, sim.

Kate tirou da prateleira três carteiras ridiculamente ornamentadas com pedras.

- Gostamos do que vendemos. Não acha estas carteiras fabulosas?

- E depois ela disse que eu tinha sorte por contar com amigos ricos para me atirarem migalhas. - Kate meteu na boca um biscoito de chocolate feito em casa. - Por isso, obrigada, já que tu és uma das minhas amigas mais ricas.

- Mas que idiota!

Margo ergueu os braços, estendida numa cadeira comprida no pátio.

- Ela também me agrediu com a história do meu pai. Margo tornou a baixar os braços, devagar.

- Sinto muito, Kate.

- Eu sabia que me atirariam com isso à cara, mais cedo ou mais tarde. Só detesto que tenha sido ela, entre todas as pessoas. E detestei ainda mais porque a Candy percebeu que me atingira em cheio. Bem que gostava que não tivesse a menor importância, Margo.

- Tudo nas pessoas que amamos tem importância. - Os olhos de Margo contraíram-se em pensamento. - Há muito que eu já devia ter voltado a ir à manicura. O dia em que a Candy vai ao salão é quarta-feira, se não me engano. Não seria divertido se a encontrasse lá?

Kate não pôde deixar de rir, imaginando o evento e o resultado.

- Espera mais duas semanas para recuperares a forma, campeã, e depois podes enfrentá-la. Eu tinha a certeza de que me sentiria melhor se viesse até cá para desabafar.

- Lembra-te disso na próxima vez em que tiveres alguma coisa a corroer-te por dentro.

- Nunca me vão perdoar, não é? Já disse que foi um erro não vos contar nada. Uma estupidez.

- Depois de repetires isso a intervalos regulares, durante um ou dois anos, talvez possamos esquecer.

- Tenho amigas tão compreensivas... Estes biscoitos estão deliciosos.

Deve ser maravilhoso ter a Annie aqui, a cozinhar e a cuidar de tudo.

- É mesmo. Nunca pensei que podíamos viver sob o mesmo tecto de novo, mesmo por um breve período. Foi maravilhoso a Laura insistir para que a mãe passasse duas semanas aqui.

- Por falar em Laura... - Kate fizera questão de procurar Margo depois do trabalho, sabendo que Laura estava ocupada de mais para uma visita ao final da tarde. - A Candy mencionou o Peter.

- E daí?

- Estranhei a maneira como ela o mencionou. Primeiro, referiu-se ao Byron e a mim.

- com licença. - Margo tirou outro biscoito. - De que maneira?

- Ela disse que o Byron é demasiado ambicioso, que me usa para se insinuar nas boas graças dos Templeton. Sabes como é, ele leva-me ao orgasmo para obter uma promoção.

- É patético. - Os olhos de Margo estreitaram-se. - Tu não acreditaste, pois não?

- Claro que não. - Kate sacudiu a cabeça. - Até podia acreditar, se fosse outro homem que não o Byron. Foi uma manobra hábil que ela tentou. Mas ele não é desse tipo. Ri da sugestão.

- Ainda bem. O que tem isso a ver com o Peter?

- Ao que tudo indica, foi dele que a Candy tirou a ideia. Pelo menos em parte. Tive a impressão de que eles se tornaram muito... íntimos.

- Que perspectiva assustadora! - Margo estremeceu teatralmente.

- Dois canalhas no mesmo saco.

- Ela queria que eu transmitisse isso à Laura. Não sei se devo.

- Não deves. A Laura não precisa disso. Se ouvir de outra pessoa, então ouviu.

Além do mais, com os antecedentes da Candy, é bem provável que a notícia já se tenha espalhado.

- Foi o que pensei. - Kate tomou o resto de seu cappuccino, admirando a vista. - Isto aqui é lindo. Nunca te disse que fizeste um trabalho maravilhoso na casa. Converteste-a num lar.

- E é o meu lar. Desde o início. - Margo sorriu. - Devo-te isso. Foste tu que me falaste sobre a casa.

- Parecia o lugar certo para ti... para ti e para o Josh. Achas que às vezes se pode dizer que uma determinada casa é o lugar em que queres viver?

- Tenho a certeza de que sim. Foi o que aconteceu com a Casa Templeton para mim. Era pequena de mais para me lembrar de qualquer coisa antes de virmos para cá, mas sempre foi um lar para mim. Como o apartamento em Milão.

Quando Margo se calou, Kate sentiu-se desconfortável.

- Desculpa. Não tinha a intenção de avivar antigas lembranças.

- Não tem importância. Eu adorava aquele apartamento. Tudo nele. Também foi um lar para mim. E era o lugar certo na ocasião. Margo encolheu os ombros. - Se as coisas continuassem como eram, ainda seria. Mas tudo mudou. E eu mudei. Depois, veio a loja.

Ela sorriu, empertigando-se na cadeira.

- Lembras-te como fiquei encantada com aquele prédio enorme e vazio, enquanto tu e a Laura reviravam os olhos, especulando se deviam levar-me embora numa camisa-de- forças?

- Tresandava a marijuana e teias de aranha.

- E eu adorei. Sabia que podia transformar o prédio numa coisa especial. E consegui.

Margo fez uma pausa, com os olhos a faiscar, enquanto olhava para os penhascos.

- Talvez o parto me tenha deixado filosófica, mas não me é difícil dizer que precisava tornar a loja uma coisa especial. E não seria capaz sem ti e a Laura. Deixa-me ser sentimental por um momento. Ela fez a ressalva à careta de Kate. - Tenho esse direito. Comecei a pensar que as coisas andam em círculo se as deixarmos. Entrámos juntas nesta, através de circunstâncias diferentes. Mas estamos juntas. Sempre estivemos. E é isso que importa.

- Tens toda a razão.

Kate levantou-se, foi até à beira do pátio, onde o relvado começava, com flores de cores variadas desabrochando por toda a parte. O céu de Outono ainda exibia um azul brilhante, estendendo-se pelo mar ondulado.

Aquela casa era um lar, pensou ela. Não o seu, embora se sentisse à vontade ali, tanto quanto na Casa Templeton. Preocupava-a ter-se apaixonado pelo cipreste torto, as trepadeiras floridas, a madeira e o vidro de uma casa na Seventeen Mile que não era a sua.

- O meu lar sempre foi a Casa Templeton. - Ela projectou uma imagem de torres e pedras, em vez dos terraços e janelas largas em vários níveis. - A vista do meu quarto, o cheiro do soalho encerado. Nunca me senti assim em

relação ao meu apartamento na cidade. Era um lugar conveniente para passar a noite.

- Vais mantê-lo? Surpreendida, Kate virou-se.

- Claro. Porque não?

- Já que estás instalada na casa do Byron, pensei...

- Não estou instalada - protestou Kate. - Nem a viver lá. Apenas... durmo na casa dele de vez em quando. O que é muito diferente.

- Se preferes assim... - Margo inclinou a cabeça para o lado. O que te preocupa nele, Kate?

- Nada... - Respirando fundo, ela deu uma volta e sentou-se. Eu ia perguntar-te... já que és especialista nessas questões.

Margo esperou, tamborilando com os dedos no braço da cadeira.

- E então?

- Muito bem, vou tentar explicar. - Ela fitou Margo nos olhos, para tentar perceber qualquer reacção. - Uma pessoa pode tornar-se viciada em sexo?

- Claro que pode. Se se faz da maneira correcta. - Os olhos de Margo continuaram impassíveis, mas os cantos dos lábios contraíram-se para cima. - E posso apostar que o Byron sabe como fazer.

- Ganhaste a aposta.

- E ainda te queixas...

- Não me estou a queixar. É só que... Não posso dizer que nunca fiz sexo antes. Mas nunca senti tanto apetite quanto pareço ter agora. com ele. - Kate revirou os olhos e riu-se de si mesma. - Cinco minutos com ele, Margo, e tenho vontade de mordê-lo.

- E uma vez que gostas do sabor dele qual é o problema?

- Tenho especulado se não é possível tornarmo-nos dependentes de certos aspectos.

- De um sexo maravilhoso?

- Isso mesmo. Depois as pessoas mudam, seguem adiante.

- Às vezes, sim. - Margo pensou em si e no Josh e sorriu. - As vezes, não.

- Às vezes, sim - repetiu Kate. - A Candy fez-me pensar...

- Ora, Kate, por favor! Disseste que não acreditaste no que ela disse.

- Sobre o Byron estar a usar-me? Claro que não. Mas fez-me pensar na nossa relação. Se é uma relação. Não temos nada em comum além do sexo.

com um longo suspiro, Margo recostou-se na cadeira e tirou outro biscoito.

- O que vocês fazem quando não estão ocupados a sacudir-se em arroubos de paixão?

- Muito engraçado... Fazemos coisas.

- Por exemplo?

- Não sei... Ouvimos música.

- Gostam da mesma música?

- Claro. Quem não gosta de rock 'n' roll? Às vezes vemos filmes. O Byron tem uma coleção incrível de filmes a preto e branco.

- Aqueles filmes antigos de que tu tanto gostas?

- Esses mesmos. Passeamos pela praia, ou ele obriga-me a fazer exercício. É exigente nesse aspecto. - Mais do que satisfeita, Kate flexionou o bíceps. - Já começo a ter uma definição.

- Mas nunca conversam, não é?

- Claro que conversamos. Sobre trabalho, família, comida. Ele preocupa-se com a nutrição.

- Sempre um assunto sério, não é?

- Não. Até que nos divertimos. Rimos muito. E brincamos com os cães, ou o Byron vai trabalhar num dos seus carros e fico a observá-lo. Sabes como é... fazemos coisas.

- Deixa-me ver se percebi bem. Gostam da mesma música, do mesmo tipo de filmes, o que significa que se divertem juntos. Gostam de passear na praia e de exercício físico, partilham uma afeição por dois rafeiros. - Margo balançou a cabeça. - Posso compreender o problema. Além do sexo, vocês são como um casal de estranhos. Larga-o agora, Kate, antes que a situação se torne insuportável.

- Eu devia saber que transformarias tudo numa piada.

- Tu és a piada. Prestaste atenção à tua atitude? Tens um homem sensacional, uma relação maravilhosa e satisfatória, que inclui um sexo espectacular e interesses comuns, mas sentas-te aqui à procura de problemas.

- Se conseguir descobri-los antes que surjam, posso arranjar uma forma de contorná-los.

- Isto não é uma auditoria, Kate, mas um caso de amor. Relaxa e aproveita.

- Estou relaxada. De um modo geral. Quase. - Kate encolheu os ombros.

- Mas tenho uma porção de coisas na cabeça.:

Ela fez uma pausa, reflectindo que talvez fosse o momento oportuno para falar do convite da Bittle.

- Há ainda alguns... ajustamentos iminentes... Kate parou de falar quando Ann saiu para o pátio com o bebé.

- O homenzinho acordou com fome. Já lhe troquei a fralda. Ann levou a criança para os braços estendidos de Margo. - E vesti-lhe uma roupa nova. É um menino maravilhoso.

- Não é lindo? - Enquanto Margo o ajeitava, J. T. sentiu o cheiro da mãe e emitiu um grito, pedindo o jantar. - E torna-se ainda mais de cada vez que o vejo. Igualzinho a um homem, mal pode esperar que uma mulher abra a blusa. Pronto, querido.

O bebé acomodou-se feliz no seio, com os punhos cerrados e os olhos azuis fixos nos da mãe.

- Ele já aumentou quase dois quilos - informou Margo.

- A esse ritmo, estará preparado para disputar o título de peso pesado dentro de uma semana. - Encantada, Kate foi sentar-se na beira da cadeira, para afagar a cabeça coberta de penugem. - Ele tem os teus olhos e as orelhas do Josh. E como cheira bem!

Ela sentiu a fragrância de pó de talco e leite do bebé, e decidiu que falaria de trabalho noutra ocasião.

- Quero pegá-lo ao colo quando acabares, Margo.

- Vai ficar para jantar, menina Kate. - Ann pôs as mãos nas costas de Kate, para endireitá-la. - O menino Josh tem uma reunião até tarde no hotel. Pode fazer-nos companhia. Depois, pega no bebé ao colo o tempo que quiser.

- Ah... - Kate passou a ponta do dedo pela curva do rosto de J. T.

- Já que insistem tanto, eu fico.

A Suíte Bay do Templeton Monterey era decorada com extrema elegância. As mesas laqueadas em preto sustentavam enormes vasos de porcelana, cheios de flores exóticas. Um sofá curvo em brocado azul tinha várias almofadas, reproduzindo os tons de um tapete oriental estendido no chão. As cortinas junto às portas de vidro estavam abertas para permitir a passagem das cores gloriosas do sol, que mergulhava lentamente no mar.

A mesa na área de jantar era do tamanho de uma mesa de reuniões, com cadeiras estofadas e de espaldar alto. O jantar foi servido em porcelana branca, acompanhado por um Fume Blanc dos vinhedos Templeton.

A reunião podia ter-se realizado na Casa Templeton, mas Thomas e Susan consideravam-na agora o lar de Laura. E aquele encontro, por mais agradável que fosse, era de trabalho.

- Se há um problema no hotel em Beverly Hills, é o serviço de quarto. - Byron olhou para as anotações ao lado do seu prato. - As queixas são as de sempre... a demora na entrega, a troca de pedidos. A cozinha funciona bem como um todo. O chef é...

- Temperamental - sugeriu Susan, com um sorriso.

- Na verdade, eu ia a dizer assustador. Sei que ele me apavorou. Talvez tenha sido o facto de receber uma ordem para sair de um homem enorme, com um sotaque de Brooklyn e um cutelo na mão, mas senti um momento de pânico.

- E saíste? - perguntou Thomas.

- Argumentei com ele... de uma distância segura. E disse-lhe, com toda a sinceridade, que fazia as melhores coquilles St. Jacques que já tive o privilégio de saborear.

- Isso acontece há muito tempo com o Max - comentou Josh. Pelo que me lembro, os chefs auxiliares trabalham como máquinas.

- Nem podia ser de outra forma, pois todos têm pavor dele. Sorrindo, Byron experimentou o seu frango com estragão. - O problema não parece estar na preparação, mas sim na entrega. Claro que há momentos em que tanto a cozinha quanto o serviço ficam demasiado ocupados. Mas não tenho a menor dúvida de que o serviço anda muito relaxado.

- Sugestões?

- Eu recomendaria a transferência da Helen Pringle para o hotel de Beverly Hills, se ela concordar, para um cargo executivo. É uma mulher experiente e eficiente. Sentiríamos a sua falta aqui, é claro, mas creio que ela resolveria o problema lá. E seria com certeza a minha primeira indicação para promoção.

-Josh?

Thomas olhou para o filho, à espera de uma confirmação.

- Concordo. Ela teve uma prestação irrepreensível como assistente da gerência.

- Podes convidá-la. - Susan pegou no seu copo de vinho. - com o aumento apropriado no salário e benefícios.

- Combinado. Acho que isso encerra a parte de Beverly Hills. Byron

folheou as suas anotações. São Francisco já fora tratado.

San Diego exigia uma inspecção pessoal, mas não apresentava uma necessidade imediata de discussão.

- Temos um pequeno problema aqui, na casa-mãe. - Byron coçou a cabeça. - A manutenção gostaria de novas máquinas de venda automática.

Thomas franziu a testa, enquanto concluía o seu salmão.

- O que é que a manutenção tem a ver com as máquinas de venda automática?

- Houve um problema com a canalização no sexto andar. Sabotagem de um menino de três anos que decidiu afogar o seu boneco dos Power Rangers na sanita. Uma terrível confusão. Tive de descer para acalmar os pais.

E terminara por mandá-los para a piscina no andar superior, enquanto ajudava o canalizador a acabar com a inundação. Mas isso era irrelevante.

- Supervisionei a reparação. A questão das máquinas automáticas surgiu na conversa. Todos querem o regresso dos alimentos que fazem mal. Há cerca de dois anos, pelo que me contaram, as barras de chocolate e os pacotes de batatas fritas foram substituídos por maçãs e biscoitos sem gordura. E acho que há algum ressentimento pela interferência da administração nas suas opções pessoais.

- Deve ter sido uma medida do Ridgeway - comentou Josh.

Susan levou o guardanapo aos lábios para disfarçar o sorriso. Projectou a imagem de Byron, elegante no seu fato feito por medida e sapatos bem engraxados, chapinhando na água e ouvindo as queixas de um canalizador sobre o que podia comprar para o seu lanche.

- Recomendação?

- Mantenha-os felizes. - Byron encolheu os ombros. - Vamos deixá-los comer todos os Milky Ways que quiserem.

- Concordo - disse Thomas. - E esse é o maior problema com o pessoal aqui no Templeton Monterey?

- Só temos mais as dificuldades habituais, nada que não seja típico do dia-a-dia. Houve também a mulher que morreu no oitocentos e três.

Josh fez uma careta.

- Detesto quando isso acontece.

- Enfarte. Morreu durante o sono. Tinha oitenta e cinco anos, levou uma vida movimentada. Pregou um enorme susto à empregada dos quartos.

- Quanto tempo foi necessário para acalmá-la? - perguntou Susan.

- Depois de a apanharmos? Ela saiu pelo corredor aos gritos. Cerca de uma hora.

Thomas serviu-se de vinho e ergueu o copo.

- É um alívio para mim e para a Susie saber que a Califórnia está em boas mãos. Algumas pessoas acham que dirigir um hotel significa estar sentado num escritório luxuoso e despachar papéis... ou pessoas... de um lado para o outro.

- Ora, Tommy... - Susan afagou o braço do marido. - O Peter já não é problema nosso. Agora podemos detestá-lo por motivos estritamente pessoais.

Ela fez uma pausa, oferecendo um sorriso radiante a Byron.

- Mas eu concordo. Voltaremos a França no final da semana sabendo que tudo vai muito bem por aqui. - Susan inclinou a cabeça para o lado. - Em termos profissionais e pessoais.

- Obrigado.

- A nossa Kate parece muito feliz - interveio Thomas. - Saudável e em boa forma. Vocês já fizeram planos?

- É agora... - com um sorriso, Josh recostou-se e sacudiu a cabeça. - Desculpa, By. vou só ficar para aqui sentado a ver-te a balançar na corda bamba.

- É uma pergunta razoável - insistiu Thomas. - Sei quais são as perspectivas do homem. Agora, quero saber quais são as suas intenções.

- Tommy, a Kate já é uma mulher adulta - protestou Susan, paciente.

- Ela é a minha menina. - Ele franziu o rosto, empurrando o prato para o lado. - Deixei a Laura fazer o que queria, e vejam o resultado.

- Não vou magoá-la. - Byron não se sentia ofendido com a pergunta, como se poderia esperar. Afinal, fora criado na velha escola, em que o interesse e a interferência da família andavam de mãos dadas. - Ela é muito importante para mim.

- Importante? - repetiu Thomas. - Uma boa noite de sono também é importante.

Susan suspirou.

- Come a tua sobremesa, Thomas. Sei que adoras tiramisu. Trabalhar para a organização Templeton não o obriga a responder a perguntas pessoais, Byron. Não lhe ligue.

- Não estou a perguntar como patrão, mas sim como pai da Kate.

- Nesse caso, responderei de bom grado. Ela tornou-se uma parte destacada da minha vida. A minha intenção é casar com ela.

Como ele próprio ainda não compreendera isso até àquele momento, Byron ficou calado, olhando para o seu copo, de rosto franzido.

- Isso é ótimo!

Tremendamente satisfeito, Thomas bateu com a mão na mesa.

- Ela ainda não sabe - murmurou Byron, suspirando. - Agradecia se me deixasse lidar com a sua Kate à minha maneira. Ainda não sei como vou fazer.

- vou tirar o Thomas do seu caminho dentro de poucos dias garantiu Susan a Byron. - Ele ficará a dez mil quilómetros de distância.

Thomas espetou o garfo no bolo cremoso.

- Mas eu voltarei - advertiu ele Byron, com um sorriso feliz.

"Afim, sou um homem metódico", lembrou Byron a si mesmo, quando entrou em casa. Sabia como tratar de problemas delicados. com toda a certeza, seria capaz de lidar com um problema tão simples como pedir em casamento a mulher que amava.

"A Kate não gostaria de nada rebuscado", reflectiu ele. Não aceitaria a rotina de se ajoelhar para o pedido. Ainda bem. Ela preferiria o método simples e directo. "Tudo depende do método", pensou Byron, afrouxando a gravata.

Não formularia o pedido como uma pergunta. Iniciar com alguma coisa como "tu queres" daria margem para que a resposta fosse não. Era melhor apresentar o pedido como uma declaração, e mantê-lo bem curto. Porque se tratava de Kate, no fim de contas. E seria prudente, porque se tratava de Kate, ter pronta uma lista de motivos racionais para demonstrar que era sensato.

Ele bem que gostaria de pensar em algum, um único que fosse.

Já tirara os sapatos quando percebeu que havia alguma coisa errada. Levou outro momento para descobrir o que era. Havia silêncio. E os cães desatavam sempre a ladrar quando ele parava o carro. O que não acontecera agora. Em pânico, Byron correu para a porta do varandim e abriu-a. Os cães não estavam lá.

Ele chamou, assobiou, desceu os degraus para verificar a cerca que os mantinha no quintal. A sua mente frenética agitava-se com a possibilidade de sequestradores de cães, lembrando as notícias de jornais sobre animais de estimação vendidos para experiências.

O primeiro latido feliz deixou-o com as pernas bambas. "Os cães encontraram algum meio de passar pelo portão", pensou ele, enquanto se encaminhava para os degraus que desciam até à praia. Nada mais do que isso. Tinham fugido e foram correr sozinhos. Teria uma boa conversa com os dois.

Os cães apareceram no alto da escada, correndo, abanando os rabos em feliz devoção. Saltaram para cima dele, lambendo-o e contorcendo-se, no prazer que sempre demonstravam pelo seu regresso, quer a ausência tivesse sido de horas ou de apenas alguns minutos para ir comprar leite.

- Vocês estão de castigo. Os dois. Não lhes disse para ficarem no quintal? Podem esquecer a perspectiva de roer aqueles ossos de presunto que eu trouxe da cozinha do hotel. Não, não tentem fazer as pazes. - Byron riu quando eles ergueram as patas para um aperto. Vão ficar de castigo.

- É uma boa lição. - Kate subiu o último degrau e parou à frente dele, sorrindo, ao luar. - Mas a culpa foi minha. Pedi que me acompanhassem até à praia. Como cavalheiros bem-educados, não podiam recusar.

- Fiquei preocupado com eles.

Byron não conseguia deixar de fitá-la com espanto. Kate estava parada, ao vento, um pouco ofegante da subida. Como se atendesse ao seu desejo.

- Desculpa. Devíamos ter deixado um bilhete.

- Não esperava ver-te esta noite.

- Eu sei. - Contrafeita agora, como sempre acontecia depois de seguir um impulso, Kate enfiou as mãos nos bolsos. - Fui à casa da Margo depois de fechar a loja, jantei lá e estive a brincar com o bebé. Ele engordou quase dois quilos.

- Eu já sabia. O Josh contou-me. Ele tem fotos. Cerca de seis dúzias.

- Tive de assistir a vídeos. E adorei. Comecei a voltar para o meu apartamento. - Vazio, insípido, inóspito. - E terminei vindo para cá. Espero que não te importes.

- Eu importar-me?

Byron abraçou-a, lentamente. Puxou-a para o seu peito, pouco a pouco. Por um longo momento, os seus olhos fixaram-se nos de Kate. A boca roçou a dela, recuou. Tornou a roçar, mudou de ângulo. E depois os lábios comprimiram-se contra os de Kate, apertando-os, entreabrindo-os. Suave e profundo, o beijo fê-la estremecer. Kate manteve as mãos nos bolsos, fraca de mais para qualquer movimento. Os músculos das suas coxas tornaram-se frouxos, os joelhos vergaram. Quando Byron se afastou, ela seria capaz de

jurar que via estrelas ofuscando-a.

-Ah...

Kate não pôde dizer nada, porque ele continuou a beijá-la, daquela mesma maneira, atordoante, irresistível, deliciosa. Era como se tivessem toda a eternidade para ficar ali, envoltos pela brisa que soprava do mar e por uma suave paixão.

Ela ofegou quando Byron afastou a boca. Os olhos dele estavam tão perto, tão claros, que Kate podia ver-se reflectida ali, prisioneira. O que a fez recuar um passo, em sobressalto, e ensaiar um sorriso casual.

- Creio que posso dizer, adivinhando, que não te importas.

- Quero-te aqui. - Ele pegou nas mãos de Kate, ergueu-as para beijá-las, uma de cada vez. Sempre fitando-a nos olhos. - E quero-te como mulher.

Byron percebeu que ela tentava recuperar-se, que fazia um esforço para pôr os pés no chão outra vez. Ele não tencionava deixar que ela o fizesse.

- Vamos entrar - murmurou ele, puxando-a. - vou mostrar-te o quanto te desejo.

CAPÍTULO 19

DIAS depois, Kate ainda lá continuava.

A ideia de Byron de uma pausa no treino com pesos era uma corrida de cinco quilómetros na praia. Era difícil para uma mulher cuja ideia de um início de manhã sempre fora duas chávenas de café, bem forte e bem quente, ajustar-se ao conceito de correr ao amanhecer.

Kate disse a si própria que era a experiência que importava. E, ainda mais importante, os waffles que Byron prometera se ela cumprisse à risca o programa.

- Então gostas realmente disto - balbuciou ela, ofegante, enquanto tentava concentrar-se no seu ritmo.

- É viciante. - Byron continha-se ao ritmo de tartaruga para acompanhá-la, ao mesmo tempo que admirava a maneira como as pernas de Kate se projectavam dos calções largos. - Vais ver só.

- Não tens a menor possibilidade. Só o que é pecado vicia. Café, tabaco, chocolate. Sexo. As coisas saudáveis nunca viciam.

- Sexo é uma coisa saudável.

- É saudável, mas um pecado... um pecado agradável.

Ela olhou para os cães, que corriam à beira de água, volta e meia sacudindo-se, de tal maneira que pequenos projecteis de água disparavam para todos os lados, faiscando ao sol cada vez mais forte.

Kate reflectiu que havia alguma coisa atraente no amanhecer. A luz era de uma beleza espectacular; as fragrâncias, renovadas a tal ponto que tudo parecia irreal. O ar era tão fresco que chegava a ser estimulante.

Ela tinha de admitir que os seus músculos ficavam relaxados. Lubrificados, de certa forma, como se o seu corpo estivesse a tornar-se uma máquina em perfeita sintonia. Sentia-se insensata ao pensar que aceitara permanecer indisposta por tanto tempo, apenas porque achava que dava muito trabalho mudar.

- Onde corrias em Atlanta? Lá não há praia.

- Temos parques. E corria em pista coberta quando chovia.

- Sentes saudades?

- De algumas coisas. Como as magnólias. O som de vozes a falar devagar. A minha família.

- Eu nunca viveria em qualquer outro lugar que não aqui. Nunca haveria

de querer. Gostei de fazer a faculdade no Leste, de ver a neve, a geada nas janelas, o aspecto das folhas na Nova Inglaterra em Outubro. Mas sempre desejei voltar para cá.

Kate avistou os degraus que subiam para a casa à distância. As suas pernas doridas quase que aplaudiram.

- A Margo já morou numa série de locais, e a Laura viajou muito mais do que eu.

- Gostavas de conhecer algum lugar?

- Nenhum em particular... talvez Bora Bora.

- Bora Bora?

- Fiz um estudo sobre a ilha na escola secundária. Um trabalho de Geografia. Achei que devia ser um lugar maravilhoso. Um dos lugares para onde eu iria quando tirasse férias a sério. Aquelas férias apenas para relaxar, sem fazer nada. Ah, graças a Deus! - Kate deixou-se cair na areia, diante dos degraus. - Consegui!

- E vais ficar com câibras se não continuares a movimentar-te. Sem qualquer compaixão, Byron levantou-a. - Basta andares. Tens de esfriar os músculos. Porque é que nunca foste a Bora Bora?

Ela deu apenas três passos, depois curvou-se pela cintura para respirar.

- Ora, Byron, pessoas de verdade não vão a Bora Bora. É apenas um sonho. Achas que correr pode deslocar órgãos internos?

-Não.

- Eu tinha a certeza de estar a ouvir os meus ovários a chocalhar. Ele ficou um pouco embaraçado.

- Por favor, Kate...

Byron estendeu-lhe a garrafa com água que enterrara na areia, ao lado da escada. Assobiou para os cães, antes de começar a subir com Kate.

- Normalmente, eu só estaria a acordar agora, tropeçando até à cozinha, onde a cafeteira automática já fizera o café. Sairia de casa às oito e vinte e cinco, chegaria ao escritório às oito e quarenta e cinco. Poria a cafeteira a funcionar, e às oito e cinquenta e cinco sentar-me-ia à secretária com uma chávena de café.

- E tomarias a primeira pastilha de antiácido às nove e cinquenta e cinco.

- Não era tão mau assim. - Kate ficou calada, enquanto passavam dos degraus para o relvado, encaminhando-se para casa. Os cães dispararam como uma seta pelo portão aberto, e foram verificar as suas tigelas, na

expectativa da primeira refeição do dia. - Ainda não tive a oportunidade de contar à Margo e à Laura sobre o meu regresso à Bittle.

Byron foi à despensa buscar o saco de dez quilos de ração para cães.

- Não tiveste oportunidade?

- Está bem... não encontrei a maneira certa. - Ela mudou de posição, constrangida, enquanto a ração caía nas tigelas de plástico.

- Tenho a sensação de que vou decepcioná-las. Sei que não tenho razão. Sei que elas não se sentirão assim. Vão compreender que é o caminho certo para mim.

Byron guardou o saco da ração e fez sinal para os cães começarem a comer.

- Achas?

- Claro que é. - Kate empurrou os cabelos para trás. - Como podes falar assim? Foi para isso que estudei, o objectivo pelo qual trabalhei tanto. O que sempre desejei.

- Então está certo.

Ele deu uma palmada cordial no traseiro de Kate e entrou em casa.

- O que estás a querer dizer com isso? "Então está certo"? - Ela entrou atrás dele, carrancuda. - vou ser sócia, com toda a pompa do cargo. Por merecimento.

- Claro.

Por uma questão de hábito, Byron começou a subir a escada, a caminho do chuveiro. Ela foi atrás.

- Mereci mesmo. Toda aquela história dos documentos alterados está prestes a ser esclarecida. De qualquer forma, declararam-me inocente. O resto é problema do detective Kusack. E problema da firma. Terei mais controlo sobre o que for feito, assim que me tornar sócia.

- Estás preocupada com isso?

- Preocupada com o quê?

Ele tirou a T-shirt, atirando-a para o cesto da roupa suja.

- Em esclarecer as discrepâncias nos formulários.

- Claro que estou.

- Porque não insististe no assunto?

- É que eu... - Kate parou de falar quando ele abriu o chuveiro e entrou. - Andei muito ocupada. De qualquer forma, não havia muita coisa que eu pudesse fazer. E, com a Margo grávida, o leilão e a Laura a encarregar-me de

resolver todos os pormenores do seu desfile de moda, não me sobrou tempo.

- Está certo.

- Isso não significa que não tenha importância. - Irritada, ela despiu-se e entrou para o compartimento do chuveiro. - Significa apenas que eu tinha outras prioridades. Tudo aconteceu ao mesmo tempo há duas semanas. A descoberta das falsificações, a proposta, o bebé. Não parecia justo dizer à Margo e à Laura que teria de reduzir o meu tempo na loja, no momento em que a Margo é obrigada a parar de trabalhar. E, até ao meu regresso à Bittle, não sei o que posso fazer para descobrir quem tentou prejudicar-me a mim e à firma. Mas, assim que eu estiver lá, podes apostar que vou descobrir quem me incriminou.

- Faz sentido.

- Claro que faz sentido. - Irritada sem qualquer motivo que pudesse definir, Kate estendeu a cabeça para baixo do chuveiro. Assim como faz sentido para mim aceitar o convite. É o caminho mais prático.

- Tens razão. É sem dúvida o mais prático. A Pretenses é um investimento. A Bittle é a tua carreira.

- Isso mesmo. - Em vez de se acalmar com a concordância de Byron, ela sentiu-se ainda mais irritada. - Então sobre o que é que estamos a discutir?

- Não tenho a menor ideia.

Byron deu-lhe um beijo distraído no ombro e saiu do compartimento.

- vou preparar o pequeno-almoço - avisou ele.

Ele ria enquanto descia a escada. Era tão fácil ver através de Kate quanto de uma cerca de arame.

Kate trabalhou com Laura durante toda a manhã. Decidira que na primeira folga no movimento da loja se sentaria ao pé de Laura e explicar-lhe-ia os seus planos. Claro que continuava a tratar da contabilidade da loja. Uma ou outra noite por semana, domingos ocasionais... seria o suficiente para tratar da programação financeira da Pretenses. Como sócia, ficaria muito ocupada na Bittle, mas também teria condições de delegar boa parte do trabalho manual, que se acostumara a realizar.

Teria mais liberdade de acção. E também, é claro, mais influência. A sua agenda ficaria cheia, mas isso não seria novidade. O trabalho na loja mantivera-a ocupada, mas também lhe proporcionara muito tempo livre, que a rigor não era necessário.

Kate disse para si que se sentiria contente por ter as suas horas

novamente organizadas. Era assim que gostava.

E ficaria muito satisfeita por já não ser obrigada a conversar com estranhos. Não ter de dar opiniões sobre moda, nem participar de decisões sobre presentes. Seria um alívio sentar-se diante do seu computador e não ter de falar com ninguém durante horas a fio.

- A minha irmã vai ficar feliz com o presente - comentou uma cliente, enquanto Kate tirava a etiqueta de uma túnica de caxemira coral.

- Espero que sim.

- Tenho a certeza. Esta é a loja preferida dela. E a minha também.

- A mulher olhou radiante para os diversos artigos escolhidos que pusera sobre o balcão. - Não sei como é que me arranjava antes de abrirem a loja. Vejam só como adiantei as minhas compras de Natal!

- É sempre bom começar cedo. - Kate piscou os olhos para recuperar a nitidez. - Posso apostar que toda a gente vai ficar satisfeita.

- A minha mãe nunca compraria algo tão fútil quanto isto. A mulher passou um dedo pelas linhas delicadas de um Pégaso de cristal. - É para isso que os presentes servem. E onde conseguiria encontrar um antigo relógio de bolso para o meu pai, caxemira para a minha irmã, botões de safira para a minha filha, um cavalo alado de cristal para a minha mãe e um par de sabrinas Ferragamo de camurça azul-marinha para mim?

- Só na Pretenses.

Kate sentiu o seu ânimo melhorar com a jovialidade exuberante da mulher. A cliente riu-se e deu um passo para trás.

- Vocês têm aqui um lugar maravilhoso. Pode embrulhar tudo para oferta, menos os sapatos! Acho que vou dar mais uma olhadela pela loja, pois posso ter deixado escapar alguma coisa que devesse comprar.

- Não se apresse.

Kate, sorrindo, começou a embrulhar as compras. Descobriu-se a cantarolar, enquanto ajeitava o relógio de bolso numa camada de algodão. Ora, o que havia de errado em cantarolar? Claro que não era um problema gostar do seu trabalho, mesmo que não fosse no campo escolhido. Um emprego com carácter temporário era como divertir-se enquanto fingia que trabalhava.

Ela levantou os olhos quando Laura desceu do segundo andar, pela escada em caracol, conversando com uma cliente.

- Sei que a Margo escolheu esta peça numa viagem de compras a

Londres no ano passado, sr.a Quint.

- Chame-me Patsy, por favor. Faço compras aqui com tanta frequência, que sinto que somos velhas amigas. E isto é exactamente o que eu andava à procura.

Ela olhou exultante para o estojo de escrita antiga que Laura pusera no balcão, antes de acrescentar:

- Mas também encontro sempre aqui o que procuro. É por isso que visito a loja com tanta frequência. - A mulher riu-se e depois viu o cavalo de cristal.

-Ah, que coisa linda! Fascinante! Alguém chegou primeiro!

- Fui eu. - A primeira cliente virou-se e sorriu. - Não é uma beleza?

- Um cavalo magnífico. - A mulher olhou para Laura. - Tem alguma outra coisa parecida?

- Penso que temos um dragão alado... Baccarat, que ainda não pusemos na prateleira. Kate?

- Está na arrecadação, com o preço fixado, mas sem etiqueta. vou procurá-lo assim que acabar aqui.

- Podes deixar, que eu procuro. Se não se importa de esperar um pouco.

- Claro que não me importo. Quer saber de uma coisa? Até o meu marido gosta de vir aqui - confidenciou Patsy a Kate, enquanto Laura ia para a arrecadação nos fundos. - O que não é pouca coisa, tendo em consideração que é preciso uma grande batalha para fazê-lo parar e comprar uma lata de ervilhas. Embora eu tenha a impressão de que ele gosta de vir aqui apreciar as raparigas bonitas.

- Estamos aqui para agradar.

Kate pôs um selo dourado no papel de seda com que embrulhara a túnica de caxemira.

- Este estojo de maquilhagem aqui. - A primeira cliente bateu com os dedos no vidro. - Em forma de coração. Acho que a minha cunhada vai adorar.

- Já vou buscá-lo.

Enquanto as duas clientes conversavam sobre o estojo, Kate embrulhou e guardou numa caixa o cavalo alado. Houve novos comentários quando Laura trouxe o dragão alado. Um momento depois, a porta abriu-se, e todas suspiraram de admiração.

- Mas que bebé lindo! - exclamou Patsy. - Um verdadeiro anjo!

- Não é? - Margo virou o carrinho de bebé para mostrar melhor o filho. -

Ele já tem dezassete dias.

Os negócios pararam, como era necessário para todas admirarem os dedos e o nariz do bebê, como os seus olhos eram brilhantes e alerta. Quando Kate trouxe o berço da sala dos fundos e John Thomas foi lá instalado, as mulheres já se tinham unido em torno do bebê.

- Devias ter-me chamado se querias sair - repreendeu Laura. Eu ia buscar-te.

- A mãe trouxe-me. Ela queria fazer compras. Acho que o seu plano é encher a minha despensa de tal forma, que teremos provisões, mesmo que eu passe um ano trancada em casa. - Margo sentou-se numa cadeira, ao lado do berço. - Ah, que saudades tenho sentido da loja! Como vão os negócios?

- Queres saber das duas que acabaram de sair? - indagou Kate, servindo o chá.

- A caminho do almoço? Isso mesmo.

- Elas tornaram-se grandes amigas há cerca de quinze minutos, conversando sobre animais míticos de cristal. Foi bastante divertido.

- É a primeira vez que a loja fica vazia desde que abrimos esta manhã - acrescentou Laura. - Estamos a receber muitas pessoas que costumam fazer as compras de Natal por volta do Dia de Acção de Graças.

- E pensar que eu detestava gente assim... - Margo suspirou. Falei com o meu médico. Ele diz que, se eu passar a maior parte do tempo sentada atrás do balcão, posso começar com umas horas por dia, a partir da próxima semana.

- Não há necessidade de pressa - protestou Kate. - Estamos a tratar de tudo muito bem.

- Não gosto de ficar de fora. E posso trazer o J. T. Os bebês deixam as clientes atordoadas, capazes de comprarem qualquer coisa.

- Pensei que ias entrevistar umas.

- E vou. - Margo inclinou-se sobre o filho, ajustando a manta. Muito em breve.

- Ela não quer partilhar - murmurou Laura. - Sei o que é isso. Quando a Ali nasceu...

Ela parou de falar à entrada de três clientes.

- Eu atendo - ofereceu Kate. - E vocês as duas podem continuar na vossa conversa maternal.

Durante os vinte minutos seguintes, ela mostrou a uma cliente todos os

brincos de diamantes que havia na loja, enquanto a segunda revirava o bricabraque e a terceira arrulhava para um J. T. adormecido.

Kate serviu chá, salvou um marido desesperado com um presente de aniversário de casamento comprado no último minuto, tornou a pendurar as roupas que as clientes deixaram na sala do guarda-roupa.

Voltou à sala principal, balançando a cabeça, desolada pela maneira como as pessoas tratavam a seda. Novas clientes olhavam para os artigos, no meio de um zumbido de vozes femininas. Alguém acendera um abajur art deco para testar o efeito, e uma suave luz dourada tremeluziu no canto. Margo ria com uma cliente, Laura erguia-se nas pontas dos pés para pegar numa caixa. E o bebé dormia.

"É, de facto, um lugar maravilhoso", pensou Kate subitamente. Como uma arca do tesouro mágica, oferecendo o sublime e o ridículo. Fabricada pelas três. Por desespero, por uma questão prática e, acima de tudo, por amizade.

E era estranho que ela já o tivesse considerado como um negócio a ser medido em termos de lucros e perdas, despesas gerais e receita bruta. E ainda mais estranho que não tivesse percebido até àquele momento como se sentia feliz por fazer parte de uma coisa tão arriscada, tão ridícula, tão divertida.

Ela dirigiu-se a Laura.

- Tenho um encontro de que me tinha esquecido. Podes aguentar tudo por aqui até eu voltar? Devo demorar cerca de uma hora.

- Claro. Mas...

- Não será mais do que isso. - Kate pegou na mala que estava atrás do balcão, antes que Laura pudesse fazer alguma pergunta. Até já.

Kate saiu da loja.

- Para onde foi ela? - perguntou Margo.

- Não sei. Disse apenas que não vai demorar-se. - Preocupada, Laura olhou para Kate através da montra. - Espero que ela esteja bem.

Kate não tinha certeza de que estava. Era um teste, disse para si. Voltar à Bittle, avaliar os seus sentimentos. A sua reacção seria um teste.

O átrio era familiar, até confortável, com as suas cores discretas e móveis sóbrios. Cromados e couro, tudo eficiente, de limpeza fácil, destacavam-se na área de espera, com pilhas de exemplares da Money, Time e Newsweek à disposição dos clientes.

A recepcionista esboçou um sorriso rápido e um pouco embaraçado. Ela

subiu a escada, como era seu hábito, e atravessou o primeiro andar. "Também não há aqui qualquer diversão", pensou Kate. Funcionários e operadores de computador muito compenetrados, ocupados como abelhas, de olhos postos no seu trabalho. Um dos funcionários da sala de correspondência empurrava o seu carrinho, distribuindo o que chegara no início da tarde. O faxo de alguém zumbia.

No segundo andar, o ruído do trabalho continuava. Gestores de contas empenhavam-se na rotina diária, nos seus gabinetes particulares. Os telefones não paravam de tocar, lembrando a Kate que estavam no meio do último trimestre do ano. Os clientes começavam a pedir conselhos sobre a maneira de obter mais deduções, como adiar receitas para o ano fiscal seguinte, quanto deveriam precisar para as contribuições para os planos de pensão colectivos e individuais.

"É verdade que pelo menos o dobro dos clientes espera até à última semana de Dezembro para telefonar em pânico", reflectiu Kate. O que tornava o trabalho de contabilista mais interessante.

Ela parou no seu antigo gabinete. Ninguém o ocupara até agora. O computador e o telefone continuavam na secretária, mas não havia lá mais nada. O faxo mantinha-se em silêncio, mas ela não se esquecera de como costumava zumbir.

As persianas estavam fechadas na janela por detrás da secretária. Kate recordou que costumava deixá-las assim. Preferia trabalhar sob uma luz artificial, sem jamais contemplar a paisagem.

A prateleira encontrava-se ao alcance da mão, se ficava sentada à secretária. Mantinha ali os livros de pesquisa, manuais fiscais, material de escritório. "Sem qualquer enfeite", pensou ela. Sem distrações. E sem nenhuma classe. Apenas outra abelha na colmeia.

Ah, como ela era chata!

- Kate...

Ela virou-se, sacudindo a cabeça para se livrar do momento de autocompaixão.

- Olá, Roger.

- O que vieste aqui fazer?

- Dar uma boa olhadela no espelho. - Kate gesticulou para a sala vazia. - Ninguém a está a usar.

- Não. - O sorriso de Roger foi embaraçado. - Estão a falar em contratar

um novo sócio. Há muitos rumores.

- A sério?

- Estou surpreso por ver-te aqui. Aquele detective tem aparecido com frequência no escritório.

- Isso não me preocupa, Roger. Não fiz nada que pudesse deixar-me preocupada.

- Sei que não fizeste. Nunca acreditei no que disseram. Eu conheço-te muito bem. - Ele olhou para trás, o movimento brusco de uma pessoa nervosa. - O Bittle Sénior convocou uma reunião de todo o pessoal na semana passada, para comunicar que tu eras inocente relativamente a todas as acusações. Agora toda a gente olha desconfiada para toda a gente.

- Não é surpreendente? - Curiosa, ela estudou o rosto de Roger.

- Mas só uma pessoa deve estar preocupada, além de desconfiada. Não concordas, Roger?

- Tu foste a primeira acusada. Quem sabe que pessoa será acusada agora?

- Acho que o detective Kusack sabe fazer o seu trabalho. E há também o FBI.

- O que é que o FBI tem a ver com isto?

- Adulterar formulários de impostos sobre o rendimento é um crime federal.

- Ninguém adulterou os formulários apresentados às Finanças. Ninguém se meteu com o governo.

- Só comigo e com alguns clientes, seu filho da puta!

Roger inclinou a cabeça para trás abruptamente, como se tivesse levado uma estalada.

- Como?

- Estás a suar. Acho que nunca te vi transpirar antes. Nem na cama. Nem quando me comunicaste que uma das minhas principais contas seria transferida para ti. Mas estás a suar agora.

Quando Kate fez menção de seguir adiante, ele segurou-a pelo braço.

- Não sejas ridícula. Estás mesmo a acusar-me de adulterar os arquivos?

- Ora, seu canalha, sabias onde eu guardava todos os meus registos. Sabias como alterá-los e apontar-me como culpada. E também descobriste sobre o meu pai, não é? - A fúria fazia ferver o sangue quente de Kate. - E tiveste o descaramento de me abordar de novo depois de fazeres tudo. Não

entendi porque te mostravas subitamente interessado por mim outra vez. Era apenas mais uma maneira de te precaveres.

- Estás a falar sem pensar.

"Ele está mesmo a transpirar", verificou Kate. Apavorado. Tão apavorado quanto um coelho surpreendido pelos faróis de um carro na estrada. Ela tinha esperança de que Roger estivesse a sofrer bastante.

- Tira a mão de cima de mim, Roger. Agora.

Ele apertou-a ainda mais, inclinando-se para a frente.

- Não tens a menor possibilidade de provar nada. Se tentares atribuir-me a culpa, vais fazer de idiota. Eu superei-te. Conquistei aquela conta porque sou melhor. Mais inovador. E trabalho mais.

- Conquistaste a conta porque levaste para a cama uma mulher solitária e vulnerável.

- Como se tu nunca tivesses ido para a cama com um cliente! murmurou ele, furioso.

- Não, nunca fui. E tu roubaste o dinheiro porque eras ganancioso, porque era fácil e porque encontraste uma maneira de incriminar-me.

- Estou-te a avisar, Kate. Se procurares o Bittle e tentares lançar-me a culpa, eu...

- Vais fazer o quê? - Kate recuou, os olhos faiscando em desafio.

- Vais fazer exactamente o quê?

- Há algum problema aqui?

Newman aproximou-se pelo corredor, no seu sinistro estilo silencioso. Como sempre, tinha a boca contraída em desaprovação. Kate ofereceu-lhe um sorriso feroz.

- Não creio que haja. - Ela puxou o braço bruscamente, para se desenhencilhar. - Há algum, Roger? Creio que o sr. Bittle está à minha espera, sr.a Newman. Liguei-lhe há pouco.

- Ele vai recebê-la agora. O seu telefone está a tocar, sr. Thornhill. Se quiser acompanhar-me, menina Powell...

Newman olhou para trás uma vez, avaliando Roger, ainda parado no corredor, com uma expressão sombria. Depois, baixou os olhos, quando Kate esfregou o braço dolorido.

- Está bem?

- Estou, sim. - Kate respirou fundo quando Newman abriu a porta da sala de Bittle. - Obrigada.

- Olá, Kate. - Bittle levantou-se, estendendo a mão. - Não imagina como fiquei contente por me ter ligado.

Ele envolveu a mão de Kate com as suas, antes de acrescentar:

- Mesmo muito contente.

- Obrigada por me receber.

- Sente-se, por favor. Quer que eu peça alguma coisa para beber?

- Não, obrigada.

- Sr.a Newman, avise os sócios de que a Kate está aqui.

- Não, por favor. Não será necessário. Eu queria falar-lhe em particular.

- Como queira. Pode ir, sr.a Newman. - Ele ocupou a cadeira ao lado de Kate, em vez de se sentar atrás da secretária. - Eu gostaria de relatar o progresso da investigação. Mas o detective Kusack faz mais perguntas do que responde.

- Não vim falar sobre isso. - Kate pensou em Roger. Não o denunciaria, pelo menos por enquanto. Deixaria que ele se desesperasse durante algum tempo, depois encontraria um meio de provar a sua culpa. E observá-lo-ia a afundar-se. - Quero conversar sobre o seu convite.

- Ótimo. - Satisfeito, Bittle recostou-se na cadeira e cruzou as mãos. - Estamos todos ansiosos pelo seu regresso. Concordamos que a sociedade precisa de sangue novo e jovem. É fácil de mais para uma firma como esta tornar-se pesada e antiquada.

- Não tem nada de antiquada, sr. Bittle. É uma boa firma. E só agora começo a compreender o quanto beneficiei com os anos que passei aqui.

Sem ter a menor ideia do que ia dizer, Kate também cruzou as mãos no colo.

- Primeiro, quero dizer que pensei muito no que aconteceu. Cheguei à conclusão de que o senhor, dadas as circunstâncias, fez o que tinha a fazer. O que eu também faria se estivesse na sua posição.

- Não sabe como me sinto agradecido por esse reconhecimento, Kate.

- O meu erro foi não enfrentar a situação. Talvez eu esteja agora a começar a aprender uma lição nesse ponto. Nem sempre posso tratar de tudo sozinha. Nem sempre tenho todas as respostas.

Ela deixou escapar um pequeno suspiro. Não era fácil admitir isso.

- Sr. Bittle, eu tinha um objectivo quando terminei a faculdade. Era o de subir nesta firma até me tornar sócia. Trabalhar para vocês foi uma das melhores experiências da minha vida. Sabia que, se tivesse êxito aqui, se

correspondesse aos vossos padrões e me tornasse uma sócia, significaria que era a melhor. E era muito importante para mim ser a melhor.

- Esta firma nunca teve uma associada que garantisse uma ética de trabalho melhor do que a sua, Kate. Embora compreenda que o momento do nosso convite possa preocupá-la, quero assegurar-lhe que o nosso pesar pelo seu envolvimento nesta questão policial nada teve a ver com a proposta de participação na sociedade.

- Eu sei. E significa muito para mim saber isso. - Kate abriu a boca, sentindo a aceitação a pairar na ponta da língua. Mas depois sacudiu a cabeça. - Sinto muito, sr. Bittle, mas não posso voltar para a firma.

- Kate... - Ele inclinou-se para pegar de novo na mão de Kate. Acredite em mim quando digo que compreendo o seu constrangimento. Previ que teria relutância em aceitar até o caso ficar completamente esclarecido. E é claro que estamos dispostos a dar-lhe todo o tempo de que precisar.

- Não é uma questão de tempo. Ou talvez seja. Tive tempo para me reajustar, para reavaliar a minha vida. Durante os últimos meses desviei-me do caminho que fixara para mim mesma quando ainda andava na escola secundária. E gostei, sr. Bittle. Ninguém podia surpreender-se mais do que eu por me sentir feliz a dirigir uma loja de artigos de segunda mão em Cannery Row. Mas a verdade é que estou feliz... e não quero renunciar a isso.

Bittle recostou-se outra vez e juntou as pontas dos dedos, como costumava fazer ao deparar-se-lhe um problema difícil.

- Deixe-me falar agora como um velho amigo, alguém que a conheceu durante quase toda a sua vida.

- Claro.

- Você é uma pessoa orientada para um objectivo, Kate. Empenhou o seu tempo e esforço para alcançar o sucesso no campo que escolheu. Um campo, posso acrescentar, para o qual tem excepcionais qualificações. Talvez agora precise de uma pausa. Todos nós precisamos de vez em quando. - Ele abriu os dedos e tornou a juntá-los.

- Mas perder de vista esse objectivo, contentando-se com uma posição para a qual não está qualificada, além de ser inadequada, é um desperdício de tempo e talento. Qualquer auxiliar de contabilidade pode lidar com as contas de uma loja, e uma rapariga com a escola secundária pode registar as vendas.

- Tem razão. - Satisfeita por ouvir tudo em termos lógicos, sem nada de emocional, Kate sorriu. - Tem toda a razão, sr. Bittle.

- Nesse caso, Kate, se precisar de mais alguns dias para tornar mais claros os seus pensamentos...

- Não há necessidade. Já defini tudo o que precisava. Disse a mim própria, basicamente, a mesma coisa que o senhor acabou de dizer. O que estou a fazer não tem o menor sentido. É ilógico, irracional e emocional. E provavelmente um erro ainda por cima. Mas tenho de fazê-lo. A loja é nossa. Minha, da Margo e da Laura. É o nosso sonho.

CAPÍTULO 20

ELA levou uma garrafa de champanhe da loja, depois decidiu fazer melhor ainda, tentando preparar o jantar. Tinha um acordo tácito com Byron: ele cozinhava, e ela lavava a louça, já que Byron se encontrava anos-luz à sua frente em termos de habilidades culinárias. Mas, como era uma celebração de uma nova fase da sua vida, Kate queria tentar.

Sempre considerara que cozinhar era uma espécie de habilidade matemática. Sabia aplicar as fórmulas, como um cálculo, para encontrar a resposta, mas não gostava do processo.

com um avental e as mangas enroladas até aos cotovelos, ela alinhou os ingredientes, como elementos num laboratório de física.

"Primeiro o aperitivo", decidiu ela, olhando cautelosa para os cogumelos que lavara. Não devia ser fácil recheá-los com queijo, mas a receita alegava que era possível.

Ela removeu as hastes e cortou-as bem finas, conforme as instruções. Seguindo a receita, refogou as cebolas e o alho e deu por si a sorrir devido ao aroma.

Ao terminar, depois de usar o miolo de pão, o queijo e os temperos, sentiu-se fascinada.

Não demorou muito para que estivesse a colocar a mistura do recheio nos cogumelos e a pô-los no forno.

Havia pepinos para marinar, pimentões para cortar, tomates para preparar. Ah, sim... as azeitonas. Kate travou uma batalha com a tampa do frasco de azeitonas pretas, resmungando quando o relógio do forno tocou. Saíram os cogumelos.

"Está tudo sob controlo", disse para si, enquanto chupava o polegar que roçara no prato quente. Era apenas uma questão de eficiência. O que faria em seguida?

Cortou o queijo, procurou encontrar a consistência certa para o manjeriço e o azeite, a fim de pôr no pão que tencionava servir.

Um telefonema de emergência para a sr.a Williamson, a cozinheira da Casa Templeton, acalmou-a pelo tempo suficiente para arranjar o aperitivo com todo o cuidado numa travessa.

"Onde está o Byron?" Kate mordeu as unhas diante da receita de pasta con pesto. "Folhas de manjeriço toscamente picadas", leu ela. O que

significava "toscamente picadas"? E porque era preciso ralar o parmesão, quando qualquer pessoa com meio cérebro podia comprar um pacote de queijo já ralado na loja da esquina? E onde poderia encontrar pinhões?

Foi encontrá-los numa caixa, com a devida etiqueta, num dos armários da cozinha de Byron. O homem tinha tudo o que era necessário para comer, preparar comida e servi-la. Os ingredientes medidos com o maior cuidado foram postos no liquidificador. Kate decidiu que uma pequena oração não podia fazer mal. Fechou um olho, fez a oração e apertou o botão.

Tudo girou de maneira satisfatória.

Presunçosa agora, pôs a água a ferver, a fim de preparar o esparguete, e pôs a mesa.

- com licença - disse Byron da porta da cozinha. - Tenho a impressão de que entrei na casa errada.

- Muito engraçado.

Os cães, que estavam a fazer companhia a Kate, de olho nas sobras, correram para recebê-lo. Como seguira o seu olfacto e a curiosidade directamente para a cozinha, Byron ainda tinha a sua pasta na mão. Largou-a agora, para afagar os cães e esboçar um sorriso surpreendido para Kate.

-Tu não cozinhas.

- O que não significa que não seja capaz de fazê-lo.

Ansiosa por uma reacção, ela tirou um cogumelo da travessa e meteu-o na boca de Byron.

- E então?

- Está bom.

- bom? - Kate ergueu as sobrancelhas. - Só bom?

- Surpreendentemente bom? - arriscou Byron. - Estás a usar um avental.

- Claro que estou de avental. Não quero ficar toda salpicada.

- Pareces tão... doméstica. - Ele passou as mãos pelos ombros de Kate e beijou-a. - Gosto disso.

- Não te acostumes. Esta é uma experiência isolada. - Kate foi ao frigorífico e pegou na garrafa de champanhe. - Lembro-me quando o Josh passou por esta fase e queria casar com a Donna Reed.

- A Donna Reed? - Depois de abrir a porta para deixar os cães saírem, Byron sentou-se num banco. - Agora que penso nisso, lembro-me que ela ficava muito atraente nesses aventais.

- Ele acabou por superar a questão, e decidiu que preferia a Miss

Fevereiro. - com um movimento rápido e eficiente, ela tirou a rolha.

- A verdade é que sempre quis a Margo. A Donna e a Miss Peituda não passaram de distrações.

Kate tirou as taças de champanhe do armário e voltou com um sorriso malicioso.

- Agora, para fazer tudo como deve ser, tenho de perguntar: "Como foi o teu dia, querido?"

- Foi bom, mas isto é melhor. - Ele pegou na taça que Kate enchera, erguendo-a num brinde. - Qual é a ocasião especial?

- Fico contente por compreenderes que deve haver uma ocasião especial para que eu tenha tanto trabalho. - Ela suspirou, enquanto passava os olhos pela cozinha. Fora bastante cuidadosa, mas ainda assim havia muita limpeza à sua espera. - Porque fazes isto... cozinhar?

- Porque gosto.

- És um homem doente, Byron.

- A água está a ferver, Donna.

- Bolas! - Ela pegou na caixa de esparguete, franzindo o rosto. Tu tiras isto da caixa e pões na água. Até aqui não me parece que haja qualquer problema, mas como é que sei quanto é quatrocentos gramas?

- Calcula mais ou menos. Sei que isso vai contra a tua natureza, mas todos temos de viver perigosamente de vez em quando.

Ele observou-a a preocupar-se com a medida, pensou em dizer que estava a pôr esparguete a mais, mas depois encolheu os ombros. O jantar era de Kate, no fim de contas. E, de qualquer forma, sentia-se fascinado pela maneira como o laço impecável do avental realçava o traseiro pequeno e arrebitado.

E qual seria o aspecto dela se estivesse nua sob aquele avental branco engomado? À sua gargalhada, Kate virou-se.

- O que foi?

- Nada. - Ele bebeu outro gole de champanhe. - Apenas uma fantasia inesperada e um pouco embaraçosa. Já passou. A maior parte. Porque não me contas o que aconteceu para te lançares nesta campanha doméstica?

- Estive... Oh, merda, esqueci-me do pão! - com a testa franzida, Kate pôs a forma no forno, ajustou o calor e o marcador de tempo. - Não há como manter uma conversa e cuidar de todos os pormenores da preparação de uma refeição. Porque não pões uma música e acendes as velas? Faz essas coisas,

enquanto eu termino aqui.

- Está bem. - Byron levantou-se, foi até a porta e virou-se. Katherine, sobre aquela pequena fantasia...

Ele sacudiu a cabeça, achando graça de si mesmo, e acrescentou:

- Talvez possamos experimentar mais tarde.

Absorvida de mais para prestar atenção, Kate acenou para que ele saísse e voltou a concentrar-se no trabalho. Achou que se saíra muito bem quando se sentaram à mesa, os aromas elevando-se da comida, as velas bruxuleando, a voz de Otis Redding saindo pelos altifalantes.

- Posso cozinhar muito bem - comentou ela, depois de provar o esparguete e aprovar. - Cerca de uma vez por ano.

- com toda a sinceridade, o jantar está fabuloso. E sinto-me muito agradecido. Não imagina como é bom chegar a casa e encontrar uma linda mulher e um jantar bem feito.

- Eu estava com algum excesso de energia. - Kate partiu um pão, oferecendo metade a Byron. - Pensei em levar-te para o quarto assim que entrasses, mas depois decidi que isso podia esperar até depois do jantar. E, de qualquer forma, estava esfomeada. O meu apetite melhorou muito nos últimos meses.

- O mesmo aconteceu com o teu nível de stresse - comentou Byron. - Deixaste de engolir aspirinas e antiácidos como se fossem rebuçados.

"É verdade", admitiu Kate. Isso de facto acontecera. E sentia-se melhor do que em qualquer outra ocasião nos últimos anos.

- Fiz hoje uma coisa que vai manter-me nesse rumo, ou mandar-me de volta à farmácia. - Ela olhou para as borbulhas no champanhe e bebeu um gole. - Recusei o convite para ser sócia.

- A sério? - Byron pôs a mão sobre a dela, mexendo nos seus dedos. - E sentes-te bem com essa decisão?

- Acho que sim. - Por curiosidade, Kate acrescentou: - Não pareces muito surpreso. Mas nem eu sabia que ia recusar, até sentar-me na sala do sr. Bittle.

- Talvez a tua cabeça não soubesse, mas o teu instinto já sabia. Tornaste-te demasiado absorvida na Pretenses, Kate. É tua. Porque abdicarias disso para participar de uma coisa que outra pessoa construiu?

- Porque é o que eu sempre quis, o que sempre procurei. - Um pouco insegura em relação a Byron, ela encolheu os ombros. - Afinal, bastou-me

saber que eu era suficientemente boa. Mas é um pouco assustador mudar de direcção tão de repente.

- Não é uma mudança radical. Vocês são sócias numa empresa, encarregadas de contas.

- O meu diploma, toda a minha educação...

- Não acredito que tudo isso esteja desperdiçado, não é? É parte de quem tu és, Kate. Só estás a usar isso de uma maneira diferente agora.

- Eu não podia voltar para aquele escritório, para aquela... vida. Tudo me pareceu rígido de mais. A Margo esteve na loja hoje com o bebé. As clientes ficaram encantadas com ele. A Margo ficou ali sentada, ao lado do berço, a Laura teve de procurar um dragão alado, eu tive de embrulhar um relógio de bolso e guardar sapatos... Embaraçada, ela fez uma pausa. - Estou a começar a divagar, o que não é normal em mim.

- Não há problema. Entendi o sentido. Divertes-te a trabalhar lá, sendo parte do projecto. Gostas das surpresas de uma coisa que ajudaste a criar.

- Nunca gostei de surpresas. Sempre quis saber quando, onde e como, a fim de preparar-me. A pessoa comete erros se não está preparada, e detesto cometer erros.

- Estás a fazer uma coisa que te parece certa?

- Estou.

- Nesse caso... - Byron levantou a sua taça e encostou-a à dela. - Continua.

- Espera só até eu contar à Margo e à Laura. - A perspectiva fez Kate rir. - A Margo já se tinha ido embora quando voltei, e a Laura teve de sair a correr para ir buscar as crianças. Por isso, não tive oportunidade. Teremos de fazer algumas mudanças, é claro. É um absurdo não ter horários de trabalho definidos. E o sistema de fixação de preços tem de ser completamente reformulado. O novo software que acabei de instalar vai tornar tudo mais eficiente...

Ela conteve-se e viu que Byron estava a sorrir.

- Não se pode mudar da noite para o dia.

- E não deves mudar nem um pouco. É o tipo de coisa para a qual precisam de ti. Usa o que sabes fazer melhor. O que aparentemente inclui comida italiana. Este pesto está sensacional.

- Achas? - Kate provou mais um pouco. - Está mesmo saboroso. Talvez eu possa fazer outros pratos. Em ocasiões especiais.

- Não vais ouvir nenhum protesto da minha parte. - Pensativo, ele enrolou o esparguete no garfo. - Por falar em ocasiões especiais, agora que vais continuar a ser a tua própria patroa, talvez possas ser um pouco mais flexível na tua agenda. Por diversas razões, não poderei ir a Atlanta pelo Natal. Por isso, estou a pensar ir até lá no Dia de Acção de Graças.

- Isso é ótimo. - Kate recusou-se a admitir o desapontamento súbito. - Tenho a certeza de que a tua família vai ficar contente por ires, mesmo que apenas por poucos dias.

- Eu gostava que fosses comigo.

- Como?

O garfo de Kate parou a meio caminho da boca.

- Eu gostava que fosses comigo a Atlanta no Dia de Acção de Graças para conheceres a minha família.

- Eu... não posso. Não posso agora viajar para a outra ponta do país desta maneira. Não há tempo suficiente para...

- Tens quase um mês para organizares a tua agenda. E Atlanta não é Bora Bora, Kate. Fica na Geórgia.

- Sei onde fica Atlanta - resmungou ela, impaciente. - Além do factor tempo, o Dia de Acção de Graças é um feriado da família. Não podes levar uma desconhecida para impingir à tua família no Dia de Acção de Graças.

- Tu não és uma desconhecida. - Byron apercebeu-se do pânico nos olhos de Kate mas, embora o estivesse a incomodar, decidiu continuar. - É tradição, lá na minha terra, convidarmos a mulher que é importante na nossa vida para conhecer a família e permitir que todos a conheçam. Ainda mais a mulher por quem se está apaixonado e com a qual se tenciona casar.

Ela projectou-se para trás, como se se tivesse escaldado, quase derrubando a cadeira ao levantar-se.

- Espera aí um bocadinho! De onde tiraste essa ideia? Faço um jantarzito e tu comes a ter ilusões de grandeza.

- Eu amo-te, Kate. E quero casar contigo. Significaria muito para mim se pudesses passar alguns dias com a minha família. Tenho a certeza de que a Margo e a Laura não se incomodariam de alterar os seus esquemas de trabalho para te permitir uma pequena viagem por altura do feriado.

Houve necessidade de várias tentativas, antes que os sons saídos da boca de Kate pudessem ser convertidos em palavras.

- Como podes sentar-te aí e falares da mesma maneira sobre horários de

trabalho e casamento? Ficaste louco?

- Pensei que apreciarias o lado prático.

Sem saber quem o irritava mais, se ele próprio ou Kate, Byron bebeu o resto do champanhe da taça.

- Pois fica sabendo que não aprecio. Sendo assim, pára com isso. Não sei de onde tiraste essa ideia súbita e absurda sobre casamento, mas...

- Eu não lhe chamaria de súbita e absurda - interrompeu ele, olhando para o seu champanhe. - Pensei muito sobre isso.

- Ai, é? Pensaste realmente? - A raiva começava a agitar-se por detrás do pânico. Preferindo-a, Kate deixou que ela aflorasse. É assim que tu ages? O jeito de Byron De Witt, calmo, ponderado e paciente. Agora percebo tudo.

Furiosa, Kate começou a andar em torno da ilha central na cozinha.

- Não posso acreditar que não tenha percebido antes. Como és esperto, Byron. E astuto. Como és insidioso. Depois de me fisgares, começaste a puxar a linha, não é? Assumindo o controlo, passo a passo.

- Espera, explica-me lá: assumi o controlo exactamente de quê?

- De mim! E não penses que não posso compreender tudo agora. Primeiro foi o sexo. É difícil pensar de maneira racional quando tu não passas de uma enorme glândula a pulsar.

Ele podia ter rido, mas em vez disso pegou numa azeitona.

- Pelo que me recordo, o sexo foi ideia tanto tua quanto minha. E mais tua até, para dizer a verdade, pelo menos no início.

- Não tentes confundir a questão! - exclamou Kate, batendo com as mãos na bancada.

- Longe de mim confundir a questão com factos. Continua.

- E depois veio a campanha vamos-manter-a-Kate-saudável. Hospitais, médicos, remédios.

- Suponho que seria confundir a questão de novo se salientasse que tu tinhas uma úlcera.

- Estava sob controlo. E eu podia ter ido ao médico sozinha. E depois pões-te a cozinhar, a oferecer-me todos esses alimentos saudáveis. "Tu tens de fazer uma refeição decente, Kate. E não devias beber tanto café." Sem eu me aperceber, comecei a comer refeições regulares e a fazer exercício.

Byron passou a língua pelos dentes e baixou os olhos para o prato.

- Sinto-me envergonhado por te ter preparado essa armadilha diabólica. É imperdoável.

- Não me venhas com o teu sarcasmo. Compraste os cães. E arranjaste o meu carro.

Byron esfregou o rosto com as mãos antes de se levantar.

- Agora eu trouxe os cães para cá e mexi no teu carro com a intenção de cegar-te para a minha trama maligna. Kate, estás a armar-te em tola.

- Não estou, não. Sei muito bem quando me armo em tola, e posso garantir que não é o que estou a fazer neste momento. Armaste tudo, em pequenas e hábeis fases, até que passei praticamente a viver aqui.

- Minha querida - murmurou ele, com uma mistura de afeição e exasperação -, tu estás mesmo a viver aqui.

- Percebes agora? - Kate levantou as mãos, impaciente. - Vivo contigo sem sequer compreender isso. Estou até a preparar o jantar, pelo amor de Deus! E nunca tinha cozinhado para um homem em toda a minha vida!

-Não?

Comovido, Byron aproximou-se, com as mãos estendidas para ela.

- Não faças isso. - Ainda furiosa, Kate recuou para o outro lado da ilha. - Tens o maior descaramento ao distorcer essas coisas. Eu disse que não eras o meu tipo, que não ia dar certo.

com a paciência quase esgotada, ele balançou nos calcanhares.

- Que se danem os tipos. Estava a dar certo, e tu sabes isso muito bem. Eu amo-te. Se não fosses tão teimosa, admitias que também me amas.

- Não conjectures sobre os meus sentimentos, De Witt.

- Certo. Então direi que estou apaixonado por ti. Pensa nisso.

- Não tenho de pensar em nada. Tu é que tens de pensar. E quanto ao teu pedido de casamento meio idiota...

- Não te pedi em casamento - respondeu ele, friamente. - Disse apenas que quero casar contigo. Não pedi. De que tens medo, Kate? Que eu seja apenas uma repetição do idiota do Thornhill, que te usou até surgir outra mais apetitosa?

Ela empalideceu.

- Como sabes sobre o Roger? Andaste a bisbilhotar a minha vida, não é? E porque não me surpreendo?

Não adiantava morder a língua agora. Era melhor abrir o jogo logo de uma vez.

- Quando alguém é tão importante para mim quanto tu, a tua vida também se torna importante. O teu bem-estar é importante para mim. Por

isso, procurei descobrir tudo o que pudesse. Mencionaste o nome dele ao Kusack... e mantive-me em contacto com o Kusack.

- Mantiveste contacto com o Kusack? - repetiu Kate. - Então sabes que foi o Roger quem me incriminou.

Ele acenou com a cabeça.

- E ao que parece tu também sabes, Kate.

- Descobri esta tarde. Mas tenho a impressão de que tu sabias há mais tempo e não achaste necessário contar-me.

- As pistas levavam a ele. Um conflito pessoal entre os dois, acesso ao teu gabinete. Ele fez ligações para New Hampshire mais ou menos na altura em que descobriste sobre o teu pai.

- Como soubeste dessas ligações?

- O investigador do Josh conseguiu obter a informação.

- O investigador do Josh? Isso significa que o Josh também sabe. Mas mesmo assim ninguém julgou necessário passar-me essas informações tão oportunas.

- Não contámos porque tu terias procurado o Thornhill para atirar tudo na cara dele. - "Tal como eu tive vontade de atingir com os punhos a cara do salafrário", pensou Byron. - Não queríamos que ele desconfiasse que era suspeito, até a investigação estar concluída.

- Não queriam que ele soubesse, ha? É uma pena, porque já o acusei, estragando os teus planos. Não tinham o direito de me deixar de lado, de decidir por mim.

- Tenho o direito de fazer tudo o que puder para proteger-te e ajudar-te. E foi o que eu fiz. É o que continuo a fazer.

- Quer eu goste, quer não.

- Basicamente. Não sou o Roger Thornhill. Nunca te usei para nada.

- Não, tu não és um aproveitador. Mas sabes o que és, Byron? Um manipulador. É o que fazes, manipulas as pessoas. É isso que te torna tão competente no teu trabalho... essa paciência, esse encanto, essa habilidade para levar as pessoas a aceitarem o teu lado de um problema, sem sequer perceberem que foram manipuladas. Pois aqui vai uma novidade para ti: não serei manipulada. Podes ter a certeza absoluta de que não serei manipulada para aceitar um pedido de casamento.

- Então?! Espera aí!

Byron apressou-se a bloquear o caminho, antes que ela pudesse deixar a

cozinha. Quando fechou os dedos em torno do seu braço, Kate gritou. com medo de estar a calcular mal a sua força no acesso de raiva, ele controlou-se, segurando o braço com muito mais gentileza. Mas as equimoses que viu já existiam antes. O seu cérebro ficou atordoado, de uma maneira sinistra e ameaçadora.

- O que é isto, Kate?

com o coração a bater descompassadamente, ameaçando sair-lhe pela boca, ela fitou-o nos olhos.

- Larga-me!

- Quem deixou estas marcas em ti?

Kate ergueu o queixo em defesa. A fúria que endurecia os seus olhos era tão letal quanto o corte de uma espada afiada.

- Já conheço o teu número de cavaleiro andante, Byron. Não estou interessada numa repetição.

- Quem te tocou? - insistiu ele, espaçando cada palavra.

- Outra pessoa que não sabia aceitar um não como resposta. Ela arrependeu-se amargamente das palavras, antes de terminar de enunciá-las. Mas já era tarde de mais. Os olhos de Byron tornaram-se impassíveis. Ele saiu da frente de Kate.

- Estás enganada. - A voz de Byron era fria, calma e incisiva. Posso aceitar um não como resposta. E, como parece ser esse o caso, não nos resta mais nada a conversar.

- Peço desculpas pelo que disse. - Kate podia sentir o calor da vergonha espalhar-se pelo rosto. - Foi injustificado. Mas não me agrada a tua interferência na minha vida, nem a suposição de que eu me ajustaria aos teus planos.

-Já entendi. -A mágoa era uma bola de calor no peito de Byron.

- Como eu disse, parece que é o fim. É evidente que tinhas razão desde o início. Queremos coisas diferentes. Não podia dar certo.

Ele foi até à mesa, mais para se distanciar de Kate do que por querer o champanhe que pegou e bebeu.

- Podes levar as tuas coisas agora, ou quando achares mais conveniente.

- Eu... - Kate sentia-se atordoada por ele ser capaz de fechar a porta entre os dois daquele modo. - Eu não... não posso... vou... Ela saiu a correr.

Byron ficou à espera do barulho da porta a bater, depois sentou-se com extremo cuidado, como se fosse um velho. Recostou a cabeça, fechou os

olhos. Era espantoso, pensou, que Kate pudesse presumir que ele era um brilhante estratega, quando até um cego podia perceber como ele arruinara tudo.

Ela foi para casa, é claro. Para onde mais uma pessoa podia ir quando se sentia magoada? A cena que encontrou na sala de estar era tão alegre, tão familiar, tudo o que lhe fora oferecido e recusara, que Kate teve vontade de gritar.

Josh estava sentado na poltrona perto da lareira, as luzes das chamas oscilantes dançando no seu rosto e no filho adormecido no seu colo. Laura, com a filha mais nova ao seu lado, servia café em chávenas de porcelana. Margo aconchegava-se num canto do sofá com Ali, para que as duas pudessem ler juntas uma revista de moda.

- Kate... - Laura levantou os olhos com um sorriso acolhedor. Chegaste a tempo para o café. Subornei o Josh para trazer o bebé, e um presunto com mel preparado pela sr.a Williamson.

- Ele deve ter deixado algumas sobras - acrescentou Margo. - Se estiveres com fome.

- Só repeti uma vez.

- Repetiu duas vezes, tio Josh - lembrou Kayla, levantando-se para dar uma olhada ao bebé, como já fizera várias vezes, em intervalos de poucos minutos.

- Queixinhas - murmurou Josh, beliscando ao de leve o nariz da sobrinha.

- A tia Kate está zangada. - Ali empertigou-se no sofá, na expectativa. - Zangada com alguém, não é, tia Kate? Tem o rosto vermelho.

- É verdade - disse Margo, quando estudou melhor o rosto da amiga. - E acho que estou a ouvir os teus dentes a ranger.

- Sai. - Kate apontou o dedo para Josh. - Tu e eu podemos enfrentar-nos mais tarde, mas neste momento quero que saias e leves toda a tua testosterona.

- Nunca vou a lugar nenhum sem a levar - respondeu ele, descontraído. - E sinto-me confortável aqui.

- Não quero ver nenhum homem. Se ainda estiver na frente de um homem dentro de sessenta segundos, terei de matá-lo com as minhas próprias mãos.

Josh fungou, fingindo que se sentia insultado, mas levantou-se.

- vou levar o J. T. para a biblioteca, para bebermos um vinho do Porto e fumarmos uns charutos. E conversaremos sobre desportos e ferramentas eléctricas.

- Posso ir também, tio Josh?

- Claro. - Ele deu a mão livre a Kayla. - Não sou machista.

- Tens de ir para a cama dentro de trinta minutos, Kayla - avisou Laura. - Ali, porque não fazes companhia ao tio Josh até à hora de deitar?

- Quero ficar aqui. - Ela fez beicinho e cruzou os braços sobre o peito. - Não preciso ir-me embora só porque a tia Kate vai gritar e insultar. Já não sou uma criança.

- Deixa-a ficar. - Kate fez um gesto largo com os braços. - Nunca é cedo de mais para aprender como os homens são.

- Pois eu acho que é cedo de mais - declarou Laura. - Allison, vai para a biblioteca com o teu tio, ou sobe e toma um banho.

- Tenho sempre de fazer o que a mãe manda. Detesto isso.

Ali saiu da sala, batendo os pés, e subiu a escada para remoer o seu mau humor sozinha.

- Foi uma cena das mais agradáveis. - Mais uma vez, Laura perguntou-se o que estava a acontecer com a sua doce e complacente Ali. - Que comentário alegre gostavas de acrescentar, Kate?

- Os homens são uns porcos chauvinistas.

Ela pegou numa chávena com café e bebeu-a como se fosse uísque.

CAPÍTULO 21

- **PORQUE** pensas assim? - indagou Margo, depois de um longo compasso de espera.

- Afinal, para que precisamos deles? Que possível utilidade os homens podem ter, além da procriação? E, com os avanços da tecnologia, muito em breve podemos resolver esse problema num laboratório.

- Uma boa ideia. - Laura serviu-se de mais café. - Talvez não precisemos dos homens para o sexo, mas eu ainda dependo deles para me livrar dos insectos maiores.

- Fala por ti - interveio Margo. - Prefiro matar aranhas a renunciar ao sexo. Mas que crime o Byron cometeu, Kate, ou temos de adivinhar?

- O canalha nojento e desprezível! Não posso acreditar que eu tenha sido suficientemente idiota para entrar numa relação com um homem assim. Nunca se conhece de facto uma pessoa, pois não, até se saber o que existe por detrás dos seus olhos enganadores!

- O que é que ele fez, Kate? O que quer que seja, não acredito que possa ter sido tão mau quanto tu pensas.

Quando Kate tirou o casaco, Laura percebeu as equimoses no seu braço e levantou-se nesse mesmo instante.

- Oh, Kate, ele bateu-te?

- Como? Ah... - Ela rejeitou as equimoses com um aceno da mão. - Claro que não. Magoei-me quando esbarrei numa coisa qualquer na Bittle. O Byron não bateria numa mulher. É um método directo de mais para alguém como ele.

- Mas então o que é que ele fez? - perguntou Margo.

- Vou-vos contar o que ele me fez! - Kate pôs-se a andar de um lado para o outro da sala, furiosa. - Vou-vos contar o que ele me fez! O Byron pediu-me em casamento!

Como o anúncio foi recebido em silêncio, ela virou-se bruscamente.

- Ouviram o que eu disse? Ele pediu-me em casamento! Laura exibiu uma expressão pensativa.

- E por acaso ele tem um armário cheio de cabeças de ex-mulheres?

- Não estão a prestar atenção! Não estão a perceber!

Kate respirou fundo, ajeitou os cabelos, fazendo um esforço para se controlar.

- Muito bem. Ele cozinha, empanturra-me com vitaminas, obriga-me a fazer exercício. Deixa-me toda estimulada, pronta para cair em qualquer lugar e fazer um sexo maravilhoso. Vai falar com o Kusack, trabalha com o Josh pelas minhas costas, tenta acabar com todas as preocupações da minha vida. Reserva-me um armário, para que eu possa começar a deixar as minhas roupas lá em casa. Casa essa que ele comprou por recomendação minha. E ainda arranja aqueles malditos cães, pelos quais qualquer pessoa com meio coração não pode deixar de se apaixonar. O meu carro nunca funcionou tão bem desde o dia em que saiu do stande. E regularmente, de uma forma que quase não se nota, leva-me flores.

- Flores? Essa não! - Margo comprimiu a mão contra o peito. O homem é um verdadeiro demónio! Tem de ser detido!

- Cala a boca, Margo. Sei que não estás do meu lado. Nunca estiveste. - Certa da lealdade de Laura, Kate sentou-se à frente dela e pegou-lhe nas mãos. - O Byron pediu-me para ir com ele a Atlanta no Dia de Acção de Graças, a fim de conhecer a sua família. Diz que me ama e quer casar comigo.

- Querida... - Exibindo toda a sua simpatia, Laura apertou as mãos de Kate. - Dá para sentir que passaste por uma terrível provação esta noite. É óbvio que o homem enlouqueceu. Tenho a certeza de que o Josh pode tratar de interná-lo.

Aturdida, Kate retirou as mãos bruscamente.

- Tu devias estar do meu lado.

- Queres que eu sinta pena de ti?

O brilho de raiva nos olhos de Laura fez Kate piscar os olhos.

- Não... sim... eu não... Só queria que compreendesses.

- Eu digo-te o que compreendo. Tens um homem que te ama. Um homem bom, atencioso e gentil, disposto a partilhar contigo os fardos da vida tanto quanto os prazeres. Que te quer, que se importa o suficiente para se esforçar em fazer-te feliz, tornar a tua vida mais tranquila. Um homem que te deseja na cama e fora dela. Que se importa o suficiente para querer apresentar-te à sua família, mostrar-te às pessoas que ele ama. Mas isso não é suficientemente bom para ti?

- Eu não disse isso. Só... - Kate levantou-se, atordoada pela pressão. - Não planeava...

- É esse o teu problema. - Laura, pequena, delicada e furiosa, também se

levantou. -Tudo tem de estar em ordem, impecavelmente, no mundo da Kate. Mas a vida é confusa e complicada.

- Eu sei. Só quis dizer...

Numa fúria e frustração que ela própria não sabia ser capaz de manifestar, Laura interrompeu os protestos de Kate:

- E, se achas que a tua vida não é apropriada, experimenta a minha. Experimenta não ter nada. - A voz era amargurada. - Um casamento vazio, um homem que queria o teu nome mais do que a ti, que nem sequer simulou o contrário depois de te conquistar. Experimenta voltar para casa todas as noites sabendo que não vais encontrar ninguém para te abraçar, que todos os problemas dependem de ti, que não podes contar com ninguém para te apoiar. E ainda por cima tens uma filha a culpar-te por não seres suficientemente boa para manter o pai dela sob o mesmo tecto.

Laura aproximou-se das chamas na lareira, enquanto as amigas a observavam em silêncio.

- Experimenta sentir-te não amada, indesejada, ir sozinha para a cama todas as noites, especulando o que poderás fazer para que tudo fique bem novamente, e depois podes vir chorar no meu ombro.

- Desculpa - murmurou Kate. - Sinto muito, Laura.

- Não. - Exausta e envergonhada, Laura afastou-se da mão reconfortante de Kate e foi sentar-se. - Eu é que peço desculpa. Não sei de onde veio a explosão.

Ela inclinou a cabeça para trás por um momento, com os olhos fechados, enquanto a fúria se esvaía.

- Isto é, claro que sei. Talvez eu esteja com inveja. - Laura tornou a abrir os olhos, conseguindo exhibir um sorriso. - Ou talvez eu apenas pense que tu és uma idiota.

- Eu devia ter voltado a morar aqui depois que o Peter se foi embora - murmurou Kate. - Devia ter imaginado o quanto tu sofrias por ficares sozinha.

- Pára com isso, Kate. O problema é contigo, não comigo. Só estou um pouco sensível. - Laura massajou as têmporas que latejavam. - Este não foi o primeiro confronto que tive com a Ali hoje. E isso deixa-me nervosa.

- Posso mudar-me agora - declarou Kate, sentando-se ao lado de Laura.

- Claro que serias bem-vinda, mas não vais mudar-te para cá agora.

- Esse caminho de fuga foi bloqueado - comentou Margo.

- Não estou a querer fugir. - Kate fez um esforço para controlar as suas emoções em turbilhão. - Eu podia ajudar-te com as meninas, dividir as despesas.

- Não. Esta é a minha vida. - Laura fez uma careta. - Tal como está. Tu tens a tua. Se não amas o Byron, é uma coisa. Não podes moldar os teus sentimentos para satisfazê-lo.

- Estás a brincar? - Margo pegou na cafeteira do café. - Há meses que ela é louca pelo Byron.

- E daí? As emoções não oferecem qualquer garantia quando se trata de algo tão importante quanto o casamento. Não foram suficientes para a Laura.

- Kate suspirou, encolhendo os ombros. - Sinto muito, mas não foram.

- Não, não foram. Mas, se tu queres garantias, pede um certificado de garantia como quando compras uma torradeira.

- Tens razão. Mas não é esse o problema. Não percebem que o Byron tem andado a jogar comigo? Tem tratado de mim desde o início da relação.

Margo deixou escapar um som felino.

- Ser cuidada por um homem forte e deslumbrante... Pobre coitada.

- Sabes muito bem o que estou a querer dizer. Tu nunca deixaste o Josh carregar em todos os botões, tomar todas as iniciativas. O Byron tem um modo de manipular as coisas de tal maneira que me descubro a seguir na direcção que ele escolheu, antes de perceber o que quer que seja.

- Pois muda de direcção se não gostares do destino - sugeriu Margo.

- Houve uma ocasião em que ele me chamou de desvio. - Kate franziu o rosto ao recordar-se. - Disse que gostava de fazer desvios longos e interessantes. Achei que era uma imagem encantadora.

- Porque não voltas e esclareces tudo com ele, em vez de discutires? - Laura inclinou a cabeça para o lado, capaz de imaginar a cena que ocorrera na cozinha de Byron. - É bem provável que ele esteja a sentir-se tão infeliz e frustrado quanto tu.

- Não posso. - Kate sacudiu a cabeça. - Ele disse-me para pegar nas minhas coisas no momento que achasse mais conveniente.

- Ah... - Margo olhou para Kate agora com uma sincera compaixão. - Naquele seu tom polido?

- Exactamente. De qualquer maneira, não sei o que lhe diria. Não sei o que quero. - Desorientada, ela baixou o rosto e cobriu-o com as mãos. - Fico a pensar que sei o que quero, mas de repente tudo muda. Estou cansada... e é

muito difícil pensar direito desta forma.

- Pois então conversa com ele amanhã. Passa a noite aqui. - Laura levantou-se. - Tenho de levar as meninas para a cama.

Assim que ficou a sós com Margo, Kate comentou:

- Ela fez-me sentir envergonhada.

- Posso compreender. - Margo chegou-se mais perto. - A mim pelo menos ela só me deixou com vontade de matar o Peter Ridgeway se algum dia ele tornar a aparecer por aqui.

- Eu não sabia que a Laura ainda se sentia tão magoada, tão infeliz.

- Ela vai superar. - Margo apertou o joelho de Kate. - Nós vamos certificar-nos de que isso aconteça.

-Ah, antes que eu me esqueça... Não pretendo trabalhar noutra firma de contabilidade.

- Claro que não.

- Toda a gente parece saber o que vou fazer antes de mim. A Bittle ofereceu-me uma sociedade.

- Parabéns.

- Recusei o convite esta tarde.

- Ora, ora, que dia agitado! - exclamou Margo, exibindo o seu sorriso de um milhão de dólares.

- E o Roger Thornhill é o culpado pelo desvio do dinheiro.

- O quê? - A chávena de Margo saltou no pires. - Aquele safado que te traiu com uma cliente?

- O próprio. - Kate ficou satisfeita ao verificar que podia dizer uma coisa que Margo ainda não sabia. - Descobri pela maneira como ele se comportou quando o encontrei hoje na Bittle. Ele era suficientemente esperto para saber como desviar o dinheiro, e eu era sua principal concorrente à participação na sociedade. Arranjava algum dinheiro para se divertir, além de destruir a sua rival.

- Já contaste isso ao Kusack?

- Não. Ao que parece, o Byron, o Kusack e o teu marido, com quem tratarei daqui a pouco, já sabiam.

- E deixaram-te no escuro. - Margo, compreendendo perfeitamente, puxou as mãos de Kate para fazê-la ficar de pé. - De vez em quando os homens têm de ser lembrados de que já não saem das cavernas para caçar, nem lutam contra dragões, nem desbravam as trilhas do Oeste, enquanto as

mulheres se encolhem em torno das fogueiras. vou ajudar-te a lembrar isso ao Josh.

Às nove horas e quarenta e cinco minutos da manhã seguinte, Kate abriu a caixa registadora da Pretenses. Cuidaria sozinha da loja naquela manhã. Sentia algum orgulho pela sua competência. Laura fora trabalhar no hotel, e Margo continuava em licença de maternidade. Portanto, decidiu aproveitar aqueles poucos minutos, antes de destrancar a porta e virar o cartaz de "Aberto".

Levara os seus próprios CD. Margo preferia os clássicos. Os Beatles, os Stones, os Cream. Depois de ligar a música, ela foi à casa de banho e encheu o regador de cobre. Desfrutaria os pequenos e agradáveis deveres de tratar de uma loja elegante.

Não ia pensar em Byron De Witt.

Naquela altura, ele já devia estar no seu escritório, numa suíte no topo do hotel. Talvez em alguma reunião ou a tratar de negócios pelo telefone. Podia estar a decidir o itinerário para uma viagem a São Francisco. Não dissera que precisava de ir até lá?

"Não interessa", pensou Kate, enquanto saía para a varanda, a fim de regar os vasos com amores-perfeitos. Byron podia voar para qualquer lugar... até à lua, diga-se de passagem. O interesse dela por Byron acabara. Para sempre. Era um livro fechado.

Ela tinha a sua própria vida com que se preocupar, não era? Afinal, estava a iniciar uma nova etapa. Uma nova carreira, com um novo objectivo para alcançar. Tinha dezenas de ideias para melhorar e expandir a loja a encherem-lhe a cabeça. Assim que Margo voltasse, fariam uma reunião. Para tratar de uma gestão eficiente. Havia ainda o desfile de moda iminente. Tinham de tratar da divulgação, E discutir as promoções para o final do ano.

Bem que podiam fazer uma reunião semanal para formular planos e analisar o desempenho. Ela organizaria tudo, fixaria a agenda. Não se podia dirigir um negócio com êxito sem reuniões regulares bem estruturadas. Não se podia dirigir uma vida sem estrutura, sem planos e objectivos específicos.

Porque Byron não podia compreender que ela tinha planos e objectivos específicos? Como fora capaz de atirar o pedido de casamento para cima dela, derrubando todos os seus pinos erguidos com tanto cuidado?

Não se podia casar com um homem que conhecia há apenas um ano. Havia fases numa relação, fases cuidadosas, cautelosas e sensatas. Talvez,

apenas talvez, depois de dois anos, depois de se limarem as arestas da relação, depois de se compreenderem afundo os defeitos e fraquezas um do outro, depois de se aprender a aceitá-los ou fazer concessões, se podia começar a estudar a possibilidade de casamento.

Era preciso determinar o que se queria do casamento, definir regras e deveres. Quem se encarregava das compras, quem pagava as contas, quem levava o lixo para a rua. O casamento era um negócio, uma sociedade, um compromisso total. Pessoas sensatas não entravam no casamento sem primeiro sintonizar os pormenores.

E o que fazer com as crianças? Era óbvio quem teria as crianças se fosse haver filhos-, mas como distribuir as responsabilidades? Fraldas e roupa suja, biberões e consultas médicas. Se não se decidisse quem fazia o quê, existiria apenas o caos... e um bebé a precisar dos cuidados de um adulto responsável.

Um bebé. Oh, Deus, como seria ter um bebé? Ela não sabia nada sobre ter um bebé. Pensar em todos os livros que teria de ler, em todos os erros que inevitavelmente cometeria... E eram incontáveis as coisas necessárias para cuidar de um bebé. Carrinho, cadeira alta, berço.

"E todas aquelas roupinhas adoráveis", pensou Kate, sonhadora.

- Está a afogar essas flores, menina Powell.

Ela recuou com um sobressalto, derramando água nos seus sapatos. Olhou aturdida para Kusack, com a mente num turbilhão. Quase que dera um nome a um bebé que não concebera com um homem com quem não tencionava concebê-lo.

- A sonhar acordada?

Os lábios do detective contraíram-se naquele padrão paternal agora familiar.

- Não, eu... - Ela não era uma sonhadora. Era uma pensadora. Uma fazedora. - Tenho muita coisa na cabeça.

- Posso apostar. Pensei em encontrá-la aqui antes de abrir a loja. Importa-se se entrarmos?

- Claro que não. - Ainda atordoada, Kate largou o regador e abriu a porta. - Estou sozinha aqui hoje. As minhas sócias... não vêm agora.

- Eu queria mesmo falar-lhe a sós. E não tive intenção de assustá-la, menina Powell.

- Não foi nada. - O coração acelerado de Kate parecia retornar agora a um ritmo aceitável. - Em que posso ajudá-lo, detective?

- Para ser franco, só vim até aqui para a pôr a par do progresso da investigação. Achei que tinha o direito de saber da evolução, depois de tudo por que passou.

- Ainda bem que pensa assim.

- O seu namorado levou-me a investigar o Roger Thornhill.

- Ele não é meu namorado - protestou Kate, incisiva. - Se está a referir-se ao sr. De Witt.

- Estou, sim. - Kusack sorriu contrafeito, coçando a orelha. Nunca sei como me referir a essas coisas. Seja como for, o sr. De Witt apontou-me para o Thornhill. A verdade é que eu já tinha pensado nele... Não parece chocada com a notícia.

- Cheguei a essa conclusão ontem.

Ela encolheu os ombros, descobrindo que já não tinha importância.

- Pensei que isso acabaria por acontecer. O Thornhill tem um pequeno problema de jogo. E o jogo é uma das melhores razões para se precisar de dinheiro rapidamente.

- O Roger joga? - Isso chocou-a. - Quer dizer que ele aposta em corridas de cavalos e essas coisas assim?

- Aposta em Wall Street, menina Powell. E há dois anos que perde sem parar. Achou que tinha a mão boa de mais, por assim dizer, e acabou por perder tudo. Havia também a relação pessoal consigo. Acrescente-se a informação sobre o seu pai e o facto de que foi ele quem encontrou a notícia de jornal no seu gabinete e a entregou ao Bittle.

- Eu não sabia disso.

- Um pouco conveniente de mais, na minha opinião. No meu trabalho, as conexões em geral não são coincidências. Teve um pequeno confronto com ele ontem na Bittle.

- Como soube disso?

- Pela sr.a Newman. Ela tem bons olhos e bons ouvidos, além de um olfacto aguçado. - Kusack sorriu. - Pedi-lhe que me avisasse sobre qualquer incidente fora do normal no escritório. É outra pessoa que não gostava do cheiro do Thornhill, por assim dizer. E ficou do seu lado desde o início.

- Como? - Kate empurrou a orelha para a frente, como se sofresse de um súbito problema de audição. - A Newman ficou do meu lado?

- Na primeira conversa que tivemos sobre o caso, ela disse que, se eu olhasse na sua direcção, estaria a virar-me para o lado errado. A Katherine

Powell não roubaria sequer um clipe.

- Sempre pensei que ela me detestava.

- Não sei se ela gosta de si ou não, mas posso garantir que a respeita.

- Quer dizer que vai chamar o Roger para um interrogatório? -Já o fiz.

Tive de agir um pouco mais depressa, depois que soube do seu confronto com ele. Fui procurá-lo ontem à noite. O Thornhill já tinha feito as malas e estava a caminho do aeroporto.

- A sério?

- Sim. Tinha reserva num voo para o Rio. Estava a viver em permanente ansiedade, desde que a declararam livre de suspeita. E o que lhe disse no escritório ontem, o que quer que tenha sido, levou-o a perder o controlo. O Thornhill arranjou um advogado num instante, mas pensamos que podemos fazer um acordo até ao final do dia. Costuma-se chamar a este tipo de coisa crime sem vítima. Mas acho que desta vez é uma designação imprópria.

- Não me sinto uma vítima - murmurou Kate. - Não sei o que sinto.

- Eu sentir-me-ia furioso. Mas... - Ele encolheu os ombros. A carreira dele acabou, terá de pagar indemnizações e os honorários do advogado por muito e muito tempo. E o governo federal vai mantê-lo como hóspede durante algum tempo.

- Ele vai para a prisão.

"Como o meu pai também teria ido", pensou Kate. Por um deslize, um erro de julgamento. Por um momento de ganância.

- Como eu disse, vamos fazer um acordo, mas não o imagino em completa liberdade, sem cumprir uma pena mínima. E, pela maneira como as coisas funcionam hoje em dia, você poderia processá-lo. Difamação de carácter, sofrimento e dor emocional, não sei mais o quê. O seu advogado dir-lhe-á.

- Não estou interessada em processar o Roger. Quero apenas virar essa página.

- Foi o que pensei. - Kusack tornou a sorrir. - É uma mulher extraordinária, menina Powell. Foi um prazer conhecê-la, até mesmo nestas circunstâncias.

Kate pensou um pouco nisto.

- Creio que devo dizer a mesma coisa, detective Kusack. Apesar das circunstâncias.

Ele dirigiu-se até à porta e parou.

- Está mais ou menos na hora de abrir, não é? Kate olhou para o relógio.
- Quase.
- Estive a pensar... - Kusack tornou a puxar a orelha. - A minha esposa vai fazer anos... amanhã, para ser mais preciso.
- Detective Kusack - respondeu Kate, radiante -, veio ao lugar certo.

Kate disse a si mesma que se sentia maravilhosa, reanimada. Todos os problemas tinham ficado para trás. Estava a iniciar uma nova fase na sua vida.

Não havia motivo para se sentir nervosa com a ida à casa de Byron. Era a hora do almoço. Não o encontraria lá. Limitar-se-ia a pegar nas suas roupas, como ele pedira, e encerraria esse Capítulo também.

E, se qualquer outro cliché aflorasse na sua mente, ela desataria a gritar.

Entrou no caminho que levava até casa. Tinha a chave no bolso, já removida do seu chaveiro. Mas, quando enfiou a mão para tirá-la, descobriu que pegara na moeda de Seraphina. Aturdida, ela ficou a olhar. Seria capaz de jurar que a guardara na gaveta de cima da caixa de jóias.

Virou-a na mão. O sol reflectiu-se, irradiando uma claridade intensa. Foi por isso que os seus olhos lacrimejaram, decidiu Kate. Por causa do reflexo do ouro, já que tirara os óculos escuros. Não era porque sentia uma súbita e angustiante ligação com a jovem espanhola, parada no penhasco, prestes a acabar com a sua vida.

"Mas Kate Powell não acabará com a sua vida", disse para si, com toda a firmeza. "Enfrentará tudo." Só os fracos renunciavam à esperança. Ela teria anos de felicidade pela frente. Muitos anos. E não ficaria ali parada, chorando por causa de uma moeda antiga e uma lenda vaga.

Aquilo era a realidade. Kate pestanejou para reprimir as lágrimas. A sua realidade, e sabia muito bem o que estava a fazer.

Encontrou a chave e tornou a guardar a moeda no bolso. Mas usar a chave foi mais difícil do que imaginara, sabendo que seria a última vez.

"É só uma casa", reflectiu Kate. Não havia razão para que a amasse, nenhum motivo para experimentar aquela dolorosa sensação de boas-vindas quando abriu a porta. Não tinha porque ir até às portas de vidro para o varandim, ficando com vontade de chorar porque os cães estavam a dormir ao sol.

E os gerânios desabrochavam nos vasos de pedra cinzenta. Havia música na brisa que soprava do mar. As conchas que ela recolhera com Byron na

praia lá em baixo estavam dentro de uma tigela de vidro grande sobre a mesa de sequóia.

Era tudo perfeito, compreendeu Kate, simples e perfeito. Era por isso que sentia vontade de chorar.

Quando os cães ergueram a cabeça ao mesmo tempo, levantando-se para correr e latir, Kate percebeu que não ouvira o carro. Mas eles tinham ouvido. Reagiam assim sempre que reconheciam o som de Byron a voltar para casa.

com um sobressalto de pânico, ela virou-se e olhou para a porta, no momento em que Byron estava a entrar.

- Desculpa - murmurou Kate imediatamente. - Não pensei que voltasses para casa mais cedo.

- Eu sei.

Porém, graças a um telefonema de Laura, ele soubera que a encontraria ali.

- Vim buscar as minhas coisas. Eu... achei que era melhor fazer isso quando estivesse a trabalhar. Para ser menos constrangedor.

- É constrangedor de qualquer maneira. - Ele aproximou-se, com os olhos contraídos. - Estavas a chorar.

- Não... foi só... - Kate enfiou a mão no bolso e tocou na moeda.

- Estava a pensar noutra coisa. E acho também que foi por causa dos cães. Estavam com um ar tão fofinho, a dormir lá fora...

Os dois estavam agora junto à porta, abanando os rabos vigorosamente.

- vou sentir saudades deles - acrescentou Kate.

- Senta-te.

- Não posso. Tenho de voltar à loja e... e quero pedir desculpas, Byron, por ter gritado contigo daquela maneira. Sinto muito por isso. Detestava pensar que não podemos ser corteses neste momento. - Ela fechou os olhos pelo absurdo. - É um momento muito embaraçoso.

Byron queria tocar-lhe, sentia um desejo intenso de envolvê-la em seus braços. Mas conhecia as suas limitações. Se apenas roçasse a mão por aqueles cabelos curtos, haveria de querer acariciá-la mais e mais, até começar a suplicar.

- Pois vamos tentar ser corteses. Se não queres sentar-te, ficamos de pé. Eu gostava de dizer algumas coisas.

Ele observou-a a arregalar os olhos, percebendo a cautela na sua expressão. O que será que ela via quando o fitava? Porque é que ele não

conseguia descobrir?

- Também vou pedir desculpas. Portei-me muito mal ontem à noite. E, correndo o risco de ser agredido outra vez, admito que não estavas muito longe da verdade em algumas das tuas... digamos assim... observações sobre o meu carácter.

Byron foi até à porta, retinindo as moedas que tinha no bolso. Os cães, ainda esperançosos, mantinham-se como sentinelas no outro lado do vidro.

- Também planeio as coisas. Temos isso em comum. Admito que te induzi a ficar aqui. Pensei que ajudaria a acostumarmo-nos um ao outro. Porque eu queria-te aqui para sempre.

Quando ele tornou a virar-se para fitá-la, Kate procurou uma resposta, mas não encontrou nenhuma.

- Eu queria cuidar de ti. Sei que encaras a vulnerabilidade como uma fraqueza. Mas eu vejo isso como um aspecto suave e fascinante de uma mulher forte, inteligente e flexível. E faz parte da minha natureza proteger, reparar... ou pelo menos tentar reparar o que está errado. Não posso mudar isso por ti.

- Não quero que mudes, Byron. Mas eu também não posso mudar. Sempre resistirei a ser conduzida, por melhores que sejam as intenções.

- E, quando vejo uma pessoa que amo nervosa ao ponto de ficar doente, enganada, magoada, farei sempre tudo o que puder para mudar a situação. E, quando quero uma coisa, quando sei que é certa, empenho-me para que aconteça. Eu amo-te, Kate.

O coração de Kate subiu pela garganta, os olhos encheram-se de lágrimas.

- Não sei como lidar com isso. Não sei o que fazer. Não consigo chegar a uma conclusão.

- Pois eu cheguei. De vez em quando, Kate, não há mal nenhum em deixar que seja outra pessoa a tirar conclusões por nós.

- Talvez tenhas razão. Não sei. Mas tive de chegar a algumas conclusões por mim própria em tudo isto. Fui informada de que prenderam o Roger.

- Eu já sabia.

- Claro que sabias. - Kate tentou rir, mas depois desviou os olhos.

- Quando o Kusack me contou, não tive a certeza, no princípio, de como me sentia. Aliviada, vingada... mas havia mais. Pensei no meu pai. Ele teria ido para a prisão, como o Roger vai agora. É o mesmo crime, a mesma

punição. Ambos são ladrões.

- Kate...

- Não interrompas. Deixa-me acabar. Levei muito tempo para chegar a este ponto. O meu pai cometeu um erro, um erro criminoso. Por mais que me magoe saber disso, também sei que ele nunca tentou livrar-se da culpa, incriminar outra pessoa. Não era como o Roger. Enfrentaria o que fizera, pagaria pelo seu acto. Compreendi hoje que isso representa uma enorme diferença. Posso agora conviver com o facto, perdoar, lembrar o que ele foi para mim durante os primeiros oito anos da minha vida. Era o meu pai e amava-me.

- És uma mulher linda, Katherine.

Ela sacudiu a cabeça, contendo as lágrimas.

- Eu precisava desabafar. Parece que sempre que posso descarrego em ti o que me sufoca. E preocupa-me a facilidade com que faço isso.

- Tu preocupas-te de mais. Vamos ver se te posso ajudar nessa questão. Tentaremos um teste de lógica simples: tenho trinta e cinco anos. Nunca me casei, nunca fiquei noivo, nunca vivi formalmente com uma mulher. Porquê?

- Não sei. - Kate passou as mãos pelo cabelo, esforçando-se para usar o intelecto em vez da emoção. - Pode haver uma dúzia de motivos. Resististe a assumir um compromisso, andavas ocupado de mais a saborear as delícias sulistas, concentraste-te na tua carreira.

- Pode ser qualquer desses motivos, mas eu digo-te a que conclusão cheguei. Não gosto de cometer erros, tal como tu. Tenho a certeza de que há outras mulheres com as quais eu poderia ser feliz, criar uma boa vida em comum. Mas isso não é suficiente. Esperei porque tinha uma imagem, um sonho sobre a mulher com a qual queria partilhar a minha vida.

- Não vais dizer-me que eu era essa imagem, porque sei muito bem que não é verdade. - Kate olhou aturdida para o lenço que ele estendia. - O que é isso?

- Estás a chorar outra vez. - Enquanto ela pegava no lenço e enxugava os olhos, Byron continuou: -Algumas pessoas são flexíveis nos sonhos e podem até apreciar quando assumem uma forma diferente. Olha para mim, Kate. Eu estava à tua espera.

- Isso não é justo. - Ela comprimiu as mãos cruzadas sobre o coração acelerado, enquanto recuava. - Não é justo dizeres-me essas coisas.

- Falámos em sermos cortesões, não em sermos justos.

- Não quero sentir-me assim. Não quero ficar magoada. Porque não me deixas pensar um pouco?

- Pensa no seguinte.

Byron tocou-lhe e puxou-a, até que os seus rostos ficaram próximos.

- Eu amo-te. - Ele beijou-a. - Quero passar a minha vida contigo. Quero tomar conta de ti... e quero que tomes conta de mim.

- Não sou o tipo de mulher a quem as pessoas dizem dessas coisas. - Kate bateu com a mão no peito dele. - Porque não consegues perceber?

Ele teria de fazer com que ela se acostumasse a ouvir essas coisas... dele. Os seus lábios contraíram-se enquanto passava as mãos pelas costas de Kate.

- Não. Já percebi. - Ela desenvencilhou-se bruscamente. - Conheço a expressão nos teus olhos. A Kate precisa ser acalmada, afagada e induzida. Não vai resultar. Posso garantir que não vai resultar. Consegui compreender tudo.

Furiosa, Kate pôs-se a andar de um lado para o outro da sala.

- Tenho a loja. Não é um tremendo choque saber que adoro ficar lá? Como devo ajustar-me subitamente a tudo isto? Não há regras no amor. Claro que pensei em tudo, revirando-me na cama, acordada durante a noite toda, porque disseste que podia vir pegar as minhas coisas quando achasse mais conveniente. - Ela tornou a virar-se para Byron, fulminando-o com um olhar. - Foi um golpe baixo.

- Tens razão, foi mesmo. - Ele sorriu, satisfeito por saber que Kate passara uma noite tão horrível quanto a sua. - Fico feliz por ver que percebeste. Magoaste-me muito ontem à noite.

- Estás a ver? É o que acontece quando nos deixamos envolver pelo amor. Os dois magoam-se um ao outro. Não pedi para me apaixonar por ti, não é? Não planeei. E agora não suporto a ideia de ficar sem ti, de não me sentar à mesa pela manhã e observar-te a preparar o pequeno-almoço, ou não escutar-te a dizeres para me concentrar quando tenho de levantar a porcaria daqueles pesos. Ou não passear mais na praia contigo e com aqueles rafeiros. E quero um filho.

Aturdido, Byron hesitou por um instante.

- Agora?

- Estás a ver? Percebes o que fizeste? - Kate atirou-se para o sofá, cobrindo o rosto com as mãos. - Presta atenção ao que eu digo. Estou perdida. Louca. Apaixonada por ti.

- Eu sei, Kate. - Ele sentou-se também no sofá e puxou-a para o seu colo. - E é ótimo para mim.

- E se não for para mim? Eu posso estragar tudo.

- Não há problema. - Byron beijou-a no rosto, ajeitando a cabeça de Kate no seu ombro. - Sou bom a consertar coisas. Mas porque não olhamos para o panorama geral e vamos acertando os pormenores pelo caminho?

Kate suspirou e fechou os olhos, feliz por sentir que estava no seu lar.

- Talvez sejas tu quem estraga tudo - murmurou ela.

- Nesse caso, cabe-te a ti consertar. Dependo de ti.

- Tu... - Aquelas palavras, a expressão nos olhos de Byron indicando que eram sinceras, foram mais poderosas para Kate do que qualquer declaração de amor. - Também te quero. Mas o casamento...

- É um passo prático e lógico - arrematou Byron, fazendo-a sorrir.

- Não é, não. Além do mais, nunca me pediste.

- Eu sei. - Byron sorriu também. - Se eu pedisse, haveria uma possibilidade de que disseses não. E não vou permitir que digas não.

- Vais persuadir-me até ficar tudo resolvido.

- É essa a ideia.

- Muito hábil... - Kate sentia as batidas do coração de Byron sob a sua mão. Acelerado, não muito firme. Talvez ele estivesse tão nervoso quanto ela. - Já que quase todas as minhas roupas estão aqui, como te amo de mais e me acostumei com a tua comida, talvez seja uma boa ideia. Ser casada. Contigo. Parece que a tua ideia resultou.

- Graças a Deus! - Ele comprimiu a mão de Kate contra os seus lábios. - Tenho estado toda a minha vida à tua espera, Kate.

- Eu sei. Eu também tenho estado à tua espera.

Byron inclinou a cabeça para fitá-la nos olhos, sorriu e murmurou:

- Sejas bem-vinda ao teu lar.

FIM

ANTEESTREIA ESPECIAL CALIFÓRNIA, 1888

ERA um longo caminho para um homem percorrer. Não só pelos quilômetros de San Diego aos penhascos, nos arredores de Monterey, pensou Felipe, mas também pelos anos. Muitos e muitos anos...

Houve um tempo em que ele fora suficientemente jovem para andar confiante pelos penhascos, subindo e descendo, até correndo. Desafiando o destino, celebrando o ímpeto do vento, o estrondo das ondas, a altura vertiginosa. Os penhascos desabrochavam para ele na Primavera, naquele passado distante. Havia flores a colher para Seraphina. Felipe conseguia lembrar-se, a visão lúcida da idade retornando à juventude, como ela ria e aconchegava as flores silvestres contra o peito, como se fossem as rosas mais preciosas colhidas de uma roseira bem cuidada.

Ele tinha os olhos fracos agora, as pernas um tanto trôpegas. Mas não a memória. Era a sua penitência, uma memória forte e vital num corpo velho. Qualquer que fosse a alegria que encontrara na sua vida, esta sempre fora maculada pelo som do riso de Seraphina, pela confiança que transbordava dos olhos escuros, pelo seu amor jovem e fiel.

Nos mais de quarenta anos transcorridos desde que a perdera, juntamente com toda a sua inocência, Felipe aprendera a aceitar as suas próprias falhas. Fora um cobarde, fugindo da batalha em vez de enfrentar os horrores da guerra, escondendo-se entre os mortos em vez de empunhar uma espada.

Mas era jovem, e atitudes dessas deviam ser perdoadas aos jovens.

Deixara que os amigos e a família acreditassem que morrera, abatido como um guerreiro... até mesmo como um herói. A vergonha e orgulho levaram-no a comportar-se dessa maneira. Coisas pequenas, o orgulho e a vergonha. A vida era constituída por incontáveis coisas pequenas. Mas jamais esqueceria que a sua vergonha e orgulho tinham custado a vida de Seraphina.

Cansado, Felipe sentou-se numa pedra para escutar o rugido do mar batalhando com os rochedos lá em baixo, os gritos estridentes das gaivotas, o zunido do vento a soprar pela relva de Inverno. E sentia o ar frio, quando fechou os olhos e abriu o coração.

Para ouvir Seraphina.

Ela seria sempre jovem, uma adorável menina de olhos escuros que nunca tivera a oportunidade de envelhecer, de chegar à idade em que Felipe agora se encontrava. Seraphina não esperara. Desesperada e magoada, atirara-se ao mar. "Por amor a mim", pensou Felipe. Por uma precipitação da juventude, que não esperara o tempo suficiente para saber que nada dura para sempre.

Por julgá-lo morto, Seraphina morreria, atirando-se do alto dos penhascos, acabando com o seu futuro.

Ele lamentara. Deus sabia o quanto lamentara. Mas não fora capaz de acompanhá-la para o mar. Em vez disso, viajara para o sul, renunciara ao seu nome e ao seu lar, adoptara outros.

Encontrara o amor outra vez. Não o primeiro e doce amor que conhecera com Seraphina, mas algo sólido e forte, baseado na confiança e compreensão, em necessidades ao mesmo tempo serenas e violentas.

E fizera o melhor que podia.

Tinha filhos e netos. Levava uma vida com todas as alegrias e pesares que formam um homem. Sobrevivera para amar uma mulher, criar uma família, plantar jardins. E sentia-se contente pelo que produzira.

Mas jamais esquecera a moça que amara. E matara. Jamais esquecera os seus sonhos para o futuro, ou a maneira doce e inocente com que Seraphina se entregara. Depois de se amarem em segredo, os dois, tão jovens, tão exuberantes, sonharam com a vida que teriam juntos, a casa que construiriam com o dote, os filhos que teriam.

Mas a guerra viera, e ele deixara-a para provar que era um homem. Em vez disso, provara ser um covarde.

Ela escondera o seu dote, o símbolo de esperança que uma rapariga tanto preza, para mantê-lo fora do alcance dos Americanos.

Felipe não tinha a menor dúvida sobre o lugar em que ela o escondera. Compreendia a sua Seraphina... a sua lógica, o seu sentimento, as suas forças e fraquezas. Embora não tivesse qualquer dinheiro ao deixar Monterey, ele não levava o ouro e as jóias que Seraphina guardara.

Agora, com os sonhos da idade que tinham transformado os seus cabelos em prata, turvado os seus olhos e deixado os ossos doridos, ele rezava para que o tesouro fosse encontrado um dia por pessoas apaixonadas. Ou sonhadoras. Se Deus era justo, permitiria que Seraphina escolhesse. Independentemente do que a Igreja pregava, Felipe recusava-se a acreditar

que Deus condenasse uma criança desesperada pelo pecado do suicídio.

Ela seria agora como a deixara há mais de quarenta anos, naqueles mesmos penhascos. Sempre jovem, linda e transbordando de esperança.

Felipe sabia que não voltaria àquele lugar. O seu tempo de penitência estava quase a terminar. Esperava que a sua Seraphina, quando a visse de novo, sorrisse e perdoasse um jovem insensato e orgulhoso.

Ele levantou-se, meio curvado ao vento, apoiado na bengala. E deixou os penhascos, ao encontro de Seraphina.

Havia uma tempestade a aproximar-se pelo mar. Uma tempestade de Verão, com raios a riscar o céu e um vento furioso. Sob a intensa claridade, Laura Templeton estava contente sentada no penhasco. As tempestades de Verão eram as melhores.

Teriam de entrar daqui a pouco, teriam de voltar à Casa Templeton. Mas, por enquanto, ela e as suas duas maiores amigas podiam esperar e contemplar. Laura tinha dezasseis anos, era uma moça delicada, com olhos cinzentos serenos, cabelos louros brilhantes e tão repleta de energia quanto qualquer tempestade.

- Eu gostava de poder entrar no carro e seguir directamente para lá. - Margo Sullivan riu-se. O vento era intermitente e cada vez mais forte. - Para o meio da tempestade.

- Não contigo ao volante - zombou Kate Powell. - Só tiraste a carta de condução há uma semana e já tens reputação de lunática.

- Estás com inveja porque ainda tens de esperar alguns meses para poderes guiar.

Como era verdade, Kate encolheu os ombros. Os cabelos pretos curtos agitavam-se ao vento. Ela respirou fundo, adorando a maneira como o vento a envolvia.

- Pelo menos estou a economizar para um carro, em vez de recortar fotos de Ferraris e Jaguars.

- Se vais sonhar - disse Margo, franzindo o rosto para uma falha mínima no esmalte cor de coral das unhas sonha em grande. Um dia, vou ter um Ferrari ou um Porsche, ou qualquer outro carro que queira.

Os seus olhos de um azul-profundo contraíram-se em determinação quando ela acrescentou:

- Não vou contentar-me com qualquer porcaria em segunda mão como tu farias. Laura deixou-as discutir. Podia ter acabado com a discussão, mas

compreendia que fazia apenas parte da amizade. E não gostava de carros. Não que não apreciasse o descapotável elegante que os pais lhe tinham dado de presente pelo décimo sexto aniversário. Mas, para ela, os carros eram todos iguais.

Também compreendia que era mais fácil pela sua posição. Afinal, era a filha de Thomas e Susan Templeton, donos do império hoteleiro Templeton. A sua casa assomava na colina por detrás delas, espectacular sob o céu cinzento. Havia ali mais do que pedra, madeira e vidro. Mais do que torres, varandas e jardins viçosos. Mais do que o batalhão de empregados que a mantinha sempre impecável.

Era o seu lar.

arteplural edições, lda.

Armazém:

Rua de Pé de Mouro

Polígono Empresarial Pé de Mouro

Armazém 17

2710-335 Sintra • Portugal

Tel. (351) 219 246 027 • Fax (351) 219 246 219

e-mail arteplural@arteplural.mail.pt

Distribuição:

Pergaminho Distribuidora de Livros e Audiovisuais, Lda.

Tel. (351) 214 658 830 a 839 • Fax (351) 214 674 000 e-mail pergaminhodistr@netcabo.pt

Referência no nosso catálogo: 362.003

Este livro foi impresso por: Tipografia Feres - Amadora

Dep. Legal n.º 224 463/05



NORA Roberts é o que se considera um verdadeiro fenómeno editorial. Desde o dia em que começou a escrever histórias a lápis que o sucesso nunca mais a largou. Muitos dos seus livros já foram adaptados ao cinema e estão traduzidos em mais de 26 idiomas.